

A person is shown from the waist down, wearing a light-colored, possibly cream or beige, jacket with a decorative bow at the waist and dark denim jeans. They are holding a large, open pink umbrella over their head and a bouquet of bright yellow tulips in their right hand. The person is standing on a green lawn, and in the background, there are trees with pink blossoms, likely cherry blossoms, under a soft, overcast sky. The overall mood is peaceful and romantic.

ACONTECE
A CADA
PRIMAVERA

GARY CHAPMAN
CATHERINE PALMER

GARY CHAPMAN
CATHERINE PALMER

ACONTECE A CADA PRIMAVERA

Traduzido por MARIA EMÍLIA DE OLIVEIRA



Copyright © 2007 por Gary Chapman e Catherine Palmer
Publicado originalmente por Tyndale House Publishers, Illinois, EUA

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da Nova Versão Internacional (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Diagramação: Sonia Peticov

Diagramação para e-book: Equipe MC

Revisão: Josemar de Sousa Pinto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
C432a

Chapman, Gary, 1938-

Acontece a cada primavera [recurso eletrônico] / Gary Chapman, Catherine Palmer ; tradução Maria Emília de Oliveira. - São Paulo : Mundo Cristão, 2011. recurso digital

Tradução de: It happens every spring

Formato: ePub

Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7325-720-5 (recurso eletrônico)

11-6454.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Palmer, Catherine. II. Título.

Categoria: Ficção

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, sp, Brasil, cep 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: novembro de 2011

A meu marido, Tim, com quem tenho
compartilhado todas as estações do ano... Como
sou grata por nosso amor de verão!
Também a CC McClure, uma linda mulher,
amiga e vendedora de livros. Obrigada por
insistir em que eu escrevesse a respeito do lago.
C. P.

Anos mais tarde, depois de adultos, eles estavam tão acostumados a brigar e a reconciliar-se que se casaram, para continuar a fazer as mesmas coisas de maneira mais conveniente.

C. S. Lewis[1]

Sumário

Capa

Folha de rosto

Nota aos leitores

Agradecimentos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Compartilhe

Nota aos leitores

Não há nada como uma boa história! Estou entusiasmado por trabalhar com Catherine Palmer numa série de ficção baseada nos conceitos expostos em meu livro *As quatro estações do casamento*.^[2] Você tem nas mãos o primeiro livro desta série.

Minha experiência, tanto em meu casamento quanto no aconselhamento de casais por mais de trinta anos, sugere que os casamentos estão sempre mudando de uma estação para outra. Às vezes, estamos no inverno — desanimados, desligados e insatisfeitos. Outras, vivemos a primavera, com sua receptividade, esperança e expectativa. Há ainda ocasiões em que nos aquecemos sob o calor do verão — confortáveis, relaxados, curtindo a vida. E, de repente, vem o outono com suas incertezas, negligências e preocupações. O ciclo se repete muitas vezes ao longo do casamento, da mesma forma que as estações se repetem na natureza. Esses conceitos estão descritos em *As quatro estações do casamento*, acompanhados de sete estratégias comprovadas, para ajudar os casais a se afastarem das turbulências do outono ou da indiferença e frieza do inverno, e caminharem rumo à esperança da primavera ou ao calor e aconchego do verão.

A combinação do que aprendi nesses anos de aconselhamento com a extraordinária competência de Catherine, como escritora, resultou nesta série de quatro romances. Na vida dos personagens que você conhecerá nestas páginas, verá as reiteradas escolhas que observei nas pessoas no decorrer dos anos, a importância do carinho de amigos e vizinhos e a esperança de verem seu casamento mudar para uma nova estação, muito mais agradável.

Se estiver com o coração ferido, *Acontece a cada primavera* poderá dar-lhe esperança — e algumas sugestões para melhorar a situação.

E seja qual for a estação que estiver atravessando, sei que você vai gostar muito das histórias e das pessoas de Deepwater Cove.

Dr. Gary Chapman

Agradecimentos

Certa noite, após uma sessão de autógrafos, fui a um restaurante em companhia de CC McClure, gerente da Downtown Book and Toy, em Jefferson City, Missouri. Depois que relatei várias histórias sobre minha vida numa pequena comunidade em Lake of the Ozarks, ela me interrompeu repentinamente e perguntou: “Por que você não escreve a respeito do lago?”. Bem, porque eu não havia pensado nisso... e provavelmente nunca teria pensado, não fosse a sugestão de CC. Aliás, poderia até ter-me esquecido completamente do assunto, mas, algumas semanas depois, recebi um bilhete dela insistindo em que eu escrevesse a respeito do lago. Portanto, querida amiga, aqui está seu livro. E sou muito grata a você!

Enquanto eu escrevia *Acontece a cada primavera*, contei com o apoio e incentivo de muitas pessoas. Numa tarde de verão em Denver, o Senhor colocou o dr. Gary Chapman — na ocasião, um ilustre desconhecido para mim — frente a frente comigo num salão de conferências completamente lotado, e deu-nos a oportunidade de discutir a possibilidade de parceria no projeto de um livro. Obrigada, Gary, por abraçar a ideia de que seu conceito, inspirado por Deus, da obra *As quatro estações do casamento* e as sete estratégias para reconciliar casamentos desfeitos pudessem adquirir vida numa obra de ficção. Que alegria ser sua parceira neste projeto!

Ron Beers e Karen Watson, da Tyndale House Publishers, tiveram a ideia inicial de reunir um autor de obras de não ficção com uma romancista. Agradeço imensamente o incansável trabalho que vocês dedicaram a esta série de ficção, desde o conceito até a realização. Kathy Olson, minha admirável editora, é um presente de Deus. Posso escrever com a confiança de que ela ajudará a dar vida às minhas palavras e transformá-las numa história que valerá a pena ser lida. Meus sinceros agradecimentos a todo o pessoal na Tyndale: marketing, equipe de vendas, relações públicas, logística e a todos os que colaboraram comigo neste ministério.

Minha família me proporciona o casulo no qual me sinto segura para sonhar, criar enredos e escrever. Obrigada, Tim, pelos mais de trinta anos de vida conjugal. Sou muito grata pelo seu trabalho minucioso de editar cada palavra de meu manuscrito antes de ser enviado pelo correio. Que você seja muito

abençoado por assumir tantas responsabilidades em casa a fim de eu ter mais tempo livre para trabalhar. Geoffrey e Andrei, meus filhos, tenho muito orgulho de vocês. Ambos são milagres que recebi do céu. Amo muito vocês.

Catherine Palmer

1

A descarga elétrica atingiu no início da noite um poste de eletricidade no lado oeste de Lake of the Ozarks. Patsy Pringle percebeu imediatamente que haveria problemas em Deepwater Cove. Logo após o zunido da faísca reluzente, ouviu-se o ruído ensurdecido do trovão, e a eletricidade foi interrompida em todas as 23 casas da vizinhança. As lâmpadas se apagaram, os computadores pararam de funcionar, as telas dos aparelhos de TV escureceram e os cães, encolhidos de medo, correram para esconder-se embaixo da cama.

Na rua que principiava na enseada, exatamente no salão de beleza Assim Como Estou, na cidadezinha de Tranquility, Missouri, o secador na mão de Patsy deu um gemido e parou, e a sessão de cabeleireiro de Esther Moore, marcada semanalmente, chegou ao fim.

— Que coisa! — disse Patsy. — Ainda bem que você é minha última cliente do dia. Vou ter de fechar o salão.

— Droga! — Esther murmurou, passando a mão nos cabelos molhados. — Acho melhor ir para casa e ajudar Charlie. Meu marido não é capaz de encontrar uma vela, nem mesmo com um mandado de busca.

Patsy pegou uma lanterna guardada na gaveta de um dos móveis de seu salão e ligou-a. Enquanto ajudava a senhora idosa a encontrar a bolsa e as chaves, ela começou a preocupar-se com as viúvas da vizinhança. Sete delas moravam em Deepwater Cove, com idades variando entre 63 e 94 anos. Naquele início de março, muitas deveriam estar com os aquecedores elétricos ligados durante a tempestade. Patsy esperava que houvesse cobertores suficientes para mantê-las aquecidas.

— Aposto que Boofer está apavorado — disse Esther. — Aquele vira-lata é gordo demais para entrar embaixo do sofá. Deve estar uivando, e Charlie vai machucar os joelhos velhos e ossudos na mesa de café, tentando encontrar o cão. Acho que a companhia de eletricidade vai demorar horas para restabelecer a energia. É sempre assim. Bom, até logo, Patsy. Charlie deve estar morrendo de vontade de sair com seu carrinho de golfe para ver se tudo está bem na vizinhança.

— Diga-lhe que tome cuidado — Patsy advertiu. — A chuva está começando a congelar.

Patsy franziu a testa ao pensar naquele homem idoso atravessando estradas estreitas e cobertas de gelo, dirigindo o meio de transporte preferido da comunidade. Deepwater Cove orgulhava-se de ter quinze carrinhos de golfe, embora o campo mais próximo de dezoito buracos estivesse localizado do outro lado, em Osage Beach. Um carrinho de golfe confiável tinha capacidade para carregar uma vara de pescar, uma caixa de ferramentas, um balde de iscas vivas, uma fieira de pequenos peixes e um cão. Podia transportar uma pessoa até a beira do lago, até a caixa de correio, até a casa de um vizinho ou dar uma volta pela enseada e retornar. A lógica era simples, e Patsy sabia disso. Se um carrinho de golfe era capaz de nos levar a qualquer lugar, por que fazer o percurso a pé?

Enquanto Patsy abria o guarda-chuva e conduzia Esther Moore pelo caminho encharcado até o carro, ocorreu-lhe que, naquele momento, ambas estavam preocupadas com os vizinhos. Elas poderiam ter pensado em muitos outros problemas: rompimento de diques, vazamento em telhados, queda de galhos de árvores solapados pelo vento. Mas não. O ser humano vinha em primeiro lugar. Os vizinhos, é claro, cuidariam uns dos outros. A vida era assim em Deepwater Cove.

— Uma pequena tempestade não vai deter Charlie assim que ele entrar em seu carrinho. — Esther teve de gritar em razão do ruído do vento. — Nem neve, nem chuva, nem calor, nem a escuridão da noite são capazes de impedir aqueles funcionários do correio de entregar até a última correspondência de seu percurso. Já ouvi isso uma vez, ou melhor, um milhão de vezes. Não foi por acaso que Charlie foi carteiro durante todos esses anos.

Brenda Hansen estava no porão pintando uma cadeira da sala de jantar quando o raio atingiu o poste de eletricidade perto de sua casa na Sunnyslope Lane, em Deepwater Cove. Assustada com o estrondo do trovão e as faíscas riscando a escuridão, ela derrubou o pincel no chão. O gato, todo enrolado com a cauda sobre o nariz naquele cômodo frio, deu um berro, saltou com o corpo ereto e caiu com as quatro patas na bandeja de tinta cor-de-rosa. No instante em que suas patas bateram no líquido frio, ele deu outro berro, saltou para fora da bandeja e correu em busca de abrigo.

— “Ora, Ozzie, e agora?” — Ainda assustada com o barulho ensurdecido do trovão, Brenda olhou para o poste elétrico.

Havia um homem do lado de fora da porta de vidro corrediça do porão. Alto,

magro, de pele morena. Outro clarão em zigue-zague iluminou o céu, e ela conseguiu ver a barba, os cabelos compridos e as calças ensopadas do homem. Ele estava com os olhos fixos nela.

— Steve! — ela gritou. Ao lembrar-se imediatamente que seu marido não estava em casa, correu em direção à escada e segurou firme no corrimão. Com passos cambaleantes, tropeçando e arranhando as canelas, Brenda conseguiu, a muito custo, chegar ao pavimento principal da casa. “Senhor, me ajude. Senhor, Senhor, por favor me ajude”, ela orou em voz alta, enquanto tateava no escuro para chegar à sala de estar.

Teria ela trancado a porta do porão naquele dia, antes de iniciar a pintura? Não, ela havia apenas empurrado a porta de vidro e puxado a tela para arejar o ambiente e permitir a saída do cheiro forte da tinta. E se o homem já estivesse dentro da casa? E se fosse atrás dela? Teria ele subido a escada?

Brenda olhou sorrateiramente para o vestíbulo ladrilhado, mas não conseguiu enxergar nada. Assim que ela esticou o braço para alcançar a fechadura, alguém bateu no vidro duplo isolante, encaixado na porta de aço da entrada da casa.

Era ele.

Brenda conseguiu apenas distinguir um vulto — alto e desgrenhado — na varanda da frente. Ela fechou com força a tranca da porta e encostou-se na parede, sentindo um aperto no estômago.

Onde estaria o celular? Quanto tempo o delegado levaria para chegar a Deepwater Cove? Oito minutos, disseram-lhe certa vez. Tempo suficiente para alguém morrer.

— Ei, ei, quem está aí? — A voz do lado de fora da porta era forte, masculina e misteriosamente alta. Embora o vidro isolante da porta impedisse a passagem do ar frio, por certo não abafou o som das palavras do homem quando ele gritou: — Sou eu, Cody!

Brenda fechou os olhos e engoliu seco. Não conhecia ninguém chamado Cody. Não conhecia nenhum homem alto, barbudo, estrangulador em série, que costumasse rondar a vizinhança tranquila à beira do lago nas noites de chuva. O certo seria voltar correndo para o porão, puxar a porta de vidro corrediça e tentar trancá-la.

— Estou vendo você aí. — O homem precisou gritar por causa de outro trovão. — Ei, sou eu, Cody!

Brenda encostou o corpo na parede e começou a afastar-se da porta do vestíbulo. Onde estaria Steve no momento em que ela mais precisava dele?

Talvez mostrando uma casa a um possível comprador no meio de uma tempestade de primavera. Quando voltasse para casa depois de fechar um ótimo negócio, ele encontraria sua esposa deitada no vestibulo, assassinada.

— Você tem bolo de chocolate? — o homem perguntou, batendo mais suavemente no vidro. — Estou com fome, e gosto de bolo de chocolate. Gosto muito. O pedaço cortado em triângulo é bom, mas prefiro quadrado. Porque o quadrado tem mais glacê.

Brenda imaginou que o celular devia estar em sua bolsa. Ela não se lembrava da última vez que havia ligado para alguém. Nem de ter ido fazer compras, a bem da verdade. Ultimamente sua vida era vazia. Fazia dias que ela não tinha nenhum motivo para usar a bolsa, mas sempre a deixava em cima da mesinha no vestibulo. Ela conseguiu dar mais dois passos de lado, sem afastar-se da parede.

— Você pode me ouvir, porque eu estou pedindo bolo de chocolate. — O homem voltou a bater no vidro. — Porque eu estou encharcado e com fome. O meu papai me disse que, quando a gente está com fome, alguém pode dar comida pra nós, mas só um cristão dá bolo de chocolate também.

Com o coração batendo forte, como se fosse saltar do peito, Brenda olhou de relance para o vidro na porta da frente. O homem estava com o rosto encostado no vidro, fazendo uma espécie de concha com as duas mãos, na tentativa de enxergá-la.

— Não! — Ela balançou a cabeça furtivamente, sem querer olhar para ele, mas incapaz de controlar-se. — Vá embora!

— Você é cristã? — ele perguntou, em tom de lamento. Outro clarão deixou à mostra seus cabelos longos e embaraçados. Ele tinha olhos azuis e dentes sujos. — Estou com fome.

Ela balançou a cabeça novamente. — Vá embora! Suma daqui! Saia da minha porta!

— OK. — Ele resmungou as palavras com sotaque da região interiorana do Mississippi. — *Tá bom.*

Enquanto o homem se virava para ir embora, com os ombros curvados, Brenda correu para um dos cantos do vestibulo. Na escuridão, ela bateu na mesa e, ao constatar que sua bolsa não estava ali, abaixou-se no chão frio e curvou o corpo.

Steve era sempre assim. Ela estava furiosa. Deixava-a sozinha, para exhibir-se diante de um dos clientes de seu cadastro. Ultimamente era raro os dois jantarem

juntos. Ele nunca tinha tempo para ela. E quando estava em casa, Steve só falava de fechamento de negócios, inspeções para detecção de cupins e fossas sépticas.

Brenda passou os braços ao redor das pernas dobradas e encostou a testa nos joelhos. Pela centésima vez ela se perguntou por que tudo dera errado. Aguardara com ansiedade a época do “ninho vazio” e imaginara todos os tipos de atividade: redecorar a casa, trabalhar como voluntária na igreja, ingressar no clube de jardinagem e costurar para satisfação própria. Talvez pudesse realizar o sonho de um dia abrir um pequeno negócio de decoração de interiores.

Melhor ainda, ela e Steve teriam tempo ilimitado para passar juntos depois que os filhos saíssem de casa para cuidar da própria vida. Poderiam viajar, jantar fora, ir ao cinema, receber visitas e passear de barco ao pôr do sol.

Nada disso, porém, se transformou em realidade. Steve não parava em casa e, sem alguém com quem trocar ideias sobre seus planos, a vida passou a ser sem graça, artificial e até mesmo maçante.

No Natal os filhos voltavam do colégio, mas iam embora rapidamente — com os olhos brilhantes, ansiosos por estar com os amigos e reiniciar os estudos. Nos últimos tempos Brenda tinha dificuldade para sair da cama e encontrar o que fazer. A casa parecia silenciosa e abandonada. Se os filhos ainda estivessem por perto, ela jamais teria sentido tanto pavor de uma simples tempestade no Missouri ou de um estranho à sua porta. As pessoas não se apavoram quando há alguém necessitando delas.

Agora, lá estava ela sozinha naquela casa enorme e vazia, com um homem aparentemente louco na varanda da frente. Ele poderia cortá-la em pedacinhos e atirá-la no lago, mas quem se importaria com isso?

— Porque eu vi Jesus no porão da sua casa. — O homem estava de volta, batendo no vidro. — Eu vi. Vi, sim. Ele estava olhando pra mim.

— Jesus não mora nesta casa! — ela gritou. — Vá embora! Deixe-me em paz!

— Porque eu vi Jesus. Foi por isso que pedi bolo de chocolate.

— Você não vai comer o meu bolo de chocolate, está bem? Eu fiz esse bolo para... para... — Para quem ela *havia* feito o bolo naquela tarde? Vivia em constante regime. E Steve costumava levar os clientes ou colegas para jantar no clube de campo.

— Você é cristã? — o homem perguntou. — Porque o meu papai me disse...

— Ouça, qual é o seu problema, homem? — Subitamente zangada, ela levantou-se rápido. — Você não pode ficar batendo nas portas das casas no meio

de uma tempestade e sem luz elétrica! Não pode ficar pedindo bolo de chocolate! E para seu conhecimento, Jesus não mora aqui!

Ele passou o dedo por baixo do nariz. — OK.

— Vá embora antes que eu chame a polícia!

— OK. — O homem coçou a cabeça. — Estou com fome. Você tem outra coisa pra eu comer? Porque se Jesus não mora aqui, eu posso comer batata. Ou pão.

— Você está me ouvindo? — ela perguntou através do vidro.

O rosto dele iluminou-se na escuridão. — Ah! Eu esqueci as palavras mágicas: *por favor*. Foi aí que eu errei. Eu sabia que tinha esquecido alguma coisa. Oi, o meu nome é Cody. *Por favor*, você me dá um pedaço de bolo de chocolate? *Por favor*.

Curiosa apesar de tudo, Brenda parou de tremer e analisou a figura atemorizante em sua varanda. Cabelos longos, esquisitos. Barba cerrada, comprida. Olhos azuis misteriosos. Por que ele falava daquele jeito — como um menino? Os adultos não usam a expressão “palavra mágica”. Não pedem bolo de chocolate no meio da noite. E, claro, não dizem ter visto Jesus no porão. Ele deve ser esquizofrênico, psicótico ou coisa parecida.

— Ei, o meu nome é Cody — ele voltou a dizer. — E o seu?

— Brenda. — Ela não sabia por que havia respondido.

— Quantos anos você tem?

— Você não deve fazer essa pergunta. É falta de educação.

— OK. — Ele virou-se para ir embora.

Brenda caminhou em direção à porta. — Espere. Só um instante, está bem?

O homem deu meia-volta e encostou o rosto no vidro novamente. Fazendo um túnel com as mãos, ele olhava para ela.

Certa de que perdera completamente o juízo, Brenda caminhou às cegas em direção à cozinha. Encontrou uma caixa de fósforos, acendeu uma das muitas velas aromáticas que havia na casa e cortou um pedaço perfeitamente quadrado do bolo. “*Em triângulo é bom, mas prefiro quadrado*”, o homem dissera. Quem falaria assim?

Ela deveria ter procurado o celular e ligado para a polícia em vez de cortar um pedaço de bolo para o assassino à porta de sua casa, mas e daí? Colocou a porção num prato pequeno e pegou um garfo e um guardanapo. Em seguida, segurou a vela numa das mãos, o bolo na outra e dirigiu-se à porta da frente.

— Achei que você tinha ido embora — ele disse. — Que me abandonou aqui.

— Eu trouxe um pedaço de bolo de chocolate. Sente-se ali, no balanço da varanda.

Ele sorriu. — Bolo de chocolate! Eu adoro bolo de chocolate!

— Sente-se no balanço da varanda. Estou mandando. Sente-se e não saia dali.

— OK. — Ele curvou os ombros e atravessou o piso de madeira até o balanço, com seus sapatos enlameados.

Brenda ouviu a chuva caindo lá fora enquanto destrancava a porta. Colocou rapidamente o prato e a vela no tapete da entrada e voltou a fechar a porta. Assim que ela girou a chave na fechadura, a energia elétrica voltou a iluminar a casa.

— Ei! — Cody disse, olhando para o ventilador de teto da varanda, onde havia uma lâmpada. Ele concentrou o olhar em Brenda. — Ei! Veja!

Ela assentiu com a cabeça. — Pode comer o bolo. Está perto da porta.

— Eu não posso mexer com vela — ele disse. — Porque o fogo é quente. Porque ele machuca.

— Então deixe a vela aí e coma o bolo.

Ele levantou-se, voltando a ter a aparência de um homem alto, desganhado, assustador. Usando apenas uma camiseta amarela, jaqueta de zíper de cor azul desbotada, calça *jeans* surrada e tênis encardidos furados na ponta, o homem parecia um cão sem dono — molhado, sujo e abandonado. “Ele está prestes a congelar”, Brenda pensou.

Curvando o corpo, ele levantou o pedaço de bolo do prato. Comeu-o em duas mordidas. — Bolo de chocolate! — disse, rindo para ela, com os dentes tortos cobertos de farelos marrons. — Eu sabia que você era cristã.

— É verdade — Brenda confirmou através da porta trancada. — Eu sou cristã.

— Porque eu vi Jesus no seu porão.

— Não, você não viu. Ele não está aqui, Cody.

Brenda analisou o homem enquanto ele lambia os dedos. Devia ser algum sem-teto. Ela havia lido no jornal que muitos deles tinham problemas mentais. Talvez fosse inofensivo. Sentindo-se menos temerosa por ver o vestíbulo e a varanda iluminados, ela respirou fundo. — Ainda está com fome? — perguntou.

Ele levantou a cabeça, surpreso. — Sim, estou! Quero outro pedaço de bolo de chocolate.

— Vou arrumar um prato de comida para você. Espere no balanço da varanda. Não saia de lá.

Pelo menos ela teria alguma coisa para contar a Steve quando ele voltasse para casa, Brenda pensou enquanto retornava à cozinha. Seu marido não demonstrava nenhum interesse pelas cadeiras que ela estava pintando no porão. A bem da verdade, não se importava com nada do que ela fazia.

Trabalhando dia e noite durante o outono, ela havia costurado capas novas para o sofá e duas poltronas. Steve nem sequer notara. Ela esperou três dias para chamar a atenção dele para as capas. E ele limitou-se a dizer: — Brenda, por que você não me disse que queria comprar móveis novos? Estou ganhando dinheiro suficiente para comprar um conjunto de móveis para a sala de estar.

Como se fosse isso o que ela queria. Brenda abriu a geladeira e pegou dois pedaços de frango assado, um pouco de sobra de feijão-verde e uma colherada de purê de batatas. Ao colocar o prato no micro-ondas, ela sentiu a raiva e a mágoa aumentarem enquanto apertava os botões.

Quando as crianças eram pequenas, Steve trabalhava como vendedor numa loja de autopeças, e se interessava por tudo o que a família havia feito em sua ausência. Queria ver todos os desenhos e lia os boletins dos filhos. Fazia algazarra com Justin e carregava Jennifer e Jessica nas costas pela casa toda e pelo quintal. Ria das histórias tolas que elas contavam e ouvia os planos de Brenda para o fim de semana ou para as próximas férias escolares.

Steve, porém, não fez caso das cadeiras cor-de-rosa e amarelas que ela havia pintado em forma de xadrez para a sala de jantar. A pintura em xadrez era muito complicada — faixas de tamanhos variados de cor brilhante, num sentido e no outro. Ele não tinha ideia de quanto era difícil pintar. Quem se interessaria pelas complexidades do xadrez?

Steve não notaria que as cadeiras da sala de jantar combinavam com os guardanapos e os apoios de pratos que ela costurou. Nem que combinavam com as novas capas para os móveis da sala de estar.

— Cor-de-rosa? — ele disse quando finalmente olhou para o sofá com sua linda estampa de rosas, heras, grades e borboletas. — Bem... acho que posso aprender a conviver com isso.

Aprender a conviver com isso? Que tipo de comentário era aquele?

— Não era mesmo Jesus.

A voz na cozinha fez Brenda parar de respirar. Ela virou-se e viu o estranho de cabelos longos a menos de 1,5 metro de distância. Rastros de lama dos tênis dele marcavam todo o caminho da sala de estar até a escada do porão.

A porta de vidro corrediça. A tela destrancada.

Brenda agarrou a faca que usara para cortar o bolo. — Eu lhe disse para esperar no balanço da varanda!

Ele afastou-se e levantou as mãos. — Calma! Você está brava comigo?

— Vá para fora. Saia daqui. Já!

— Porque eu andei em volta da casa pra ver se via Jesus, e ele não estava lá. Não era ele mesmo, e sabe como eu descobri?

— Cody, não quero que você fique aqui na cozinha. Saia e espere lá fora. Eu estou mandando.

— Não era Jesus. Era eu. — Ele sorriu, com os farelos de bolo ainda entre os dentes. — A porta parecia um espelho. Quando olhei no porão, pensei que era Jesus, mas era eu. Era eu no vidro, como um espelho. Você viu? Eu fiquei confuso com a minha barba e os cabelos compridos. Era eu, não Jesus. Que engraçado!

— Não é engraçado você ter entrado em minha casa sem pedir licença. Saia daqui neste minuto.

— OK. — Ele olhou para o chão e deu meia-volta. — Achei que você podia me dar outro pedaço de bolo de chocolate, mesmo sabendo que Jesus não mora no porão.

— Eu vou lhe dar um pouco de comida... e bolo... se você sair daqui.

— Aqui está mais quente.

— Mas você não pode ficar. Não foi convidado.

— OK. — Cody deu de ombros, saiu arrastando os tênis enlameados pela cozinha e atravessou o vestíbulo. — Você é a cristã mais educada que conheço. E é a única mulher que tem um gato cor-de-rosa.

— Um gato cor-de-rosa? — Brenda caminhou atrás dele segurando o prato de comida quente, abriu a porta e empurrou-o levemente em direção à varanda. Estava *frio* lá fora.

— Para seu conhecimento, meu gato é cinzento. Venha, pegue isto — ela ordenou, entregando-lhe o prato.

Em seguida, apanhou a vela que deixara no tapete, entrou e voltou a trancar a

porta. Enquanto Cody se sentava no balanço da varanda para comer a refeição, Brenda desceu a escada correndo e trancou a porta de vidro corrediça.

Ao virar-se para voltar, ela viu algo que não havia notado quando desceu a escada. Rastros de lama misturados com marcas cor-de-rosa de patas cobrindo o piso do porão. E em cima da mesinha de café, onde seus três filhos costumavam apoiar os pés para ver televisão, estava sentada uma criatura infeliz e cor-de-rosa — um gato.

Charlie Moore tiritava de frio quando passou pela casa dos Hansens, dirigindo seu carrinho de golfe. Com a energia elétrica restabelecida em Deepwater Cove e todos os vizinhos sãos e salvos, ele estava ansioso por chegar em casa e ver Esther. Antes de Charlie sair para sua ronda naquela noite, Esther lhe entregara uma garrafa térmica com água — fria, é claro, porque, em razão da falta de energia elétrica, ela não pôde preparar o café. Além da água, ela colocara alguns de seus famosos docinhos de lascas de chocolate dentro de uma sacola. Não sobrara nada!

“Uma caneca de chocolate quente cairia muito bem”, Charlie pensou. Esther sempre mantinha o fogão ligado e a água aquecida, aguardando sua chegada. Ele pediria dois *marshmallows*, apesar de saber que estaria infringindo as regras de seu regime de diabetes. Esther não lhe negaria os *marshmallows* porque sabia que ele estava a ponto de congelar de frio. Além do mais, se um homem não pudesse comer *marshmallows* com chocolate quente, que sentido a vida teria?

— Ora, ora, que coisa estranha... — Charlie murmurou quando chegou ao topo da Sunnyslope Lane em seu carrinho de golfe. Pisou no freio, engatou a marcha à ré, olhou por cima do ombro e desceu a ladeira. Havia um *homem* sentado na varanda da casa de Steve Hansen. Ele estava com um prato na mão, comendo alguma coisa, e dava impulsos tão fortes no balanço de vime que, pelo jeito, poderiam causar o desabamento da varanda.

Satisfeito por ter decidido deixar seu cão, Boofer, em casa, Charlie estacionou o carrinho de golfe ao lado de um grande arbusto lilás que começava a perder as folhas. Notou imediatamente que a pessoa sentada no balanço *não* era Steve Hansen. Steve tinha cabelo escuro, cortava-o regularmente e barbeava-se todos os dias. Nos últimos tempos, andava de terno e gravata, porque estava sempre dirigindo seu carro, a trabalho, ao redor do lago a fim de mostrar as casas de sua corretora imobiliária disponíveis. Ganhara alguns quilos na cintura, mas quem

ficaria a salvo disso com o passar dos anos?

O sujeito na varanda era esquelético como um velho gato de rua. Usava uma camiseta amarela com o nome de uma marca de cereais impressa na frente, em negrito. Tinha barba marrom e cabelos compridos e embaraçados. Charlie teria cogitado em ir para casa e pegar sua arma se o homem não tivesse uma expressão tão simplória no rosto, balançando as pernas como se fosse um garoto.

Charlie abriu rapidamente o porta-luvas do carrinho de golfe e pegou uma lata de *spray* de pimenta. Um carteiro devia estar prevenido o tempo todo, em qualquer circunstância. Colocou a lata no bolso e pisou com todo o cuidado na rua molhada.

Enquanto Charlie caminhava em direção à casa de Hansen, o homem no balanço ergueu a cabeça.

— Oi, o meu nome é Cody! — ele gritou. — Você sabia? Ela tem bolo de chocolate em casa! Cortado em quadrado, não em triângulo.

Ressabiado e com os ombros tensos como se estivesse enfrentando um cão rosnando, Charlie subiu os degraus da varanda. — A noite está fria para andar sem agasalho — ele comentou, mantendo um tom de voz natural. Ao ver que o estranho não esboçou nenhuma reação, Charlie perguntou: — Steve Hansen está em casa?

— O meu nome é Cody! — O homem barbudo parou de balançar e mostrou-lhe o prato vazio. — Veja. Comi frango com batata e feijão-verde. E bolo de chocolate. Comi dois pedaços, por *isso* você deve saber o que isso significa.

Charlie segurou com força a lata de *spray* de pimenta no bolso. — Não. O que significa?

— Significa que ela é cristã. Porque o meu papai me disse que, quando a gente está com fome, qualquer um pode dar comida pra nós, mas só um cristão dá bolo de chocolate também.

— Claro. — Aquele sujeito devia ter problemas mentais. Qualquer um notaria pelo seu jeito de ser. Mas seria ele perigoso? — Quem lhe deu o bolo?

— Ela — respondeu o homem apontando para a porta da frente da casa dos Hansens. — Jesus não está no porão, mas ela é cristã.

— E daí? Bem, acho melhor dar uma espiada. Quero ter certeza de que ela está bem depois dessa grande tempestade.

Charlie atravessou a varanda com passos cuidadosos. O homem tinha a

aparência de um velho gato de rua, mas poderia transformar-se num cão vadio e malvado. Nunca se sabe. Charlie tocou a campainha.

Por um instante, veio-lhe à mente o pensamento terrível de que algo poderia ter acontecido com Brenda Hansen. Ela era, sem dúvida, a mulher mais bonita de Deepwater Cove — com exceção de Esther, que, na opinião de Charlie, sempre foi a garota mais bonita do mundo. Mas Brenda era jovem — provavelmente com quarenta e poucos anos — e tinha cabelos loiros, curtos e fortes e olhos verdes brilhantes. Estava sempre trabalhando na parte externa da casa, cuidando do jardim, lavando as janelas ou aparando a grama. Na casa dos Hansens jamais se viam aranhas grandes e pretas dependuradas nas beiras dos telhados e nas telas das varandas que habitavam a maioria das casas à beira do lago. Brenda as enxotava com a vassoura todas as noites, fazia questão de manter o caminho de acesso à garagem livre de sujeiras, e a varanda em perfeito estado. Steve nunca mais a ajudara nesses serviços, porque o trabalho o mantinha sempre ocupado. Charlie imaginou que Brenda poderia estar com problemas sem o marido por perto para protegê-la.

Enquanto as preocupações se acumulavam na mente dele, Brenda apareceu no vestíbulo com um esfregão na mão e carregando um gato coberto de tinta fresca cor-de-rosa embaixo do braço. Olhou através do vidro da porta da frente. Ao identificar Charlie, ela colocou o gato no chão e abriu um largo sorriso.

— Ei, aqui, Charlie! — Brenda disse, abrindo a porta. Em seguida, olhou por cima do ombro para o balanço na varanda. — Acho que você já conheceu Cody.

Charlie assentiu com a cabeça e olhou de esguelha para ela. — Você está bem?

— Agora sim, depois que a energia voltou.

— Quer que eu chame o delegado?

Ela encostou o ombro no batente da porta e disse em voz baixa: — Não há necessidade. Você o conhece?

— Não, mas às vezes esses sujeitos saem do meio do mato. Eles vivem escondidos durante anos, sem atrair o mínimo de atenção, e de repente alguma coisa os faz aparecer em público. O delegado poderia tirá-lo daqui. Acho que você deveria avisar as autoridades, Brenda.

— Ah, aí vem Steve — ela disse. Um carro híbrido, de cor prata, entrou no caminho de acesso à garagem da casa dos Hansens, e a porta basculante abriu-se. — Ele perdeu toda esta aventura emocionante.

— Steve não haveria de gostar de ver um sujeito desse tipo perambulando em

Deepwater — previu Charlie. — Isso poderia desvalorizar o preço dos imóveis. Esse seu marido está indo de vento em popa com os negócios. Ouvi dizer que contratou uma secretária e dois corretores. Vocês têm uma linda casa aqui que...

— Obrigada, Charlie — Brenda o interrompeu quando o marido se aproximou por detrás deles.

Steve Hansen havia entrado em casa pela garagem, e Charlie surpreendeu-se ao vê-lo chegar tão depressa. Steve percorreu o olhar pelos arredores e avistou o estranho.

— Ei, Charlie — ele disse, passando o braço ao redor dos ombros da esposa. — Que tempestade, hein? Quem é esse sujeito aí na varanda?

— O nome dele é Cody. — Brenda respondeu em tom de voz normal, como se a presença de um homem esquelético de camiseta amarela, sentado no balanço de sua varanda, fosse a coisa mais natural do mundo. Desvencilhou-se do braço de Steve e deu alguns passos em direção à porta. — Dei comida a ele. Ele gostou do meu bolo de chocolate.

— O quê? — Steve olhou para ela com ar de incredulidade. — Quem é ele?

— O nome dele é Cody — Brenda repetiu, voltando a sorrir para Charlie. — Obrigada por ter se preocupado comigo. É bom saber que alguém se interessa por nós.

Charlie olhou de relance para o homem na varanda. Cody estava lambendo o prato. — Acho melhor ir para casa e ver como Esther está — ele disse. — Ligue para mim se precisarem de alguma coisa.

— Estamos bem. — Brenda inclinou um pouco a cabeça, como costumava fazer quando conversava com um dos filhos. — Está tudo bem, Charlie. Sério! Tudo bem.

Segurando firme a lata de *spray* de pimenta, Charlie passou por Cody e voltou para o carrinho de golfe. Naquela noite pediria três *marshmallows* a Esther.

Na manhã seguinte, Patsy Pringle estava a ponto de perder a paciência quando restaurava um conjunto de unhas artificiais de acrílico para uma de suas clientes assíduas. Parecia que todas as pessoas que entravam no salão de beleza Assim Como Estou não tinham outro assunto, a não ser falar do homem que apareceu na varanda da casa dos Hansens durante a tempestade. Às dez horas, a paciência de Patsy chegou ao limite. Era hora de concentrar-se no trabalho.

Algumas pessoas disseram que o nome do homem era Cody. Outras o chamaram de Colby. Uma mulher insistia em chamá-lo de Cory. As descrições eram as mais variadas: mexicano, *hippie*, caipira, bêbado. Tinha cabelos pretos espessos, barba comprida marrom, cabelos loiros imundos. Era gordo, magérrimo, alto, baixo, moço, velho. Tinha aparência horrorosa, ameaçadora, meiga, inocente, idiota. Se Esther Moore não tivesse voltado ao salão naquela manhã para refazer o penteado, Patsy teria concluído que o homem não passava de um produto da imaginação daquela gente.

Agora Esther estava sentada na sala de chá e repetia a história para quem quisesse ouvi-la. Na área ensolarada e envidraçada num canto afastado do salão havia três mesas, muitas cadeiras, uma ampla variedade de chás e docinhos em abundância para a clientela de Patsy. Ela planejara aquela área para ser um lugar de relaxamento, reflexão e refrigério espiritual. Esther e as mulheres reunidas ao redor dela não compartilhavam a ideia de Patsy.

Várias pessoas afirmaram ter visto o sujeito durante a tempestade. Algumas disseram que ele foi visto na área do lago, antes do acontecido. Evidentemente, havia batido em algumas casas durante a tempestade, mas somente Charlie conversara de fato com o homem. Aquilo fez de Esther a rainha da situação, forçando as outras a reunirem-se à sua volta para conseguir uma informação, por menor que fosse, para contar em casa e saborear tudo reservadamente.

— O valor das propriedades vai despencar — Esther estava dizendo a duas viúvas de Deepwater Cove que se aproximaram para tomar uma xícara de chá inglês com ela. — Não é bom ter um tipo como esse perambulando pela vizinhança. Não é certo.

Patsy lutou contra o impulso de caminhar direto até o rádio e aumentar o volume. Ela não tocava música cristã no salão por acaso. No jornal da cidade,

Patsy anunciava propositadamente que o salão Assim Como Estou era “uma experiência de fé com base na beleza”. No sistema de som, ela alternava uma emissora de rádio cristã com CDs de artistas cristãos, inclusive do trio da cidade, seu favorito, chamado Cor da Misericórdia. Uma pilha de folhetos grátis explicando o caminho da salvação permanecia ao lado da caixa registradora, à disposição de quem estivesse interessado. Revistas decentes, com temas espirituais, lotavam as prateleiras da sala de espera. Ela havia pintado a sala de chá em tom bege suave e pendurado cortinas de renda nas janelas. Uma transcrição feita à mão das palavras de Jesus — “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso”^[3] — estava pendurada acima da vasilha com água quente.

Qualquer pessoa imaginaria que um ambiente com tantos elementos cristãos em volta restringisse os mexericos ao mínimo. Mas não. Todos os dias, lá vinham as mulheres falando disso e daquilo. A jovem Ashley Hanes chegava para fazer as unhas e começava a tagarelar sobre os amigos de seu marido e dos problemas que causavam às esposas. Kim Finley trazia os gêmeos para cortar o cabelo e, logo a seguir, começava a falar de suas colegas de trabalho, contando detalhes da vida de cada uma. E havia também Esther Moore. Patsy pensava consigo mesma: “Todas elas, sejam jovens ou maduras, tão logo entram no Assim Como Estou, começam a tagarelar, a falar alto e a perturbar o ambiente com se fossem um bando de gralhas à beira de uma tina com água”.

Patsy abria o salão quando tinha 25 anos, e, logo depois, já estava pronta para retirar o letreiro e fechar o estabelecimento. De repente, uma de suas clientes assíduas mencionou que sempre se sentia protegida e confortável no salão. Ali era um lugar para esquecer os problemas. Um lugar para aliviar o coração. Um lugar onde se podia falar e todos ouviam com atenção. Mais que isso, no salão Assim Como Estou, as clientes sempre sabiam que alguém se preocupava com elas. Isso ocorrera há dez anos, e Patsy passara a tolerar — e até a aceitar — a tagarelice.

Hoje, ela estava com dentes cerrados e concentrada no estilo de unhas à francesa que aplicava nas mãos de uma cliente, enquanto as mulheres discutiam os últimos acontecimentos na vizinhança. Além de falar do sujeito estranho e do alvoroço que ele causara na região, cada uma queria comentar o que *ela* teria feito se encontrasse um sujeito como aquele em *sua* varanda. Uma chamaria o delegado, outra dispararia tiros da janela e outra soltaria cães ferozes para pôr o

sujeito em fuga. Ninguém teria imaginado abrir a porta como Brenda Hansen fizera. Nem *conversado* com ele. E muito menos, que horror!, ter *oferecido comida* a ele.

Somente quando houve um silêncio repentino no salão foi que Patsy ergueu a cabeça e viu que Brenda acabara de entrar. Quem estivesse de fora diria que o coelhinho da Páscoa havia chegado. Os secadores foram desligados, a conversa parou e a curiosidade instalou-se no ambiente.

— Oi, Brenda — Patsy cumprimentou-a enquanto ligava o aparelho para secar as unhas da cliente. — Faz séculos que não a vejo. Por onde tem andado?

— Tenho andado... ocupada.

Ultimamente Brenda era uma mulher calada — diferente do tempo em que os filhos moravam com ela. Bonita, animada, decidida, ela sempre foi uma mulher que todos admiravam e queriam como amiga. Era uma excelente artesã, adorava os filhos e mantinha o jardim tão florido que as pessoas sempre paravam para elogiá-la. E doce... era tão doce que se alguém a beijasse no rosto, sentiria gosto de açúcar.

No último verão, porém, Patsy notara que Brenda parecia arrastar-se pelas ruas, como se algo lhe tivesse tirado a alegria de viver. Diferentemente dos anos anteriores, ela não mais se preocupava em recolher as folhas que caíam dos bordos enormes e dos carvalhos de sua casa. Nunca mais varreu a varanda, e não enfeitava a casa com o capricho que costumava ter no Natal — nenhum enfeite natalino no caminho de acesso à garagem nem fileiras de luzes brancas nos galhos nus das árvores.

O que mais preocupava Patsy era que, recentemente, Brenda parecia ter se desligado de si mesma. Hoje ela estava usando calça *jeans* desbotada e uma malha surrada. Não se preocupou com maquiagem, e estava despenteada.

— Quer dar uma aparada no cabelo? — Patsy perguntou esperançosa.

— Você pode cortá-lo?

— Deixe-me dar uma olhada na agenda. — Patsy atravessou o salão em direção à mesa onde seus cabeleireiros marcavam os horários. Examinou sua agenda para o dia. — Se você aguardar dez minutos até eu terminar estas unhas e arrumar meu local de trabalho, Brenda, poderei cortar o seu cabelo. Quer o corte de sempre?

— Sim, por favor.

Tão logo Brenda se acomodou na sala de espera, Esther aproximou-se com

uma xícara de chá na mão. Esther era uma pessoa adorável, Patsy admitia, mas sabia muito bem ser enxerida.

Com uma expressão maternal no rosto, ela sentou-se ao lado de Brenda. — Charlie me contou que você teve problemas ontem à noite.

— Faltou energia elétrica em casa — disse Brenda. — Mas acho que faltou na vizinhança toda.

— Charlie levou um tempo enorme para encontrar a lanterna. Achei que ele não pegaria o carrinho de golfe para inspecionar os vizinhos. Ele me contou que ficou muito preocupado com você.

— Quando o raio atingiu o poste, Ozzie saltou de susto e caiu numa bandeja de tinta. Estou pintando as cadeiras da sala de jantar em xadrez, nas cores rosa e amarelo.

Esther nunca perdia a chance de ser a primeira a saber de uma novidade. — Sim, mas e o *homem*? Charlie me contou que o sujeito o deixou tremendamente assustado.

— O nome dele é Cody — Brenda virou a página da revista em seu colo. — Ele estava encharcado e com fome.

— Você deu comida a ele?

— Esquentei algumas sobras de comida e dei-lhe um pedaço de bolo de chocolate.

— Mas quem era essa criatura?

— Cody. É tudo o que sei.

— O que Steve fez depois que Charlie foi embora de sua casa?

Uma sombra de tristeza passou pelo rosto de Brenda por um instante. Em seguida, ela encolheu os ombros. — Foi dormir. Ele trabalha muito, você sabe.

— Eu sei, mas... mas... — Pela primeira vez na vida faltaram palavras a Esther.

— Está pronta, Brenda? — Patsy perguntou, depois de arrumar seu local de trabalho e desvencilhar-se do secador e do modelador de cachos da última cliente. — Pode vir.

Brenda levantou-se, colocou a revista no lugar e encarou Esther. — Cody dormiu no balanço de nossa varanda esta noite. E se ele voltar, peça a Charlie que não o importune. Nós não estamos nem um pouco preocupados.

Tendo dito isso, ela ergueu a cabeça, pegou a bolsa e caminhou em direção a Patsy.

Steve Hansen parou seu carro híbrido ao lado da bomba de gasolina na frente da Rods-n-Ends, de Pete Roberts. Um mês atrás, a loja vizinha ao salão de beleza reabriu sob nova direção, para alívio de todos os moradores de Deepwater Cove. Além de reativar as duas bombas de gasolina, Pete estocou as prateleiras com iscas, cordas, lanches, *wakeboards*, esquis, protetores solares, caixas de isopor, baldes para iscas vivas e até alguns maiôs e toalhas. Tudo o que fosse útil para ser usado no lago, a Rods-n-Ends tinha.

Uma única parede separava a loja de Pete da pequena sala de chá envidraçada do salão de Patsy Pringle. Mas as semelhanças paravam por aí. Recentemente Pete aventara a possibilidade de vender *jet skis*, barcos de pesca e até motocicletas e quadriciclos, todos de segunda mão. Pete já estava consertando pequenos motores num dos cômodos da loja, e achava que o conserto e a venda de veículos de segunda mão manteriam sua loja em atividade durante os meses de baixa estação. Steve concordava com isso.

As propriedades multimilionárias em Lake of the Ozarks — casas, marinas, campos de golfe e clubes de campo — mascaravam a dura realidade enfrentada por muitos moradores da região. *Trailers* e casas em estado precário, com vazamento no teto, permaneciam escondidos na mata à beira das estradas de acesso aos prédios e condomínios de luxo. As reuniões noturnas de pais e professores lotavam o estacionamento da escola municipal com uma mistura estranha de calhambeques enferrujados e carros de alto luxo. Steve sabia que não havia muitas pessoas de classe média no lago e que a luta era árdua para quem tentasse ter um padrão de vida razoável.

O açude Bagnell, construído na década de 1930, represou cinco rios e criou um volume de água que atingira a extraordinária extensão de quase 2.000 quilômetros de orla. Restaurantes, arcadas, lojas de antiguidades, mercearias, bares e salões de tatuagem proliferavam no local, mas esses negócios decaíram a um índice alarmante. O dinheiro em circulação no centro comercial de Tranquility era alto demais para atender ao conforto dos moradores, assim pensava Steve. Ele havia cogitado transferir-se para o ramo imobiliário comercial — e um de seus principais objetivos era manter vivo o pequeno comércio de Tranquility.

Congratulando-se mais uma vez por ter tido o bom senso de comprar um carro híbrido, Steve passou o cartão de crédito na máquina de leitura instalada

sobre a bomba de gasolina. Quando começou a encher o tanque, viu Pete Roberts sair da loja.

— Ei, Steve. Como vão as coisas? — Pete aproximou-se e começou a lavar o para-brisa do carro de Steve. Vendeu alguma casa hoje?

— Vou fechar um negócio na próxima semana, e já tenho outro contrato prestes a ser assinado. O mercado está ótimo, tanto para compradores como para vendedores. — Steve procurou dizer essas palavras com a maior animação possível. — E você? Quais são as novidades?

Pete Roberts, recém-chegado a Deepwater Cove, talvez fosse um homem bem-apegoado, mas era difícil definir isso por causa de sua barba. Se ele quisesse realmente ter sucesso em seu negócio, Steve pensou, precisaria perder aquela barriga de cerveja, tirar a barba e usar calça cáqui. A calça *jeans* surrada não parecia profissional. E ele devia usar camisa de manga comprida para cobrir aquelas tatuagens.

— O movimento na loja foi grande o dia inteiro — Pete comentou enquanto passava um pano para tirar as marcas de água do para-brisa. — Vendi muitas iscas vivas e um bom número de minhocas. Andam dizendo que a pesca está em alta. Você tem pescado muito?

— Não tive oportunidade nos últimos dias. A imobiliária não me deixa tempo para mais nada.

— Todo mundo está falando de um sujeito que apareceu na varanda da sua casa ontem à noite na hora da tempestade — Pete disse. — Você deu uma boa olhada nele?

Steve fez uma careta. As notícias voavam em Deepwater Cove. Ele lembrou-se de sua discussão acalorada com Brenda na noite anterior. Ultimamente parecia que a conversa entre eles sempre acabava em briga.

Tempos atrás, Brenda era uma mulher brilhante, animada e divertida. Mas agora estava cada vez mais desagradável, e toda essa situação o deixava confuso.

Justo quando deveria estar na fase mais feliz de sua vida, ela começou a ser amarga e mordaz. E, para culminar, perdeu tanto peso que parecia um fantasma ambulante. Steve sempre admirou as curvas suaves e a feminilidade arredondada que Brenda tanto lamentava quando se olhava no espelho. “Veja só este quadril”, ela choramingava, mas ele achava lindo. Toda mulher devia ter um corpo bem torneado, ele pensava, com curvas suaves e sedosas nos lugares certos.

Steve aborrecia-se com o fato de sua mulher não se alimentar direito, não se

cuidar nem ver o lado bonito da vida. Ultimamente, entrar em casa era o mesmo que sentir o vento gelado do lago. Quando Brenda saía da cozinha ou do porão — com o olhar distante e cabelos despenteados —, Steve tinha a sensação de ter entrado na casa da Rainha do Gelo.

Na noite anterior, Steve ficou frustrado e preocupado. Por que cargas d'água ela imaginou que seria seguro abrir a porta da frente e dar um prato de comida a um estranho?

Ela lhe disse que havia tinta e lama por todo o piso do porão. E, em seguida, começou a chorar.

Naquela altura, Steve estava tão zangado com ela que resolveu dormir e esperar que a discussão fosse esquecida no dia seguinte. Saiu de casa de manhã, antes de Brenda se levantar.

— Vi o sujeito na varanda — Steve contou a Pete. — Difícil não notar a presença dele. Acho que ele não tem onde morar e estava com fome e frio. Brenda deu-lhe um pouco de comida, e ele foi embora hoje cedo.

— Essa sua esposa é admirável — Pete comentou. — Poucas mulheres têm coragem de praticar um ato de bondade como esse.

Steve analisou o homem barbudo por alguns instantes. — Você é casado, Pete?

— Fui casado duas vezes. Agora estou solteiro. Faz três anos que parei de beber depois de ter sido pego dirigindo alcoolizado e passado uns dias na cadeia. Fiz o curso técnico de comércio em Springfield. Agora a situação melhorou, mas não estou procurando outra mulher. Tenho certeza de que você é muito grato à sua. Brenda abasteceu o carro hoje e comprou um *cooler*, e pensei comigo mesmo: “Que mulher bondosa! E bonita também”.

— Sim, claro — Steve concordou, lembrando o rosto dela manchado de lágrimas e o nariz vermelho por causa da noite anterior. Entregou a Pete duas notas de um dólar pela lavagem do para-brisa. — Tenha uma boa noite.

Pete sorriu e abanou a cabeça. — Obrigado pela preferência. Economize seu dinheiro e venha me ver na próxima vez que conseguir esvaziar o tanque do híbrido.

— Não vai demorar muito — disse Steve, com um sorriso.

Pete era um sujeito decente, Steve pensou enquanto se afastava da Rods-n-Ends. Ao passar pelo salão de beleza ao lado, ele viu luzes acesas e Patsy Pringle penteando o cabelo de alguém. Steve sentiu-se bem ao ver pessoas trabalhando

nas lojas e salões, fazendo crescer o movimento financeiro da cidade, e tornando a vida melhor para elas próprias e para todos da região.

Enquanto deixava a cidadezinha de Tranquility para trás e seguia em direção a Deepwater Cove, Steve pensou na longa jornada de sua vida. Cresceu pobre e casou-se jovem. O nascimento dos três filhos — um atrás do outro — forçou-o a abandonar os sonhos de cursar faculdade. Labutou muito vendendo autopeças, treinando times infantis de beisebol, ajudando o grupo de jovens na igreja. Gostava dos filhos, e Brenda era uma excelente mãe. Steve não se surpreenderia nem um pouco se Jennifer casasse e fosse trabalhar em tempo integral como missionária. Justin e Jessica estavam indo muito bem na faculdade, para orgulho de Steve.

E o melhor de tudo foi que Steve teve a ideia de vender imóveis nas horas vagas para custear as despesas da faculdade. Ele acreditava verdadeiramente que aquela ideia procedia de Deus.

Conforme ficou comprovado, sua experiência em vender autopeças de porta em porta o ajudou a tornar-se um ótimo vendedor. Depois de fazer o curso de venda de imóveis, ele foi trabalhar para uma corretora em Tranquility. De repente, já estava ganhando dinheiro suficiente para abandonar o outro emprego. Logo depois, já estava ganhando dinheiro suficiente para pagar a faculdade dos três filhos e comprar dois carros novos. O passo seguinte foi abrir uma imobiliária. E agora havia contratado uma secretária e dois corretores.

Por que, então, ele tinha de entrar em casa e enfrentar a frieza de Brenda? Por que ela não estava satisfeita com o marido e por que não ficava feliz ao vê-lo no fim do dia? Assim que entrou na garagem, Steve quase desejou dar meia-volta e fugir dali correndo.

Brenda costumava cumprimentar o marido com um “oi” e um beijo. Hoje, no entanto, ela não lhe deu atenção e continuou a mexer uma panela no fogão. Steve pendurou o casaco no armário do vestíbulo, livrou-se dos sapatos e pegou o jornal da cidade. Ele gostava de ler a seção de imóveis para saber o que os concorrentes tinham em mente. Sentou-se numa cadeira reclinável, ligou a TV e começou a ler minuciosamente o jornal. De longe, ouvia Brenda batendo vasilhas e panelas na cozinha. Se ela não queria conversar, tudo bem. Dali a alguns minutos começaria um programa policial. Ele veria o programa e depois iria dormir.

Steve preferia, claro, que Brenda entrasse na sala de estar, se sentasse em seu colo e o deixasse passar os braços ao redor da cintura dela para contar-lhe como

havia sido o seu dia. Ele queria falar do casal que discutira a possibilidade de deixar a venda de uma casa enorme à beira do lago, perto de Tranquility, a cargo de sua imobiliária. Queria falar dos homens que apareceram no escritório para ver as fotos das casas luxuosas postas à venda em sua imobiliária. E queria falar da senhora cujo cão deixou uma rastro verde e nojento no carpete de um dos apartamentos que ele estava mostrando a ela. Seria ótimo se sua esposa lhe oferecesse um pedaço de bolo de chocolate — ela sabia que ele adorava esse bolo — e lhe perguntasse como o novo programa de gravações computadorizado estava funcionando. Mas não, ela lhe estava dando um tratamento silencioso.

O programa policial teve início, e Steve começou a ficar com sono. Estava prestes a adormecer quando ouviu Brenda abrir a porta da frente. Ao olhar de relance naquela direção, ele a viu colocar um enorme *cooler* branco com tampa azul na varanda. Depois, fechou a porta atrás de si e não voltou a entrar em casa.

Steve franziu a testa. Uma coisa era Brenda não fazer caso da presença dele, mas agora ela estava agindo de modo estranho. Ele levantou-se da cadeira reclinável e caminhou em direção à porta. Através da janela da frente, viu Brenda sentada no balanço da varanda. E conversando com *ele*.

Conversando com o estranho!

Com o coração batendo acelerado, Steve abriu a porta com força e deu um passo para fora. Era péssimo ter um andarilho na vizinhança, mas agora a situação chegara ao limite.

— Brenda? — ele chamou.

— Ah, Steve, é você? — A voz dela era ríspida como o vento gelado que o atingiu até os ossos. — Você gostaria de conhecer meu novo amigo?

Por um instante, Steve ficou sem palavras. Olhou firme para o sujeito jovem e magro, de cabelos compridos e barba desgrenhada. O homem segurava uma das tigelas de cerâmica da família Hansen com sua mão encardida.

— Oi, o meu nome é Cody! — ele disse, dando um sorriso. — Ganhei sopa esta noite. Muita sopa. Estava com fome, mas veja só!

Ele curvou-se e abriu a tampa azul do *cooler*. Dentro havia duas pilhas de tigelas cheias de sopa e tampadas, vários sanduíches acondicionados em saquinhos e algumas caixas de suco de fruta. — E bolo de chocolate! — Cody prosseguiu. — Porque o meu papai me disse que, quando a gente está com fome, qualquer um pode dar comida pra nós, mas só um cristão dá bolo de chocolate também. Por isso, eu sei que ela é cristã. Qual é o seu nome?

Steve conseguiu colocar seu melhor sorriso de corretor no rosto e estendeu a mão. — Sou Steve Hansen.

— Quantos anos você tem? — Cody estendeu a mão esquerda e apertou a mão direita de Steve de maneira desajeitada. — Estou ficando mais velho, e o meu papai me disse que está na hora de seguir o meu caminho. “Siga o seu caminho, Cody.” Foi o que ele me disse. Quantos anos você tem?

— Tenho 45 — Steve respondeu, olhando de relance para Brenda.

— Ei! — Cody sentou-se com força no balanço. — A mesma idade dela! Quarenta e cinco anos. Qual é o seu nome, dona? Eu já esqueci.

— Brenda Hansen. Sou casada com Steve.

— OK. — Cody tomou uma colherada de sopa. — Quarenta e cinco anos. É muita idade. Eu não sou tão velho assim.

— Quantos anos você tem? — A voz de Brenda era suave.

Cody olhou firme para ela. — Eu não tenho 45 anos.

— Não, você é mais novo.

— OK. Esta sopa está muito boa. Veja! — Ele abriu novamente a tampa do *cooler* para Steve. — Está cheio até a boca! Acho que vou levar 45 anos pra comer tudo isso. Ela me deu essas coisas porque eu estava com fome. E bolo de chocolate também. Três pedaços!

A tensão começou a desaparecer dos ombros de Steve. Agora ele tinha certeza de que aquele sujeito não era bêbado nem criminoso. Era apenas uma pessoa simples, só isso. Como uma criança. Mesmo assim, não se podia ter certeza de que fosse inofensivo. Pete Roberts, da Rods-n-Ends, tinha razão ao dizer que Brenda era uma mulher bondosa. Era bondosa a ponto de ajudar uma pessoa com fome. Mas nunca deveria ter aberto a porta na ausência do marido, e o que se passava na cabeça dela? Comprar um *cooler* e enchê-lo de sopa e sanduíches?

— Brenda — ele disse — posso conversar com você lá dentro por um minuto?

Ela levantou a cabeça e olhou firme para ele. — Estou fazendo sala a Cody. Sinto muito.

Um jato de raiva gelada espalhou-se no peito de Steve. — Entendo.

— Estamos conversando. Entre e veja o seu programa na TV.

Steve respirou fundo. — Brenda, quero conversar com você dentro de casa. Agora.

Ela encolheu os ombros. — Você experimentou o sanduíche, Cody? É de

peito de peru com queijo. Acho que você deveria comer um esta noite. E deixe o *cooler* tampado, senão todo o ar frio vai sair.

Steve encarou a esposa. A sensação era de que ela o havia apunhalado com um espeto de gelo. Será que ele merecia esse desrespeito? Esse desprezo? O que ele havia feito, a não ser trabalhar duro para dar à esposa tudo o que ela queria? Agora ela estava sentada no balanço da varanda, dando comida a um estranho de cabelos compridos e tratando o marido como uma mosca incômoda zumbindo em volta dela.

— Onde você mora, Cody? — Steve perguntou bem alto. — Você tem casa por aqui?

Cody respondeu enquanto dava uma mordida no sanduíche de peito de peru. — O meu papai me disse que está na hora de seguir o meu caminho. “Siga o seu caminho, Cody.” Foi o que ele me disse.

— Onde o seu papai está?

O rapaz abaixou a cabeça. — Bem... está na hora de seguir o meu caminho.

— Cody não sabe ao certo onde o pai dele está — Brenda explicou a Steve, com voz suave pela primeira vez depois de muitos dias. — Acho que ele anda vagando por aí há algum tempo. Cody me contou que o pai dele costumava forçá-lo a barbear-se, mas eles não têm estado juntos ultimamente. A julgar pela barba, eu diria que faz muito tempo que Cody não vê o pai.

O tempo todo enquanto falava, Brenda olhou para Cody em vez de olhar para o marido. Steve sentia-se invisível.

— Coloquei alguns cobertores e um travesseiro numa mochila para Cody — ela prosseguiu. — Disse que ele pode dormir aqui no balanço da varanda se quiser, ou acampar em outro local. Pelo menos, não vai sentir frio.

Dizendo isso, ela levantou-se e deu um tapinha no ombro do rapaz. — Boa noite, Cody. Espero que você durma bem.

— Obrigado. — Cody levantou-se. — Qual é o seu nome? Eu esqueci de novo.

— Brenda.

— Obrigado, Brenda. Você tem 45 anos.

— Isso mesmo. — Ela sorriu. — E quantos anos você tem?

— Vinte e um — ele respondeu abruptamente, como se estivesse surpreso ao ouvir a própria voz. — O meu papai disse: “Você tem 21 anos, Cody. Está na hora de seguir o seu caminho”.

— Bem, é só isso que a gente sabe — Brenda disse. Ela olhou para Steve ao passar por ele. — Cody tem 21 anos.

Ela entrou e bateu a porta da frente com força. Steve precisou conter o impulso de enxotar o vagabundo de sua varanda. Uma família decente não podia ter um andarilho passando a noite ali. Talvez Cody fosse lento de raciocínio, mas era adulto, e precisava dirigir-se a um abrigo ou coisa parecida. Steve não tinha de aturar isso. Ele devia enxotar o sujeito dali e retornar à sua rotina noturna.

— Puxa! — Cody disse, sentado no balanço. — Esta é a sopa mais gostosa que comi em toda a minha vida. E veja! Bolo de chocolate também. Brenda é cristã, porque me deu tudo isto. Eu adoro bolo de chocolate.

Desgostoso com ele próprio, com Brenda e até com Cody, Steve deu meia-volta e entrou com passos pesados em casa. Fechou e trancou a porta. Que maravilha! Steve podia ouvir Charlie Moore conversando com os vizinhos enquanto rodava pelo local no carrinho de golfe. *“Há um vagabundo dormindo na varanda dos Hansens. Ele passa todas as noites lá. Brenda dá comida para ele, e Steve tem de aturar isso. Você é capaz de acreditar?”*

Ninguém em Deepwater Cove haveria de querer ver um vagabundo simplório andando a esmo por ali. Os moradores sentiam-se seguros em sua pequena comunidade. Gostavam de deixar as portas destrancadas durante o dia e as janelas abertas à noite. O baixo índice de criminalidade em Lake of the Ozarks era um dos motivos que atraía tantas pessoas para comprar casas de lazer ali. Casas de um milhão de dólares. Não era admissível haver um sujeito cabeludo e sujo rondando o local.

— Brenda? — Steve entrou no quarto. Ela estava no banheiro contíguo. Ele bateu na porta. — Brenda! Quero conversar com você neste minuto.

Ela abriu a porta com força, saiu do banheiro e caminhou com passos largos em direção à cama. — Estou cansada — disse por cima do ombro. — Boa noite.

— Cansada? Cansada do quê? — Atônito, Steve viu Brenda pegar a manta de lã e deitar-se. — O que você fez hoje além de preparar sopa e sanduíches para um vagabundo?

Brenda semicerrou os olhos. — O único vagabundo que conheço está em pé diante de mim.

— O quê? Você está me chamando de vagabundo? Quantos vagabundos você conhece que podem comprar uma casa como esta... pagar a faculdade dos filhos... e deixar a mulher em casa fazendo o que bem entende?

Brenda apagou a luz do lado dela. Virando as costas para ele, puxou a manta até o pescoço. — Boa noite, vagabundo.

— Brenda, preste atenção... eu não sei o que está havendo com você, mas acho que as coisas devem começar a mudar nesta casa. — Ele caminhou até o lado dela e acendeu a luz. — Você não me pode tratar desta maneira. Há um estranho em nossa varanda, e se você acha que pode...

— O único estranho aqui é você, Steve Hansen — ela disse, sentando-se na cama. Seus olhos tinham o brilho de uma luz verde, fria como gelo. — Você não para em casa. Nem sei mais quem você é. E se quer que alguma coisa mude nesta casa, bem, o seu desejo está prestes a ser realizado. Sabe o que está mudando? Eu. Chamei um carpinteiro, e ele virá na próxima semana para fazer um orçamento da reforma do porão. Estou dando comida a um pobre homem, com frio e faminto, que não sabe onde está, e planejo dar comida a ele até que alguém apareça para buscá-lo ou que ele saiba o que quer fazer da vida. Cortei o cabelo hoje, lavei o gato e terminei de pintar as cadeiras da sala de jantar. E sabe o que mais? Não preciso de você. Não preciso de nada nem de ninguém. Estou bem sozinha, por isso me deixe em paz, e não se atreva a tocar em mim. A discussão está terminada.

Ao dizer isso, ela voltou a apagar a luz. Steve continuou em pé no escuro, olhando para a figura grosseira que ele costumava chamar de esposa.

Alguns dias depois no salão, Patsy Pringle estava dando os toques finais nas unhas de uma cliente. A jovem Ashley Hanes tinha as mãos mais bonitas de Deepwater Cove, e gostava de chamar atenção para sua aliança de casamento. Patsy não sabia calcular quanto Brad Hanes pagara por aquele brilhante de um quilate no dedo da esposa. Talvez o ramo da construção fosse mais lucrativo do que se imaginava. O verão caminhava a todo vapor, e novas casas seriam erguidas do lado direito e esquerdo. Com Ashley trabalhando como garçoneiro num dos clubes de campo e Brad comandando uma equipe de operários na construção de uma grande casa do outro lado de Tranquility, eles teriam condições de acumular um bom dinheiro.

— Qual é o nome desta cor? — Ashley perguntou, olhando para as próprias mãos. — Rosa o quê?

— Rosa-chá. — Patsy afastou o corpo para admirar seu trabalho. — Ficou linda em você. Maravilhosa.

— Brad adora minhas unhas compridas — disse Ashley, sorrindo timidamente. — Ele acha que são sensuais.

— Não entendo muito disso. Mas, se Brad gosta, é melhor você cuidar bem delas.

— Você já foi casada, Patsy? — Ashley perguntou de repente.

Por uma fração de segundo, Patsy pensou em responder que aquele assunto não era da conta de ninguém. Em seguida, pensou nas mulheres conversando na sala de chá, nos cabeleireiros paparicando e enfeitando as clientes, e na música cristã que tocava suavemente no salão. No Assim Como Estou, ninguém tinha privacidade. Se o assunto fosse de interesse das outras clientes do pequeno e aconchegante salão, a conversa deveria prosseguir.

— Não encontrei marido — Patsy respondeu com um suspiro. — Acho que ainda posso. Já entrei na casa dos quarenta, mas o sr. Certinho ainda não passou por aquela porta. Quando estava perto da idade de casar, tive de cuidar de minha mãe e de seus problemas com a doença de Alzheimer. Estava frequentando a faculdade de estética e cosmetologia e trabalhava longas horas em Osage Beach. Mesmo que um rapaz se interessasse por mim, eu não teria tempo para sair com ele, muito menos para assumir um compromisso sério.

— Eu gostaria que você encontrasse um homem como Brad — disse Ashley. Seus olhos castanho-escuros faziam Patsy lembrar-se de chocolate derretido. — Ele é sensacional. É como estar casada com o meu melhor amigo. Todas as manhãs, quando acordo ao lado dele, fico encantada. Brad Hanes é meu marido! Eu me casei com ele! E quando ouço o caminhão dele chegando à noite, sinto arrepios. Nunca pensei que o casamento fosse tão maravilhoso. Brad é a melhor coisa que me aconteceu na vida.

Patsy sorriu. — É bom saber que você está tão feliz, querida. Lembro-me do dia em que entrou no salão com sua mãe, quando era menina, e pensei comigo mesma: “Esta garota merece tudo de bom”.

Radiante, Ashley colocou as unhas sob o secador. — Brad e eu estamos pensando em ter um bebê — ela disse em voz baixa. — Não conte a ninguém.

— Vou ficar de boca fechada — Patsy assegurou-lhe. Analisou o rosto de Ashley por um instante, sentindo o brilho radiante de uma beleza juvenil com seus cabelos castanho-avermelhados, sorriso encantador e mãos lindas. Era o mesmo que contemplar um botão de rosa. Ou um ramo delicado de samambaia se desenrolando.

Brad Hanes entrou no salão alguns dias antes para o corte de cabelo mensal, e Patsy teve a sensação de estar diante de um potro na primavera. Brad era cheio de vida — rosto bronzeado por trabalhar ao ar livre, ombros largos e fortes, olhos azuis brilhantes. Deixava transparecer que se sentia o rei do mundo por ter se casado com Ashley. Todas as vezes que o nome dela era pronunciado, ele sorria furtivamente, como se fosse o único homem do universo que descobriu a alegria da felicidade conjugal.

O jovem casal estava pensando em reformar a pequena casa de dois pavimentos em Deepwater Cove, Brad confidenciara a Patsy. Contou que Ashley queria ingressar na faculdade e ser professora de jardim de infância. Brad havia comprado um novo caminhão. E agora eles queriam ter filhos.

— Você deve curtir muito esse seu marido — disse Patsy, dando um tapinha no ombro de Ashley. — Brad é um homem bom, e vai fazer de você uma mulher muito feliz.

— Eu sei. — Ashley suspirou. — Veja a minha aliança. Você acredita que ele comprou isto para mim? E temos casa própria e um caminhão. Estamos na frente da maioria de minhas amigas. Mas vou lhe contar uma coisa... — Ela debruçou-se sobre a mesa de manicure. — Brad não está gostando nada dessa situação na casa dos Hansens. Aquele cara horroroso e barbudo, sabe?

— Sei — Patsy respondeu. Claro que já sabia.

— Dizem que ele está dormindo na varanda dos Hansens. Ouvei falar que Steve queria chamar o delegado, mas Brenda não deixou. Brad me contou que, quando passou pelo lago algumas noites atrás, viu Steve e Brenda no quintal. Eles estavam muito zangados, praticamente gritando um com o outro. Você pode imaginar? Eu sempre achei que eles formavam um casal perfeito. Têm uma casa tão bonita... fizeram uma reforma tão grande. E as flores, então? Você sabia que Brenda está dando comida a esse sem-teto?

— Acho que ele tem fome.

— Brad não gosta da ideia de haver um estranho na vizinhança. Ele não quer que eu tire o anel quando lavo a louça, e tranca o caminhão todas as noites, inclusive a caixa de ferramentas. Também trancamos todas as portas.

Patsy percebeu que a conversa ultrapassara a linha da preocupação e derivava para o mexerico. — Charlie Moore contou a Esther que o sujeito é meio simplório — ela assegurou a Ashley. — Acho que você e Brad não precisam preocupar-se.

— Talvez não. — A jovem olhou suas unhas novamente. — Rosa-chá. É uma cor bonita. Espero não estragar o esmalte. Não é fácil trabalhar de garçoneite com as unhas feitas. Claro que não.

Patsy começou a limpar a mesa de manicure. Dali a alguns minutos chegaria uma cliente para fazer permanente, e era sempre difícil encontrar tempo para manter o piso limpo, os balcões em ordem e as janelas lavadas. Com todo aquele *spray* para cabelos!

O trabalho de mais de cinquenta horas por semana estava deixando Patsy à beira da exaustão, mas não havia escolha. Para ela, o Assim Como Estou era mais que um salão de beleza. Era um ministério. Ela labutara muito para comprar o salão e conseguir uma clientela fiel — e Deus a abençoara além da conta.

Enquanto Patsy pegava uma vassoura e se preparava para varrer o chão, Ashley deixou o dinheiro na mesa da frente e se dirigiu alegremente à sala de chá. A jovem trabalhava a maior parte do tempo à noite como garçoneite. Isso lhe dava tempo para relaxar e conversar no Assim Como Estou. Uma onda de gratidão inundou Patsy enquanto ela analisava de longe as mulheres tomando xícaras de chá inglês com bolo. Jamais ela imaginara, mesmo em sonho, ter uma sala de chá, mas aquele recinto se tornara uma das partes mais lucrativas de seu negócio.

Tudo começou com uma chaleira de água quente e alguns saquinhos de chá. Ela não cobrava, embora isso lhe custasse uma pilha de pratos e xícaras para lavar todas as noites. Em breve, Patsy observou as mulheres carregando cadeiras para a sala envidraçada, para poder conversar longe do barulho dos secadores de cabelo. Patsy comprou uma mesinha e algumas cadeiras bonitas para a sala ensolarada. Depois outra mesa e mais outra. Entrou em lojas de antiguidades para encontrar xícaras e pires de porcelana. Depois teve a ideia de pintar as paredes entre as vidraças de uma cor suave.

Antes que ela percebesse, as mulheres começaram a chegar mais cedo e permanecer até mais tarde, só para conversar entre uma e outra xícara de chá. Finalmente, Patsy comprou uma vasilha grande de aço inoxidável, para manter a água no ponto de ebulição. Começou a cobrar 25 centavos de dólar para comprar os saquinhos de chá. Depois, começou a fazer docinhos em casa e passou a vendê-los num balcão de vidro comprado em leilão. Agora ela supervisionava uma pequena cooperativa de mulheres da localidade, que abasteciam a sala de chá. Elas traziam pães de banana, sonhos de mirtilo, rocambole de canela e tudo o que se possa imaginar. Patsy cobrava uma pequena comissão e repartia o resto do dinheiro com as mulheres.

Atualmente, a pequena sala de chá do Assim Como Estou era famosa em toda a região do lago, e Patsy vendia xícaras de porcelana, chaleiras, toalhas de mesa, artigos de papelaria, velas e enfeites relacionados a chá. Quando aumentou os preços acima do normal, ela estava certa de que as clientes reclamariam, mas não reclamaram. Patsy imaginava que, se perdesse o salão, poderia manter a sala de chá aberta como um negócio independente. Mas o salão de beleza e a sala de chá se completavam, e as mulheres adoravam essa combinação. Até seus clientes do sexo masculino costumavam colocar um saquinho de chá inglês numa xícara de água quente e sentar-se para bater papo depois de cortar o cabelo.

Enquanto guardava a vassoura, um pensamento passou pela mente de Patsy. Ao longo dos anos, o salão de beleza se transformara num pequeno jardim. As mulheres eram as flores, as árvores e as plantinhas das quais ela cuidava com muito carinho. Ashley Hanes era um botão de rosa, um morango maduro, o cântico de um passarinho. Tudo nela exalava primavera — entusiasmo, alegria, esperança, confiança, expectativa e, acima de tudo, amor. Ashley resplandecia como o brilho da manhã.

Esther Moore, sentada de frente para Ashley e cansando os ouvidos da pobre moça, irradiava contentamento. Ela era um girassol dourado, um pêssego doce e

macio, um pássaro canoro. Quando entrava num recinto, parecia que o verão havia chegado. Patsy sabia que tudo isso era fruto da convivência pacífica e descontraída entre Esther e Charlie. Enquanto Ashley e Brad eram tão apaixonados um pelo outro a ponto de explodir, Esther e Charlie tinham uma união tranquila e serena.

Patsy adorava seu jardim de mulheres. Num canto mais afastado ela avistou Kim Finley com seus gêmeos, Lydia e Luke. Kim era dentista e, às vezes, saía do trabalho mais cedo a fim de aguardar o ônibus escolar quando ele parava no centro comercial de Tranquility. Em companhia das crianças, ela se dirigia ao salão para tomar um chá antes de levá-los de volta para sua casa cinza, cuidada com muito capricho, em Deepwater Cove, e dar início às tarefas domésticas.

Quando era mais jovem, Kim teve de enfrentar um divórcio doloroso do pai dos gêmeos, Joe Lockwood, e passou vários anos cuidando sozinha dos filhos. Quando Derek, um patrulheiro aquático, entrou em sua vida três anos atrás, Kim se apaixonou perdidamente por ele e casou-se logo em seguida. Em razão das visitas frequentes de Kim ao salão para cortar o cabelo, Patsy ficou sabendo que Kim e Derek também haviam tido sérios desentendimentos.

Kim tinha um ar de resignação no rosto. Ao vê-la, Patsy lembrava-se do outono — belo, porém um pouco desgastado. Kim era o sopro forte do vento no trigo, uma maçã madura pendurada no galho da macieira, uma pomba chorosa que reunia os filhotes junto dela e os acarinhava no vento.

As mulheres jovens, as crianças, as viúvas, os homens joviais... Patsy tinha um apreço especial por todos. Quando ela se dirigiu à mesa para conferir os horários de seus cabeleireiros, a porta da frente abriu-se.

Era Brenda Hansen. O inverno acabara de chegar.

Tão logo entrou no Assim Como Estou, Brenda sentiu todos os olhares cravados nela. E quando Cody entrou arrastando os pés atrás dela, Brenda ouviu um suspiro geral.

E daí? Ela não se preocupava nem um pouco se alguém estivesse com medo de Cody ou não gostasse de vê-lo em Deepwater Cove. O estranho que apareceu à sua porta durante a interrupção de energia elétrica foi a melhor coisa que lhe aconteceu depois de muito tempo. Cody era uma criança — um menino doce e um pouco confuso, precisando de cuidados. E Brenda entendeu que Deus lhe dera essa missão.

— Oi, Patsy — ela disse.

A proprietária do salão caminhou apressada à mesa da frente enquanto eles se aproximavam. Se alguém procurasse a palavra *simpatia* no dicionário, o pessoal dizia, você leria a descrição exata de Patsy Pringle. Com seu corpo em forma exagerada de violão, rosto bonito e cabelos cuja cor mudava a seu bel-prazer, Patsy era um patrimônio da região do lago, e todos contavam com a ajuda dela. Se seu xampu, seu serviço ou bom gosto não fosse capaz de elevar a autoestima de uma mulher, sua sala de chá aconchegante certamente elevaria. Várias vezes Brenda havia ido ao salão só para sentar-se num canto, tomar chá e ler revistas. E, certamente, bater o pé no chão num ritmo constante, aguardando Steve chegar em casa.

— Eu não esperava vê-la de volta tão rápido — Patsy disse a Brenda. — O seu corte ainda me parece ótimo. Para ser franca, acho que foi um dos melhores que fiz em você. Deixe-me dar uma olhada no lado esquerdo. Ah, sim. Está perfeito. — Em seguida, olhou para o companheiro de Brenda. — E quem é ele?

— Oi, o meu nome é Cody. — O rapaz estendeu a mão suja.

Patsy apertou-a com firmeza. — Bem-vindo ao Assim Como Estou. Você deve ser a pessoa que tem dormido na varanda dos Hansens.

— OK. — Cody assentiu com a cabeça. — Porque Brenda é minha amiga. Ela faz bolo de sopa de chocolate pra mim.

— Sopa e bolo de chocolate — Brenda corrigiu em voz baixa. — Às vezes Cody mistura as palavras.

— Ah, eu também. — Patsy sorriu. — No domingo passado os diáconos estavam querendo incluir meu nome na comissão de apoio à cozinha, e eu disse: “Sinto muito, senhores, mas não quero fazer parte do apoio da comissão da cozinha”. Vocês podem imaginar? Achei que os homens jamais iam parar de rir.

Brenda deu uma risadinha, apreciando a bondade de Patsy, mesmo sabendo que a presença de Cody certamente atrapalharia o fluxo e o ritmo do salão.

— Adorei este corte — Brenda disse a Patsy. — Achei que talvez você pudesse dar uma aparada no cabelo de Cody. E quem sabe fazer a barba dele. Cody diz que costumava andar barbeado quando morava com o pai. Acho que ele tem uma barba muito cerrada para barbear-se sozinho.

— Eu sou parecido com Jesus — Cody disse em voz alta. — Pensei que Jesus estava no porão de Brenda, mas era eu.

— Ele viu o próprio reflexo na porta de vidro corrediça — Brenda explicou.

Patsy inclinou a cabeça. — Pensando bem, Cody, você se parece mesmo com Jesus.

— Porque eu sou cristão.

— É por isso que se parece com ele?

Cody assentiu com a cabeça. — OK.

Patsy riu. — Eu adoraria dar uma aparada nesta sua barba, Cody, mas tenho uma cliente com hora marcada para fazer permanente, e ela deve estar chegando. Se você e Brenda puderem aguardar um pouco... eu... hã...

Patsy olhou para a sala envidraçada, aparentemente imaginando que não seria uma boa ideia Cody sentar-se no meio daquelas mulheres tomando chá. — Temos todos os tipos de revistas na sala de espera — ela disse, indicando uma fileira de cinco cadeiras encostadas na parede. — Há revistas para homens também. Pescaria, caça e esporte aquático. Tudo.

Brenda endireitou os ombros. — Cody e eu vamos tomar uma xícara de chá enquanto aguardamos a permanente. Você poderá cortar o cabelo e a barba dele enquanto sua cliente estiver no secador.

Patsy engoliu seco. — Tudo bem. Temos bolo de chocolate no balcão. Sirvam-se.

— Bolo de chocolate! — Os olhos azuis de Cody brilharam. — O meu papai me disse que só um cristão dá bolo de chocolate pra gente. Você é cristã?

— Claro que sim — Patsy respondeu. — É por isso que dei a este salão o nome de Assim Como Estou. Meu hino favorito diz que Jesus nos ama assim como... — Ela parou de falar e olhou para Cody. Os olhos dele se entristeceram. — Jesus nos ama assim como estamos. Não importa de onde viemos, não importa o que fizemos ou o que aparentamos ser. Deus ama todos nós.

— OK — disse Cody.

— Você e Brenda podem ir para lá. Tomem uma xícara de chá e comam bolo de chocolate. Vejo que minha cliente acaba de entrar no estacionamento.

— Obrigada — disse Brenda, cobrindo a mão de Patsy com a sua. Em seguida, cutucou Cody apontando para a sala de chá.

A jovem Ashley Hanes estava sentada com Esther Moore numa mesa. Kim Finley e os gêmeos, Luke e Lydia, estavam em outra. Sem dúvida, as crianças tinham vindo ao salão esta tarde para cortar o cabelo, Brenda pensou. A mãe cuidava muito bem dos filhos de dez anos. Eles estavam sempre limpos, com roupas bem passadas e pareciam adoráveis com seus trajes de cores iguais.

Brenda conduziu Cody até uma mesa vazia e indicou-lhe uma cadeira. Todos

os olhares estavam cravados nos dois quando ela colocou o casaco e a bolsa na cadeira em frente. No momento em que Cody se sentou, Kim começou a reunir os filhos. Limpou a boca de cada um e pediu que vestissem as jaquetas. A ruiva Ashley empalideceu como um fantasma. Esther demonstrou irritação.

— Oi, Esther, como vai? — Ao passar pela mesa para pegar água quente, Brenda cumprimentou a senhora idosa. — E você, Ashley, como tem passado?

— Bem — as duas responderam em uníssono.

— Aquele ali na mesa é Cody. Vocês devem tê-lo visto por aí.

Ao curvar-se para encher duas xícaras de chá com água quente, Brenda ouviu alguém aproximar-se dela. Não precisou olhar para saber que era Esther. Com seu cabelo branco lustroso e sorriso doce, Esther Moore tinha bom coração e era amada pelos vizinhos em Deepwater Cove. Brenda, porém, sabia que aquela mulher tinha opiniões firmes a respeito de tudo. Seu marido, Charlie, havia sido carteiro antes de aposentar-se. Agora, em vez de cartas, ele entregava mexerico de casa em casa. Quando ele não estava rodando em seu carrinho de golfe para saber das últimas novidades, estava na beira do lago pescando boatos. E, claro, cada fofoca tinha de ser filtrada, classificada, organizada e oficialmente selada na ilustre agência postal — Esther.

— Como vão indo as coisas nestes últimos dias, Brenda? — Esther deixou alguns trocados na cesta e pegou outro saquinho de chá. — Você anda sumida. Parece que a última vez que conversamos foi quando veio cortar o cabelo.

— Isso mesmo — Brenda disse. — Quando o tempo esquentar um pouco mais, pretendo cuidar do jardim. Você tem visto meu canteiro de amor-perfeito? As flores desabrocharam neste inverno. Acho que não perdi nenhuma.

— Eu notei. — Esther usou um pegador de prata para colocar um cubo de açúcar na xícara. — Você sempre teve um jardim muito bonito. Charlie acha que é o mais bonito da região. Nós adoramos aqueles cestos de petúnia que você pendurou ao lado da porta, e no ano passado seu canteiro estava repleto de rosas!

— É verdade, foi um ano excelente. — Brenda fez um movimento para pegar alguns docinhos, mas Esther a interrompeu.

— Brenda, preciso lhe dizer que Charlie está um pouco preocupado com aquele seu amigo.

— Que amigo?

Ester pareceu confusa. — Há... *ele*. — Ela olhou de relance para Cody. — A bem da verdade, os moradores de Deepwater Cove não estão entendendo bem a

situação. Você sabe... o fato de ele estar dormindo no balanço de sua varanda.

Brenda fechou a boca com força para não dizer algo de que poderia vir a arrepender-se. Todos aqueles meses de uma vida sem sentido — sozinha em casa, sentindo saudades dos filhos, cozinhando à toa, pintando e costurando capas para móveis, que não interessavam a ninguém —, e na primeira vez que alguém em Deepwater Cove se *preocupou* com ela, foi para reclamar! Ninguém se deu ao trabalho de visitá-la. Ninguém perguntou por que ela havia deixado de varrer as folhas caídas das árvores no outono nem por que as aranhas voltaram a fazer teias na varanda no fim do verão. Ninguém se interessou em saber como passou a ser sua vida sem a presença dos filhos.

— Diga a Charlie que Cody se sente muito confortável no balanço — Brenda retrucou. — Agradeço o interesse. É bom saber que ele se preocupa com o meu amigo.

Boquiaberta, Esther viu Brenda caminhar em direção ao balcão de vidro e pegar dois pedaços de bolo de chocolate. Brenda levou o bolo até a mesa e voltou para pegar o chá, sempre com a atenção voltada para Cody. Ele estava coçando a cabeça com os dentes do garfo enquanto via o reflexo de seu rosto no portaguardanapos de aço inoxidável.

— Eu pareço mesmo com Jesus — ele disse assim que Brenda se sentou. — Como na Bíblia quando ele estava sentado naquela pedra com muitas crianças no colo e outras sentadas em volta dos pés dele. “Deixem vir a mim as crianças, não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas.”^[4] Eu pareço com Jesus naquela pedra.

— Não vai parecer por muito tempo. Estou ansiosa por ver o que Patsy vai conseguir fazer com o seu cabelo. — Brenda empurrou a xícara de chá e o bolo na direção dele. À medida que a conhecia melhor, ele passou a ser mais comunicativo, e grande parte de sua conversa mostrava um grau razoável de inteligência. Ele citava muitos versículos da Bíblia.

— Esta barba vai ter de ser cortada — ela lhe disse. — Ninguém sabe qual é a sua aparência.

— Eu tenho 21 anos — Cody disse. — Está na hora de seguir o meu caminho.

— Você é adulto, tudo bem. Eu gostaria de saber para onde seu pai foi.

Pegando um garfo limpo, Cody inclinou-se para a frente e levou um pedaço de bolo de chocolate à boca. — Seguir o meu caminho — ele repetiu,

carrancudo. — Hora de seguir o meu caminho.

— Por que o seu papai quis que você fosse embora?

— Tenho 21 anos. Hora de seguir o meu caminho.

Brenda suspirou fundo. Eles haviam começado essa conversa várias vezes, mas não havia sequência. Ela não tinha ideia de quanto tempo Cody morou com o pai, nem onde morou. Também não sabia o que levara aquele rapaz com jeito de criança a sair pelo mundo sozinho. Por certo o pai de Cody devia saber que o rapaz teria dificuldade para sobreviver sozinho.

— Eu sei varrer — o rapaz disse subitamente. — Eu deixava o *trailer* limpinho. Era o meu trabalho. Eu deixava tudo brilhando.

— Você morava num *trailer*?

— Até quando a gente saiu de lá e foi morar no nosso carro. No *trailer*, eu varria o chão com uma vassoura. Que nem ela. — Cody apontou para uma das cabeleireiras que estava varrendo os fios do cabelo cortado de uma cliente e colocando-os numa pá de lixo. — Também sei lavar o chão. Com esfregão, balde e água. O meu papai diz que eu deixo tudo limpo.

— Cody, onde ficava esse *trailer*? Ficava perto...

Um zunido ensurdecidor, de fazer o chão tremer, ecoou por todo o salão, abafando as palavras de Brenda. As paredes tremeram. As luminárias no teto balançaram. Uma fileira de xícaras de chá caíram de uma das prateleiras, todas de uma vez, como se fosse um grupo de nado sincronizado mergulhando numa piscina.

Assim que as xícaras se espatifaram no chão, um ar de terror tomou conta do rosto de Cody, e ele tapou os ouvidos com as mãos. O zunido aumentou, e soava como se fosse o fim do mundo. Os gêmeos de Kim começaram a gritar, e Patsy Pringle entrou correndo na sala de chá.

— O que está acontecendo? — ela gritou. — O que está acontecendo?

Cody deu um gemido semelhante ao de um animal ferido. Saltou da cadeira, derrubando-a, e atravessou o salão como se estivesse sendo perseguido por um urso. Enquanto tentava segurar os pratos e as xícaras na mesa, Brenda viu quando ele abriu a porta e desapareceu.

— Oh, não, de novo! — Patsy gritou por causa do barulho ensurdecidor, atirando um punhado de rolinhos de plástico cor-de-rosa no chão. — Chega! Não vou aguentar isso!

Ela virou-se e atravessou correndo a porta do salão logo após Cody ter saído

em disparada. Enquanto tentava segurar-se na mesa, Brenda viu, pela janela, a curvilínea dona do salão marchar em direção à Rods-n-Ends, a loja que Pete abrira recentemente pegado ao salão. Em seguida, a exemplo de todas as outras clientes do salão, Brenda saiu correndo.

A única diferença era que Brenda estava procurando Cody. E ele desaparecera.

Havia carros vazios estacionados em frente aos vários estabelecimentos do centro comercial, enquanto outros veículos iam e vinham pela Rodovia 5, que cortava Tranquility, uma cidadezinha que consistia em uma fileira de lojas, um banco, uma mercearia, um bar e dois restaurantes. O estacionamento era rodeado por árvores, cujas folhas começavam a cair.

Brenda achou que Cody estaria procurando abrigo.

— Venha ver o que você fez! — Patsy Pringle estava dizendo, enquanto forçava o homem barbudo e corpulento a sair da loja, puxando-o por um de seus braços musculosos. — Veja só o que você fez com minha sala de chá, homem. E já que está aqui, aproveite para dar uma explicação às minhas clientes.

— Eu liguei uma motosserra, só isso — ele disse. — Queria saber se estava funcionando.

— Você quase derrubou minha parede com essa coisa maluca — Patsy vociferou, acenando para o grupo de mulheres na calçada, com toucas de plástico, rolinhos e prendedores de alumínio. — É melhor vocês entrarem. Este Einstein é Pete Roberts, nosso novo vizinho.

O homem fez Brenda lembrar-se de um cão São Bernardo sendo arrastado na calçada pela coleira. Ele sorriu timidamente enquanto Patsy o puxava para dentro do salão.

Brenda correu em direção às árvores. — Cody! — ela gritou. — Cody, está tudo bem. Pode vir. Aquele barulho era da motosserra da loja ao lado.

Ela não viu nenhum movimento, a não ser de um esquilo cinza, que saltou de um toco para um galho mais baixo e subiu correndo pelo tronco.

— Cody — Brenda gritou novamente. — Sou eu, Brenda. — Pode voltar. Não há nenhum perigo!

Ela permaneceu no lugar por alguns instantes, com a mesma sensação horrível que teve naquele dia de outono quando Justin e Jessica partiram para a faculdade. O vazio sugou-a como um aspirador de pó. Ela tentou respirar, mas estava sufocada.

— Cody! — Desta vez ela o chamou com voz mais baixa. Sabia que era

inútil. — Volte, Cody. Por favor, volte.

Steve Hansen tinha um plano. Um plano infalível. Havia fechado uma venda grande naquela manhã e encerrado o expediente mais cedo. Em razão disso, chegaria em casa na hora do jantar — uma situação que desejava evitar a todo custo. Cumprimentaria Brenda de longe, e se ela não fosse ao seu encontro, trocaria rapidamente a roupa de trabalho por calça *jeans* e camiseta, pegaria a vara de pescar e rumaria para a beira do lago.

Depois do trabalho, ele havia parado na Rods-n-Ends e comprado uma dúzia de iscas vivas. Da mesma forma que a maioria dos proprietários de lojas de iscas à beira do lago, Pete sempre retirava quase duas dúzias do tanque — quantidade suficiente para manter Steve entretido até bem depois de escurecer. Steve também comprou um cachorro-quente com salsicha grelhada e uma lata de refrigerante, para alimentar-se durante a pescaria.

Se tudo corresse bem, quando ele chegasse em casa para dormir não teria de trocar nenhum olhar com Brenda. Seria bom. O projeto dela de dar abrigo a um sem-teto teve um fim abrupto dias atrás. Todas as vezes que ele lhe perguntava o que dera errado, Brenda o fitava com os olhos semicerrados, como se o marido fosse capaz de ler seus pensamentos. Nos últimos dias, ela mal lhe dirigia a palavra, e esquivava-se quando ele a tocava. Quanto a fazer qualquer outra coisa na cama que não fosse dormir, Brenda deixara perfeitamente claro que não estava interessada.

Enquanto desligava o motor do carro e aguardava a porta basculante da garagem fechar, Steve fechou os olhos, apoiou a testa no volante e tentou orar. Ele sempre amou Brenda desde o primeiro minuto em que pousou os olhos nela. Começaram a namorar nos tempos de colégio, e até os últimos meses ela era uma mulher bem-arrumada, bonita, animada, divertida e tão doce quanto uma fatia de torta quente de nozes.

O que havia de errado com Brenda ultimamente? Por que ela não conversava com ele, não o tocava?

Frustrado por entender que sua oração não surtira efeito, Steve abriu a porta do carro. O prestador de serviços avulsos que Brenda contratara deveria começar a reforma do porão naquele dia, e Steve esperava de todo o coração que o projeto melhorasse o humor da esposa.

Assim que abriu a porta da garagem para a cozinha, ele ouviu um som que desaparecera de sua casa havia meses. Brenda estava rindo.

— Está bem, está bem — ela dizia, toda feliz. — Se é assim que você acha... Talvez seja um pouco de exagero, mas por que não?

— Você merece, por isso vá em frente — alguém respondeu com voz forte.

Steve saiu da cozinha e viu sua esposa em pé no vestíbulo em companhia de um homem alto, esbelto, com um boné manchado de suor, camisa com respingos de tinta e uma calça *jeans* mais suja ainda. O olhar do homem desviou-se para Steve, com expressão um pouco mais séria. — Olá. Sou Nick LeClair, pedreiro. — Ele estendeu a mão. — Você deve ser o famoso Steve Hansen.

Steve cumprimentou-o com um aperto de mão. — Você e Brenda elaboraram um projeto para o porão?

— Vai ser uma sala de artesanato! — Brenda exclamou, com os olhos verdes brilhando. — Foi ideia de Nick. Expliquei que o porão foi usado como sala de brinquedos quando as crianças eram pequenas, que depois se transformou em local de reunião de adolescentes e que agora eu não sabia como poderia usá-lo. Todos aqueles troféus estão lá, os desenhos dos tempos de colégio e a TV de tela grande. Os quebra-cabeças e os jogos de peças de montagem... você se lembra? Nick e eu examinamos as marcas das patas de Ozzie quando ele saltou na bandeja de tinta. Nick me perguntou por que eu estava usando tinta cor-de-rosa, e eu lhe mostrei minhas cadeiras!

— Que cadeiras? — Steve perguntou. Ele não tinha a menor ideia do que Brenda estava falando. Marcas de patas, cadeiras, tinta cor-de-rosa. E a sala de artesanato então? Por que os Hansens precisavam de uma?

— As cadeiras da sala de jantar. — O brilho cor de esmeralda dos olhos de Brenda desapareceu dando lugar a uma tonalidade verde-oliva sombria e arisca. — Aquelas que eu pintei.

— Ah. — O olhar de Steve atravessou o vestíbulo e pousou na sala de jantar. Claro! Cadeiras cor-de-rosa pintadas em forma de xadrez. De onde tinham vindo?

— Nick achou que ficaram maravilhosas — Brenda disse. — Mostrei a ele as capas que costurei para o sofá e as poltronas. Ele conhece uma senhora que contratou uma pessoa para fazer um conjunto de capas e disse que não pareciam ter sido feitas por um profissional. Nossa casa é decorada em estilo moderno, você sabe, mas estou querendo mudar um pouco. Conteí minhas ideias a Nick, e

ele disse que, com um pouco de tinta e algumas modificações, poderemos abrir uma empresa doméstica com facilidade.

Steve olhou atordoado para a esposa. Ele não tinha a menor ideia do que ela estava falando, mas pelo menos o brilho lhe voltara aos olhos.

— Empresa doméstica — ele repetiu, assentindo com a cabeça como se tivesse entendido. Tratava-se de um truque que ele aprendera anos atrás. Quando não se interessava pelo que a esposa dizia, quando não se lembrava do assunto ou não o entendia, ele simplesmente repetia a última palavra dita por ela. Funcionava como um passe de mágica. Ela sempre imaginava que ele estava prestando atenção.

Desta vez Brenda revirou os olhos. — Nick conhece vários proprietários de lojas interessados em pintura de móveis. Ele acha que devo continuar aperfeiçoando minha arte.

— Aperfeiçoando sua arte? — Steve disse com um trejeito. Desde quando pintar cadeiras e fazer capas para sofás se transformara em arte?

— Podemos cobrir o chão com piso de vinil neutro — Nick interveio. — Depois dividimos o local em áreas de trabalho para Brenda. Podemos usar tonalidades diferentes de tinta e algumas divisórias para separar cada área. Não vai exigir muito dinheiro nem muito tempo. Na área de costura vamos colocar uma mesa grande para ela ter mais facilidade de trabalhar com os tecidos. Podemos ainda criar um espaço para pintura onde ela poderá pintar sem se preocupar com pingos no chão. Pensei em instalar uma espécie de bandeja de metal, grande e rasa, onde ela colocará os móveis, para não sujar o chão de tinta. Ela me falou também sobre o jardim, por isso pensei em reservar uma área para vasos perto da porta de vidro corrediça. Isso deve ser o suficiente para ela.

Steve piscou, tentando digerir o significado de expressões como área para vasos, área para costura, área para pintura. O dia inteiro ele havia pensado em fechamento de negócios e taxas de hipoteca. Expressões como *a casa de férias de seus sonhos e pescar, nadar e relaxar e uma vista linda para o lago* continuavam a martelar sua mente. Ele fotografara três casas, uma das quais estava prestes a desabar, e passara horas tentando tirar fotos de ângulos mais favoráveis.

E o que significava área para vasos?

Steve coçou as têmporas. Pela primeira vez desde que entrara em casa, ele notou que Brenda usava uma linda camisa lilás e calça comprida preta. Aparentemente havia modificado o cabelo. As pontas estavam diferentes.

Decidindo que a melhor coisa a fazer naquela altura seria levar seu plano de ação adiante, Steve conseguiu sorrir para a esposa. — Isso parece interessante — ele disse. — Acho que este trabalho é apropriado para você, Nick. Faça um orçamento para nós. Vamos dar uma olhada e conversaremos depois. — Virando-se para a esposa, ele continuou a falar. — Acho que vou até o lago pescar um pouco, Brenda. Faz tempo que não chego cedo em casa, e Charlie Moore me disse que há muitos peixes mordendo a isca nestes últimos dias.

— Prazer em conhecê-lo, Steve — Nick disse. — Seu conceito subiu muito aqui no lago. Eu não ficaria surpreso se você ganhasse o prêmio de Corretor Imobiliário do Ano num jantar neste Natal. Parabéns.

Steve assentiu com a cabeça para agradecer o elogio; em seguida dirigiu-se rapidamente ao quarto, ouvindo o entusiasmo voltar à voz de Brenda quando ela começou a conversar de novo com Nick. Bem, se ela ficasse feliz com seus vasos, costuras e pinturas, tudo bem. Talvez um dia voltasse a ter o comportamento de antes.

Aliás, depois de relembrar a situação, Steve notou que hoje sua esposa parecia a Brenda de antigamente. Talvez melhor. Ele decidiu modificar seu plano de permanecer pescando por muito tempo. Voltaria logo para casa. Se Brenda estivesse feliz com a reforma do porão, talvez não o empurrasse na cama esta noite. Na verdade, quanto mais pensava nisso, mais Steve tinha certeza de que a situação reverteria.

Brenda sentou-se de pernas cruzadas no chão do porão e olhou ao redor enquanto o gato se aninhava em seu colo. Ela estava bem. A reforma daquele cômodo — expulsando as recordações e renovando tudo — poderia ser o início dos sonhos que, segundo ela, voltariam a encher o seu ninho. Desânimo e perturbação haviam transformado sua vida num outono, mas, com a chegada da primavera, talvez a reforma no porão fosse a resposta às suas orações. Durante semanas, talvez meses, ela pedira a Deus que lhe desse uma nova direção na vida.

Brenda sentia muitas saudades dos filhos. Seu grande prazer sempre foi orientá-los desde a infância até a fase adulta. Balé, animação de torcidas, futebol, peças de teatro na escola, grupo de jovens na igreja — Brenda participou de tudo o que interessava aos filhos. Organizou desfiles de ex-alunos pelas ruas da cidade, costurou fantasias, enxugou lágrimas, curou machucados, assou mais de cinquenta bolos de aniversário e aturou colegas dos filhos que vinham passar a

noite em sua casa. Quando não estava transportando os filhos de um lugar a outro, ela permanecia ocupada nos bastidores ou transmitindo ânimo na lateral do campo. Depois que os filhos foram embora no outono passado — principalmente quando o último partiu para a faculdade —, ela quase não conseguia descer até aquele porão silencioso e cheio de ecos.

No entanto, por mais que sentisse saudade dos filhos, por mais que sofresse dentro daquela casa silenciosa e vazia, Brenda sabia que voltaria a viver se ao menos pudesse contar com Steve a seu lado naquele período de transição. Por certo ele também sentia saudades dos filhos. Mas justo quando Brenda mais precisava dele, justo quando ela imaginava que poderiam redescobrir quem eram como marido e mulher, Steve também a abandonou.

Desde que comprou o novo escritório e contratou funcionários, o marido de Brenda se transformara num zumbi ambulante. Saía de casa todas as manhãs pouco depois das sete horas, com semblante inexpressivo. Quase sempre voltava tarde da noite, pálido, com a fisionomia carregada, tenso o tempo todo. Raramente ligava para casa e, quando ligava, era para perguntar a Brenda se ela tinha notícias dos filhos ou para dizer que chegaria tarde novamente. Se não soubesse que o marido estava totalmente concentrado no trabalho, ela poderia pensar que ele tinha um caso amoroso com outra mulher.

De repente Cody apareceu em sua casa como num passe de mágica, e de uma forma ou outra, começou a encher o vazio do coração dela. Desde a fuga de Cody, ela se preocupou com ele o tempo todo, mas ninguém em Deepwater Cove o vira novamente. Com os filhos ausentes e Cody desaparecido, o que restava a Brenda? Quem ela era?

E hoje Nick LeClair aparecera. Brenda gostou imediatamente daquele sorriso animado e olhos azuis cheios de entusiasmo. Uma coisa era construir casas projetadas na planta por um arquiteto. Ou vender casas que alguém havia construído, como Steve fazia. Mas Nick era um homem de visão. Ele podia ver o sofá em estado precário, o tapete cheio de marcas de pipocas esmagadas, o aparelho de TV, as estantes com troféus esportivos, os quadros de aviso cobertos com fitas azuis e fotografias de bailes de formatura. E o que ele viu foi Brenda.

Por que Steve não era assim? Estavam casados havia tantos anos, mas ele a tratava como se ela não existisse. Até naquela noite, quando voltou mais cedo para casa, ele só pensou em correr até o lago para pescar. Brenda havia cogitado em acompanhá-lo ao ancoradouro e sentar-se ao lado dele, para conversarem um pouco, mas desistiu. Por que passar tempo com o marido se ele não se importava

em ficar nem sequer cinco minutos com ela? Steve a tratava como um pano de prato velho, gasto e sujo, sem serventia para nada. Nunca perguntava como foi o seu dia nem se preocupava em saber quais eram os sentimentos dela. Suas esperanças de sair com ele para jantar fora, ir ao cinema e passear de barco não surtiram nenhum efeito. Aliás, ela não se lembrava da última vez que passaram alguns momentos especiais juntos.

— Brenda?

A voz dele vinha da escada do porão. Ela olhou de relance para a porta de vidro corrediça, lembrando-se da noite em que Cody aparecera ali e pensando em como fugira gritando para o meio do mato. O som dos passos de Steve deu-lhe o desejo de fazer a mesma coisa. Fugir. Apenas fugir.

Ele carregava uma fieira de pequenos peixes numa das mãos quando apareceu no topo da escada. Segurando firme os peixes, ele lhe deu um sorriso cordial. — Seis! Dos grandes. Charlie estava certo. A pescaria foi ótima.

— Não sei quando vamos comer todos esses peixes — ela disse, arrependendo-se imediatamente de seu tom de voz áspero. Mas as palavras não voltam. — Talvez você espere que eu os frite num fim de semana quando Justin e Jessica estiverem aqui.

O sorriso dele desapareceu. — Nós podemos comê-los. Você e eu.

— Quando? Você nunca está em casa. — Ela levantou-se e bateu a poeira da calça preta. — Talvez fosse melhor dá-los a Charlie Moore. Ele e Esther comem muito peixe. Tenho certeza de que vão gostar.

Steve olhou para a fieira de peixes. Brenda sabia que ele voltara para casa sentindo-se igual a um caçador vindo do mato, a um guerreiro vindo do campo de batalha. Ele costumava limpar os peixes antes de voltar para casa, mas naquela noite quis exibir sua pesca. Seu troféu. Ela deveria dizer *oh!* e *ah!* diante da fieira de peixes como se ele tivesse livrado sua família de morrer de fome.

— Vou voltar mais cedo para casa, amanhã.

— Não, não vai. Já tem um jantar programado, lembra-se? Ashley Hanes me contou que você reservou uma mesa no clube de campo para seis noites na semana, e que cancela a reserva apenas uma ou duas vezes por mês.

— Ashley? A ruiva?

— Sim, a esposa de Brad Hanes. Amiga de Jessica. Eles moram do outro lado da enseada na Shadyside Lane, caso você tenha esquecido. Você vendeu a casa para eles, assim que se casaram.

— Eu sei quem são. Já vi Ashley no clube de campo. Ela trabalha como garçonete à noite. Cabelos vermelhos.

— Sim, cabelos vermelhos! É claro que ultimamente você passa mais tempo olhando para ela do que em minha companhia. — Por um motivo ignorado, Brenda ficou furiosa pelo fato de o marido ter notado a cor dos cabelos da garçonete.

Steve deu um passo em direção a ela. — Por que está dizendo isso, Brenda? Você sabe que eu a amo.

— Como posso saber? Porque você traz dinheiro para casa? Porque vai à igreja comigo aos domingos?

— A igreja faz pouca diferença no nosso casamento hoje em dia. Você senta-se na escola dominical e fica praticamente de boca fechada o tempo todo. Não tem ideias ou opiniões a oferecer?

— Claro que tenho. Você sabe que a religião é importante para mim. Sempre fui leal a Deus, e tenho tentado seguir os ensinamentos da Bíblia. Mas de que adianta comentar algo que já ouvi milhares de vezes? Eles repetem a mesma coisa na igreja o tempo todo. Sou capaz de repetir de cor. Está tudo dentro do meu coração.

— Até parece que você *tem* coração — ele retrucou. — Você é fria como gelo em relação a mim, Brenda. Por que me está tratando desta maneira? Como pode pensar que não a amo? Sou seu marido. Tivemos três filhos juntos.

— Filhos! Ter filhos juntos significa mostrar que você me ama? Tive os seus bebês há muito tempo, Steve. Se acha que posso contar com isso... se eles não estão por perto... se não telefonam... — ela lutava para não chorar.

Steve aproximou-se dela. — Querida, o que há de errado? Está com saudades das crianças?

— Não toque em mim! — ela gritou, afastando-se. — Você não tem ideia de quem eu sou nem do que necessito. Não sabe nada a meu respeito, por isso não venha dizer que me ama!

— Mas eu a amo, meu bem! — Steve cruzou os braços e olhou firme para ela. — Talvez você não me ame mais. Já pensou nisto? Você não se aproxima de mim, nem com uma vara de três metros. Não me deixa beijá-la. E quanto à cama então, nem se diga!

— Cama! Faz tempo que eu sirvo às suas necessidades, Steve. Não estou aqui para atender aos seus caprichos. — Ela deu um passo em direção à escada. —

Você é egoísta, é isso que você é. O mundo inteiro gira em torno de você, e você não precisa de mim, a não ser para estar naquela cama lá em cima.

— Eu preciso de você, sim! — ele gritou, caminhando em direção a ela. — Acho que se eu pudesse abraçá-la, poderíamos nos livrar de toda essa frustração dentro de você.

— Dentro de *mim*? Não me importo se você nunca mais tocar em mim. Isso não vai resolver o problema.

— E qual é o problema, pelo amor de Deus?

— O problema é você! Você e essa sua ideia fixa de vender casas. Só quer ganhar mais dinheiro, contratar mais secretárias e funcionários, comprar um escritório maior e ser o maior e o mais espetacular corretor de imóveis de Lake of the Ozarks. O que está tentando provar?

Quando ela colocou o pé no primeiro degrau, Steve segurou-a pelo braço. — O problema é você! — ele gritou. — Você anda se arrastando pela casa vestida de roupão. Não me dá a mínima. Faz o possível para me transformar num pobre coitado. E não faço outra coisa, a não ser cuidar de você e das crianças muito melhor do que qualquer outro marido que conheço! Só procuro fazer o bem!

— Solte o meu braço — ela disse zangada.

— É melhor você botar tudo pra fora, Brenda! — ele gritou.

— Botar pra fora o quê? Você não tem tempo nem para saber o que se passa comigo. Só quer saber dessa sua corretora, de voltar para casa depois que escurece e dormir comigo, e sair por esta porta na manhã seguinte para correr atrás de mais dinheiro. E se pensa que vou conversar com alguém que grita comigo...

— Está bem, querida. Desculpe-me — ele disse, tentando puxá-la para perto de si. — Agi de maneira completamente errada. Não deveria ter gritado. É que detesto ver o que está acontecendo entre nós. Sinto muito se ando concentrado no trabalho. Achei que você se orgulharia de mim.

— E me orgulho. — Brenda continuou a segurar no corrimão quando ele se aproximou dela. — Estou encantada por você estar indo bem nos negócios. Mas e quanto a mim? E quanto a nós?

— Bem, estou em casa esta noite. Vamos apagar as luzes, ir para a cama e ver o que acontece.

— Solte-me. Preciso examinar as amostras de tinta que Nick trouxe hoje.

— Tinta? Essa não! — Ele a puxou com força para perto de si. — Somos

casados, lembra-se? O mínimo que podemos fazer é dormir juntos.

— Durma com eles! — ela gritou, pegando a fieira de peixes e girando-a no ar. Os peixes bateram com toda a força no braço de Steve. Ele soltou Brenda e deu um passo em falso para trás.

Irrompendo em lágrimas, ela jogou os peixes no chão e subiu a escada correndo.

— **Homens!** — disse **Patsy Pringle** enquanto aplicava o modelador quente numa mecha de cabelos brancos de Esther Moore.

— Não podemos viver com eles, não podemos viver sem eles — Esther completou. — Lembro-me das vezes em que pensei que seria feliz se nunca mais voltasse a ver Charlie. Hoje não posso imaginar o que faria sem ele. Não estou dizendo que ele tenha mudado seu modo de ser nem que eu tenha abandonado meus sonhos. Simplesmente nos sentimos bem um com o outro. Satisfeitos, entende?

— Eu só ficaria satisfeita se Pete Roberts vendesse todas aquelas iscas vivas e todas as varas de pescar desta loja aqui ao lado e fosse embora para sempre de Tranquility — Patsy disse. — Um dia desses ele ligou aquela máquina de arrancar ervas daninhas, e eu quase deixei Steve com cabelo em estilo *punk*.

Esther deu uma risadinha. — Acho que ele usa aqueles motores barulhentos só para perturbar você.

— O que você quer dizer com isso?

— Charlie veio um dia desses à Rods-n-Ends para comprar algumas iscas vivas, e levantou o assunto do incidente da motoserra com Pete. Charlie contou a ele que suas xícaras de chá antigas caíram da prateleira, que os gêmeos de Kim começaram a gritar, e que o vagabundo que Brenda acolheu em casa saiu correndo do salão, gritando como se tivesse visto um fantasma. Pete limitou-se a rir. Disse que adora ver você entrar furiosa na loja e dar-lhe um corretivo.

Patsy colocou o modelador quente na base e olhou para a parede divisória entre seu salão e a Rods-n-Ends. — Pete acha engraçado deixar meus clientes apavorados?

— De acordo com Charlie, o problema é com *você*. Pete gosta de irritá-la, porque você corre até lá e provoca todo aquele alvoroço. Ele diz que nunca sabe se você vai aparecer na loja de cabelos ruivos ou loiros. Pete acha que você fica uma gracinha quando está nervosa.

— Uma gracinha? — Patsy voltou a pegar o modelador e começou a enrolar as mechas de cabelo de Esther no cilindro quente. Enquanto desprendia fumaça dos cachos brancos, ela fungou de raiva. — Não sou uma gracinha quando estou furiosa. Minhas bochechas ficam vermelhas, o nariz começa a pingar e as sobrancelhas adquirem vida própria. Não entendo por que aquele homem quer me irritar se eu sempre o tratei com simpatia desde que ele se mudou para cá. Ofereci uma xícara de café e dois bolinhos no dia em que ele inaugurou a loja. Cheguei até a escrever um pequeno cartão que dizia: “Seja bem-vindo ao centro comercial de Tranquility. Espero que seja abençoado com muitos compradores de gasolina e iscas. Amor em Cristo, Patsy Pringle”. Como eu poderia ser mais simpática?

— Ai! — Esther gritou quando o modelador encostou em seu couro cabeludo.

— Desculpe-me, querida. — Patsy desenrolou a mecha de cabelo do modelador e começou a abanar a cabeça de Esther. — Fico furiosa só em pensar que Pete instalou a área de consertos de máquinas bem ao lado de minha sala de chá. Depois que ele ligou aquela máquina para arrancar ervas daninhas e me deu um susto danado, tive de trabalhar quase meia hora a mais para reparar o estrago no cabelo de Steve. Achei que nunca conseguiria deixar os dois lados iguais. Não posso aturar essa barulheira enquanto minhas clientes tomam chá. Cheguei aqui primeiro, e se aquele homem prejudicar o meu negócio, não sei o que vou fazer.

— Relaxe, Patsy. Ninguém vai abandoná-la. Sua clientela é tão leal que todos nós nos mudaríamos para Timbuktu se você decidisse ir para lá. Pete Roberts não está querendo nos assustar. — Ela ajeitou os cabelos com as mãos enquanto olhava Patsy pelo espelho. — Se você quer saber o que eu acho... bem...

— O que você acha? — Patsy quis saber.

— Acho que ele tem uma queda por você. Está tentando irritá-la como fazem os garotos, Patsy. Tentando chamar sua atenção para que note a presença dele.

— Pete Roberts não é nenhum garoto! Tem no mínimo quarenta anos. Ouvi dizer que se casou duas vezes e foi alcoólatra durante tanto tempo que ficou com o fígado curtido. Ora, o que estou fazendo? Não quero falar da vida de ninguém, mas não sou uma adolescente tola paquerando um rapaz. Sou uma mulher de negócios, e trabalho muito para... para...

Esther pousou a mão no braço de Patsy. — O seu nariz pinga quando você fica furiosa, não é mesmo?

Patsy fungava quando começou a revirar uma gaveta. — Onde está o meu

pente tipo jacaré? O pessoal está sempre tirando coisas do meu local de trabalho. Perdi um pente jacaré e dois comuns, além de muitos grampos para bobes. Tive de arrumar uma noiva no sábado de manhã e não consegui encontrar um único grampo para bobes. Você já tentou arrumar o cabelo de alguém sem grampos para bobes? Aquela noiva queria um cabelo com pelo menos trinta centímetros de altura, e eu tive de passar uma hora tentando acertar o cabelo do jeito que ela queria. Cachos, tranças e margaridas. Vou lhe contar. Quase tive um acesso de raiva. Precisei ir ao quarto dos fundos para remexer todas as caixas até encontrar um pacote de grampos. Foi um pesadelo.

— Talvez você goste um pouco dele também — Esther disse. — Pete é muito bonito. O estoque da loja dele é bem organizado e não se vê nenhuma poeira nas prateleiras. Charlie disse que Pete tem o tanque de iscas vivas mais limpo da região, e você sabe que meu marido conhece todos. Se alguém quiser pescar alguns pequenos peixes, vai encontrar iscas vivas e saudáveis na loja de Pete.

Patsy fechou a boca e começou a arrumar os cabelos de Esther com os dedos. Enquanto ajustava os cachos, ela fez o possível para não pensar no vizinho Pete Roberts. Ela bem que tentou ser gentil, mas não encontrava desculpas para o comportamento dele.

Esther Moore estava completamente enganada a respeito de Pete. Talvez ele fosse simpático com os próprios clientes e mantivesse a loja em ordem. Talvez tivesse precisado usar aquela máquina para arrancar as ervas daninhas do canteiro de dentes-de-leão em florescência que ladeavam o caminho em frente ao salão de beleza dela. E talvez Patsy tivesse percebido os olhares que ele lhe lançou do banco da Capela do Cordeiro nos três últimos domingos. Mas isso não significava que ele tinha “uma queda” por ela. E ela não gostava dele. Nem um pouco.

— Oh, ficou muito bonito — disse Esther enquanto Patsy borrifava *spray* em seus cabelos. — Você sempre trabalha muito bem. Não é de admirar que todos em Deepwater Cove e a maioria do lado oeste do lago frequentem o Assim Como Estou. Você tem o poder de transformar todos nós! Aliás, acho que Brenda Hansen está com uma aparência bem melhor que nos últimos meses. Quando aquele sem-teto, de quem ela cuidava, fugiu, eu imaginei que tudo fosse por água abaixo. Mas ela deu a volta por cima. Talvez por causa do novo corte de cabelo que você fez nela.

Patsy encolheu os ombros. Já tinha preocupações suficientes com Pete Roberts, porque ele estava sempre ameaçando ligar uma máquina barulhenta. Isso a fez lembrar-se do infeliz e simplório Cody e do susto que ele levou quando saiu correndo do salão naquele dia. Patsy gostaria de saber por que Brenda voltou a ter aquela aparência tão animada. O marido dela não pareceu muito entusiasmado quando esteve no salão para cortar o cabelo como fazia todos os meses — ele contou que o porão estava todo revirado e que um tal faz-tudo havia se instalado na casa dos Hansens. Ao ver a expressão sombria de Steve, Patsy lembrou-se de seus esforços para reparar o estrago feito no cabelo dele. E seus pensamentos voltaram-se para Pete Roberts e sua máquina infernal de arrancar ervas daninhas. Aquele homem não lhe saía da mente nos últimos dias.

Brenda cortou uma tira de fita adesiva para mascaramento de pintura e começou a passá-la ao redor da estrutura da escada do porão. Ela levou quase dois dias inteiros para passar a fita adesiva ao redor das janelas, portas, pisos e tetos, mas não se importou. Nick LeClair mantinha o rádio ligado numa emissora do interior, e Brenda descobrira, para sua surpresa, que gostava do som metálico da música do Sul — principalmente das baladas. Ela havia sido criada em St. Louis ouvindo *rock* e música *pop*, mas algumas canções sertanejas quase a levavam às lágrimas. Brenda disse a si mesma que esse sentimento era produto da alteração dos hormônios.

Ultimamente, tudo parecia um pouco fora de prumo. Aos 45 anos de idade, ela era muito jovem para entrar na menopausa, mas talvez fosse o caso. As emoções subiam e desciam como uma montanha-russa ininterrupta. Sentindo-se quase tão confusa como nos tempos da adolescência, Brenda atingia picos de felicidade em questão de minutos e, em seguida, mergulhava em lágrimas.

A culpa era de Steve.

Depois do fracasso da noite anterior em que Steve trouxe uma feira de peixes para casa, eles não se tocaram e quase não conversaram.

— Você me livrou de uma boa! — Nick exclamou ao passar pela porta corrediça do porão naquela manhã. — Eu providenciei a tinta, e você passou a fita ao redor de tudo!

— Estava imaginando por onde você andava — Brenda disse. Ela levantou-se do chão e o fitou.

Nick trajava a camisa de trabalho de sempre, calça *jeans*, botas e boné de beisebol. Não era bonito como Steve. Tinha sotaque caipira e, às vezes, cometia erros de gramática, mas Brenda gostava da companhia jovial do rapaz. Na verdade, todas as noites antes de dormir ela relembrava a conversa que tiveram, e quando despertava de manhã, aguardava ouvir o som da picape dele rodando sobre as pedras do caminho de acesso à garagem.

— Pedi à loja de ferragens que sacudisse a tinta — ele estava dizendo enquanto atravessava o porão — e de repente me dei conta de que a gente não poderia começar com o verde-claro na área de costura antes de passar a fita adesiva. Mas veja só, garota, você está sempre um passo adiante de mim.

Brenda riu. Gostava quando Nick a chamava de “garota”, como se ela fosse uma criança. Brenda e Nick descobriram que a diferença de idade entre eles era de apenas um ano, mas aquela era a única semelhança entre os dois. Brenda cresceu na mesma casa, no mesmo bairro, com os mesmos pais e irmãos. Aparentemente, Nick não passava de um amontoado de peças e fragmentos de todos os tipos, como aqueles cata-ventos que os jardineiros do Missouri construía para afugentar os corvos.

Foi criado com os pais, com padrastos e madrastas, irmãos, irmãs, meios-irmãos, meias-irmãs, primos, amigos da família e pessoas estranhas, todos morando sob o mesmo teto. Mas aquele teto foi se modificando no decorrer dos anos, quando as mudanças na estrutura familiar o forçaram a morar em vários lugares: casas alugadas, *trailers* e habitações de um cômodo. Ele chegou a morar no próprio carro por quase um ano.

Nick parecia ter perdido, ao longo do caminho, algumas peças e fragmentos com os quais foi montado. Enquanto serrava alguns pedaços de madeira, ele perdera parte do dedo indicador. Uma irmã pequena morreu afogada e, em seguida, seus pais se divorciaram. Na época em que Nick participava de rodeios, sua primeira mulher o abandonou. — Não foi apenas o meu coração que se partiu — ele contara a Brenda, com os olhos azuis marejados de lágrimas enquanto falava. Durante aquele breve período, ele quebrou a perna três vezes e esmigalhou o cotovelo. Posteriormente, sua segunda esposa perdeu o primeiro filho num aborto espontâneo. E ele perdeu parte da orelha, extirpada com raio *laser* durante sua luta contra um câncer de pele.

Ele morava com a segunda esposa num *trailer* perto de Camdenton, tinha filhos adultos e adorava os dois netos. Apesar de não frequentar igreja, ele acreditava em Deus. A família e a religião não eram as únicas coisas que enriqueciam sua vida. Apesar de mal ter concluído o curso ginásial, Nick contou a Brenda, com muito orgulho, que nunca pensou em cursar faculdade.

— Não houve necessidade — ele lhe assegurou — porque sempre fui um homem de visão.

Nick insistia em dizer que, ao olhar para um alicerce de concreto, ele era capaz de ver a casa toda, com encanamentos e fiação. Sabia reformar um cômodo sem necessidade de planta. E, contou a Brenda, que conseguia enxergar o interior das pessoas.

— Você é uma verdadeira artista — ele disse, com seu sotaque caipira,

enquanto atravessava a porta do porão carregando latas de tinta e colocando-as sobre o piso de concreto. — Não estou brincando. Quando o cara da loja de ferragens viu as cores que você escolheu para o porão, ele ficou todo entusiasmado. Contou que todos aqueles tons de verde foram usados num vídeo que a indústria de tintas envia para treinar os vendedores. Nenhum de nós sabia a diferença entre um tom e outro quando olhamos as amostras, mas assim que misturamos tudo e abrimos as tampas, vimos que a cor ficou perfeita. Eu disse a ele: “Aquela senhora para quem estou trabalhando é uma artista, pura e simples”. E ele disse: “Vou lhe contar uma coisa, Nick; você está certíssimo”. Além de escolher as cores certas, dona Brenda, você foi mais esperta que eu na questão das fitas adesivas.

Nick endireitou o corpo e sorriu para ela, com os olhos azuis brilhando sob o raio de sol que atravessava as janelas do porão. Era verdade que ele havia quebrado alguns ossos e tinha os braços cobertos de tatuagens, mas não havia uma mancha sequer em seus dentes brancos e perfeitos. Diferentemente da maioria dos trabalhadores da área de construção que Brenda conheceu ao longo dos anos, Nick não fumava. A mãe dele havia morrido de enfisema e aquilo marcou sua vida desde tenra idade. Ainda sorrindo, ele tirou a jaqueta e colocou as mãos nos bolsos da calça *jeans*.

— Bem, estou pronto para mudar sua vida, garota. — Ele abaixou-se e pegou o rolo de tinta. — E você?

Engolindo seco, ela caminhou na direção dele e pegou o outro rolo. — Vamos lá.

Steve tampou o tanque de combustível de seu carro e entrou apressado na Rods-n-Ends. Havia várias histórias circulando na região e ele queria discutir o assunto na privacidade da loja de Pete. Fazia dias que os rumores haviam se espalhado ao redor do lago como rastilho de pólvora. Ele ouviu boatos em Deepwater Cove, Tranquility e até em lugares mais distantes, como Camdenton e Osage Beach. Na opinião de Steve, só uma pessoa conhecia a história verdadeira: Pete Roberts.

Assim que a sineta da porta da frente tocou, o homem corpulento, sentado diante de uma mesa cheia de peças de motor, levantou a cabeça. — Vejam só quem chegou. Steve Hansen, o rei da corretagem — ele disse com voz forte. — Como vai, meu amigo? Conseguiu gastar toda a gasolina do seu carro? Eu juro

que se você lançar a moda de carros híbridos, vai me levar à falência em pouco tempo.

Steve forçou um sorriso. — Nem pensar. Além disso, você tem barcos, quadriciclos e *jet skis* para vender.

— Ei, já sabe da novidade? — Pete levantou-se e dirigiu-se à caixa registradora.

— Que novidade? — Steve perguntou. — Você está falando da... há...

— Estou falando da carreta NASCAR que parou aqui outro dia. Você precisava estar aqui, Steve. Não era um *trailer* comum. Era um monstro.

— Verdade? — Steve tentou demonstrar interesse. NASCAR era um esporte popular no lago, e, ao notar o entusiasmo de Pete, ele viu a profusão de calendários, fotografias coloridas e decalques de *stock cars* que forravam as paredes da loja. Pete havia dependurado fotografias autografadas de vários pilotos, todas com moldura, na parede perto de sua bancada de trabalho.

— Era uma carreta oficial da série Truck da NASCAR — Pete prosseguiu, radiante como se o próprio Dale Earnhardt tivesse descido do céu para visitar a Rods-n-Ends. — O motorista me deixou ver a carreta por dentro, e foi sensacional. Na frente, o pessoal tem um escritório particular com TV e sofá. Atrás, num nível acima, eu vi dois *trucks* imponentes, como se pertencessem à realeza. Lindos! Abaixo deles havia um depósito para peças e ferramentas, e o pessoal tinha até um cofre. Acho que o presidente dos Estados Unidos não é tão bem cuidado quanto um *stock car*. Eu daria o meu braço direito para abrir o capô de uma daquelas lindezas. Você já viu um motor NASCAR? Os *trucks* têm motor V8 de 5,7 litros, de ferro fundido, com cabeçotes em alumínio. Cada um tem um máximo de cilindradas de 5.867 centímetros cúbicos. Você acredita?

— Espetacular — respondeu Steve, começando a pensar que a ideia de parar na Rods-n-Ends não havia sido nada proveitosa. Na tentativa de eliminar o enorme abismo entre ele e Brenda, Steve decidira voltar para casa a tempo de jantar com ela. Brenda queria discutir programas e planos para os próximos feriados da primavera. Os dois filhos mais novos, Jessica e Justin, retornariam da faculdade, e Brenda queria promover uma ocasião especial para eles.

Procurando aproximar-se do marido pela primeira vez em semanas, Brenda dissera a Steve que faria uma lasanha para o jantar daquela noite. Brenda sabia que Steve adorava sua lasanha, e Steve esperava que esse gesto pusesse fim à atitude hostil da esposa. Brenda disse que planejava servir a lasanha na sala de

jantar, e não na cozinha — outro sinal de que o antagonismo começava a descongelar. Antes de sair do escritório, Steve colocou um lembrete no painel do carro, para não esquecer de dar uma olhada na reforma do porão, fazer alguns comentários gentis sobre a pintura em xadrez das cadeiras e elogiar os apoios de pratos que ela havia costurado.

— O torque daqueles *trucks* é de 611 cavalos de força a 6.000 rpm — Pete dizia enquanto registrava o valor da gasolina do carro de Steve. — Significa que o motor pode produzir cavalos de força na faixa de 750 a 8.000 rpm. Vale a pena saber disso.

— Acho que sim — comentou Steve.

— Você e Brenda já viram uma corrida de *stock car*?

— Nunca.

— É o esporte mais apreciado no país. Aposto que você não sabia.

— Isso não me surpreende. — Steve assentiu com a cabeça e guardou o cartão de crédito na carteira. — Talvez um dia desses eu convença Brenda a assistir a uma corrida.

— Duvido que você vá ter dificuldade em convencê-la. Aquela mulher tem energia de sobra. Veio aqui várias vezes num só dia para afiar uma tesoura, encher o tanque do carro e pedir que eu a ajudasse a carregar cachorros-quentes e refrigerantes. Ela comprou quase todos os meus *coolers*, para guardar troféus, medalhas e faixas das crianças. Disse que ficariam muito mais protegidos nos *coolers* do que naquelas velhas caixas de plástico da loja de descontos. Aliás, Brenda estava aqui quando a carreta chegou. Disse que adoraria ir a uma corrida.

— A *minha* Brenda?

— Ela mesma. Não me lembro da última vez que vi uma mulher tão entusiasmada. Aquele seu porão em Deepwater Cove deve ser enorme.

Steve olhou atônito para Pete. Nunca, nem em um milhão de anos, ele teria descrito sua esposa fria e silenciosa como uma mulher com “energia de sobra”. Ultimamente, quando falava com o marido, era para dizer alguma coisa amarga e cheia de ressentimentos. A maioria das vezes, porém, Brenda permanecia trancada no pequeno iglu que construía a seu redor.

Sem saber o que dizer, Steve colocou as mãos nos bolsos da calça cáqui e dirigiu o olhar para as janelas da frente da loja. Não podia imaginar Brenda apresentando-se ao mundo como uma mulher jovial, feliz, interessada na vida das pessoas do lago — disposta a assistir a uma corrida de *stock car*, pelo amor de

Deus! — em contraste com o tratamento frio que lhe dispensava.

Brenda reservava todo o seu entusiasmo para o dono de uma loja de artigos de pescaria e para uma carreta de *stock cars*!

Uma raiva gelada começou a tomar conta de Steve quando ele pensou em tudo o que havia feito por ela. O que estava recebendo em troca? Nada.

É claro que havia um problema, mas o problema não era ele. Era Brenda. Se o jantar daquela noite não produzisse algumas mudanças no comportamento dela, Steve lhe recomendaria uma conversa com o pastor da igreja. O pastor Andrew poderia indicar um médico ou conselheiro para ajudá-la. Pelo que Steve sabia, o problema tinha relação com o início da menopausa ou com a crise da meia-idade. Seja qual fosse a causa, a atitude de Brenda era o efeito. E Steve já não aguentava mais.

— Aqui está o seu comprovante — Pete disse, entregando-lhe uma tira de papel enrolada. — Se você e sua esposa estiverem pensando em sair juntos, me informe. Estou pensando em convidar Patsy Pringle para assistir às corridas. Poderíamos ir juntos.

Steve demorou alguns segundos para assimilar as palavras de Pete. — Acho que Patsy não gosta dessas coisas. — Steve olhou para a parede divisória entre a seção de iscas e o salão de beleza ao lado. — Além do mais, Pete, estou um pouco surpreso por saber que você quer convidar Patsy para um passeio. Na última vez que vim cortar o cabelo, você ligou aquela máquina de arrancar ervas daninhas, e ela quase me deixou careca. Patsy não disse palavras gentis a seu respeito. Na minha opinião, ela acha que você a irrita de propósito.

Pete sacudiu a cabeça, rindo com ironia. — Mulheres! Não podemos viver com elas, não podemos viver sem elas.

— Isso cai como uma luva em minha Brenda. — Steve começou a andar em direção à porta, mas hesitou ao lembrar-se do motivo verdadeiro de sua ida à loja. Esperava esclarecer algumas informações e ter certeza de que Pete e Patsy concordariam com ele a respeito da situação.

— Pete — Steve disse, dando meia-volta — há um boato rondando o lago nestas duas últimas semanas.

— Boato? — O rosto de Pete, quase sempre vermelho, empalideceu de repente. — Sobre... sobre Brenda?

— Não, sobre o centro comercial. Ouvei dizer que alguém alugou o espaço vazio entre o salão de tatuagem e o quiropraxista.

— Ah, sim! — Pete suspirou de alívio. — É verdade, ouvi falar que um sujeito vai instalar uma locadora de filmes ali.

— Filmes para *adultos*. Vídeos indecentes, revistas pornográficas e outras coisas do gênero.

— Vídeos indecentes? — Pete arregalou os olhos. — Tem certeza?

— Foi o que ouvi dizer. O que você acha de um negócio como esse chegando a Tranquility?

— Vou responder na lata. Não gosto da ideia. Temos problemas suficientes com o bar um pouco mais adiante nesta rua. O pessoal começa a beber todos os dias por volta das três da tarde. Às vezes, eles vêm aqui para abastecer o carro, e eu faço de tudo para que tenham condição de voltar para casa. Não me entenda mal. Sei como é. Já fui assim e não quero julgar ninguém. Mas aquele bar não é bom para a região. Se começarmos a permitir esse tipo de coisa, logo vamos ter uma loja de *sex shopping...* e a moda vai pegar. Você entende o que eu quero dizer?

— Concordo plenamente, e tenho certeza de que Patsy também pensa da mesma forma que você.

— Pelo menos nós dois concordamos em *uma* coisa!

— Sei que o dr. Hedges não há de querer ter uma locadora de filmes para adultos perto de sua clínica de quiropraxia. Nem tenho certeza se o pessoal da tatuagem gostaria de ter pornografia por perto.

— Não conte com isso, Steve. — Pete acariciou a barba cerrada. — Acho que... acho que vou conversar com Patsy para saber a opinião dela. Mas você conhece as leis daqui melhor que qualquer um de nós. Podemos impedir que alguém se mude para o centro comercial?

— É uma propriedade particular — Steve respondeu. — Os proprietários podem alugar para quem eles quiserem.

— Mesmo que os outros não queiram?

— Se formarmos um grupo, teremos um pouco mais de força, tenho certeza. — Steve parou de falar por um instante. — Sabe, ouvi dizer que o centro comercial poderia ser vendido para o comprador ideal. Se uma pessoa decente comprá-lo, terá condições de impedir a entrada de negócios indesejáveis.

— Não sou esse comprador ideal — Pete disse. — Estou tentando agir da maneira mais correta possível, mas o meu ganho mal dá para pagar o aluguel. Sei que Patsy Pringle não gosta que eu conserte motores pequenos ao lado da sala de

chá, mas, às vezes, é isso que me sustenta de uma semana a outra. Espero que as vendas aumentem no verão, caso contrário não vou conseguir atravessar o ano.

— Você vai ter muito lucro com suas iscas e equipamentos para pesca assim que o tempo esquentar um pouco. E o povo virá em massa para cá, para abastecer o carro. Não duvido disso.

— Talvez *you* possa encontrar um comprador para o centro comercial — Pete sugeriu. — Seria uma ótima ideia... e você também ganharia uma bela comissão. Tem alguém em mente?

Steve encolheu os ombros e despediu-se com um aceno de mão. — Não sei ao certo. Acho que devemos procurar, não?

Enquanto se dirigia ao carro, Steve olhou por cima do ombro para a fileira de vitrinas brilhando ao pôr do sol. Se tudo corresse bem naquela noite... se a vida desse uma guinada para melhor... bem, talvez ele tivesse um comprador em mente.

Brenda tirou a lasanha do forno no momento em que o carro de Steve entrou na garagem. *Ótimo*. Pela primeira vez, ele cumpriu a promessa de chegar cedo em casa.

Ela esperou o dia inteiro que o marido ligasse para dar uma desculpa ou outra. Um cliente em potencial queria mostrar a ele uma casa de um milhão de dólares e assinar um contrato de venda com Steve. Ou Steve se esqueceu de uma reunião de última hora com o inspetor de cupins. Ou coisa parecida. Às dezoito horas, o telefone tocou, e o coração de Brenda entristeceu-se. Mas Steve estava ligando apenas para dizer que havia parado na loja de Pete a fim de abastecer o carro e chegaria logo.

O pensamento de ter Justin e Jessica em casa por uma semana inteira emocionou Brenda, e ela estava ansiosa por conversar com Steve sobre o assunto. O trabalho no porão foi útil para ela começar a sentir-se quase como antes — ansiosa por fazer planos para a família, entusiasmada com os projetos que elaborariam juntos, esperançosa de que os filhos passassem dias maravilhosos em casa e quisessem voltar mais amiúde.

Jessica costumava voltar para casa todos os fins de semana. Mas por causa do novo namorado, ela veio apenas uma vez desde os feriados de Natal. Justin raramente telefonava ou visitava os pais. Tinha novos amigos, uma nova vida e — conforme costumava dizer — uma nova casa em Springfield. E quanto a

Jennifer, ela estava trabalhando como missionária na África por um curto período. Com exceção de um ou outro *e-mail*, parecia uma estranha para os pais.

— Que cheiro bom! — Steve disse ao entrar na cozinha, vindo da garagem.
— Pensei nesta lasanha o dia inteiro.

Apesar de suas melhores intenções, Brenda teve o instinto de retrucar: “Estou surpresa por você não ter preferido jantar com um de seus clientes no clube de campo”.

No entanto, conseguiu morder a língua. Graças a Deus!

Brenda orou o dia inteiro para que ela e Steve tivessem uma noite civilizada, até mesmo agradável. Enquanto pintava as paredes do porão com Nick, tentou concentrar os pensamentos no marido e nos filhos. Era boa esposa, disse a si mesma. Mãe carinhosa. Cristã fiel. Vizinha gentil. Ela e Steve estavam casados havia muitos anos. Certamente conseguiriam superar aquele clima gelado e desagradável entre eles.

— Do jeito que você gosta — Brenda disse, forçando um tom animado na voz, enquanto pendurava os pegadores de panela no gancho. — Bastante ricota e muito molho de carne.

— Obrigado, querida. — Steve fez uma pausa e olhou para a esposa com ternura, acariciando o braço dela. — Você está linda.

Ela tentou não encolher o braço. — Emagreci mais de quatro quilos.

— Como conseguiu?

— Não tenho sentido muita fome nestes dias. Ando muito ocupada.

— Pete Roberts me contou que você vai sempre lá para comprar cachorro-quente e refrigerante.

Irritada, ela desviou o olhar. — Eu não compro só isso dele. Comprei algumas caixas na Rods-n-Ends para guardar os troféus e os projetos de arte das crianças. O cachorro-quente é para Nick.

— O cara do porão?

Ela abriu a geladeira e pegou uma tigela grande de salada mista. — Nick adora o cachorro-quente com salsicha grelhada que eu compro lá. Costumo comprar dois para ele quando estou voltando da loja de ferragens. Vou quase todos os dias à cidade para fazer compras. Nick deixou de trazer almoço de casa porque sabe que eu compro cachorro-quente para ele. Ele também gosta do meu bolo de chocolate.

— Gosta? Hum. — Aparentemente confuso, Steve caminhou até o armário

do vestibulo, onde pendurou o paletó e colocou a maleta.

Brenda levou a tigela de salada à mesa da sala de jantar. O pão de alho já devia estar quente, e ela esperava que Steve lavasse as mãos sem ter de pedir-lhe. Às vezes seu marido se comportava como um garoto, esperando que ela fizesse tudo para ele e o ensinasse a viver neste mundo. Ela não era empregada dele. Nem mãe dele. Tinha mais o que fazer.

— Você teve notícias daquele outro sujeito que gostava do seu bolo? — Steve perguntou, andando atrás dela como um cachorrinho. — Aquele cara que dormiu em nossa varanda por algumas noites no mês passado.

— Cody. Patsy Pringle contou-me que algumas pessoas o viram embrenhado na mata ou do outro lado do lago. Mas ele não voltou a Deepwater Cove. Estou muito preocupada com ele. Perguntei na igreja se Cody havia passado no departamento Bom Samaritano para pegar agasalho ou comida. Mas o pastor Andrew disse que não viu ninguém com essa descrição.

— Sinto muito, Brenda — Steve disse, aproximando-se dela por trás. — Sei que você se preocupou de verdade com ele.

Ela retesou o corpo quando ele lhe tocou os ombros. — Você está feliz por ele ter ido embora. Não negue, Steve.

As mãos dele gelaram. — Eu não queria que nada de mau acontecesse a ele.

— Não, claro que não. — Brenda afastou-se do marido e voltou para a cozinha. — Nick me disse que pessoas como Cody são capazes de sobreviver no mato, até mesmo num inverno rigoroso. Essas pessoas têm instinto, ele disse. Sabem encontrar lugares quentes e onde conseguir comida. Nick sabe disso porque morou dentro do carro dele por uns tempos. Ele insiste em que a situação não é tão ruim quanto parece. Nick é muito diferente de Cody, claro. Nick é genial, e Cody não sabia sequer o sobrenome dele.

— Nick é genial? — Steve perguntou, indo atrás dela na cozinha. — Você falou de Cody a ele?

— Claro que falei. O que você acha que eu faço aqui o dia inteiro? Que converso comigo mesma?

Aquelas palavras foram muito mais ásperas do que Brenda pretendia. Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, engoliu o pedido de desculpa e pegou a lasanha em cima do forno. — Vá lavar as mãos, querido — disse com voz carinhosa. — O pão está quente. Vamos conversar enquanto jantamos.

Assim que Steve entrou no lavabo, Brenda formulou outra oração em

pensamento. *Não* podia dar continuidade àquela noite se não parasse de tratar o marido com grosseria. O clima entre eles precisava melhorar. Por um lado, os filhos chegariam em breve, e Brenda não queria que eles desconfiassem de que havia um problema na vida conjugal dos pais.

Por outro lado, ela queria muito encontrar uma forma de conviver pacificamente com Steve. Ele havia trocado Brenda por um apego desmedido ao trabalho, claro, e às vezes a ideia de *gostar* verdadeiramente do marido ou de apreciar o tempo que passavam juntos parecia-lhe quase impossível. Mas eles haviam atravessado muitas situações difíceis no passado, e não podiam arriscar a perder tudo aquilo que lutaram tanto para construir.

Steve entrou na sala de jantar e sentou-se à mesa, de frente para Brenda. Como sempre, segurou as mãos dela e curvou a cabeça para agradecer a refeição. Esse gesto deveria parecer normal e confortável, mas Brenda não resistiu ao impulso de retirar as mãos e apoiá-las no colo. Desde que passou a dedicar-se apenas ao trabalho, Steve fazia o possível para deixá-la de lado, e agora queria fingir que tudo continuava exatamente como antes. Mas não era assim.

Aquele homem a desprezara. Deixara-a sozinha para correr atrás de fama e dinheiro. Esse pensamento comprimiu a garganta de Brenda, e ela mal notou quando ele disse: — Amém.

— Ah... — ele prosseguiu, começando a cortar um pedaço da lasanha. — Você foi muito talentosa para conseguir combinar as cadeiras com os apoios para pratos, querida. Em xadrez!

Ela olhou de relance para ele. — Você gostou das cores?

— Claro. O amarelo é uma cor agradável. E o rosa também. Sim, para mim as cores são boas.

— Boas?

— De bom gosto eu diria. Ou *bonitas* para me expressar melhor. A casa toda está muito bonita, Brenda.

— Você também gostou das capas?

Steve olhou para o sofá da sala de estar, e Brenda percebeu que ele não havia sequer notado o trabalho enorme que ela dedicara àquelas capas.

— Puxa! — ele exclamou. — Eu não *sabia* que você costurava assim. Isto é, eu sabia que você costurava. Sempre soube que você é uma ótima costureira. Fazia trajes de Páscoa para as meninas todos os anos. Mas estas capas estão ótimas.

— Tem certeza de que não preferia comprar móveis novos? — ela perguntou, devolvendo-lhe as palavras. — Você me disse que eu podia comprar móveis novos.

— Podia. Se quisesse.

— Então não gostou das capas.

— Não, eu não quis dizer isso. Adorei as capas. Mas, se você quiser comprar móveis novos, não há problema. Estou ganhando muito dinheiro, Brenda, e os negócios vão melhorar assim que o tempo esquentar um pouco mais. Lembra-se daquela casa enorme do outro lado do centro comercial de Tranquility? Fui encarregado de vendê-la. Já recebi ofertas de alguns compradores. Você não é capaz de acreditar no número de pessoas que estão querendo comprar propriedades por aqui. A venda de apartamentos também está em alta, claro, mas as pessoas mais abastadas estão procurando casas grandes de lazer. Essa gente está procurando terrenos em frente ao lago, com vista panorâmica, e paga muito bem. O lado oeste do lago vai prosperar; pode apostar nisto. É onde vamos começar a presenciar um salto enorme no mercado imobiliário. Os comerciantes também vão lucrar. E se pudermos trazer algumas redes de restaurante e lojas de artigos para presente...

Steve se conteve e riu. — Aqui estou eu falando sem parar. Parece que não nos sentamos para conversar há meses.

— Eu sei — Brenda disse, lutando para reprimir outra resposta áspera. E prosseguiu, com um sorriso forçado. — Ouça, eu queria conversar com você sobre os feriados da primavera, lembra-se? As crianças vão passar uma semana aqui a partir de sábado. Que tal passearmos de barco, Steve? Passar um dia na água como costumávamos fazer?

Ele levou um pedaço de lasanha à boca e mastigou em silêncio por alguns instantes. — Não sei se vou poder tirar um dia inteiro de folga. Talvez uma manhã. O pessoal prefere ver as casas à tarde e no início da noite.

— Manhã? Justin só acorda ao meio-dia, e Jessica não fica atrás. Eu espero tirar os dois da cama mais cedo e sair por volta das dez horas. Vou preparar um bom lanche para levar, e poderemos pescar, ler, jogar, fazer palavras cruzadas ou coisa parecida a tarde inteira. Se o tempo estiver quente, você e Justin vão querer se divertir no *wakeboard* enquanto Jessica se bronzeia ao sol. Poderemos boiar em câmaras de ar. Depois iremos de barco a um daqueles restaurantes à beira do lago para jantar. Será muito divertido.

— Parece razoável, mas não sei, Brenda. Precisamos descobrir qual será o melhor dia. Minha agenda está praticamente lotada.

— O quê? Steve, você *sabia* quais os dias que deveria reservar para os feriados da primavera! Eu lhe disse algumas semanas atrás.

— Não posso parar de trabalhar só porque as crianças estão em casa. Os corretores precisam estar atentos ao mercado. Se deixarmos a peteca cair, os clientes vão fechar negócio em outro lugar. Estou com vários projetos engatilhados, fazendo um verdadeiro malabarismo, e as vendas vão aumentar neste verão.

— O que você está querendo me dizer? Que não gosta de passar um pouco de tempo com seus filhos? Prefere vender casas a estar com sua família?

— Brenda, não seja injusta. Claro que quero estar com vocês. Só preciso equilibrar as coisas.

— É isso que você chama de equilibrar as coisas? Jantar em casa uma vez nos dois últimos meses?

— Brenda, por favor.

— Deixe pra lá. — Ela levantou a mão. — Com licença. Esqueci de tirar o pão do forno.

Brenda correu para a cozinha com os olhos cheios de lágrimas. Haveria mais sinceridade do que esta? Steve adorava seu trabalho e queria dedicar todo o seu tempo a ele. Quanto à esposa e aos filhos, bem, eles ocupavam o último lugar na vida de Steve. Só que... desde que os filhos partiram, o último lugar na vida de Steve era ocupado por Brenda.

A esposa fiel, subserviente.

Ela tirou o pão do forno com toda a força e jogou-o dentro de um cesto forrado com guardanapo, preparado com antecedência. — Justin sabe remar — ela disse ao retornar à sala de jantar. — Ele poderá levar Jessica e eu para um passeio no lago. Se eles quiserem se divertir no *wakeboard* ou na câmara de ar, eu mesma dirijo o barco. Depois, nós três vamos jantar num daqueles restaurantes.

— Posso me encontrar com vocês lá! — Steve concluiu. — Você me liga do celular quando estiver pronta para ir ao restaurante, e eu vou até lá de carro.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Claro!

— Perder um dia na água com seus filhos?

— Espere! Eu pensei... pensei que você estivesse sugerindo que eu me

encontrasse com os três no restaurante.

— Ah, você é o sujeito mais desligado do mundo! — Ela partiu um pedaço de pão de alho com as mãos e colocou-o no prato. Não havia tocado na lasanha que se esforçara tanto para preparar naquela manhã. — Eu disse a Nick que você é muito ocupado para fazer um passeio de barco conosco. No domingo será a mesma coisa, certo? A gente se senta junto na igreja como uma pequena família feliz, e depois você vai embora para exibir suas preciosas propriedades.

— Os fins de semana são mais apropriados para manter as casas abertas.

— Fins de semana devem ser reservados à família!

— Nossos filhos estão crescidos, Brenda. Não é da nossa conta planejar como eles querem passar os feriados da primavera. Eles sabem dirigir carro, remar, usar o *wakeboard* ou outra coisa que queiram fazer. Peça-lhes que tragam alguns amigos ao lago por alguns dias, e isso vai deixá-los ocupados o tempo todo.

— Você gostaria disso, não é mesmo? Todos fora do seu caminho para poder trabalhar?

— Brenda, por favor...

— Nick me disse que você é ambicioso. Ele viu isso em seus olhos no momento em que o conheceu. Ele está certo. Você tem ideia fixa, Steve. Só pensa em ganhar dinheiro. Chegar ao topo da montanha. Ganhar o prêmio de Corretor Imobiliário do Ano. Contei a Nick sobre o nosso jantar desta noite, e ele disse que provavelmente você estaria muito ocupado para passar um tempo conosco nos feriados da primavera. Nick acha...

— O que esse tal de Nick entende das coisas? — Steve disse, atirando o garfo no prato. — Ele não passa de um biscateiro!

— Nick LeClair é meu amigo! Está aqui todos os dias. Presta atenção ao que eu falo. Acha que sou criativa, inteligente e interessante. Nick diz que sou artista, e sabe de uma coisa? Sou mesmo!

— Brenda...

— E você não sabe nada disso, não é? Não se importa mais com a minha vida. Só se preocupa em vender casas, ganhar dinheiro e jantar no clube de campo. Esqueça as crianças. Esqueça sua casa. E esqueça sua mulher!

— Brenda, eu lhe disse que gostei das capas. — Steve puxou a cadeira para aproximar-se da esposa, mas ela pegou o prato e enveredou para o porão. — Eu sei que você é artista. Disse que gostei das cadeiras da sala de jantar. Aonde você está indo?

— O que mais interessa? — ela gritou, começando a descer a escada. — Eu queria conversar sobre os feriados da primavera, e conversamos. Você deixou às claras as suas prioridades. Já que terminamos a discussão, vou fazer o resto da refeição lá embaixo.

Chegando ao porão, Brenda colocou o prato na tábua entre os dois cavaletes que Nick instalara no centro do cômodo. De lá, ela ouviu a porta da cozinha bater e Steve sair de casa. Em minutos, a porta da garagem foi aberta e ele partiu acelerando o carro.

Brenda enxugou o rosto, olhando por entre as lágrimas para a lasanha intacta, o pão de alho frio e a salada murcha. Um arrepio de sofrimento tomou conta de seu corpo, e ela ajoelhou-se no piso gelado de concreto e chorou.

6

— **Não vejo a hora de terminar esta semana!** — Patsy estava secando os cabelos curtos e castanhos de Kim Finley. — Foi a semana mais longa da minha vida, pelo que me lembro. A sala de chá esteve cheia o tempo todo, e os docinhos desapareceram tão rápido que mal pude repor o estoque. Houve um grande entra e sai de clientes para marcar hora, fazer uma visita ou apenas entrar para bater papo. Não me estou queixando, mas nestes últimos tempos, quando o sábado chega ao fim, estou quase desmaiando de cansaço.

— Entendo como você se sente — disse Kim. — O consultório do dentista está uma loucura. Muito obrigada por ter me atendido no último horário.

— Ah, não me estou referindo a você, querida! Você e os gêmeos podem vir a qualquer hora. Seu cabelo leva pouco tempo para ficar pronto, e as crianças são encantadoras. Estou falando das outras pessoas. Às vezes penso em transferir meu local de trabalho para a Estação Ferroviária Central.

Kim riu. — É por causa da primavera, acho. Derek diz que muitas pessoas já estão chegando para abrir as casas à beira do lago para a temporada, porque o tempo está começando a esquentar. Ele acha que a Patrulha Aquática terá muito trabalho. Tenho certeza de que todas as moradoras daqui vão querer arrumar o cabelo antes dos feriados. Lydia mal pode esperar para usar o vestido de Páscoa que compramos para ela esta tarde em Camdenton. Ela parece uma princesinha dentro dele.

— Não tenho dúvida nenhuma. Essa menina é linda. Poderia ganhar um concurso de beleza.

— Ah, eu jamais desejaria isso à minha filha. Ela é muito tímida. Mas veja só o Luke! Aquele garoto sobe ao palco sem nenhum problema, mas duvido que alguém lhe dê um papel dramático. A gente nunca sabe o que vai sair da boca dele. Garotos... eles são demais!

— Como Derek está lidando com ele ultimamente? — Patsy perguntou, sabendo que Kim e o marido estavam casados há apenas três anos. O pai dos gêmeos entrava e saía de cena, quase sempre provocando tumulto, e o coitado do Derek parecia estar lutando para equilibrar-se entre as funções de marido e pai.

— Todas as vezes que entra aqui, ele fala dos filhos com orgulho — Patsy prosseguiu. — Diz que Luke tem o jeito dele quando ele era menino.

Kim virou a cabeça para admirar o novo corte, enquanto Patsy ajeitava os últimos cachos com os dedos. Kim era uma mulher bonita e tinha muitas tarefas a cumprir como assistente de dentista, mãe e esposa. Aliás, quanto mais pensava nisso, mais Patsy admirava a capacidade de suas clientes para exercer tantas funções na vida. A maioria, além de trabalhar fora em período integral, tinha marido e filhos, e ainda assumia todos os tipos de serviço voluntário nas escolas, colaborava na igreja ou clubes e não perdia contato com as amigas. E Patsy ainda tinha coragem de dizer que estava *cansada* no sábado à noite!

— Derek gosta muito dos gêmeos — Kim estava dizendo quando Patsy lhe retirou a capa plástica dos ombros e sacudiu-a. — Ele também gostaria que tivéssemos um bebê, mas não posso nem imaginar essa ideia. Tudo precisa funcionar muito bem, caso contrário entramos em colapso. Ultimamente Luke adoeceu muitas vezes e perdeu vários dias de aula. Para mim, é um pesadelo ter de ligar para o trabalho e pedir para faltar logo no início do expediente no consultório. Com todo esse movimento e mais gente chegando, Derek não pode ausentar-se do trabalho na Patrulha Aquática. Além disso, preciso pegar Lydia na escola e levá-la à aula de dança nas terças-feiras e à aula de piano nas quartas-feiras. Meu ex-marido não serve para nada.

— Desde quando os ex-maridos servem para alguma coisa? — Patsy suspirou fundo. — O problema com o divórcio é que você nunca termina o relacionamento. A vida muda um pouco, mas vocês sempre ficam presos um ao outro. Essa foi a conclusão a que cheguei depois de ouvir as histórias de minhas clientes em todos esses anos.

— Você tem razão — Kim disse, pegando a bolsa. — Mas sou *muito* feliz por ter me divorciado de meu primeiro marido. A vida com ele era um pesadelo constante. Com Derek, a situação continua difícil, mas pelo menos as crianças estão protegidas.

— O seu ex era tão mau assim?

— Você nem imagina.

Patsy sacudiu a cabeça. — Por que as pessoas não se tratam com civilidade? Você não acha que todos deveriam tentar viver bem uns com os outros? E não fazer nada que irritasse ou magoasse a outra pessoa? É tão difícil assim? O ser humano tem um comportamento péssimo.

Enquanto Patsy apertava os botões da caixa registradora, uma figura conhecida passou em frente à janela do salão. — E por falar em gente ruim... —

Patsy disse em voz baixa. — É Peter Roberts, meu vizinho. Esse homem tem a capacidade de me irritar. O que ele veio fazer aqui quando sabe muito bem que estou encerrando o expediente?

— Esther Moore me contou que Pete gosta de você — Kim comentou. — Charlie disse que Pete acha você uma gracinha.

— Eu não me importo com o que essa gente diz. Acho que Deepwater Cove é o principal quartel-general das fofocas do mundo inteiro. Kim, seu cabelo está lindo, e vou orar pelas melhoras de Luke. Dê um beijo nele e em Lydia por mim, está bem? Agora, apresse-se e fuja enquanto é tempo. Vou livrar-me rapidamente desse intruso.

Patsy estava entregando a Kim alguns pirulitos vermelhos, por cima do balcão, no exato momento em que Pete Roberts abriu a porta do Assim Como Estou.

Kim esticou o braço e pousou a mão na de Patsy por um instante. — Obrigada, Patsy — ela disse carinhosamente. — Obrigada por ter cortado meu cabelo... e por me ouvir.

— Vou orar também. Não se esqueça disso. Oro por todos os meus clientes.

Kim sorriu. — Conto com isso.

— Boa noite, sra. Finley — Pete cumprimentou, batendo com os dedos na aba do boné, enquanto Kim passava rapidamente por ele. — Diga a Derek que Charlie Moore pegou um peixe enorme ontem na enseada. Ele usou uma linha de teste com resistência de um quilo e oitocentos gramas para lançar um anzol de 45 miligramas logo abaixo do nível da água. A água está tão barrenta nestes dias que estou recomendando anzóis com miçanga verde-clara.

— Que tamanho tinha o peixe de Charlie?

— Pesava quase um quilo e quatrocentos gramas. Um achigã. — Pete continuou a andar em direção à caixa registradora do salão. — Cheguei a ver tal peixe. Charlie veio à loja para me mostrar. Um bichão!

— Vou contar a Derek.

Kim despediu-se com um aceno, e Pete virou-se para Patsy. — Quanto você quer apostar que amanhã à tarde vai haver uma fila na minha loja para comprar anzóis com miçanga verde-clara?

— Amanhã é domingo. Dia do Senhor — Patsy lembrou-lhe, virando-se para pegar a vassoura. — Você não deveria abrir a Rods-n-Ends.

— Uma loja de equipamentos para pesca não pode ficar fechada num domingo! Com certeza eu iria à falência.

— Pelo menos teria a consciência limpa.

— E os bolsos vazios. Você se lembra do que o pastor disse no sermão de algumas semanas atrás? Jesus ensinou aos discípulos que o sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado. Além disso, o domingo é reservado para o descanso. Se o pessoal quiser pescar no domingo à tarde, vai precisar de iscas. E por que não procurar um bom sujeito como eu, que tem iscas para vender?

— A decisão é sua — disse Patsy. Ela tentou concentrar-se na limpeza do salão para os dois próximos dias. Os cabeleireiros já haviam ido embora, e todos na região do lago sabiam que o Assim Como Estou permanecia mais fechado que um cofre todos os domingos e segundas-feiras. Na terça-feira, Patsy o abria logo cedo e queria que o local estivesse limpo, cheiroso e sem nada fora do lugar.

Nas poucas vezes em que ficara frente a frente com Pete Roberts desde a inauguração da Rods-n-Ends, ele estava sempre em pé atrás da bancada de trabalho. E em seu acesso de fúria por causa do barulho, ela mal prestara atenção na aparência dele. Mas agora, depois que Kim Finley e Esther Moore disseram que o homem estava caído por ela, Patsy achava difícil pôr um ponto final nessa história.

Para dizer a verdade, Pete não tinha má aparência. O que a princípio parecia ser uma cintura enorme, agora se transformara em algo mais semelhante a uma camiseta de tamanho extragrande pendurada em dois ombros enormes. Talvez aquela barriga de cerveja não fosse tão exagerada como Patsy imaginara.

Pete ainda usava aquela barba grosseira e grisalha. O cabelo castanho-escuro precisava de um bom corte e até mesmo ser um pouco desbastado. Se ele tivesse queixo e maçãs do rosto em perfeito estado, a barba teria de ser eliminada. E aquele boné precisava ser mergulhado numa máquina de lavar roupa.

No entanto, ele tinha olhos azuis muito bonitos, sorriso sincero e voz forte que atingia os ossos de Patsy como mel quente. Levantando um pouco a barra da calça *jeans* em estilo *baggy*, ele sentou-se com força numa das cadeiras pretas dos cabeleireiros e recostou-se confortavelmente, como se quisesse dar início a uma boa conversa.

— Estou encerrando o expediente da semana — Patsy lhe disse. — Espero que você não tenha vindo cortar o cabelo.

— Não. Continue a varrer. — Ele tamborilou com os dedos nos braços de vinil da cadeira. — Já fechei a loja ao lado.

— Como estão indo os negócios? — ela perguntou.

— Melhorando. E você?

— Trabalhando o tempo todo. Claro. Estou neste mesmo lugar há anos. As pessoas me conhecem.

— Mas eu não. Ainda está furiosa comigo por causa da máquina de arrancar ervas daninhas?

— Não posso dizer que estou feliz. A área de chá do meu salão atrai muitos clientes, e todos querem relaxar. A última coisa que eles desejam é ouvir o barulho de suas máquinas.

— Fiquei sabendo que você perdeu um monte de xícaras.

— Antigas. Caíram da prateleira por causa da sua motosserra.

— Sinto muito. Quer que eu pague o prejuízo?

— Não há preço que pague aquelas antiguidades, Pete. Levei anos para conseguir aquela coleção. Uma delas pertenceu à minha avó.

Ela levantou os olhos e viu que ele estava de cabeça baixa, olhando tristemente para as unhas. Ao pegar a pá de lixo para levar ao cesto, Patsy observou as palavras que pintara atrás da mesa da caixa registradora.

“Assim como estou...”

— Não se preocupe com as xícaras — ela disse, engolindo a frustração. — Serviam apenas de enfeite. Os clientes usam as que estão na mesa do outro lado da sala. Aceita uma xícara de chá? O chá inglês é relaxante no final de um longo dia.

Ele levantou a cabeça, com um ar de surpresa iluminando-lhe os olhos. — Eu?

— Os homens tomam chá aqui o tempo todo.

Embora a voz de Patsy fosse simpática e convidativa, ela não podia negar que não queria servir chá àquele sujeito de barba grisalha que destruíra a paz de seu santuário. Mas... Assim como estou. Deus aceitava as pessoas como elas eram. Jesus morreu por todos, assim como eles eram. O Espírito Santo encheu os corações dessa mesma maneira. E se Deus fez isso, Patsy deveria ao menos tentar.

— Venha à sala de chá — ela disse. — Vou preparar uma xícara para cada um de nós.

Pete levantou-se da cadeira e atravessou o salão, caminhando rente à parede, em direção à sala de cores claras, como se estivesse entrando em território proibido. Sentou-se na primeira cadeira que viu e colocou as mãos no colo, como se estivesse com receio de encostar na toalha de mesa rendada.

Patsy colocou um saquinho de chá inglês em cada xícara e encheu-as com

água fervente. — Leite e açúcar? — perguntou.

— Bem...

— Fica melhor assim. Vale a pena experimentar.

Ela prosseguiu e fez a mistura na xícara dele. Depois colocou um pedaço de bolo no pires e serviu-o a Pete. Ao sentar-se na cadeira diante dele, Patsy achou por bem aliviar o clima de tensão entre os dois. Talvez ele entendesse como eram especiais aqueles momentos na sala de chá e parasse de acelerar os motores na porta ao lado.

— Eu costumo orar na hora do chá — Patsy disse. Sem esperar resposta, ela curvou a cabeça. — Querido Senhor, obrigada por esta noite de sábado quando aguardamos com grande expectativa o dia de adoração e descanso. E obrigada por Pete Roberts, meu vizinho, dono da loja ao lado. Em nome de Jesus oramos... amém.

— Amém — ele repetiu com sua voz de barítono. Mexeu o chá e limpou a garganta. — Essa história de nós dois sermos cristãos... bem, esse é o motivo da minha visita. Outro dia Steve Hansen veio abastecer o carro e mencionou um problema. Um boato.

Patsy suspirou fundo involuntariamente. — A respeito de Brenda?

— Foi o que achei no começo. Mas não era.

— Espere aí... o que você achou?

— Que ele queria falar de Brenda.

— Ora. — Patsy fechou a boca. Não queria saber o que Pete ouvira a respeito dos Hansens, mas alguns rumores haviam respingado no caminho dela nas últimas semanas. Patsy não queria espalhar boatos de jeito nenhum, por isso decidiu continuar a tomar o chá.

— Steve me contou que a loja entre o quiropraxista e o salão de tatuagens foi alugada — Pete disse. E fez uma pausa antes de completar. — A uma locadora de filmes para adultos.

Patsy engasgou com o chá e começou a tossir. — Você está brincando! Aqui? Por que alguém haveria de querer abrir uma locadora num lugar tão afastado como este aqui em Tranquility?

— Exatamente por ser *um lugar afastado*. As pessoas não querem ser vistas entrando numa locadora de filmes para adultos na rua principal de Osage Beach ou de Camdenton. Não, este é exatamente o tipo de lugar que atrai esse tipo de negócio. Fica longe do caminho de sempre, e as pessoas podem vir e voltar sem

dar na vista. Steve Hansen não concorda com isso, e eu também. O dr. Hedges não quer essa locadora perto de sua clínica. Não sei o que o pessoal do salão de tatuagem pensa. Qual é a sua posição, Patsy?

— Sou contra, claro! — Ela tomou um gole grande de chá e tentou digerir a novidade. — O que virá em seguida? Temos o bar há anos. Alguém abriu um clube de *striptease* no fim da rua pouco tempo atrás. Acho que pegou fogo, mas eles o reconstruíram. Se aceitarmos uma locadora de filmes para adultos em nosso centro comercial, a reputação daqui vai por água abaixo.

— *A moda* vai pegar. Foi o que eu disse a Steve Hansen. Uma moda que nós não queremos. Mas, como somos locatários, não temos voz ativa no assunto.

— Claro que temos! — Patsy exclamou. — Se o proprietário quiser alugar o espaço dele, vai ter de nos ouvir. E vou fazer o possível para que essa locadora fique bem longe daqui.

Pete entortou um pouco o canto da boca. — Eu achei que você ia dizer exatamente isso. Você é uma lutadora, srta. Patsy Pringle, e gosto disso.

Subitamente desconfortável, Patsy afastou o olhar para as cortinas de renda e se deu conta de que ela e Pete Roberts estavam sozinhos no centro comercial. As pessoas veriam os carros deles estacionados lado a lado e a silhueta dos dois na sala de chá. Ela fez um trejeito com a boca. — Ouça, preciso ir para casa. Meu programa favorito de TV vai começar em menos de uma hora e ainda não terminei de limpar aqui.

— E o jantar?

— Eu como pipoca e cenoura à noite. Comida saudável, você sabe.

— Não. Estou falando de jantar comigo. Esta noite!

— Não posso — ela respondeu sem pensar. — Estou ocupada.

— Vendo TV e comendo cenoura com pipoca?

Patsy sentiu o rosto arder. — Pete, você é simpático e bom vizinho... bem, na maior parte do tempo gosto de tê-lo como vizinho. Mas não estou interessada em jantar com você.

— Esta noite? Ou nunca?

Ela hesitou por um momento. — Esta noite. Mas você ainda não me contou o que pensa sobre a locadora.

— Sou contra, claro. Estou colhendo assinaturas do pessoal das outras lojas e da comunidade. — Ele tirou do bolso traseiro da calça uma folha de papel dobrada. — Escrevi este abaixo-assinado. Tirei cópias. Pode ser que eu tenha

uma surpresa, mas acho que o cara do salão de tatuagem não quer nem saber de uma locadora como essa por aqui. E o dr. Hedges quase teve um acesso de fúria quando soube que ela estava tentando instalar-se ali. Disse que quer ver essa locadora pelas costas. — Pete fez uma pausa. — Parece piada. O quiropraxista quer ver a locadora pelas costas... entendeu?

Patsy revirou os olhos. — Deixe-me dar uma olhada nesse abaixo-assinado. Ela pegou a folha de papel manchada de graxa. Depois de examiná-la, assentiu com a cabeça. — Vou pedir aos meus clientes que assinem. Este papel vai ficar na mesa perto da caixa registradora, bem ao lado dos folhetos *Plano de Salvação*.

Rindo, Pete levantou-se e empurrou sua cadeira para debaixo da mesa. — Consegui o que queria. Quanto lhe devo?

— Nem um centavo. Estou feliz por você ter passado por aqui, Pete. — Ela começou a encaminhá-lo para a porta da frente do salão. — Você viu como uma xícara de chá tem o poder de relaxar e rejuvenescer?

— Não sei dizer, mas o sabor é delicioso. — Ele sorriu para ela. — Posso lhe fazer uma pergunta pessoal, Patsy?

Ela retesou o corpo. — Acho que não.

— Qual é a cor verdadeira do seu cabelo?

— Ora, por tudo o que é mais sagrado, que tipo de pergunta é esta? — Patsy passou os dedos pelas mechas de cabelo espetadas com a ajuda de gel que havia feito naquela manhã. Mechas de tonalidade castanho-avermelhada. — Não me lembro. Castanho qualquer coisa. Quem se importa?

— Eu.

— Se a aparência fosse importante para você, Pete Roberts, perceberia que precisa raspar essa barba horrorosa e fazer um corte de cabelo decente.

— Minha barba é horrorosa?

— Dá para construir um ninho de passarinho.

Ele calou-se por um momento. — Você é uma lutadora, Patsy... e sincera também. Gosto muito disso. — Sacudindo a cabeça, ele olhou para ela com ar de preocupação. — E daí, você acha que está havendo alguma coisa entre Steve e Brenda Hansen? E com o tal prestador de serviços, como o povo anda dizendo?

— Não faço fofoca — Patsy disse com firmeza.

— Mas você *ora*.

Ela assentiu com a cabeça e replicou em voz baixa. — Sim, eu oro. Tenho orado por eles.

— Eu também — ele disse. — Bom, boa noite, Patsy. Espero ver você na igreja amanhã.

Assim que ele atravessou a porta, ela voltou ao trabalho de limpeza. Enquanto espirrava cera de limão na mesa e passava um pano seco, ela viu, pela janela do salão, Pete passar pela calçada. Depois de conhecer melhor aquele homem, ela achou que ele não se parecia nem um pouco com o urso grisalho que imaginara.

Patsy olhou no espelho e analisou seu cabelo espetado, de tonalidade castanho-avermelhada. Talvez na próxima semana tentasse um castanho mais claro.

Brenda deu um passo para trás, colocou as mãos no quadril e esquadrinhou o porão. Seu desejo de passar horas costurando, pintando e decorando estava prestes a tornar-se realidade. O sonho de que um dia pudesse trabalhar como decoradora de interiores parecia estar ao alcance da mão.

Ela mal podia acreditar que o lugar fosse o mesmo. Tudo o que um dia havia sido sala de gravações para adolescentes não existia mais. No lugar do sofá com almofadas e da televisão de tela grande havia agora uma mesa de trabalho, com a máquina de costura de Brenda numa extremidade e o gato enrolado confortavelmente na outra. Acima da mesa foi instalado um painel para pendurar carretéis de linha, tesouras comuns, tesouras rotativas para tecidos, ganchos para desmanchar costura e todas as suas ferramentas favoritas. Havia bastante espaço para ela estender o tecido, marcar com alfinetes e cortar moldes. As várias prateleiras embaixo da mesa serviam para guardar estoques de tecidos e estampas multicoloridos que ela acumulara ao longo dos anos. E a luminária no teto distribuía claridade por todo o ambiente, para garantir que seus olhos nunca se cansassem.

Com a área de costura totalmente equipada, ela podia confeccionar capas para sofás, travesseiros, cortinas, toalhas de mesa e apoios para pratos. Se preferisse, poderia costurar vestidos, remendar *jeans* rasgados ou trocar botões. Embora seus filhos já não necessitassem mais dessas coisas, havia muitos meninos e meninas na enseada cujas mães adorariam conhecer alguém que fizesse pequenos serviços de costura.

Naquela tarde, Nick estava terminando a área de artesanato. Ela viu quando ele pendurou dois armários, com muita habilidade, no local onde havia uma

prateleira com os troféus de futebol e beisebol de Justin. Antes da reforma, a parede estava coberta de fotografias, de Jennifer de volta à casa e na cerimônia de entrega do diploma na faculdade, de Jessica vestida com trajes de dança e de Justin posando com várias equipes esportivas. Aquelas fotografias seriam guardadas no álbum que Brenda planejava criar. Os armários guardariam tubos de cola, tesouras de picotar, tesouras de podar, cantoneiras para fotos, papéis em branco, goma, pingentes, arame, alicates, pinças, vidrinhos de tinta e tudo o mais que Brenda guardara ao longo dos anos enquanto fazia bonecas, criava colares e tiaras ou organizava festas requintadas de aniversário que seus filhos sempre adoraram.

Depois de colocar o último parafuso no lugar, Nick abriu e fechou as portas dos armários. Depois passou as mãos no tampo da mesa para eliminar o pó da serragem. — Estamos progredindo — ele disse, dando um largo sorriso a Brenda. — Dois já foram. Falta só um. Ainda acho que a gente devia ter pintado a bancada para os vasos quando pintamos as outras paredes, mas vamos ver como vai ficar este tom de verde.

Jovial como sempre, ele enganchou as ferramentas em seu cinto de camurça e colocou as duas latas de tinta perto da porta. — Acho que esse tom que você escolheu não vai ficar muito escuro, dona Brenda — ele disse. — Tenho certeza. Há muita luz vindo daquela porta corrediça. Você está planejando pendurar cortinas ali?

— Não. Apenas persianas, para poder levantá-las.

— Ótimo. O ar fresco vai entrar pela tela, se você quiser. E no outono e inverno, terá uma linda vista do lago através das árvores. Gosto muito do verão, mas há alguma coisa especial no inverno. As árvores ficam com poucas folhas e vemos melhor as coisas.

Ele levantou uma lata de tinta e olhou firme para ela. — Algum problema? Você parece cansada.

Brenda sorriu. — Não estou cansada. Acho que estou triste por ver este projeto chegar ao fim. Está sendo muito divertido.

— Ainda não terminamos, garota! — Nick apontou para a tinta. — Que tal você pintar as beiras e os cantos daquela parede enquanto eu cuido da bancada para os vasos? Quando você disse que queria uma pia com água corrente, quase pirei. Tive de descobrir como fazer uma ligação no encanamento sem estragar o piso.

Brenda sacudiu a cabeça. — Nick, eu já lhe disse que não sei fazer este

serviço. Primeiro você vai ter de pintar a área perto do teto e do batente da porta. Depois eu cuido do resto da pintura, como sempre. Sei que você vai colocar um piso de vinil, mas não confio em mim na questão do rodapé.

— Para uma artista do seu calibre, este serviço é moleza — ele disse. — Venha aqui e misture esta tinta. Quando estiver pronta para começar, use um dos meus bons pincéis. Você já passou fita adesiva em tudo. Não há como fazer sujeira.

Brenda endireitou os ombros, pegou a tinta e ajoelhou-se perto dos pedaços de pau para misturar a tinta. Nick atravessou a porta corrediça em direção ao quintal, enquanto ela usava uma chave de fenda para abrir a tampa da lata de tinta. Por que aquele homem só a elogiava? Para Nick LeClair, ela era uma artista. Escolheu as cores perfeitas de tinta para as paredes. Sabia costurar como Betsy Ross. Seus canteiros no jardim estavam sempre impecáveis. Seu bolo de chocolate era delicioso. Ele gostava de ouvi-la cantar, acompanhando as canções sertanejas que tocavam no rádio. Ultimamente, Nick chegou até a elogiar a aparência dela — dizendo que gostava mais de vê-la loira do que morena e que sempre gostou de mulheres com cabelo curto.

Com Nick por perto, Brenda sentia que era capaz de fazer qualquer coisa. Ele a tratava com respeito e admiração. E a fazia sentir-se bonita. Nunca falou da esposa, por isso ela não tinha ideia dos sentimentos dele em relação ao seu segundo casamento. Mas Nick adorava os netos, e Brenda gostava de ouvir as histórias de Nick sobre as travessuras das crianças. Na verdade, ela se sentia animada e empolgada o tempo todo, ou a maior parte dele.

Exceto à noite. Steve entrava em casa após o escurecer, cumprimentava a esposa com duas ou três palavras e ligava a TV. Raramente jantava em casa e não fazia nenhum comentário interessante sobre o dia dele nem perguntava como havia sido o dela. Brenda duvidava que Steve tivesse voltado ao porão desde o dia em que ela propusera reformá-lo. Nunca perguntou nada. E quando eles conversavam, era para falar dos filhos — quem ligou, quem enviou *e-mail* e a que horas eles planejavam chegar para os feriados da primavera. Esse tipo de coisa.

Enquanto derramava tinta numa vasilha menor, Brenda pensou nos anos de casamento com Steve. Poucos casais permaneceram juntos tanto tempo quanto eles — quase 25 anos! No geral, a vida a dois havia sido boa. Passaram por fases difíceis, claro, quando a renda de Steve não era suficiente para atender às

despesas ou quando um dos filhos adoecia. A mãe de Brenda passou três anos doente antes de falecer, e Justin foi expulso do time de beisebol, perto do final do curso, por ter bebido numa festa na região do lago. Se insistisse um pouco, Brenda se lembraria de muitos problemas que enfrentou ao lado de Steve. Mas, apesar de tudo, continuavam fiéis um ao outro, seguiam os princípios da religião, adoravam os filhos e atravessaram muitos tempos felizes.

Nick LeClair contara a Brenda que gostava do inverno porque as árvores tinham poucas folhas e a paisagem era mais bonita. Quando subiu na escada para começar a pintar o canto perto do teto, Brenda achou que não poderia concordar com ele a esse respeito. A vida com Steve se transformara num inverno sem fim. Amargura e mágoas enchiam-lhe o coração todas as vezes que ela pensava em como seu marido a substituíra pelo trabalho.

Enquanto passava o pincel ao longo da fita adesiva que protegia o teto, ela tentou encontrar motivos para ter esperança, alegria e otimismo. Não queria abandonar o homem com quem se casara, pai de seus filhos. Mas até quando suportaria aquele clima de desânimo, solidão e frieza?

Ao pensar na atmosfera gelada que os filhos poderiam notar entre os pais quando viessem para os feriados da primavera, Brenda apertou a mão com força, e o pincel ultrapassou a linha do teto.

— Oh, não! — ela choramingou. Um borrão de tinta verde-claro manchara o teto branco. — Eu sabia que não seria capaz de fazer isso! Não consigo fazer... nada certo...

Lágrimas brotaram-lhe dos olhos enquanto Nick abria a porta corrediça de vidro e entrava no porão. — Epa! O que está havendo aqui?

— Veja o que eu fiz no teto! Está verde. Eu nunca deveria ter tentado...

— Pensei que você tivesse caído da escada, garota. Não aconteceu nada. Pode descer. Eu cuido disso para você.

Ele tirou um pano úmido do bolso traseiro da calça *jeans* e assumiu o lugar de Brenda na escada. Em questão de minutos, o borrão de tinta látex desapareceu, e o teto branco voltou a ter a cor de antes. Limpando as lágrimas com a mão, Brenda começou a fungar enquanto entregava o pincel a Nick.

— Você está chorando? — ele perguntou. — Por causa de um borrão de tinta no teto?

— É que meus filhos estão chegando para os feriados da primavera e...

— Vamos aprontar tudo, menos o piso, garota. Você não precisa se

preocupar. Este porão vai ficar bonito demais, e você poderá mostrar as capas, as peças e todas as coisas incríveis que sabe fazer. As crianças vão gostar demais... espere para ver.

Ela abaixou a cabeça, apertou os lábios e fez o possível para não irromper em lágrimas novamente. Nick estava em pé a dois passos de distância dela, com os dedos enganchados nos bolsos traseiros da calça. Ela notou os respingos de tinta em suas botas de trabalho, e gostaria que ele voltasse a trabalhar lá fora. Ou pintasse a parede para ela. Ou fizesse qualquer outra coisa.

— Venha comigo, garota — ele disse, segurando a mão dela. — Vou mostrar a você como pintar as beiras e os cantos de uma parede. Assim você não vai mais pôr tinta verde onde não quer, e seus filhos vão ficar tão orgulhosos de você que vão explodir de alegria.

Ao ouvir essas palavras, Brenda quase chorou alto. Quem se orgulharia dela? Depois de adulta, ela se esforçara ao máximo para ser boa filha, boa esposa e boa mãe, tentando fazer o melhor para os pais, marido e filhos. Eles aceitaram seus esforços de contribuir para o bem-estar da família. E estavam certos. Mas será que alguém se orgulharia dela pelo menos uma vez?

Quando Brenda era criança, seu pai era tão frio e tão distante que ela não esperava nada dele, a não ser algumas palavras ásperas. A mãe encontrava erro em tudo o que Brenda fazia, por mais que ela tentasse agradar. Da mesma forma que os pais dela, Steve pouco reconhecia o estilo de vida que sua esposa criara para ele e a família, embora soubesse que ele confiava nela para dirigir a casa em alto nível. Mas *orgulhar-se* dela? Nem uma palavra.

Enquanto Nick a conduzia ao canto do porão, Brenda enxugou as lágrimas com as costas da mão. Não queria que ele a visse naquele estado. Afinal, ele havia sido contratado para reformar o porão. Era um simples prestador de serviços. Não tinha nenhuma obrigação de ser solidário nem gentil com ela.

— Veja — ele disse, pegando o pincel para demonstrar — você precisa mergulhar as pontas das cerdas na tinta. Não o pincel inteiro, senão vai fazer uma sujeira no cabo e em todos os seus dedos. Agora pegue o pincel e encoste-o na parede. Viu como as cerdas dobram? Elas fazem uma linha tão perfeita que parece que você usou uma régua. Vou pintar uma faixa na parede, e depois você faz o mesmo.

Fungando, ela observou Nick arrastar as cerdas molhadas de tinta pela parede num movimento perfeito. Ele entregou-lhe o pincel. — Sua vez, dona Brenda.

Ela olhou para ele e viu uma expressão muito carinhosa naqueles olhos azuis. — Vou tentar — disse em voz baixa. Seguindo as instruções dele, Brenda pintou uma segunda faixa de tinta verde na parede.

— Perfeito. Agora, comece a pintar aquele canto e alinhe as cerdas do pincel. Assim. Assim mesmo. — Ele observou a pintura dela por alguns instantes e esticou o braço. — Espere um pouco. Quando o pincel começar a secar, você precisa passar as cerdas para cima e para fora da parede como estou fazendo.

Nick cobriu as mãos dela com a dele e, com suave pressão, exemplificou como pintar um canto de parede. Levantou o pincel e afastou-o da parede, mergulhou-o de volta na tinta e recomeçou a pintura. Brenda prendeu a respiração quando os dedos quentes dele seguraram firme os dela. Sentiu os calos na palma da mão de Nick em cima dos nós de seus dedos. O corpo dele exalava cheiro de campo, de tinta, de madeira recém-cortada, de refrigerante, de cachorro-quente e de mostarda. A manga de sua camisa de flanela tocava de leve a pele do braço dela, e isso a fez sentir um arrepio.

— OK — ela murmurou.

— OK? — Ele permaneceu imóvel por um momento, em pé atrás de Brenda, com o braço encostado no dela, a mão cobrindo a dela. Brenda sentiu a respiração de Nick perto de seu ouvido, lenta e forte.

De repente, ele a soltou, afastou-se e caminhou em direção à porta corrediça. — É melhor voltar a trabalhar naquela bancada para os vasos.

Assim que a porta se fechou, Brenda cerrou os olhos e respirou fundo. Percebeu que estava tremendo.

— **Essas coisas me deixam furiosa** como uma onça. — Esther Moore pegou sua bolsa na mesa da caixa registradora e dirigiu-se à sala de chá. — Não vou permitir que isso aconteça, nem Charlie.

— Espere um pouco, Esther — Patsy disse, seguindo-a. — Você tirou a capa protetora com o movimento brusco, e as costas de sua blusa estão cobertas de fios de cabelo. Vou limpar com uma escova. — Era véspera da Sexta-feira Santa, e Patsy estava feliz por ter decidido fechar o salão no dia seguinte. Queria curtir o feriado.

— Ah, não tem importância — disse Esther. — Eu ia mesmo jogar esta blusa na máquina de lavar hoje à noite. Veja, Ashley Hanes está sentada naquele canto. — Ela fez uma pausa e cochichou no ouvido de Patsy. — Aposto que Ashley não assinou, certo? Essa juventude de hoje nunca se envolve nesses assuntos.

Patsy suspirou enquanto Esther marchava em direção à mesa onde Ashley lia a última edição de uma revista especializada em cabelos. Ashley contara a Patsy que uma de suas amigas se casaria dali a dois meses. Ashley queria que suas tranças longas e vermelhas fossem arrematadas com um belo coque. Por ser madrinha, ela usaria um traje de cor diferente dos vestidos das damas de honra e queria ter uma aparência maravilhosa.

— Ashley, você assinou o papel na mesa de Patsy? — Esther perguntou, com voz autoritária. — Ainda não temos nem metade das assinaturas necessárias para impedir que aquela locadora se instale entre a clínica do dr. Hedges e o salão de tatuagem. Eles vão alugar filmes para adultos, Charlie me contou, e aquelas revistas indecentes.

Ashley levantou a cabeça, olhou de relance para Patsy e depois para Esther. — Não sei do que você está falando, sra. Moore.

— Estou falando da locadora! Patsy, traga aquele abaixo-assinado. Vamos pedir a esta jovem que o assine.

Patsy sabia que Esther tinha boas intenções, mas gostava de agir com autoritarismo. Desde a visita de Pete Roberts ao salão na noite de sábado, parecia que todo mundo só falava da tal locadora. Todos os que entraram no Assim Como Estou manifestaram-se contrários à ideia de ter um comércio como aquele em Tranquility. Ele derrubaria os preços das propriedades. Destruiria a fama da

cidade, de ser um local pacífico e exótico. Traria todos os tipos de visitantes indesejáveis.

A maioria dos homens que se sentaram na cadeira de Patsy para cortar o cabelo tiveram uma atitude reservada em relação ao assunto. Não seria boa ideia, quase todos disseram em voz baixa, mas, afinal de contas, os Estados Unidos *eram* um país livre. Todos tinham o direito de abrir um negócio, se pudessem arcar com as despesas, seja qual fosse o ramo escolhido. Era isso que fazia daquele país uma grande nação — livre iniciativa privada. Evidentemente, nenhum deles frequentaria um estabelecimento comercial como aquele, eles insistiam em dizer. Apesar disso, não se podia negar que um negócio de qualquer tipo, desde que bem-sucedido, aumentaria a arrecadação tributária da cidade.

— Vamos — disse Esther, apanhando o abaixo-assinado das mãos de Patsy e colocando-o com força na mesa de chá diante de Ashley. — Assine agora, meu bem. Estamos tentando manter essa locadora de filmes pornográficos bem longe do centro comercial, e precisamos da ajuda de todos. Você deveria trazer suas amigas para cá e pedir que assinassem este papel. Foi redigido por Pete Roberts, e está excelente. Assim que conseguirmos assinaturas suficientes, ele e Charlie vão conversar com o proprietário do centro comercial. E se essa conversa não funcionar, eles recorrerão aos representantes da cidade.

Ashley deixou a revista de lado e leu o papel. — Brad me falou a respeito disso — ela disse em voz baixa. — Ele não é contra a locadora, sra. Moore. Meu marido acha que as pessoas têm o direito de fazer o que quiserem na privacidade de suas casas.

— Essa locadora não é um estabelecimento privativo! — Esther exclamou. — Vai ficar exatamente entre o quiropraxista e o salão de tatuagem!

— Bem... — Ashley olhou para a lista dos nomes. — Brad e eu estamos... estamos tentando concordar em tudo, sabe? No último fim de semana pegamos nosso barco para dar um passeio no lago e conversamos muito. Queremos apoiar um ao outro. Confio em Brad, e sei que ele me ama, por isso não quero que uma locadora como essa seja problema para nós. Queremos fazer o possível para não haver discordâncias entre nós. Eu detestaria fazer alguma coisa em que nós dois não estivéssemos de acordo.

— Preste bem atenção, sra. Bradley Hanes. Vocês dois podem ser igual a um par de canarinhos gorjeando na primavera, mas há outras pessoas neste lago que precisam ser protegidas da tentação. Você gostaria que os amigos de seu marido

viesses às escondidas a Tranquility para alugar um daqueles filmes? Ou comprar aqueles lixos de revistas?

Ashley empalideceu. — Acho que não.

— Então assine! — Esther entregou uma caneta à jovem senhora. — Rápido! Aí vem Kim Finley. Aposto que ela está esperando os filhos descerem do ônibus escolar. Ela vai ter de assinar aqui também.

Patsy viu Ashley rabiscar sua assinatura no fim da lista. Esther colocou a bolsa em cima da revista de Ashley e chamou Kim com um aceno de mão. As três mulheres se reuniram e começaram a caminhar em direção à mesa, levando suas xícaras de chá e bolinhos de laranja com semente de papoula. Patsy retornou a seu local de trabalho.

Sua próxima cliente, assídua nos cortes e nas permanentes, estava atravessando a porta da frente, e Patsy receou que Pete ligasse um daqueles motores na Rods-n-Ends, bem ao lado da sala de chá. Parecia que todas as vezes que aquele recinto estava lotado de pessoas conversando e tomando o chá da tarde, lá vinha aquele zumbido ensurdecador para quebrar o clima de tranquilidade, abafar a música no sistema de som e fazer as xícaras tremerem no balcão.

Por mais cordial que tivesse sido no outro dia, Pete não levou a sério as objeções de Patsy quanto aos consertos dos motores. Ela ficou feliz por não ter saído para jantar com ele. Aquilo teria complicado tudo e deixado um clima desconfortável para protestar contra o tumulto causado por ele. Era chegada a hora de um novo confronto. Ela sentia a pressão aumentar.

Enquanto se ocupava com sua cliente — colocando pequenos pedaços de papel-alumínio nas mechas de cabelo, enrolando cada uma num rolinho pequeno de plástico, e depois cercando o rosto da mulher com uma faixa de algodão para protegê-lo dos fortes produtos químicos do processo da permanente —, Patsy concentrou-se no CD que tocava no sistema de som na hora do almoço. Era o conjunto Cor da Misericórdia, composto de três mulheres da região do lago cujas vozes assemelhavam-se a de anjos. A melodia e os versos cristãos ajudavam Patsy a manter-se calma e a concentrar-se no trabalho.

Naquele momento, seus pensamentos pareciam um tornado do Missouri formando rodamosinhos de areia, pedras e galhos quebrados. Sua mente não conseguia desligar-se dos assuntos do momento. Lojas de artigos pornográficos. Motosserras. Mulheres autoritárias. Máquinas de arrancar ervas daninhas. Vídeos

indecentes. *Problemas*. Havia sempre alguma coisa fermentando no lago, e com certeza não era o chá de camomila de Patsy.

Steve Hansen atravessaria a porta do salão dentro de dez minutos. Ele havia marcado hora para cortar o cabelo antes que seus dois filhos chegassem para os feriados da primavera. Embora Steve e Patsy sempre tivessem sido bons amigos, atualmente ela não sabia o que conversar com ele.

Steve era sempre muito simpático, claro. E bonito também. Inteligente, divertido, bem-sucedido, determinado. Tinha tudo para despertar o interesse de uma mulher. Mas os Hansens não mais apareciam em público juntos, nem na igreja. Steve continuava indo à igreja todos os domingos, mas Brenda deixara de frequentar.

Havia rumores — terríveis, maldosos, sussurrados pelos cantos — de que Brenda estaria envolvida com Nick LeClair, o pedreiro, o sujeito contratado para trabalhar no porão dos Hansens. Patsy nunca acreditou nisso. Brenda sempre foi boa mãe, esposa fiel e cristã fervorosa, e não cairia numa armadilha como essa. Mas o que *estaria havendo naquela* bonita casa da Sunnyslope Lane em Deepwater Cove?

Enquanto começava a aplicar a solução de permanente nos rolinhos da cliente, Patsy ouviu a sineta da porta da frente tocar. Claro, era Steve Hansen, tão profissional, tão educado e com tão boa aparência, como se tivesse chegado da rua de uma cidade grande. Um homem como ele provavelmente faria um sucesso enorme em Nova York ou Chicago. Diziam que a imobiliária de Steve estava ganhando muito dinheiro. Com um marido como aquele, o que teria feito Brenda buscar conforto num prestador de serviços?

— Vou atendê-lo em cinco minutos, Steve — Patsy avisou, fazendo o possível para dar um tom de despreocupação na voz. — Depois que eu colocar Opal no secador, você poderá sentar-se no lugar dela.

Steve assentiu com a cabeça e caminhou em direção à fileira de cadeiras encostadas na parede, na sala de espera. Os homens, Patsy observara, tinham o costume de sentar-se na beira da cadeira ou andar de um lado para o outro enquanto aguardavam a vez. Talvez o cheiro dos géis e musses, o ruído dos secadores de cabelo, as fileiras de produtos cosméticos e as revistas femininas os deixassem inquietos.

Steve Hansen não era diferente. Pegou uma revista e voltou a sentar-se. Caminhou até a janela e fingiu focalizar a atenção no entra e sai do

estacionamento do centro comercial. De repente, Esther Moore o cercou.

— Steve Hansen, a pessoa exata de quem estávamos falando! — ela exclamou, enroscando o braço no dele. — Você é o homem da vez. Aposto que não sabia! Venha. Vamos conversar sobre o que está acontecendo.

Patsy observou que Steve forçou um sorriso desconfortável. — Oi, Esther — ele cumprimentou a mulher de cabelos brancos. — Tenho hora marcada para cortar o cabelo daqui a um minuto.

— Ah, Patsy não se vai aborrecer se você for cumprimentar as garotas. Você conhece Kim Finley e Ashley Hanes, claro. Estávamos falando do abaixo-assinado que Pete Roberts redigiu. Sente-se aqui e conte-nos as novidades.

Steve empoleirou-se numa cadeira e cruzou as mãos sobre a toalha da mesa. — Não há muitas novidades, senhoras. Temos de conseguir assinaturas suficientes para abrir os olhos do proprietário do centro comercial. Se a oposição for em grande número, talvez ele decida alugar o espaço para outra pessoa.

— Há alguém interessado? Você captou alguma coisa? — Esther perguntou. — Charlie disse que faz anos que ninguém se interessa por aquele lugar.

— Eu não trabalho com aluguéis, Esther — Steve disse. — Mas acho que Charlie tem razão. Tranquility está fora de mão, e é difícil um comerciante ser bem-sucedido numa comunidade tão pequena.

— Há muita gente morando no lado oeste do lago — Kim interveio. — Faltam muitos estabelecimentos comerciais aqui. Algumas lanchonetes seriam bem-vindas. Derek e eu trabalhamos fora, e não nos sobra muito tempo para sentar com as crianças num restaurante formal.

— Eu acho difícil preparar uma refeição completa — Ashley disse, jogando seus longos cabelos castanho-avermelhados sobre os ombros. — Detesto pensar no prato que vou fazer, principalmente porque já saí para o clube de campo quando Brad chega em casa para jantar. Deixo um prato pronto para ele na geladeira, e ele se irrita porque precisa aquecê-lo. Brad queima tudo. Até no micro-ondas. Quando chego em casa, a bagunça está feita. Se tivéssemos uma lanchonete aqui no centro comercial, Brad e eu poderíamos fazer uma refeição rápida juntos, antes de eu sair para o trabalho.

— Receio que não seja tão fácil atrair uma cadeia de lanchonetes para cá — Steve estava dizendo às mulheres quando Patsy chegou para avisar que o lugar dele estava livre. — Os proprietários fazem todos os tipos de análises antes de autorizar uma franquia. Verificam o número de habitantes, os meses de maior movimento e as horas mais agitadas do dia, o custo do transporte de matérias

primas. Tudo isso e muito mais. Há pouca possibilidade de que um pequeno centro comercial numa comunidade de lazer como esta, tão isolada, seja capaz de atrair a atenção de uma rede de lanchonetes.

— Não sei se vou tolerar a instalação desse tipo de locadora de filmes aqui — Patsy disse, afundando-se na cadeira por um instante. Era muito bom poder descansar os pés, mesmo que fosse por alguns minutos. Haveria tempo suficiente para cortar o cabelo de Steve e terminar a permanente. — Uma cidade chamada Tranquility deve ser um lugar de paz. Vou lhe dizer uma coisa. A vida aqui tem sido um pesadelo. Os rapazes andam a toda velocidade nesta rua, para cima e para baixo. O bar um pouco mais adiante me faz ficar com medo de voltar de carro à noite para casa. Pete Roberts continua a provocar tumultos com o conserto de motores aqui ao lado. E o salão de tatuagem traz para cá uma multidão de motociclistas e a garotada da Festa da Enseada.

— Ah, nem me fale dessa Festa da Enseada! — Kim exclamou, referindo-se aos jovens que têm um reduto preferido na região do lago. — Derek só fala nisso quando volta do trabalho. A Patrulha Aquática tem muito que fazer no verão, tentando controlar aquele lugar.

Nos fins de semana de verão, os jovens afluíam à baixada Anderson e ancoravam centenas de barcos, caiaques, *jet skis* e outros tipos de transporte aquático, formando uma extensa fileira de embarcações que se transformavam numa enorme festa. O local escolhido era regado a álcool, drogas, música alta e tudo o mais que se possa imaginar. Garotas trajando biquínis saltavam de um barco para outro enquanto os rapazes vaiavam e assobiavam. A Festa da Enseada era um pesadelo para a Patrulha Aquática Estadual e para a polícia da região do lago. As autoridades pouco podiam fazer para afastar qualquer grupo que decidisse instalar-se no local, a não ser que recebessem uma enxurrada de reclamações de venda de bebida a menores de idade, dirigir barcos sob efeito de álcool ou droga e atos de atentado ao pudor.

— Uma locadora de filmes para adultos arruinaria o ambiente aqui em Tranquility — Patsy prosseguiu, decidida a fazer valer sua opinião. — Tenho feito o possível para atrair uma clientela calma e civilizada ao Assim Como Estou. A sala de chá é um lugar de descontração, onde as pessoas podem pôr os pensamentos no lugar. Quero exercer uma influência piedosa nessa gente, Steve, e se meus clientes tiverem de passar no meio de um bando de usuários de drogas e amantes de pornografia, bem, meu salão e meu ministério irão por água

abaixo.

— Estou fazendo o possível para manter essa locadora longe daqui, Patsy — Steve disse gentilmente. — Mas não creio que os defensores da locadora sejam tão maus quanto você imagina. O pessoal não quer ser visto numa locadora de filmes para adultos, por isso todos vão querer entrar e sair o mais rápido possível.

— Mas grande parte de minha clientela é composta de mulheres! — ela disse, irritada. — A maioria das mulheres não se interessa por esse tipo de filme ou revista. As garotas que se prestam a essas coisas passam por processos de maquiagem, cirurgia plástica, lipoaspiração e outras coisas do gênero para parecer atraentes. As mulheres verdadeiras querem ser amadas e valorizadas. Não querem ser tratadas como objeto.

— Patsy está coberta de razão — Esther interveio. — Gostamos de ser ouvidas, não de ser cobiçadas. Quando estou falando, Charlie sabe que é melhor parar e prestar atenção em mim. Mesmo que não concorde comigo, ele se interessa em ouvir o que tenho a lhe dizer.

— As senhoras estão falando da locadora ou de um manual de casamento? — Steve perguntou.

— Dos dois! — Esther respondeu. — Você é influente, e queremos que saiba que estamos sendo muito sinceras. Mudei-me para cá há anos, depois de me casar. Meu marido aprendeu que precisa dar atenção a mim, muita atenção mesmo, se quiser que eu sinta um pouco de afeto por ele. É tudo o que tenho a dizer sobre *este* assunto.

— Uma esposa não se pode espelhar nas imagens desses filmes — Kim disse. — Sinto atração por meu marido e quero agradecer-lhe porque ele me ajuda.

Ashley suspirou fundo. — Brad não levanta um dedo para me ajudar nos serviços da casa. Ele é capaz de construir uma casa, instalar painéis de gesso, cobrir a estrutura com telhado e impermeabilizar superfícies externas, mas não sabe o que é uma máquina de lavar pratos.

— Oh, céus! — Patsy exclamou. — Diga a ele que venha aqui, e eu ensinarei algumas coisas àquele rapaz. Deixo a máquina de lavar pratos do salão ligada metade do dia. E a lavadora e a secadora não param de funcionar.

Kim assentiu com a cabeça. — Gosto muito quando Derek faz a parte dele para manter o bom andamento do lar. Quando entro em casa depois do trabalho, ele pergunta imediatamente: “O que posso fazer para ajudá-la, Kim?”.

— Isso sim *é que é* homem! — Esther disse com firmeza na voz.

— Esperem um pouco — Steve disse. — Pensei que estivéssemos falando das mulheres em relação a filmes para adultos.

— Mas você não percebe? Aquelas lá não são mulheres no sentido verdadeiro da palavra — Kim disse. — Se um homem deseja uma mulher verdadeira para atender às suas necessidades, precisa fazer a parte dele. Derek está sempre tentando descobrir como ser um marido melhor.

— Como você conseguiu ter tanta sorte assim? — Ashley perguntou.

— Bem, ele deve achar que está competindo com meu ex-marido, mas, pelo que sei, não há competição alguma. Claro que temos altos e baixos, mas Derek é um homem incrível.

— Um homem com esses predicados não vai defender uma locadora de filmes para adultos — disse Patsy, voltando ao assunto principal. — Se pudermos manter apenas um comércio bom e decente nesta área, o valor de nossas propriedades aumentará, Steve. Estou falando de manter as coisas no lugar certo. Veja o açude Bagnell, por exemplo. Aquele local me faz lembrar uma feira livre. Para-choques de carros, arcadas, vendedores de chocolate, salões de tatuagem, lojas de artigos para *hippies*, torres para *bungee jump*, exibição de carros, nada disso me atrai, embora eu saiba que atrai turistas. Mas esta cidade chama-se Tranquility! Essas coisas me aborrecem muito!

Naquele momento, o ronco de um cortador de grama atravessou a parede que separava o salão de beleza da Rods-n-Ends. Patsy cerrou os dentes quando as xícaras começaram a tremer em cima da mesa. Do lado de fora da janela da frente do salão, o ônibus escolar parou e as crianças desceram no estacionamento. Em questão de segundos, a porta do salão foi aberta e Lydia, a filha de Kim Finley, correu em direção à sala de chá, com o rosto vermelho e as tranças escuras voando.

— Mamãe! — ela gritou para abafar o ronco do cortador de grama. — Luke ficou doente na escola, e a secretária do dentista disse que você estava ajudando numa cirurgia, por isso o papai foi buscar Luke!

— Joe foi buscá-lo? Mas não é o dia dele! — Kim exclamou, levantando-se com tanta rapidez que a cadeira tombou para trás. — Eu já disse a ele mais de cem vezes. Ele só pode ver vocês no dia estipulado.

— Mas, mamãe, Luke está doente!

Segurando com força a mão da filha, Kim Finley procurou o celular na bolsa enquanto se dirigia apressada à porta. Ashley tampou os ouvidos por causa do

ronco do cortador de grama. Esther revirou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Bem, Steve — Patsy disse, fixando o olhar na tabuleta do Assim Como Estou, pintada acima da mesa da caixa registradora, e dando um longo suspiro. — Vamos, querido. É a sua vez.

Brenda sentou-se na beira da cama e olhou para o gato deitado no chão entre seus pés. Nick LeClair tinha ido para casa no fim do dia e só voltaria dali a duas semanas. Outro projeto surgira, e como coincidiria com a chegada dos filhos para os feriados da primavera, Brenda insistiu em que ele aceitasse realizá-lo depois. Quando voltasse, ele assentaria o piso de vinil no porão, instalaria a bancada para os vasos que construía e partiria para iniciar o outro trabalho que o esperava numa casa em Camdenton.

Brenda passou a manhã inteira pintando as paredes do porão conforme Nick lhe ensinara — pintou as beiras do teto com o pincel e usou o rolo para pintar as outras partes. À tarde, ela preparou dois pratos de forno, os favoritos da família, e colocou-os na geladeira. Quando Justin e Jessica chegassem no sábado, Brenda queria ter tudo pronto para passar o máximo de tempo possível com os filhos. Ela havia programado um piquenique no lago, uma sessão de cinema à tarde para ela e Jessica, um passeio ao *shopping* em Osage Beach para comprar roupas de primavera e várias idas aos restaurantes preferidos da família.

Colocando as mãos abertas no joelho, Brenda olhou para sua aliança de casamento, manchada de tinta látex verde. Enquanto analisava o aro dourado, ela lembrou-se daquela manhã, do momento em que Nick colocou a mão sobre a dela e da voz forte daquele homem perto de seu ouvido. Ela tremeu ao pensar na respiração dele em seu rosto.

Como se permitira cair naquela armadilha? Brenda sacudiu a cabeça. Como num passe de mágica, Brenda havia parado de brigar com Steve, convencendo a si mesma de que o comportamento dele em relação a ela não mais importava. Não havia mais ressentimentos nem mágoas por ele tê-la abandonado. Ela simplesmente se tornou indiferente, eliminou-o do coração — como se tivesse apertado a tecla apagar de seu computador e apagado aquele homem de sua vida.

E também, como num passe de mágica, Nick LeClair havia deixado de ser o pedreiro, o homem casado duas vezes e avô de dois netos. Agora ele era o confidente de Brenda. Seu amigo íntimo. Divertido, interessante, lisonjeador, ele passou a ser a pessoa que ela ansiava por ver todas as manhãs. Brenda valorizava

as opiniões dele. Queria saber quais eram suas ideias.

Uma linha invisível foi traçada diante de Brenda quando ela se casou com Steve Hansen. Mas, em algum momento nas últimas semanas, ela havia ultrapassado essa linha sem perceber. De repente, Nick, um operário de construção, com as roupas respingadas de tinta, se transformara num homem bonito e desejável. Em sua presença, ela se sentia jovem e tola. Ria à toa. Quando Nick olhava fixamente para ela e a provocava, ela devolvia-lhe o olhar.

Os olhos azuis de Nick ficaram gravados na mente de Brenda, e ela os via claramente como um par de safiras enquanto preparava os pratos de forno — um com peito de peru e outro com brócolis e frango. As conversas entre eles vinham-lhe à mente no momento em que acordava sozinha de manhã até voltar a dormir à noite em sua cama fria ao lado do marido distante e calado.

— Brenda? — A voz de Steve encheu de repente a suíte do casal, assustando-a. Ela corou, com sentimento de culpa. — Você está bem?

Brenda levantou a cabeça e tentou olhar para o homem com quem se casara tantos anos atrás. Reconheceu sua silhueta na porta, mas quem era Steve? Onde estava o atleta com jeito de menino que um dia a deixara boquiaberta? Por que ela sentiu um desejo repentino de fugir daquele estranho em seu quarto, correr pela estrada e atravessar a mata para cair num par de braços com aroma semelhante ao de flanela aconchegante e pinho recém-cortado?

— Estou bem — ela conseguiu dizer. — Muito bem mesmo.

Ao imaginar-se em pé, envolvida pelos braços de Nick, Brenda sentiu que seu mundo ilusório estava desabando de repente diante dela como um enfeite de Natal espatifando-se no chão. Ao imaginar-se correndo para os braços de Nick, ela visualizou a esposa dele abrindo a porta do *trailer* e os netos sentados ao redor da mesa de refeição. Ele olharia com ar enigmático para Brenda e perguntaria por que cargas d'água ela foi parar ali e o que estaria fazendo à sua porta. Atônito, ele se lembraria de que apenas lhe mostrara como pintar os cantos da parede naquela manhã. Ficaria atordoado se ela lhe dissesse que decidira fugir de casa para morar numa cabana no Colorado, onde os dois viveriam felizes para sempre.

Ninguém tomaria uma atitude ridícula como aquela. Nick não haveria de querer viver assim. Nem Brenda. Ela era casada, tinha três filhos, uma casa bonita e bons vizinhos. Era cristã, frequentava a igreja e lecionou na Escola Bíblica de Férias durante quinze anos, todos os verões.

— Em que você está pensando? — Steve perguntou, aproximando-se da cama.

— Na Escola Bíblica de Férias.

— Está planejando colaborar novamente neste verão?

Brenda olhou de relance para ele. Arca de Noé. Daniel na cova dos leões. Os Dez Mandamentos. Ela sempre conheceu as histórias, os mandamentos, os códigos e os princípios morais da fé cristã. Quando era menina em St. Louis, aprendera que mentir para os pais e bater na irmã menor eram pecados. Além de magoar a família, ela se comportava de modo que desagradava a Deus. Cheia de remorsos, arrependeu-se, entregou o controle de sua vida a Jesus e foi batizada. Seus filhos cresceram tendo Cristo no centro da vida deles, e prova disso era que Jennifer estava na África trabalhando como missionária, falando de Deus ao povo e ensinando-o a afastar-se do mal e aproximar-se da luz.

— Brenda? — Steve perguntou mais uma vez, olhando para ela, com ar de preocupação no rosto. — Tem certeza de que está bem? Você está pálida.

— Não vou lecionar na Escola Bíblica de Férias este ano — ela disse. — Você sabe que deixei de ir à igreja.

— Como assim, Brenda? — Ele sentou-se ao lado dela na beira da cama. — O que há de errado? Pode me dizer o que está havendo com você?

— Não sei ao certo onde Deus está nestes dias. Não sei mais quem eu sou. Estou cansada de tudo... do passado, de como eu costumava ser, do meu velho modo de pensar.

— Eu gostava da minha antiga Brenda — Steve disse. — Você era feliz e atarefada. Costumávamos fazer as coisas juntos.

— Esse tempo acabou, não?

— O quê? Não, nada mudou. Deus continua aqui conosco. Estamos casados. Temos esta casa com porão, tudo no lugar. As crianças vão chegar amanhã. Temos dinheiro, amigos e a nossa igreja. Tudo está bem.

— Verdade? — Ela olhou fundo nos olhos castanho-escuros dele. — Você não está mais aqui... aqui neste casamento. Nem eu.

— Isso é ridículo, Brenda. Claro que estou aqui. Estou sentado ao seu lado em nossa cama. Venho para casa todas as noites, e se você parar de me hostilizar, poderemos nos amar e voltar a ter uma vida normal e feliz. Não sei exatamente como me expressar, querida, mas você deve ter algum problema. Não sei ao certo o que se passa, mas por que não conversa com o pastor Andrew? Talvez ele possa recomendar um conselheiro ou médico. Desde que Jennifer partiu para a África,

e Justin e Jessica foram para a faculdade, você tem agido... bem, de forma diferente.

— Então o problema é *comigo*?

— É o que me parece. Eu não tenho nenhum problema. E ficaria melhor se você parasse de me lançar esse olhar gelado o tempo todo. Adoro meu serviço, e as possibilidades são incríveis. Minha imobiliária trabalha sem parar sete dias por semana, e o movimento de venda de casas está tão acelerado que mal consigo acompanhar. Estou pensando em trabalhar também com propriedades comerciais. Aliás, tive uma ideia e gostaria de conversar com você a respeito... mas não quero puxar o assunto, a não ser que você me ouça sem ficar zangada.

Brenda umedeceu os lábios. Zangada? Como poderia ficar zangada com alguém que não existia?

Sentado ao lado dela na cama, Steve parecia tão íntimo e, ao mesmo tempo, tão irrelevante. Estava falando, mas ela não conseguia acompanhar a conversa dele. Steve deixara de ser importante para ela.

A situação não tinha relação nenhuma com a ida dos filhos para a faculdade nem com Nick LeClair falando baixo no seu ouvido. O problema era Steve. Ele se afastou, e finalmente — depois de chorar de raiva e de mágoa por semanas a fio —, finalmente Brenda fechou a porta atrás dele... e a trancou.

— Pode dizer o que quiser — ela avisou. — Não vou ficar zangada.

— Bem, o assunto é sobre o centro comercial em Tranquility. — Ele praticamente saltou da cama e começou a andar de um lado para o outro no quarto. — Tenho certeza de que você já ouviu falar que alguém está querendo instalar uma locadora de filmes para adultos. Patsy está indignada, e Pete redigiu um abaixo-assinado para protestar contra isso. Já conseguiu assinaturas suficientes para convencer o proprietário a não alugar o espaço a essa gente. O dr. Hedges está revoltado e ameaçou mudar-se de lá. As vagas para estacionamento são poucas no centro comercial, e o dr. Hedges não quer que seus pacientes parem o carro em frente a uma locadora de filmes pornográficos. Por isso existem boas possibilidades de encerrarmos esse assunto. Basta pressionar o proprietário. Mas, Brenda, andei pensando... bem, pensando em comprar o centro comercial.

— Ah — ela disse com voz inexpressiva.

— Talvez a gente tenha de fazer uma dívida por uns tempos, mas acho que podemos arcar com ela. O custo da faculdade das crianças está coberto, e você e

eu temos carros novos. Com o porão quase terminado e as despesas programadas, não haverá necessidade de consertar mais nada aqui.

— Exceto o nosso casamento — ela emendou.

— O quê? — Ele sacudiu a cabeça. — Ouça, o nosso casamento está ótimo. O problema é com você... talvez relacionado à meia-idade. Pedi que conversasse com o pastor Andrew. Por favor, faça isso. Se existe alguém que pode ajudá-la, Brenda, esse alguém é ele.

— Entendo.

— O que estou tentando explicar é que tenho certeza de que posso alugar todos os espaços do centro comercial para pessoas de bem. Não vai ser fácil, e nunca fiz isso antes. Existe a possibilidade de termos um grande sucesso financeiro. Você sabe que trabalho muito e que acredito no futuro do lago. Por isso, seria um negócio e tanto para nós. Vamos ganhar muito dinheiro, Brenda. *Muito* dinheiro mesmo. O que você acha?

Ela começou a tirar a tinta verde da aliança. — Não sei. Preciso...

— Espere um pouco. O telefone está tocando. — Steve pegou o celular. — É Justin — ele avisou Brenda ao ver o número na tela.

— Ei, rapaz — Steve disse ao telefone. — Estamos aguardando sua chegada no sábado. Está tudo bem aí? — Ele fez uma pausa e olhou de relance para Brenda. — Sua mãe está aqui. Quer falar com ela?... Está bem, então me conte.

Permanecendo em silêncio por algum tempo, Steve alternava o olhar entre a esposa e as janelas do quarto de frente para o lago. — Sim, estou ouvindo, mas... Justin, você sabe o que isso vai significar... Bem, não posso impedi-lo, mas gostaria que soubesse o efeito que isso vai causar em sua mãe e em mim. E quanto a Jessica? — Ele fez uma pausa. — Verdade? Por que não nos disse antes?... Está bem... Não, não vou discutir com você. Apenas tome cuidado. Nós o amamos, filho. Tchau.

Steve contraiu as mandíbulas e sacudiu a cabeça. Em seguida, respirou fundo. — Justin decidiu descer de carro até Padre Island com um grupo de amigos, e vai passar os feriados inteiros lá. Nosso filho conseguiu o dinheiro e é maior de idade, portanto não podemos fazer nada. Eles resolveram ontem à noite e estão partindo para lá amanhã cedo.

Sentindo uma espécie de náusea, Brenda continuou sentada com a boca aberta.

— Jessica virá no sábado — Steve prosseguiu. — Pediu a Justin que nos

avisasse que estará conosco no culto da Páscoa, mas irá para o sul na mesma tarde. A família do novo namorado dela tem um chalé em Table Rock Lake, e ela foi convidada para passar uns dias com eles. O pai de Josh é professor de religião na Universidade Batista do Sudoeste, e Jessica pediu a Justin que nos dissesse que eles serão bem vigiados e que tudo vai ficar bem.

— É muito pouco tempo — Brenda disse. — Vinte e quatro horas com apenas um de nossos filhos.

Steve colocou as mãos nos bolsos da calça e olhou para a esposa. — Eles não são mais crianças, Brenda — ele disse carinhosamente. — São adultos. Você precisa aceitar isso. Vai ficar sem companhia.

Ela levantou-se e dirigiu-se ao banheiro para vestir o pijama. — Eu sei. Já imaginava.

— **Vejam só quem acaba de chegar.** A srta. Jessica Jansen! — Patsy exclamou quando a moça e a mãe atravessaram a porta do Assim Como Estou. — A beldade do baile, a rainha voltando para casa, a namoradilha de Lake of the Ozarks! Cada vez que a vejo, você está mais bonita. Aposto que os garotos do Missouri estão fazendo de tudo para sair com você!

Patsy cortava o cabelo de Jessica desde que a garota tinha oito anos. As duas eram amigas íntimas, e Jessica sempre contava a Patsy os detalhes do que fazia e de como se sentia. Patsy estava ansiosa por saber das novidades já que Jessica passou vários meses longe de casa.

Jessica riu. — Você é minha maior admiradora, Patsy. Tudo o que sou em questão de beleza eu devo a você.

— Isso é o que eu chamo de elogio! Você e sua mãe fiquem à vontade. Vou atendê-las num minuto. Olhando daqui, parece que você precisa apenas aparar um pouco o cabelo. — Patsy borrifou *spray* no penteado perfeito de sua cliente. — Como vão as coisas, Brenda? Teve notícias de Cody?

Mãe e filha, muito parecidas uma com a outra e da mesma altura, acomodaram-se nas cadeiras da sala de espera. Ambas trajavam calça *jeans* e camiseta colorida. Poderiam passar por irmãs, não fosse a diferença de idade. E a diferença de idade não pesava tanto assim, Patsy pensou. Jessica amadurecera nos meses em que cursou o primeiro ano na Universidade Estadual do Missouri. Seu rosto e silhueta de adolescente desajeitada estavam se transformando numa mulher bonita de formas curvilíneas. Brenda Hansen, que ultimamente parecia ter perdido muitos quilos, sempre foi encantadora. Aparentava ter menos de 45 anos, e não era de admirar que tivesse conseguido fisgar um marido tão bonito.

Brenda respondeu à pergunta de Patsy. — Pete Roberts me contou que viu outro dia uma pessoa revirando o aterro sanitário da cidade, atrás do restaurante italiano. Ele achou que era Cody, mas, quando se aproximou, o homem embrenhou-se no mato.

Patsy terminou o cabelo da cliente e começou a tarefa interminável de limpar e varrer o salão, conforme a lei exigia para mantê-lo em funcionamento. Ao curvar-se para varrer as sobras de cabelo para dentro da pá de lixo, ela murmurou uma breve oração por Cody. Onde quer que estivesse, aquele pobre homem

necessitava, sem dúvida, de ajuda e proteção. A lembrança de ver Cody fugindo assustado do salão trouxe-lhe à mente a figura de Pete Roberts pela centésima vez naquele dia, e Patsy lutou para concentrar-se em assuntos piedosos e de paz.

Nos últimos três dias o homem voltara a consertar outra motosserra na porta ao lado. Todas as vezes que o silêncio pairava em seu salão, quando a música penetrava em todo o ambiente e podia-se ouvir o tilintar das xícaras de chá, aquela máquina barulhenta começava a funcionar — quebrando o silêncio e pondo fim ao clima pacífico que Patsy se esforçara tanto para criar. Faltavam apenas algumas horas para o fechamento do salão no fim de semana da Páscoa, mas Patsy tinha certeza de que se ouvisse aquele ronco mais uma vez, arrombaria a parede divisória e golpearia a cabeça de seu vizinho com uma de suas varas de pescar.

— Pode vir, srta. Jessica — ela chamou. — Estou pronta para atendê-la.

Quando mãe e filha ergueram os olhos das revistas que liam, Patsy imaginou estar vendo duas gêmeas idênticas. Mas, assim que Jessica se aproximou, Patsy notou uma diferença acentuada. O rosto de Brenda Hansen tinha um ar circunspeto. Os ombros estavam ligeiramente curvados, e os olhos verdes tinham uma expressão vazia — quase sem vida.

Jessica — com seus cabelos loiros e compridos, dentes alvos, covinhas no rosto e olhos cor de esmeralda cintilante — fazia Patsy lembrar-se de um narciso silvestre desabrochando na primavera. Enquanto a mãe se parecia com um galho de árvore derrubado pelo vento do inverno, a filha brilhava como um botão de flor.

O que poderia ter acontecido com Brenda? Patsy afofou o assento da cadeira e prendeu uma capa ao redor do pescoço de Jessica. A bem da verdade, aquele era um assunto exclusivo da família Hansen, e ninguém tinha o direito de bisbilhotar. Apesar disso, as mudanças ocorridas em Brenda assustavam e preocupavam Patsy.

Será que os boatos que ela ouvira eram verdadeiros? Brenda e Steve estariam com problemas conjugais? Brenda teria passado muito tempo com o prestador de serviços que trabalhou em seu porão? Steve estaria tendo um caso amoroso com uma cliente ou com outra corretora? O povo sussurrava coisas destruidoras, até mesmo cruéis, a respeito dos Hansens, e Patsy sempre fazia o possível para mudar o rumo da conversa. Mas, se todos notaram que havia algo errado na casa em Deepwater Cove, será que Patsy deveria fechar os olhos? Haveria um meio de ajudar ou fazer uma diferença positiva? Ou isso seria interpretado como

interferência?

— Vamos até a pia para eu lavar os seus cabelos, querida — ela disse a Jessica. — Nossa! Este seu cabelo está saudável. Você deve estar se alimentando corretamente. E feliz também, creio eu.

— Você sabe disso só de olhar para os meus cabelos? — Jessica perguntou, enquanto ambas caminhavam em direção à fileira de pias pretas ao longo da parede. — Que estranho, Patsy!

— Olhar para os cabelos de uma pessoa é quase o mesmo que olhar para uma bola de cristal. Os cabelos dizem tudo: se ela não está se alimentando corretamente, se está doente, estressada ou infeliz. As pessoas perdem cabelo ou eles ficam ralos e quebradiços quando as coisas não vão bem. Às vezes é por causa da idade ou de uma tintura malfeita. Mas, em geral, eu fico sabendo de muita coisa só em colocar os dedos no cabelo de um cliente.

O rosto de Jessica refletia serenidade quando ela tombou a cabeça para trás na pia. Patsy começou a molhar seus longos cachos loiros com água morna. — Ah, que sensação boa! — disse a moça com um suspiro. — Há salões de todos os tipos perto do câmpus, mas eu disse à minha mãe que não gosto que ninguém toque em meus cabelos, a não ser Patsy Pringle.

— Puxa! Você me fez ganhar o dia. — Patsy aplicou xampu nos cabelos de Jessica. — Você já é adulta. Qualquer dia desses vou achar que estou aqui há tanto tempo que vou ver os netos dos clientes que atendi quando eram crianças.

— Talvez não. Papai me contou que você tem um admirador secreto — disse Jessica. — Logo você vai ter filhos e netos.

— Senhor, tenha misericórdia. Se o seu pai está se referindo a Pete Roberts, diga a ele que não há nenhuma possibilidade no mundo de que isso aconteça. O homem adora me espezinhar. Espere só para ver. A qualquer momento ele vai ligar uma motosserra ou máquina de arrancar ervas daninhas e tirar todos nós do sério.

— Por que você não vai até lá e pede que ele pare com isso?

— Estive lá mais de cinquenta vezes, gritando com ele até ficar rouca. Não adiantou nada. Ele está ganhando dinheiro com o conserto dessas máquinas, e não se preocupa nem um pouco com os *meus* clientes.

— Gritando? Você? — Jessica arregalou os olhos verdes enquanto Patsy enxaguava seus cabelos. — Você sempre foi tão gentil.

— Não com ele. Esse sujeito é um bode velho, e eu não me importo se a

gente tiver de dar cabeçada um no outro.

— Talvez fosse melhor você tentar convencê-lo com palavras meigas.

— Pete Roberts?

— Sim, Pete Roberts! — Jessica riu enquanto Patsy enrolava uma toalha na cabeça dela e a conduzia de volta a seu local de trabalho. — Peça a ele com bons modos, Patsy. Você se lembra do que costumava dizer quando eu me queixava das maldades de meu irmão? Você repetia um versículo da Bíblia, da história do homem que perguntou a Jesus quantas vezes ele deveria perdoar alguém que o prejudicou. O homem perguntou se sete vezes seriam suficientes. Mas Jesus disse que ele deveria perdoar setenta vezes sete. E você dizia que eu deveria perdoar Justin setenta vezes sete. Agora é sua vez. Vá até lá, perdoe Pete Roberts, e seja doce como um melado com ele.

Patsy revirou os olhos e começou a pentear os cabelos molhados de Jessica. — Quem diria? Meu sábio conselho voltou para me assombrar.

— Estou cheia de boas ideias — Jessica declarou. — Na verdade, sou muito madura para minha idade.

— Você? Quem disse isso?

— Josh. Meu namorado.

— Pensei que você estivesse namorando Darrell Dugan, de Osage Beach.

— Ah, isso foi há séculos. Darrell e eu rompemos o namoro depois que fomos para a faculdade. Ele estuda na Universidade de St. Louis, e a distância é muito grande de Springfield. Ele foi me ver algumas vezes, ou nos encontramos no lago, mas percebi que o coração dele estava muito longe. Depois de uns tempos, tudo acabou e agradecemos um ao outro as lembranças. Logo depois conheci Josh.

Patsy estava acostumada a ouvir confissões de seus clientes e, em geral, permanecia de boca fechada. Mas com Jessica, ela achou que poderia extrair mais detalhes. — E com esse novo namorado... o amor é pra valer?

O rosto de Jessica enrubesceu. — Acho que sim. Josh é maravilhoso. Está cursando medicina e, quando se formar, quer clinicar num bairro pobre. Que grande cristão ele é, Patsy! Vou lhe contar uma coisa, ele serve de inspiração para mim. Às vezes, eu fico apenas ouvindo Josh falar, e penso... *Puxa!* Nunca conheci alguém como ele. Josh é muito perspicaz, sabe? É muito inteligente e adora ler. Pondera tudo como se fosse um filósofo. O pai dele é pastor. Amanhã, depois do culto na igreja, vou a Table Rock Lake para conhecer os pais dele e

passar uma semana com eles. Estou muito nervosa, mas não vejo a hora de conhecê-los.

Patsy parou no meio do corte. Já havia cortado pouco mais de dois centímetros dos cabelos loiros de Jessica. — Você vai embora de Deepwater Cove *amanhã*?

— Sim. — Jessica abaixou a voz. — Mamãe está aborrecida porque não vou passar os feriados inteiros aqui, mas quero ficar com Josh, não com meus pais. Mamãe pensa que todos nós ainda consideramos a casa do lago como se fosse a nossa casa. Inclusive Jennifer. Você não imagina o que mamãe planejou para mim e Justin nesta semana. Um piquenique no barco. Cachorro-quente grelhado. Fazer compras no *shopping*... bem, até que não seria mau. Mas o resto é cansativo, e eu *preciso* passar uns dias com Josh, sabe? Ainda estamos nos conhecendo. E não quero ficar em casa, sem nenhuma amiga e sem nada para fazer, a não ser grelhar salsichas para cachorro quente, trabalhar num projeto bobo de artesanato ou decifrar enigmas que a mamãe inventa. Várias amigas minhas vão voltar logo para o alojamento da faculdade só para não ter de passar o tempo todo com os pais.

— E o seu irmão?

— Justin me aconselhou a não passar todos os dias dos feriados em casa, porque ele já fez isso. Disse que a mamãe fica muito emocionada e inventa atividades para a família toda participar. Um grupo de amigos dele achou que seria melhor inventarem um passeio para não ter de ficar uma semana inteira com a família. Assim que a última aula de ontem terminou, eles foram para Padre Island.

— Justin foi ao Texas? — Patsy fez outra pausa com a tesoura. — Ouvi dizer que as festas que eles realizam lá nos feriados de primavera são muito extravagantes. Você tem certeza de que foi uma boa ideia?

— Foi uma péssima ideia, mas Justin é assim. Os meus pais nem imaginam como o filho queridinho deles se comporta na faculdade. Justin já causou problemas a eles com bebedeira nos tempos de colégio, mas agora a vida para ele é sempre uma festa. Não sei como ele consegue passar de ano. Pensei em conversar com ele, mas achei melhor ficar de boca fechada. Ele é quem sabe como deve viver, e se a coisa explodir, os meus pais vão ficar sabendo de um jeito ou de outro.

Patsy olhou de relance para Brenda, que estava concentrada na leitura de uma

revista de decorações. — Sua mãe deve estar muito decepcionada por nenhum de vocês passar a semana inteira em casa.

— Ela está de mau humor desde que cheguei. Segura a cabeça o tempo todo como se estivesse com enxaqueca ou coisa parecida. Não sei o que está havendo com ela. Ainda bem que vou embora amanhã.

— Será que sua mãe está doente?

— Ela nunca teve enxaqueca. Não me disse que estava doente, nem meu pai. Ele não para em casa, mas quem pode culpá-lo? Mamãe raramente troca uma palavra com ele, e quando o faz, ele responde de modo ríspido. Se eu não os conhecesse bem, diria que estão com problema no casamento. Mas não creio nisso. Você conhece os dois. Sempre foram felizes juntos. É estranho ver o comportamento de meus pais nestes dias, Patsy. Isso me assusta.

Medindo as pontas dos cabelos de Jessica para que ficassem uniformes, Patsy pensou antes de falar. Não era psicóloga, mas se preocupava muito com os Hansens. — Você perguntou à sua mãe por que ela está aborrecida?

— Claro. Ela disse que está decepcionada porque Justin e eu abandonamos a família. Mas será que ela não sabe que trabalhou todos esses anos justamente para que isso acontecesse? Tudo na vida de mamãe girou em torno de nos tornar pessoas adultas, independentes e competentes. E ela conseguiu. Jennifer foi viver na África e está detonando como missionária. Justin... bem, ele está fazendo as próprias escolhas e conseguindo cursar a faculdade a duras penas. Eu tenho uma vida cheia e movimentada fora de Deepwater Cove. Não sei por que minha mãe está tão emotiva. Ela é uma vencedora! Nós crescemos e estamos vivendo bem demais. Mas, em vez de ficar feliz, ela resmunga e faz cara feia o tempo todo. E tem mais. Está agindo de forma muito estranha em relação ao porão.

— Ao porão?

— A princípio, não queria que eu o visse. Disse que havia encaixotado todas as fotografias e troféus, e ficou com receio de me aborrecer. Você acha que eu me importo? Qual é o problema de ver ou deixar de ver a foto de meu time de vôlei da sétima série pendurada na parede? Ou aquelas três fileiras de fotografias dos tempos de escola? Quem se importaria com isso?

— Sua mãe, claro.

— Mas no último verão ela ficou muito feliz dizendo que finalmente eu iria para a faculdade e ela teria tempo para fazer suas coisas. Disse que queria ser decoradora e vender móveis pintados... coisas desse tipo. Ela sabia que esse tempo estava chegando.

— Acho que ainda não estava preparada — Patsy disse em voz baixa. — Ela sente falta de vocês.

— Eu sei, mas, francamente, quantos anos são necessários para uma menina aprender a sapatear e dançar balé? E quem dá um centavo pelo capacete de futebol de Justin? A mamãe deixou aquele capacete todos esses anos numa prateleira especial, cercado de recortes de jornal com molduras, e Justin só jogou no time de futebol da escola dos sete aos nove anos! De qualquer forma, o porão está maravilhoso. Ela contratou um homem para pintá-lo de tons diferentes de verde, e agora tem um lugar para costurar, outro para fazer peças de artesanato e outro para cuidar dos vasos de plantas. Não sei qual foi o problema, mas assim que descemos a escada para ver o porão, mamãe começou a chorar. Começou a desculpar-se, disse que não sabia o que estava fazendo. Eu lhe disse para esquecer o assunto. O cômodo inteiro está muito bonito, e agora ela pode trabalhar naquilo que gosta tanto de fazer.

— Ela deve estar se esforçando mais do que a gente imagina.

— Eu também acho. Ela sentou-se numa lata de tinta e chorou sem parar por cerca de dez minutos, dizendo o tempo todo: “Por quê? Oh, por quê? Por quê?”. Aquilo me assustou. Papai estava trabalhando, por isso subi a escada e preparei um chá para ela. Em seguida, ela se acalmou e ponto final. Mas vou lhe dizer uma coisa, Patsy. Foi muito estranho.

Ambas ficaram em silêncio depois que Patsy ligou o secador e começou a passar a escova nas mechas loiras do cabelo de Jessica até torná-las reluzentes. Ela olhava o tempo todo para Brenda Hansen no outro lado da sala, tentando encontrar sentido no que Jessica lhe contara.

Ultimamente Patsy tinha muitas preocupações. Pete com sua motosserra e outras máquinas barulhentas. A locadora de filmes para adultos. E as tarefas costumeiras irritantes — varrer e limpar o local de trabalho após a saída de cada cliente, descobrir de repente que o estoque de chá inglês acabou, fazer um corte muito curto no cabelo de alguém ou o contrário. Mas, apesar de todos esses problemas que pesavam em seu coração, Patsy começou a preocupar-se muito mais com um deles...

Brenda Hansen estava sentada do outro lado da sala, enxugando os cantos dos olhos com um lenço de papel e olhando para o mundo como uma mulher à beira do desespero.

Steve não resistiu ao impulso de segurar a mão da filha enquanto passeavam pelo lago após o culto da Páscoa e o almoço no domingo. Jessica sempre havia sido o bebê da família. Era uma moça alta e já havia realizado muitas coisas na vida, mas, sempre que Steve via sua filha mais nova ou pensava nela, vinha-lhe à mente a imagem de um bebê rechonchudo, de pele rosada, com um largo sorriso sem dentes e cabeça redonda coberta de cabelos loiros, ralos e sedosos. Ele faria qualquer coisa no mundo para protegê-la e fazê-la feliz. Qualquer coisa.

— Tem pescado muitos peixes nestes dias, papai? — Jessica perguntou quando subiram no longo ancoradouro usado pelos habitantes de Deepwater Cove. — Eu me lembro das noites que mamãe fritava os peixes que você pescava e fazia bolinhos e salada de repolho, e você brincava de pega-pega com a gente no quintal. Era divertido.

Steve sorriu ao lembrar-se. — Acredite ou não, eu só vim ao lago uma vez este ano — ele disse. — Sinto falta da pescaria, mas não tem graça pescar apenas para duas pessoas comerem os peixes. Eu e sua mãe.

— Sempre achei que você gostava de pescar no lago com seu barco. Dizia que servia para relaxar, e nós adorávamos comer os peixes à noite. Aposto que mamãe sente falta disso. Ela diz que você nunca janta em casa.

— Não, não é verdade. — Steve franziu a testa, perguntando a si mesmo o que mais Brenda teria contado à sua filha. — Janto em casa sempre que posso. Ser corretor imobiliário é muito diferente de vender autopeças numa loja, das nove às dezessete horas. Minha profissão exige muitas horas de trabalho e horários imprevisíveis. Um dos motivos para eu ter alcançado tanto sucesso é o tempo que dedico aos meus clientes.

— Mamãe me contou que o povo anda dizendo que você vai ser eleito o Corretor Imobiliário do Ano.

— É possível. Seu velho pai já fez muito mais que alguém possa imaginar para um garoto de origem humilde, sem diploma universitário. Sua mãe contou que eu reservo uma mesa no restaurante do clube de campo?

— Não, disse apenas que você chega muito tarde todas as noites.

— Eu janto com os compradores e vendedores com grande potencial de dar lucro à minha corretora. É durante o jantar que temos chance de conversar com mais calma. E eles passam a confiar mais em mim. Se estiverem em dúvida para tomar uma decisão, tenho mais tempo para usar meus poderes de persuasão.

— Por que você não leva a mamãe junto? — Jessica perguntou, sentando-se

de pernas cruzadas na ponta do embarcadouro. — Ela adoraria comer fora, e talvez pudesse ajudá-lo nos negócios.

— Sua mãe não gosta de jantar no clube de campo, Jessica. Ela é uma mulher caseira. Basta ver o tempo e a energia que dedicou ultimamente à reforma do porão. Brenda gosta de costurar, fazer peças de artesanato e cuidar do jardim, não de jantar com clientes. Além disso, eu não poderia deduzir as despesas da refeição dela. Nesse negócio, é preciso pensar na dedução de impostos o tempo todo. Caso contrário, as despesas levam a empresa à falência.

Steve sentou-se de cócoras ao lado da filha. A brisa despenteou os cabelos loiros e compridos de Jessica, e eles bateram no rosto dela e enrolaram-se no pescoço. Que bênção ela era! A filha mais velha, Jennifer, sempre foi dinâmica — a filha número um, ansiosa por agradar, dura consigo mesma e com os outros quando não conseguia alcançar seus altos objetivos. E, ao completar doze anos de idade, tomou a firme decisão de trabalhar como missionária em outro país. Justin era o palhaço da família — desligado, sem nenhuma ambição de agradar aos pais, criava pequenos problemas aqui e ali, mas, no geral, era muito divertido tê-lo por perto.

E depois veio Jessica. A queridinha do papai. Quando tinha dois ou três anos, adorava subir no colo de Steve. Vestida de macacão de flanela cor-de-rosa, ela se aninhava em seu peito enquanto ele lia o jornal ou assistia à TV. Jessica adorava o pai, agarrava-se à sua perna quando estava com medo e gritava por ele ao primeiro sinal de dificuldade.

Steve não podia negar que, alguns anos atrás, teve problemas para aceitar o interesse que ela demonstrava pelos garotos — e sentiu vontade de dar uma surra no primeiro sujeito que magoou o meigo coração dela. Mas aprendeu que precisava permitir, pouco a pouco, que Jessica entrasse no mundo adulto. Steve achava que, dos três filhos, somente ela seria a mais feliz e a mais amorosa.

Nesse aspecto, ela se parecia com a mãe. Ou pelo menos se parecia com a mãe de *antigamente*. Jessica tinha o mesmo temperamento meigo e carinhoso que tanto cativou Steve quando viu Brenda pela primeira vez. Onde foi parar tudo aquilo? O que acontecera com sua esposa feliz e encantadora?

— Pai — Jessica perguntou, encostando o queixo nos joelhos — você está zangado porque vou passar a semana com Josh e a família dele?

— Eu adoro quando você está em casa, querida. Mas não, não estou zangado. Entendo como você se sente em relação a ele, e é importante que conheça os pais

do rapaz, principalmente se houver algum futuro para vocês dois.

— Mamãe está muito zangada. Não fala muito, mas sei disso só de olhar para o rosto dela. Ela mal me abraçou quando cheguei, e agora não me olha nos olhos quando tento lhe contar alguma coisa. Pelo jeito, está tão zangada que nem consegue olhar para mim.

— Ela não está zangada, meu bem. Sua mãe está com dificuldade de adaptar-se ao ninho vazio — Steve disse. — Pelo menos é o que eu acho.

— Pensei que ela estivesse com saudades de nós, mas quanto mais fico perto dela, menos sinto isso. Estou confusa com as atitudes dela. Veja o que ela fez com o porão. Se estava sofrendo com nossa ausência, deveria ter mantido todas aquelas bugigangas nas paredes, deveria ter ligado para nós todos os dias e enviado *e-mails* o tempo todo. Estou contente por ela ter reformado o porão, mas sinto que foi *ela* quem se afastou de nós. Parece que ela apagou Jennifer, Justin e eu de sua vida. O velho porão não era importante... não era mesmo. O que me aborrece é a atitude de mamãe. Ela pintou as cadeiras da sala de jantar e fez capas novas para o sofá e as poltronas. Agora o porão está pintado de verde, e a TV e o sofá de almofadas desapareceram. A casa não parece a mesma dos tempos em que morávamos lá. Apesar disso, ela está aborrecida porque não voltamos para casa mais vezes. Não sei o que deu nela.

Steve respirou fundo e olhou para o lago. O povo do Missouri adorava dizer que se você não gostou do tempo, não deve ir embora, porque em breve ele muda. Mas aquele domingo de Páscoa havia sido perfeito quando o sol nasceu, durante o almoço e agora no início da tarde quando Steve estava sentado no embarcadouro com a filha. A água de tonalidade verde-azulada batia nas laterais dos barcos de lazer e caiaques. De vez em quando, bem ao longe, um peixe subia à superfície com um salto em forma de arco prateado e voltava a mergulhar nas águas frias do lago. Percas, achigãs, espátulas, peixes-luas, lampreias e várias outras espécies fervilhavam nas várias enseadas e reentrâncias do lago sinuoso.

Lake of the Ozarks estava se transformando num ponto principal de lazer do Meio-Oeste. Os pescadores chegavam com seus barcos reluzentes ou instalavam espinhéis. *jet skis* e outros tipos de embarcação cruzavam as ondas do lago, puxando *wakeboards*, câmaras de ar ou qualquer coisa que flutuasse. Quando o verão se aproximava, o local todo adquiria vida. As lojas ficavam lotadas, as pessoas formavam filas do lado de fora dos restaurantes e o mercado imobiliário aquecia com a temperatura.

— Sua mãe está deixando nossa casa muito bonita — Steve contou à filha.
— Vi centenas de casas, e posso garantir que não quis morar em nenhum outro lugar. Deepwater Cove era o lugar perfeito para criar filhos. Sua mãe e eu temos sido felizes aqui. Frequentamos uma boa igreja, temos muitos vizinhos maravilhosos e uma profusão de amigos. Sua mãe está apenas fazendo o possível para adaptar-se às mudanças ocorridas na vida dela, só isso. Na próxima vez que você vier, vai encontrá-la bem melhor.

Os olhos verdes de Jessica adquiriram uma expressão solene quando ela fitou Steve. — Tem certeza, pai? Vocês estão bem? Faz pouco tempo que estou aqui, mas parece que vocês dois estão sempre se estranhando.

O coração de Steve entristeceu-se ao olhar para o rosto perfeito de sua querida filha. Como contar a ela que havia problemas entre ele e Brenda?

— Estamos um pouco tensos — ele disse após alguns instantes. — Sua mãe está decepcionada por não ter a sua companhia e a de Justin nos feriados. E está irritada comigo nestes últimos dias.

— Irritada? Como assim?

— Não sei. Não fiz nada para aborrecê-la. Estou trazendo um bom dinheiro para casa, pagando a faculdade de vocês, fazendo uma poupança para a aposentadoria, tudo enfim. Ela educou vocês de maneira excelente, e agora tem um local de trabalho para ocupar todo o seu tempo. Mas... está com problemas.

— Por quê? É porque você está sempre ausente?

— Não estou *sempre* ausente, meu bem. Sua mãe lhe disse isso?

— A verdade é que não tenho visto você muitas vezes desde que cheguei. Você chegou tarde ontem à noite, depois fomos à igreja hoje de manhã, e esta é a primeira vez que conversamos de verdade. — Ela fez uma pausa e olhou para a água encrespada. — Sabe, pai, talvez a mamãe sinta falta de você.

Steve sacudiu a cabeça, frustrado. — Ela se queixa disso. Mas não posso conduzir meu negócio de outra forma, e não posso me dar ao luxo de ficar em casa vendo TV com sua mãe.

— Acho que ela se sente sozinha.

— Eu disse a ela que conversasse com o pastor Andrew na igreja. Ele tem meios de ajudá-la. Pode indicar conselheiros, médicos, enfim, o que ela necessitar.

— Talvez ela necessite de *você*, pai.

— Jessica, meu bem, eu não fui embora. Durmo ao lado de sua mãe todas as

noites e acordo ao lado dela de manhã. Se quer saber a verdade, acho que o problema tem relação com a menopausa.

— Pai, ela tem 45 anos.

— Pode chegar mais cedo. Li num *site* outro dia. Muitos dos sintomas assemelham-se aos de sua mãe. Mudança de humor, irritabilidade, depressão... esse tipo de coisa. Acho que um médico poderia receitar-lhe algum remédio.

Jessica tirou as sandálias e mergulhou os pés na água. Ambos ficaram em silêncio, ouvindo os gritos das gaivotas e observando os corvos voando acima deles.

Finalmente Jessica voltou a falar. — Pai, estou pensando em me casar com Josh. — As palavras foram proferidas em voz baixa. — Eu o amo. E ele diz que me ama. Sei que faz pouco tempo que estamos namorando, mas há coisas que a gente simplesmente *sabe*. Em toda a minha vida, eu disse que queria ter um casamento igual ao seu e o da mamãe. Mas o que estou vendo agora me assusta. Não me quero transformar numa mulher zangada, magoada e deprimida.

— O casamento tem altos e baixos, Jessica. Você sabe disso. A vida não é cor-de-rosa o tempo todo. A sensação de estar apaixonado dura uns tempos, mas desaparece. Sobra apenas o compromisso que um fez com o outro. Às vezes, quando os problemas vêm à tona, pensamos em tudo o que conseguimos. Lembramos da promessa que fizemos diante de Deus, e continuamos casados. Com o tempo, as coisas se resolvem, e o casamento melhora. De vez em quando, parece que a vida cor-de-rosa voltou. Pensamos no amor que temos pela pessoa com quem casamos, e não conseguimos entender por que Deus nos abençoou tão ricamente.

— Não houve ocasiões em que você teve vontade de jogá-la no lago?

Steve riu. — Sim, mas consegui resistir. A gente vai trabalhando dia após dia até que a situação se resolva sozinha.

— Então, tudo volta a ficar bem? — A voz de Jessica parecia frágil, como se ela necessitasse da garantia do pai de que a vida seria linda, em qualquer situação.

— Nem sempre tudo volta a ficar bem — ele disse com sinceridade. — Você sabe que há muitos divórcios neste mundo. Cristãos e não cristãos têm problemas em manter o casamento. Não existe nenhuma mágica, Jessica. Mas quando nos lembramos da promessa que fizemos, quando nos concentramos em Cristo, e quando permanecemos firmes durante as tempestades, conseguimos vencer os obstáculos.

— Acho que não é só isso — Jessica disse, levantando-se de repente e limpando a poeira da parte traseira da calça *jeans*. — Mamãe costumava me dizer que o casamento exige esforço. Mas você está dizendo que exige apenas tolerância. Estou com a mamãe. Eu o amo, pai, mas é melhor você começar a fazer sua parte para consertar seu casamento. Se não fizer isso, Jennifer, Justin e eu seremos iguais aos outros jovens que saem de casa e, em seguida, os pais se divorciam.

— Divorciam? Preste atenção, Jessica...

— É isso mesmo, pai — Jessica o cortou, com a voz repentinamente ríspida. — Se vocês não conseguirem dar um jeito na situação, um dia desses você irá para um lado e a mamãe para o outro, e tudo será igual ao que aconteceu com minha colega de quarto, Chrissie. Ela perguntou aos pais por que se divorciaram, e eles responderam que o amor acabou. Disseram que nunca deveriam ter casado. — A essa altura, lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Jessica. — E você sabe o que Chrissie disse? Que, pelo jeito, os pais dela cometeram um erro ao se casar, e *ela* se considera um erro cometido por eles. Não quero ser um erro, pai! Quero que você e a mamãe parem de gritar um com o outro e façam o possível para se amarem novamente.

— Jessica, meu bem, você está exagerando. — Steve tentou segurar a filha quando ela passou por ele e correu pelo embarcadouro em direção à areia. Ele gritou: — A mamãe e eu estamos bem. Estamos bem, de verdade!

— Então leve-*a* para jantar no clube de campo pelo menos de vez em quando! — ela gritou de volta, por cima do ombro.

Steve viu a filha abrir a porta de casa com força e entrar apressada. Ele atravessou o embarcadouro correndo, mas antes de chegar ao jardim, Jessica saiu novamente, atirou uma mochila dentro do carro e entrou.

Brenda apareceu na varanda, branca como uma folha de papel. — Jessica, espere! — ela chamou. — Volte, querida! Qual foi o problema, meu amor?

Steve acompanhou a filha com os olhos arregalados e viu quando o carro dela saiu de marcha a ré e partiu a toda pela estrada. Ao virar-se de frente para a casa, defrontou-se com o olhar gelado de Brenda. Ela semicerrou os olhos por um momento; em seguida, deu meia-volta e entrou abruptamente.

Depois da igreja, Patsy Pringle costumava ir a um restaurante da cidade em companhia de um grupo de famílias. O pessoal da Capela do Cordeiro a recebia muito bem em seu meio, e ela não se importava de estar sempre desacompanhada. Misturava-se ao grupo enorme e sentava-se ao lado de uma criança ou com uma de suas clientes do Assim Como Estou.

A Páscoa, porém, era uma ocasião diferente. A maioria das pessoas ia para casa ou para a casa da vovó, onde comia frango ou pernil assado, purê de batatas com molho de carne, feijão-verde cozido com *bacon* e gelatina com coquetel de frutas. Patsy lembrou-se dos dias em que sua família se reunia ao redor da mesa no domingo após a igreja para uma farta refeição preparada em casa. Por ser a mais nova, ela gostava de ouvir as conversas e as histórias, gostava do aroma da deliciosa comida sulina e de sentir no colo o guardanapo branco engomado pela mãe.

Quando, porém, o pai morreu, os filhos se dispersaram, e Patsy foi incumbida de cuidar de uma mulher que não se lembrava de ter tido filhos. Quando a doença de Alzheimer levou sua mãe embora para sempre, Patsy já havia passado da fase de preparar refeições para a família. Fazia o possível para pagar as contas e pôr comida na mesa.

Embora estivesse atualmente em situação financeira muito melhor, Patsy não sentia o menor desejo de preparar uma refeição de domingo só para ela, por isso almoçava com o grupo de famílias da igreja. E na Páscoa, no Dia de Ação de Graças e no Natal, aprendera a ir sozinha a um restaurante, onde quase sempre lia um livro enquanto comia.

O fato de comer sozinha não mais a preocupava, e foi por esse motivo que ela se aborreceu um pouco ao ver Peter Roberts entrando naquele domingo no restaurante Boa Comida da Tia Mamie, em Camdenton. Ele esteve na igreja, claro. Até as pessoas que diziam ser cristãs, mas não agiam como tais, iam à igreja no Natal e na Páscoa.

Pete frequentava a igreja desde que se mudou para a região do lago, e Patsy observou, sem dar na vista, onde ele costumava sentar-se. Depois da igreja, ela o cumprimentava e afastava-se para almoçar com o grupo de famílias. Mas naquele dia, ele apareceu no Tia Mamie menos de cinco minutos após a chegada dela.

Depois de sentar-se numa cabina do restaurante quase vazio, Patsy estava pegando o cardápio quando viu a porta da frente abrir-se e Pete Roberts entrar. Ele olhou ao redor, localizou-a, sorriu e caminhou na direção da cabina de Patsy.

— Parece que estamos no mesmo barco — ele disse, tirando o boné e deixando à mostra a vasta cabeleira castanha. — Importa-se se eu lhe fizer companhia, Patsy?

Ela se *importava*, sim. Chegara ao ponto mais empolgante do livro e planejava fazer uma refeição silenciosa e tranquila enquanto lia.

— Sente-se — ela disse a Pete, tentando ser simpática. Quase lhe perguntou se ele havia trazido uma motosserra para destruir o clima de tranquilidade no restaurante Boa Comida da Tia Mamie, mas conseguiu manter a boca fechada.

— O que você achou do culto na igreja? — ele perguntou, entrando na cabina. — Gosto dos sermões do pastor Andrew. Nunca fomos à igreja quando eu era menino, e depois de adulto fui algumas vezes com minha primeira esposa. Mas quando me mudei para o lago, todos falavam da Capela do Cordeiro e do ambiente amigável que existia ali, por isso decidi conhecer, já que estava tentando mudar de vida. E, claro, gostei muito. Estou até pensando em participar do estudo bíblico nos domingos de manhã.

Patsy nunca ouvira Pete falar tanto de uma só vez, e por um momento apenas olhou firme para ele. Mais uma vez surpreendeu-se um pouco ao ver que havia um belo rosto oculto sob a barba enorme e o cabelo desgrenhado. Pete tinha olhos bondosos e sorriso acolhedor, e por um motivo ignorado Patsy não sentiu toda aquela raiva e frustração que queria descarregar nele.

— Você nunca foi à igreja quando era menino? — ela perguntou. — Onde foi criado?

— Em Halfway. Fica ao sul, perto de Bolívar. Eu sempre disse que esse foi o lugar perfeito para eu nascer. Halfway (meio do caminho ou metade do caminho). Sou meio esperto, meio bonachão, meio educado e meio civilizado. A outra metade não é tão boa assim.

Patsy riu. — Acho que tudo depende de saber qual metade é a vencedora.

— Na maior parte da minha vida, a metade ruim venceu. Mas, conforme eu lhe contei, deixei de beber há alguns anos, e isso me fez querer ser uma pessoa melhor. Acho que a metade boa está perto de ser a vencedora.

— E qual metade é responsável por ligar aquelas máquinas ao lado do meu salão, fazendo um barulho infernal?

— O barulho a aborrece tanto assim?

— Quantas vezes vou ter de repetir? — ela perguntou, inclinando-se para a frente. — Você também é meio surdo?

Ao ouvir isso, ele atirou o corpo para trás e deu uma sonora gargalhada. — Está bem, está bem. Quero lhe dizer que estou pensando numa solução. Já que sou apenas meio esperto, vai demorar um pouco. Mas estou chegando lá.

— Assim espero. — Patsy começou a ler o cardápio no momento em que a garçonete estava trazendo água gelada e guardanapo preso num aro prateado.

— Quero carne assada, por favor — ela disse à jovem. — Sem sobremesa. Apenas uma xícara de chá quente no final da refeição.

— Parece bom — Pete disse. — Vou pedir o mesmo prato. E mais uma fatia da torta de nozes que vi no balcão do restaurante.

Assim que a garçonete se afastou, Patsy se deu conta de que teria de passar uma boa hora em companhia de Pete Roberts. Já havia descarregado sua irritação a respeito do barulho das máquinas, e não sabia que outro assunto abordar com ele.

Há quanto tempo ela não saía com alguém, nem mesmo para sentar-se ao lado de um homem num restaurante? Sua vida inteira girava em torno do Assim Como Estou, e que interesse poderia haver em estar na companhia do proprietário de uma loja de artigos para pesca? No entanto, ela sempre conversava com seus clientes do sexo masculino enquanto cortava o cabelo deles, por isso sentia-se no dever de encontrar um assunto para conversar com Pete Roberts.

— Você gosta de cravo-de-defunto? — Pete perguntou, antes que Patsy inventasse uma pergunta para lhe fazer.

— Cravo-de-defunto? Bem... para ser franca, não gosto. Tem um cheiro desagradável.

— Concordo. Ótimo. Então não vamos ter nenhum cravo-de-defunto. Que tal petúnias?

— Do que você está falando, Pete?

— Pensei em construir algumas floreiras para colocar nas janelas da frente de todas as lojas do centro comercial. Mas queria eu mesmo escolher as plantas, eliminar as ervas daninhas, as sujeiras e as flores murchas. Estava pensando em flores vermelhas e amarelas com uma leve tonalidade de laranja no meio. O que você acha?

— Você conversou com o proprietário a respeito dessas floreiras?

— Conversei. Liguei para ele com essa finalidade. E no meio da conversa fiz algumas perguntas e comentários a respeito da locadora de filmes para adultos. Cá entre nós, Patsy, acho que já conseguimos assinaturas suficientes para fazer o proprietário pensar duas vezes. O problema é que ele está determinado a alugar o espaço e tem uma carta na manga. Se a gente não encontrar outra pessoa para ocupar aquele espaço, vamos ter de conviver com uma loja de artigos pornográficos.

— Não conheço ninguém que esteja procurando um espaço para alugar em Tranquility. Não é um lugar de comércio atraente como Osage Beach. Até Camdenton tem coisas melhores a oferecer.

— Acho que se eu enfeitar a frente das lojas com floreiras, isso vai atrair a atenção. A área de estacionamento é bastante ensolarada, por isso estou pensando em gerânios, petúnias, margaridas e gailárdias. Que tal?

Patsy esforçou-se para ocultar sua surpresa ao ver o interesse em jardinagem demonstrado por aquele cão sem dono cabeludo, com graxa embaixo das unhas. Ela sorriu da melhor forma possível. — Parece ótimo, Pete.

— Pensei também em alguns crisântemos pequenos — ele prosseguiu. — Assim, quando o verão chegar, as floreiras vão estar muito bonitas. E no inverno podemos plantar amor-perfeito. Não há nada como um canteiro de amor-perfeito amarelo para atrair os olhares.

— Amor-perfeito no inverno? Não conheço nenhuma flor capaz de sobreviver no inverno gelado do Missouri.

— Ah, claro. As pessoas sempre cometem o erro de plantar amor-perfeito na primavera. Quando o calor do verão chega pra valer, aquelas coitadinhas murcham e morrem. O amor-perfeito adora o frio. É preciso plantar essas flores em canteiros no início do outono. Se o inverno não for rigoroso demais durante várias semanas, essa flor atravessa o inverno todo até o começo da primavera, sorrindo docemente para você.

Quando a garçonete trouxe os pratos, Patsy recostou-se na cabina e tentou analisar Pete Roberts. Antes de ter tempo de perguntar-lhe sobre Halfway, sobre as floreiras ou sobre como resolver o problema da motosserra, ele avisou que queria orar. Patsy tentou manter uma expressão séria enquanto ele proferia algumas frases desajeitadas de agradecimento a Deus pela Páscoa, pedindo que as crianças encontrassem muitos ovos coloridos no quintal e desejando que a refeição nutrisse o corpo de ambos. E terminou assim a oração: — Obrigado, querido Deus, por Patsy Pringle... minha amiga. Amém.

— A propósito, gosto do tom de cabelo que você está usando hoje — ele disse quando começaram a comer. — Castanho. Fica muito bem em você.

— É loiro acinzentado — ela disse.

— Bem, seja qual for, combina bem com você. A cor deve ser parecida com a de seu cabelo natural.

— Já nem me lembro mais. Gosto de experimentar coisas diferentes. Certa vez pedi a um dos cabeleireiros que fizesse alongamento em mim. Você devia ter me visto andando por aí com cabelos pretos até a metade das costas. Um dia, alguém me disse que se eu pintasse as unhas de preto e usasse delineador preto, ficaria parecida com aqueles góticos. Quase morri de vergonha. Eu estava me fantasiando de senhorita mexicana ou de condessa italiana. Uma adoradora de Satanás! Você nunca conheceu ninguém que mudasse a cor do cabelo tão rápido quanto eu. Antes de terminar o dia, eu já estava com cachos loiros.

Pete sorriu. — Nunca pensei muito em minha aparência, mas acho que isso é importante para as mulheres.

— Para mim, é um ministério. Quando eu deixo as pessoas bonitas, elas se sentem bem consigo mesmas e têm mais disposição para cumprir a missão que Deus lhes deu. Você deve ter visto os folhetos ao lado de minha caixa registradora e as músicas que toco. Meu objetivo é glorificar o Senhor o dia inteiro.

Ele coçou a barba por um momento. — Acho que nunca pensei nisso. Estou apenas tentando ganhar a vida.

— É importante, claro, mas Deus deseja mais das pessoas que acreditam nele. Devemos alcançar outras pessoas, falar de Deus com elas, ajudá-las, fazer a diferença na vida delas. É assim que acumulamos tesouros no céu.

— Você acredita mesmo no que o pastor Andrew disse esta manhã? Que os soldados romanos mataram Jesus e que ele ressuscitou?

Patsy ergueu os olhos, surpresa. — Lógico que acredito. Está escrito na Bíblia, da maneira mais clara possível.

— Mas quem diz que a Bíblia está certa?

— Se você for ao estudo bíblico nos domingos de manhã, vai encontrar as respostas que procura. Há pessoas que comprovaram os fatos históricos. E o resto fica por conta de sua fé.

— A fé é um negócio complicado. Acho que entendo só uma parte dela.

— Bem, sr. Meio Caminho, é melhor entender *tudo*, senão um dia, quando

tiver de prestar contas de sua vida, onde você estará?

— Você está querendo me assustar só para eu ir para o céu, srta. Patsy Pringle?

— Estou lhe dizendo a verdade, só isso. O que fazemos neste mundo não vale nada, a não ser que seja feito para Deus. E quando morreremos, queremos que Deus olhe firme para nós e diga: “Muito bem, servo bom e fiel”.

Pete fitou-a por tanto tempo que Patsy começou a sentir-se desconfortável. — Você é impressionante, não? — Ele disse finalmente. — É cristã, tem um negócio próprio, tem uma infinidade de amigos e clientes. Você deve ser muito feliz mesmo.

— Eu seria mais feliz se certa pessoa parasse de ligar a motosserra ao lado de meu salão. — Ela desviou o olhar, arrependendo-se imediatamente de ter respondido daquela maneira.

— Ouça — ela prosseguiu com voz mais branda. — Por favor, não pense que sou perfeita, Pete. Tive muitos problemas ao longo dos anos. Cometi minha cota de erros. Se sou feliz? Pode apostar que sim. Tenho alegria, alegria, alegria, alegria em meu coração, conforme diz a canção. Há dias em que estou triste, zangada ou frustrada. Há dias em que tudo parece dar errado. Às vezes me sinto sozinha, ou gostaria que minha vida tomasse um novo rumo. Mas quando o Espírito Santo mora em nosso coração, Pete, sabemos que Deus está caminhando conosco. Ele está ao nosso lado, está em nós e ao nosso redor. É isso que chamo de alegria.

— Nunca conheci alguém como você — Pete disse, sacudindo a cabeça. — Falo sério. Você me deixa confuso, Patsy.

— Só porque eu mudo a cor do cabelo o tempo todo?

— Em parte, sim. Talvez seja... bem, talvez seja por isso.

— Não se arrisque a me colocar num pedestal, porque vai me ver cair de cara no chão.

— Está certo, não vou colocar você num pedestal se me prometer que não me deixará morrer enforcado debaixo de uma latrina.

— Que coisa horrível de dizer! Principalmente durante um almoço de Páscoa. Tenha paciência, Pete Roberts, você é assim tão mal-educado?

Ele fez um trejeito com a boca, tentando sorrir. — Ah, sou meio mal-educado.

Brenda estava arrancando ervas daninhas do canteiro de flores em frente à varanda de sua casa no início da tarde de terça-feira quando Ashley Hanes desceu a Sunnyslope Lane em seu carrinho de golfe. Ashley pisou no freio, deu marcha a ré e entrou no caminho de acesso à garagem da casa dos Hansens. Brenda levantou-se rapidamente e passou as mãos na calça *jeans* para limpar a argila compacta do Missouri.

— Olá, sra. Hansen — Ashley gritou, enquanto descia do carrinho e atravessava o gramado. — Jessica está em casa? Não a vi mais desde o culto de domingo na igreja. Gostaria de pôr a conversa em dia com ela. Aconteceram muitas coisas na minha vida, e com certeza ela também tem muitas novidades para me contar sobre a faculdade.

As moças tinham a mesma idade e eram amigas desde os primeiros anos de escola. Mas Jessica decidiu estudar na faculdade, ao passo que Ashley fez a escolha de casar-se com Brad Hanes. Essa situação as transformou em duas pessoas completamente diferentes, embora nunca tivessem tido muitas características em comum.

Jessica deixava transparecer um encanto loiro e empolgante que atraía e, ao mesmo tempo, assustava os rapazes. Da mesma forma que a irmã mais velha, tinha rígidos princípios morais e grande fé. Brenda gostaria de saber se o tal Josh conhecia realmente o lado obstinado, determinado e coerente de sua namorada.

Ashley, por outro lado, atraía os olhares de uma forma moderna e espalhafatosa que beirava a vulgaridade. Tinha cabelos castanho-avermelhados, compridos e despenteados, usava roupas muito decotadas, saias de tecido transparente presas no quadril e colares de todas as cores imagináveis. Ela e Brad não faziam segredo de que haviam morado juntos antes do casamento. Esse fato aparentemente não aborrecia os pais de Ashley. Brenda notou isso nas ocasiões em que visitou o estabelecimento comercial que eles possuíam em Camdenton, onde vendiam sorvetes e sanduíches. O pequeno local estava na iminência de fechar as portas, e Brenda ouvira falar que Ashley entregava parte de seu salário aos pais todas as semanas.

Do ponto de vista de Jessica, Ashley era inteligente e talentosa —mas nunca demonstrou muito interesse pelos estudos, nem de se formar na faculdade. Concentrava toda a atenção em Brad e em seu trabalho no clube de campo. Com isso, sobrava-lhe pouco tempo para passar com as amigas ou participar de outras atividades, e muito menos para estudar.

Brenda tentou reprimir um suspiro ao lembrar-se da partida abrupta de sua filha de Deepwater Cove. — Jessica foi embora no domingo, depois do culto na igreja — disse a Ashley. — Ela tem um novo namorado, e a família dele queria conhecê-la. Vai passar o resto dos feriados perto de Branson, em Table Rock Lake.

— Não acredito! — disse Ashley com expressão de decepção no rosto. — Isso deve ter sido um golpe para você e Steve. Ela vai voltar antes do reinício das aulas?

Brenda notou que Ashley se referiu a Steve pelo primeiro nome. Aquilo a irritou.

— Duvido — Brenda respondeu. — Ela vai passar a semana inteira com Josh e a família dele. Estamos decepcionados, claro, mas entendemos. Com certeza esse rapaz é muito especial para ela.

— Mais especial que Darrell Dugan? É difícil de acreditar. Ele era o galã do colégio em Camdenton. Mas eu não olhava muito para ele. Brad é três anos mais velho que eu, sabe? Todos os dias, depois que ele terminava o trabalho na construção e eu saía da escola, nós passávamos a maior parte do tempo juntos e com os amigos dele em vez de andar por aí com a turma do colégio.

Brenda sorriu e sentou-se no degrau da varanda, deixando um espaço para Ashley. A moça sentou-se ao lado dela. Usando *short* verde e uma camiseta, ela esticou as longas pernas deixando-as à mostra. Os ombros e o diafragma também ficaram expostos, pois a camiseta rosa minúscula era presa apenas por duas alças bem finas. Os usuais colares multicoloridos cobriam o pescoço e a clavícula de Ashley.

— Dia lindo para um passeio — ela comentou com Brenda. — Só vou entrar no trabalho às dezesseis horas. Queria muito conversar com Jessica.

— Ela gostaria de receber sua visita, tenho certeza.

— Eu queria contar a ela que Brad e eu estamos vivendo muito bem. Você viu o meu anel de noivado?

“Só cinquenta vezes”, Brenda pensou em dizer. Mas admirou novamente o brilho do diamante enquanto Ashley o virava de um lado para o outro.

— Sabia que Brad tem um caminhão novo? — Ashley perguntou. — Ele o comprou algumas semanas atrás. É vermelho.

— Aposto que ele é muito útil para transportar móveis e lenha — Brenda comentou. — Eu sempre quis ter um caminhão.

Ashley riu. — Não posso imaginá-la dirigindo um caminhão, sra. Hansen. Seria estranho demais.

— Pode me chamar de Brenda. Afinal, somos duas mulheres casadas, não?

Apesar disso, Brenda ainda via Ashley como uma menina do primeiro ano, sem um dos dentes da frente, rabo de cavalo ruivo e comprido e calça *jeans* suja. Talvez fosse assim que se lembrava dos filhos na maioria das vezes. Joelhos esfolados, tranças, aparelhos ortodônticos, pele bronzeada. Era difícil imaginá-los crescidos e independentes.

— É verdade. Acho que você quis dizer que agora eu sou adulta — Ashley observou. — Ainda não posso frequentar bares. Não que eu me importe com isso. É que Brad gosta de tomar algumas cervejas depois do trabalho com o pessoal da construção. Eles vão ao Bar do Larry, em Tranquility. Mas eu ainda não tenho idade para entrar lá. Há muitas garotas no bar, e isso me deixa grilada. Não vejo a hora de completar 21 anos, mas parece que esse dia nunca chega. É difícil ficar sozinha o dia inteiro, você não acha?

— Acho. Dá uma sensação de solidão.

— Os homens é que são felizes. Depois do trabalho vão sempre a algum lugar legal. Brad vai ao Bar do Larry, e Steve vai ao clube de campo. Sei que Brad olha para as meninas no bar, e Steve sempre janta com clientes ricas, bonitas e rebuscadas. Eu sempre admirei você quando vinha aqui para ver Jessica. Você sabe cozinhar, conserva a casa sempre em ordem, costura, pinta e mantém os canteiros de flores sempre bonitos. Tem um ótimo marido e três filhos maravilhosos. Se eu fosse você, viveria muito feliz. Às vezes parece que Brad e eu nos vemos muito pouco. Isso me deixa nervosa. Pensei que depois do casamento, a vida seria mais maravilhosa que antes. Como se a gente não se desgrudasse um do outro, entende? Mas Brad está sempre ocupado construindo casas, e eu saio à noite para trabalhar. Detesto isso. Eu gostaria de sair do clube de campo, mas estou ganhando um bom dinheiro, e Brad quer que eu continue no emprego.

O cérebro de Brenda registrou apenas uma frase da longa cantilena de Ashley. *Steve sempre janta com clientes ricas, bonitas e rebuscadas.*

Claro, esses eram os compromissos de trabalho que Steve contara a Brenda. E incluíam mulheres. Seriam solteiras ou divorciadas? Jantavam fora sem o marido?

Brenda sempre imaginou Steve jantando no clube de campo com um casal.

Marido e mulher. Talvez acompanhados de dois ou três filhos. Imaginou que Steve lhes falasse das vantagens de comprar uma propriedade no lago. Que comentasse o sucesso de sua imobiliária e a felicidade de seus clientes. Que jantassem juntos, se despedissem com um aperto de mão e partissem planejando um futuro encontro. E que depois Steve fosse para casa ao encontro dela.

Nunca lhe ocorreu que ele poderia estar com uma mulher desacompanhada. Aquilo significaria passar longas horas sentados à meia-luz no restaurante do clube de campo. Talvez dançar juntos. Rir, contar histórias e sentir atração um pelo outro.

O sentimento de culpa misturou-se às preocupações de Brenda quando ela percebeu, de repente, que a emoção que atribuiu a Steve se encaixava perfeitamente nos sentimentos dela por Nick LeClair. Passara horas sozinha com ele. Ambos compartilharam recordações e emoções. E, sim, Brenda sentiu-se atraída por ele. Mais do que deveria. Ela haviaorado para que esse sentimento desaparecesse, mas ultimamente parecia que Deus estava de férias, longe do coração de Brenda Hansen.

Talvez Deus estivesse tão distante porque ela deixara de ir à igreja e de ler a Bíblia. Apesar dos anos de fiel obediência e dedicação à religião, ela mudara seu modo de agir. Deus parecia muito afastado e silencioso naqueles dias. Suas orações também haviam mudado. Antes, ela transbordava de gratidão e alegria. Depois que Steve começou lentamente a abandoná-la e os filhos foram embora, ela suplicou desesperadamente a Deus que a ajudasse e consolasse. Apesar de tanto sofrimento e lágrimas, nada em sua vida mudara para melhor. Agora, quando pensou em voltar a orar, suas orações não passavam de simples pedidos enfadonhos e prosaicos a Deus pela proteção de seus filhos. Brenda já não tinha certeza se acreditava na oração.

Na época em que Nick começou a trabalhar no porão, Brenda entendeu que não queria mais passar os domingos ouvindo histórias e sermões que conhecia desde criança. Decidiu, portanto, ficar em casa, embora isso causasse indignação a Steve. Ele disse que se não fossem à igreja juntos, esse fato prejudicaria a posição de ambos na comunidade. Ela retrucou que, se isso fosse tão importante, ele deveria cuidar sozinho de sua posição na comunidade.

— Brad não gosta que eu entregue parte do meu salário aos meus pais — Ashley estava dizendo quando Brenda voltou a prestar atenção naquela moça tão falante. — Ele acha que os meus pais devem se virar sozinhos, e que não devemos ajudá-los. Mas eles fizeram muito por mim, sabe? Pagaram para eu

aprender a jogar basquete, fazer pedras para colares e até me deram um carro. Nada disso foi fácil para eles. Os dois trabalharam duro para conseguir cada centavo. A casa de sorvetes e sanduíches não dá muito lucro como as pessoas pensam, e quando eu era pequena o dinheiro mal dava para atravessar de uma semana a outra. Aposto que você está adorando todo aquele dinheiro que Steve traz para casa. Ouvi dizer no Assim Como Estou que você reformou o porão inteiro.

— Quase — Brenda disse. — Ainda falta colocar o piso de vinil e instalar a bancada para os vasos, onde vou guardar as ferramentas de jardinagem e os sacos de turfa. Esse serviço vai ser feito na próxima semana.

— Você deve estar muito orgulhosa de seu marido... com todo o dinheiro que ele ganha. Além disso, ele é esperto e legal. Quero dizer, ele é muito bonito para a idade que tem, se é que você me entende. Não estou dizendo que vocês sejam velhos, mas Steve é bonitão, educado e generoso. Você está trabalhando com um bom pedreiro, não?

— Sim, e ele está fazendo um ótimo trabalho.

— Nick LeClair é uma gracinha, você não acha?

Brenda sentiu um frio na espinha, mas encolheu os ombros, como se o nome não lhe significasse nada. — Acho que sim. Nick é simpático e trabalha muito. É casado, tem filhos e netos. Acho que ele gosta muito da família dele.

— É difícil acreditar que Nick LeClair seja casado — Ashley disse. Ela levantou os cabelos da nuca para sentir a brisa vinda do lago. — A mulher dele foi embora há meses. Talvez um ano.

— Você está falando sério?

— Estou. Sei que é verdade porque Brad é muito amigo de Leland, filho de Nick e Nelda LeClair. Brad e Leland trabalham no ramo de construção, por isso se encontram no Bar do Larry depois do trabalho. Leland contou a Brad que os pais dele brigavam como cão e gato, até o dia em que ela se encheu e chamou o delegado para prender Nick.

— Oh, não. — Brenda ficou dividida entre a curiosidade e o fato de estar incentivando Ashley a ultrapassar a linha de uma conversa amigável e entrar no terreno do mexerico. Mas, já que a moça parecia ansiosa por falar... — O que ele fez?

— Ela disse que Nick atirou nela, mas não é verdade. Veja, Nelda tinha um laboratório clandestino num casebre no mato, atrás da casa deles, e Nick não gostava daquilo. De repente, ela encasquetou que estava sendo enganada por ele,

o que pode ter acontecido. Ninguém sabe. O delegado prendeu Nick, e enquanto ele estava preso, Nelda pegou as roupas e os objetos dele e jogou tudo fora. Ele esteve lá no dia seguinte, pegou suas coisas e levou para um *trailer* estacionado na propriedade do irmão dele. Desde então, o casal não mora junto.

— Meu Deus! — Brenda disse, incapaz de identificar a figura retratada por Ashley com o homem bondoso, gentil e prestativo com quem havia pintado o porão de sua casa.

— Dou razão para Nick numa coisa — Ashley prosseguiu. — Ele poderia ter denunciado o laboratório aos policiais, mas não denunciou. Nelda poderia ter ido parar na prisão feminina em Vandalia, mas quem cuidaria dos netos? A filha imprestável deles é uma desclassificada, e mora em algum lugar no Texas. Leland é solteiro e trabalha o dia inteiro, como Brad. Ele não pode tomar conta das crianças. Achamos que Nick tem bom coração por não ter denunciado Nelda. Ele poderia ter se vingado dela com muita facilidade. Deve ter sentido esse desejo, mas não fez nada.

— Que história! — Brenda exclamou. — Estou surpresa por Nick nunca ter mencionado nada disso a mim.

— Que homem gostaria de admitir que fora mandado para a cadeia e chutado pra fora de casa pela esposa, uma mulher envolvida com laboratório clandestino? Ninguém deseja contar isso.

— É verdade. — Brenda coçou as têmporas. — Puxa!

— De qualquer forma, estou contente por você ter contratado Nick. Ele deve ser um bom profissional.

— Quero que você veja o porão depois de pronto. Não vai reconhecê-lo. A TV e o sofá de almofadas foram embora. Todas as fotografias e placas estão guardadas, e os brinquedos de montar foram distribuídos às crianças da escola, em Camdenton.

— Eu adoraria ver o porão. E vou trazer minhas pedras para lhe mostrar. Você sabia que estou trabalhando com isso? Pensei em fazer faculdade e depois lecionar no jardim de infância. Mas no momento não temos esse dinheiro, por isso tive outra ideia. Está vendo este colar aqui? — ela apontou para um dos vários cordões. — Eu mesma fiz estas pedras com argila assada no forno. Uma das clientes do clube de campo me perguntou onde comprei as pedras... e adivinhe! Ela comprou dois cordões por cinquenta pratas! Passei a vender colares. Brad acha que é estupidez assar pedras em vez de costeletas de porco em

nosso forno. Mas vou fazer uma tentativa.

— Eu adoraria ver suas pedras — Brenda disse assim que Ashley se levantou. Ela também se levantou e entrelaçou os dedos nos de Ashley. Engolindo seco, Brenda respirou fundo e prosseguiu. — Ashley... você mencionou alguma coisa antes sobre Steve no clube de campo?

— Ele deixa boas gorjetas, tenho de admitir. Fico feliz por ele jantar lá quase todas as noites. As garçonetes brigam para saber quem vai servir a mesa dele.

— E sobre essas pessoas que ele leva para jantar? São sempre mulheres desacompanhadas?

— De vez em quando. São daquele tipo que usa sapatos de couro combinando com a bolsa e toma banho de perfume francês. Você conhece esse tipo de mulher. O clube fica lotado delas, principalmente no verão quando o pessoal de Kansas City e de St. Louis lota o restaurante.

— Lota de casais? Ou de famílias?

— Ah, claro. Ou de homens sozinhos. Steve sabe paparicar muito bem essa gente rica. Ele é um homem bom, apesar de gastar muito dinheiro. Ainda vejo Steve como o pai de Jessica cortando a grama, de tênis, bermuda e camiseta velha. Você deveria ser grata, sra. Hansen. Pelo menos ele não vai ao Bar do Larry depois do trabalho. Isso me irrita muito. A gente acha que o marido está ansioso por chegar em casa e ver a mulher. Mas Brad não é assim. Ele prefere tomar algumas cervejas com as mesmas pessoas com quem trabalhou o dia inteiro em vez de voltar para casa e me ver por alguns minutos antes que eu saia para trabalhar.

Ashley balançou novamente os cabelos e revirou os olhos. — Deixe pra lá. Um dia desses, eu engravidar, e aí Brad vai ter de chegar cedo em casa para ficar com as crianças. — Depois de dizer essas palavras, Ashley assustou-se e cobriu a boca com a mão. — Eu não devia contar que estamos tentando ter um bebê. Não conte a ninguém, sra. Hansen! Promete?

— Prometo.

Ashley soltou a respiração. — Ótimo! Dê um alô a Jessica por mim na próxima vez que a encontrar.

— Pode deixar — Brenda gritou enquanto a moça partia no carrinho de golfe. — E obrigada... obrigada por ter parado aqui. Foi bom ter companhia.

Patsy havia terminado de fazer reflexos loiros numa de suas assíduas clientes quando as marteladas fortes começaram. Assustada, ela desviou o olhar para a sala de chá. De fato, a parede inteira estava tremendo, as fotografias dos chalés e dos canteiros de flores começavam a escorregar de lado, e as clientes de Patsy seguravam firme as xícaras, olhando boquiabertas para a rachadura que começava a aparecer lentamente no canto da sala, perto do balcão de sobremesas.

— O que foi desta vez? — Patsy resmungou.

Desde o domingo de Páscoa, ela permitira que pensamentos agradáveis a respeito de Pete Roberts se infiltrassem em sua mente. Ele foi muito educado no restaurante Boa Comida da Tia Mamie. Divertido. Até mesmo cavalheiro — insistindo em pagar a refeição de Patsy e, depois, abrindo a porta do carro para ela. Patsy achou que havia feito mau juízo daquele homem, e que ele era realmente um bom sujeito tentando conviver da melhor forma possível com as pessoas que conhecia. Tinha boas intenções, portanto os incidentes com a motosserra e a máquina de arrancar ervas daninhas poderiam ser esquecidos.

E agora aquelas batidas fortes.

Ela conduziu sua cliente ao secador para firmar os reflexos. Em seguida, sinalizou com gestos aos outros cabeleireiros que estaria indo à loja ao lado. Nos últimos dias, isso passara a ser quase uma rotina. O barulho começava, todos no salão se assustavam e Patsy se dirigia à Rods-n-Ends para dar uma reprimenda em Pete Roberts. Assim que ela voltava ao salão, a situação voltava a acalmar-se. Até o próximo incidente.

Enquanto andava apressada pela calçada, Patsy notou que as floreiras de Pete estavam quase prontas. Na ocasião, ela ficara encantada. Pete lhe disse que pretendia alinhar as floreiras com um tecido preto especial para manter a terra dentro e, ao mesmo tempo, permitir a saída da água. Ele planejava também encher as floreiras com uma mistura especial de terra. E, por último, plantaria as flores. Chegou a perguntar a Patsy se ela gostaria de acompanhá-lo a alguns viveiros na tarde do domingo seguinte, e ela respondeu que adoraria um passeio como aquele.

Agora, não adoraria mais. Ela arregaçou as mangas, abriu com força a porta da loja e viu uma pilha de madeira no chão. Usando um macacão desbotado,

Pete estava no alto de uma escada tentando pregar uma grade de madeira na parede, segurando com a boca várias chaves de fenda. Martelos e furadeiras estavam dependurados nos ganchos de seu cinto, e o suor escorria pelo rosto dele até a barba.

— Pete Roberts! — Patsy gritou. — Que droga você está fazendo agora?

Pete olhou para ela e, em seguida, tirou as chaves de fenda da boca e segurou-as na mão. — Oi, Patsy. Estou construindo uma parede à prova de ruídos, para nós dois. Recebi instruções do empregado de uma loja de materiais de construção em Osage Beach. Ele disse que assim que esta parede for levantada, você quase não vai ouvir nenhum barulho vindo daqui.

Patsy não sabia se deveria demonstrar indignação ou gratidão. — Você sabia que o gesso da minha parede está rachando? — ela perguntou. — Bem no canto.

— Você está brincando! Eu esperava instalar esta grade sem estragar sua parede. — Ele coçou a barba por alguns instantes. — Bem, se você não puder segurar as pontas até eu terminar este trabalho, vou consertar primeiro a parede de seu salão.

— A parede está *rachando*, Pete. Não se trata de um simples remendo, você sabe disso.

— Ei, você está mais loira do que no almoço daquele dia. — Pete começou a descer a escada. Tirou um lenço azul do bolso e enxugou o suor do rosto. Em seguida, voltou a guardá-lo no bolso. — Perto do teto está tão quente que dá para fritar *bacon*. Está quente demais. Acho que gostava mais daquela cor acinzentada. Parecia mais natural em você. O tom loiro é bonito, mas faz a mulher parecer um pouco metalizada, se é que você me entende. Principalmente se ela fizer cachos e usar *spray* no cabelo até ele quebrar como um ovo, se alguém encostar nele.

— Tudo bem, mas você, gordo como é, transpira pouco — Patsy conseguiu controlar-se e ergueu os braços. — Chega, Pete. Estou feliz por você construir a parede à prova de ruídos. Mas tem certeza de que recebeu instruções corretas do empregado da loja? O barulho no salão parece com o de um terremoto. Minhas fotografias estão despencando, e a rachadura me preocupa.

— A rachadura é de cima para baixo ou de um lado para o outro?

— É vertical. Perto do canto da parede.

— Deve ser por causa da fita que os construtores usaram na emenda. Não há problema. Posso colar as partes, remendar com gesso e dar um pequeno

acabamento de tinta. Ninguém vai notar a diferença. Ei, você gostou da ideia do amarelo para aquelas floreiras? Estou falando de amarelo-vivo, como um girassol.

— Vai chamar a atenção de muita gente.

— A ideia é essa. Precisamos atrair mais pessoas para o centro comercial de Tranquility. Você viu que retiraram a placa de “Aluga-se” da vitrina daquele espaço ali embaixo? Não sei não, mas acho que vamos ter de aceitar aquela locadora de filmes para adultos.

— Você não entregou o abaixo-assinado ao proprietário?

— Entreguei, mas o homem jogou o papel na lata do lixo enquanto eu conversava com ele. Disse que não valia nada, e que ele não estava nem um pouco preocupado com o que a comunidade pensa. Disse um monte de palavrões e me ofendeu também. Ameaçou fechar a Rods-n-Ends e me botar no olho da rua, mas não acreditei numa só palavra dele. O homem está blefando. Este lugar precisa de todos os inquilinos, e eu pago as contas em dia.

Pete Roberts respirou fundo. — Se você me perguntar, Patsy, digo que estamos numa guerra. Só que não tenho ideia de como lutar. Não temos armas nem soldados, e o nosso plano de batalha acaba de ir para o lixo.

— Droga! — Patsy exclamou, com as mãos na cintura. — Isso me deixa mais furiosa do que a rachadura que você fez na minha parede.

— Quer dizer que você não está mais aborrecida com aquilo?

— Parece que estou amarrada a você, Pete... a menos que o proprietário invente uma forma de fazer você correr daqui.

— Ele não vai conseguir. Depois que ele reclamou do abaixo-assinado por alguns momentos, pedi permissão para colocar as floreiras e construir a parede à prova de ruídos, e ele concordou.

— Acho, então, que posso continuar a aturar você. — Patsy sacudiu a cabeça e dirigiu-se para a porta. — Veja bem, você transpiraria muito menos se raspasse essa barba e cortasse o cabelo.

— Eu me acho um homem bonito — Pete replicou.

— Você deveria se achar um cão sem dono, mas bonito.

Enquanto ele ria, Patsy voltou ao Assim Como Estou. Aparentemente, ela nunca conseguiria fazer nenhum progresso com Pete, mas talvez a nova parede fosse útil. Nesse ínterim, teria de aturar ouvi-lo parafusando as grades, pregando o material de isolamento e consertando as emendas. A situação toda foi suficiente para fazê-la perguntar: — *Por que eu, Senhor?*

Brenda Hansen acabara de sentar-se à mesa com Ashley Hanes, Kim Finley e Esther Moore quando as marteladas fortes recomeçaram na parede ao lado. Desanimada com a chuva fria e persistente da primavera que a impedia de cuidar do jardim, Brenda decidira ir de carro a Tranquility naquela tarde de sexta-feira para tomar uma xícara de chá no Assim Como Estou. Não esperava que Pete Roberts fosse provocar outro tumulto.

— Tenho certeza de que esse homem vai tirar a coitada da Patsy do sério — Ester previu, curvando-se na mesa para falar com as outras três mulheres. — Assim que Pete começa a ligar um motor qualquer, Patsy fica furiosa, marcha até a Rods-n-Ends e passa-lhe um sabão. Nunca vi tanta animosidade desde o tempo dos Hatfields e dos McCoys.

— Talvez não seja como você pensa, sra. Moore — Ashley pousou as mãos na mesa para exibir suas novas unhas à francesa e o anel de diamante. — Uma de minhas amigas é garçonete no restaurante Boa Comida da Tia Mamie, e ela me contou que viu Patsy Pringle almoçando no domingo de Páscoa com um *homem*.

— Um homem! — Esther endireitou-se na cadeira.

— Pode ter sido um homem qualquer — disse Kim Finley. — Patsy tem muitos clientes homens. Tem muitos amigos que gostariam de sair para almoçar com ela.

Kim contara ao grupo de mulheres que estava esperando o ônibus escolar deixar seus filhos em frente ao centro comercial de Tranquility. Naquela manhã ela prometera comprar sorvetes para eles na loja de Pete e levá-los para um passeio no lago. A chuva pôs fim aos planos dela. Agora, Kim contou às senhoras, teria de levar Luke e Lydia para casa debaixo de chuva e encontrar alguma coisa para distraí-los enquanto preparava o jantar.

— Minha amiga disse que o acompanhante de Patsy era um homem grande e corpulento, e usava barba — Ashley contou. — Acho que Pete Roberts levou Patsy para almoçar no Domingo de Páscoa. Aposto que eles estão namorando e não querem que ninguém saiba.

— Se estão apaixonados, por que ela saiu correndo daqui assim que ele começou a martelar a parede? — Esther perguntou.

— Talvez seja uma boa desculpa para vê-lo — Brenda interveio. — Será que esse barulho passou a ser um sinal entre eles?

Kim deu uma risadinha. — Lembro-me que Derek costumava ir ao consultório do dentista em Osage Beach de três em três dias ou de quatro em quatro, para fazer uma limpeza nos dentes ou saber se tinha cáries — ela disse. — Eu achava que o coitado daquele homem tinha os dentes mais estragados de toda a Patrulha Aquática. No fim, não passava de uma simples paixão. Eu nunca teria imaginado se o dentista não me tivesse contado, com todas as letras, que os dentes de Derek eram perfeitos.

— Isso me faz lembrar o Brad indo ao restaurante de meus pais para pedir um cone de sorvete todos os dias depois da aula. — Ashley disse. — Eu trabalhava lá, claro. Sempre o atendia, e conversávamos um pouco, mas Brad era tão conhecido da turma e estava três séries adiante de mim que nunca pensei muito no assunto. Não podia acreditar que ele gostasse de tomar sorvete de chocolate nos dias mais frios de inverno. Um dia, ele se encheu de coragem e me convidou para sair. Acabou-se a mania de tomar sorvete.

— As pessoas fazem qualquer coisa quando estão apaixonadas — Esther concordou. — Decidi participar do grupo de animadoras de torcida só para ver Charlie Moore, o rapaz mais bonito do colégio. Ele jogava futebol. Eu era a mais baixinha do grupo, por isso saracoteava o mais que podia: abaixava, girava o corpo, levantava os braços. Para ser sincera, nenhuma garota fez tanta coisa quanto eu para chamar a atenção de um rapaz. Mas funcionou. Consegui pescar meu Charlie, graças à generosidade de seu coração. Às vezes, tenho vontade de estrangular aquele homem, mas não o trocaria nem por um milhão de dólares.

Enquanto as mulheres conversavam, Brenda mordeu os lábios, lembrando-se das vezes em que lutou na semana anterior para não pegar o telefone e discar para o bom pedreiro. Com Justin no Texas, Jessica em Table Rock Lake e Steve vendendo propriedades como sempre, Brenda não tinha nenhuma desculpa para chamar Nick de volta. Todos os dias ela se sentia exatamente igual ao tempo em que o tal Nick, de calça *jeans* respingada de tinta, ainda não havia entrado em sua vida. Sozinha. Bastava discar um número para tê-lo de volta ao porão, instalando a pia para os vasos e o piso de vinil.

Mas e daí? Logo ele partiria para trabalhar no próximo projeto, e ela continuaria a costurar almofadas de sofá para um marido que nem sequer parava para vê-las. Ultimamente, quando pensava em Steve, Brenda lembrava-se das palavras fortuitas de Ashley Hanes a respeito de seus jantares no clube de campo. Às vezes com mulheres. Mulheres desacompanhadas. Mulheres rebuscadas, com

sapatos combinando com a bolsa... e perfume francês.

Seria justo um homem exigir que a esposa ficasse em casa aguardando sua chegada enquanto ele pagava jantares caros para outras mulheres? E se o marido de Brenda tivesse um caso amoroso? Até mesmo um envolvimento emocional significaria grande traição às promessas feitas na cerimônia do casamento.

E Brenda? Não estaria nutrindo o mesmo sentimento por Nick LeClair? Não pensava naquele homem dia e noite, imaginando o que ele estaria fazendo, lembrando-se das coisas engraçadas que ele dizia? Todos os detalhes fornecidos por Ashley a respeito da esposa de Nick e da separação do casal haviam colocado mais lenha na fogueira dentro do coração de Brenda. Ela aguardava ansiosamente a segunda-feira de manhã, quando a picape dele atravessaria o caminho de acesso à garagem e ele bateria na porta da frente.

— Silêncio! Aí vem ela — Esther disse, cutucando Brenda com o cotovelo. Depois piscou para Ashley. — Quem sabe vamos conseguir extrair alguma coisa.

— Eu queria dizer a todas vocês que nossos problemas estão quase terminados — Patsy anunciou ao aproximar-se da mesa delas na sala de chá. — Aquelas marteladas horríveis que vocês ouviram foram dadas por Pete Roberts. Ele está instalando uma parede à prova de ruídos. Vai demorar alguns dias, mas ele já comprou todos os materiais e recebeu instruções para a instalação. No momento ele está colocando uma grade de madeira. Logo teremos paz e silêncio novamente.

— Você vai sentir falta do barulho — Esther disse em tom de zombaria. — Fez muitos exercícios indo e vindo o tempo todo.

Um leve rubor aflorou ao rosto de Patsy. — Não se preocupe. Vou ficar feliz quando tudo voltar ao normal. O salão estava indo muito bem antes de Pete mudar-se para cá.

— Às vezes as mudanças fazem bem às mulheres — Kim interveio. — Estamos muito acostumadas à rotina. Penso que tivemos momentos interessantes nos últimos tempos, depois da inauguração da Rods-n-Ends aqui ao lado. Derek está feliz porque a bomba de gasolina voltou a funcionar. Ele diz que não vai mais comprar iscas vivas em outro lugar. Notei que Pete construiu uma linda floreira para você.

Kim raramente emitia opinião, e Brenda sorriu diante do leve tom de provocação na voz dela.

— Ele construiu uma para cada loja do centro comercial — Patsy esclareceu. — Está planejando pintar as floreiras de amarelo-vivo para chamar a atenção e

atrair novos clientes para cá. Mas, se vocês estão à procura de mudanças em Tranquility, talvez, teremos uma em breve. Uma mudança prejudicial. Pete me contou que o proprietário do centro comercial jogou nosso abaixo-assinado no lixo.

— Não acredito! — Esther exclamou. — Por quê? Estou indignada!

— Oh, não! — Kim curvou os ombros. — Não posso permitir que Lydia e Luke desçam do ônibus em frente a uma loja como aquela. E se eles virem alguma coisa na vitrina?

— Aposto que vão ver — Ashley disse. — O pessoal dessa locadora vai fazer propaganda dos seus produtos como qualquer outra loja aqui no lago. Os donos da loja de maiôs, do salão de tatuagem e da loja de camisetas colocariam seus produtos na rua, se a lei permitisse. Meu pai comprou um cone grande de sorvete e um cachorro-quente, feitos de plástico, que pareciam tão verdadeiros que a gente tinha vontade de experimentá-los. Colocou-os na vitrina do restaurante para chamar a atenção das pessoas que passam pelo centro comercial em Lake of the Ozarks.

— Mas acho que as pessoas de bem devem fazer alguma coisa a respeito dessa locadora indecente — Esther disse. — Não podemos conviver com esse lixo.

— E que tal a gente atrair outras lojas que *nós* queremos? — Ashley perguntou. — Precisamos de outro restaurante. Assim, Brad poderia encontrar-se comigo um pouco antes do jantar, e ele não passaria muito tempo no Bar do Larry.

— Você precisa tirar esse seu marido daquele bar — Esther disse com firmeza. — Você fica choramingando, querida, mas isso não vai levá-la a lugar nenhum.

— E o que devo fazer? Como conseguir que um homem passe mais tempo em casa?

— Invente alguma coisa para ocupar o tempo dele! Eu costumava fazer isso com Charlie. Disse a ele que gostaria de ter um balanço na varanda para ninar os bebês, e não tínhamos dinheiro para comprar um. Ele passou a ir direto para casa todos os dias depois de entregar a correspondência, só para construir o balanço.

— Não se pode inventar esse tipo de coisa para um marido fazer quando ele tem dinheiro para comprar tudo o que a gente deseja — Brenda disse em voz baixa. — Principalmente se a maior parte do trabalho dele for feita à tarde e à

noite.

As mulheres olharam para ela em silêncio por alguns instantes, e Brenda percebeu que havia falado demais. Mexeu o chá com a colher, pensando num jeito de ir embora sem dar a impressão de estar fugindo. E se aquelas mulheres soubessem daquilo que Ashley contara tão abertamente alguns dias antes? E se pensassem que Steve jantava fora todas as noites porque estava envolvido com outra mulher? Brenda sentiu-se tola e vulnerável de repente, sem saber como corrigir o que deixara escapar.

A doce e calada Kim resolveu falar. — Deveríamos ajudar umas às outras sobre o que Brenda acaba de falar — ela disse com firmeza. — Moramos perto umas das outras em Deepwater Cove, e nos vemos quase todos os dias. Não queremos que nossos filhos sejam prejudicados por essa locadora. Queremos que nosso marido volte para casa depois do trabalho. Queremos ter um bom casamento, um lar feliz e amigos verdadeiros. Então... por que não... por que não ajudamos umas às outras?

— Como? — Ashley perguntou. — Ainda não completei vinte anos. Só sei servir mesas e fazer pedras para colares. Tenho certeza de que não tenho nenhum conselho para dar a vocês.

— Você não gostaria de convidar Brenda e Steve para jantar em sua casa numa noite em que você e Brad estiverem de folga?

— Acho que sim. Brad diz que sei fazer um frango frito delicioso.

— E quem sabe você e Brad poderiam ajudar Brenda nos projetos do jardim — Kim prosseguiu. — Se a gente se encontrar aqui no salão de Patsy de vez em quando, poderemos pôr a cabeça para funcionar e resolver nossos problemas.

— Como uma sociedade de senhoras! — Esther exclamou, exultante. — Foi a melhor ideia que ouvi nos últimos anos. Vamos chamá-la de Clube das Senhoras, e podemos nos reunir nas... terças-feiras.

— O consultório do dentista fecha mais cedo nas quartas e sextas-feiras — disse Kim. — Tenho de estar aqui às dezesseis horas, quando o ônibus para no centro comercial.

— Será nas quartas-feiras, então. — Esther olhou para as outras mulheres. — O que você acha, Patsy? Podemos fazer nossas reuniões aqui nas quartas-feiras?

— Estejam à vontade — Patsy disse. — Só que eu também quero fazer parte do clube.

— Por mim tudo bem, mas vamos inventar outro nome que não seja Clube das Senhoras — Ashley disse. — Dá ideia de... gente velha. Parece que somos

um grupo de velhas.

— Eu *sou* velha — Esther disse. — Está perfeito para mim.

— Que tal Clube de Chá das Senhoras? — Kim sugeriu. — Poderemos chamá-lo de CCS, porque é isso que somos. Compreensivas, carinhosas e sinceras.

— Vejam só. Vocês já ouviram alguma coisa mais inteligente que esta? — Esther perguntou ao grupo. — Somos as fundadoras do CCS. Patsy Pringle, Ashley Hanes, Kim Finley, Brenda Hansen e eu, Esther Moore. Cinco ao todo. Vamos nos reunir aqui na próxima quarta-feira às quinze horas para discutir nosso progresso e ajudar umas às outras a resolver problemas. Nesse meio-tempo, Ashley, convide os Hansens para comer frango frito em sua casa. Brenda, descubra um serviço para Brad fazer em seu jardim, para que ele se afaste do bar. Kim e eu vamos pensar no que fazer a respeito daquela locadora indecente.

Brenda sentiu-se tola e, ao mesmo tempo, entusiasmada. Não participava de um clube desde os primeiros anos escolares quando ela e um grupo de amigas formaram o clube secreto “Nós Detestamos Garotos”. O clube durou cerca de uma semana até que uma das garotas contou que gostava de Timmy, que morava na última casa de uma rua sem saída. O grupo debandou. No colégio, Brenda fez parte do coral da escola e do clube espanhol, mas não eram organizações sociais. A ideia do CCS parecia infantil — e ao mesmo tempo divertida.

Apesar de seu humor sombrio e coração atribulado, Brenda gostava da companhia de Ashley, Kim e Esther. Evidentemente, Patsy sempre levantava o ânimo de Brenda e fazia do salão um local tranquilo e sadio, onde raramente se ouvia alguém resmungar ou falar mal de outra pessoa. As reuniões em torno da mesa de chá eram agradáveis. Até mesmo úteis.

Será que Ashley convidaria Brenda e Steve para comer frango frito em sua casa? Eles tinham idade para ser pais dela. E será que Brenda pediria realmente a Brad Hanes que a ajudasse no projeto do jardim? Ela precisava construir uma ponte acima do encanamento de esgoto na beira do jardim, mas havia pedido a Nick LeClair, em tom de brincadeira, que fizesse esse trabalho.

— Que tal num domingo à noite? — Ashley perguntou, virando-se para Brenda. — Sei que vocês costumam ir à igreja, mas é o único dia em que Brad e eu estamos de folga à noite. Eu poderia servir frango frito com purê de batatas.

Brenda analisou os olhos castanhos e meigos da moça e viu neles o reflexo da própria frustração e solidão. — Seria maravilhoso, Ashley — ela disse. — Que

tal eu levar meu bolo de chocolate?

— Ah, isso me fez lembrar de uma coisa! — Esther interrompeu. — Charlie estava fazendo a ronda numa dessas noites em seu carrinho de golfe e jura ter visto aquele rapaz retardado... qual era o nome dele, Brenda? O sujeito sem-teto que gostava de bolo de chocolate e dormia no balanço de sua varanda?

— Cody?

— Ele mesmo. Charlie disse que viu Cody no lago, bisbilhotando perto do ancoradouro. Charlie pensou em afugentá-lo, mas lembrou-se de quem ele era e deixou-o em paz. Talvez estivesse procurando alguma coisa para comer.

— Droga! — Ashley exclamou. — Se aquele cara começar a rondar a vizinhança outra vez, Brad vai ficar furioso. Ele não quer que ninguém mexa no caminhão dele.

— É desse tipo de coisa que o CCS vai cuidar — Kim insistiu. — Se Cody voltar a Deepwater Cove, vamos encontrar um meio de ajudá-lo em vez de nos amedrontar com a presença dele. Brenda não se assustou com ele, certo?

— De jeito nenhum. Cody é como uma criança. Aliás, eu espero que ele volte.

— Não sei se sou a pessoa certa para fazer parte do clube de vocês — Ashley resmungou. — Trabalho horas a fio, e Brad tem ideias firmes a respeito de certas coisas, e... bem... talvez vocês possam ir adiante sem mim.

— Não, senhora — disse Patsy com firmeza. — Você tem todo o direito de manifestar suas ideias e opiniões como qualquer uma de nós, Ashley Hanes. Vou deixar minha agenda em aberto às quinze horas na próxima quarta-feira, e vou querer saber como foi o jantar de Ashley, o projeto do jardim de Brenda e se Kim e Esther decidiram o que vão fazer para mandar essa locadora para bem longe de Tranquility.

— E você? — Ashley perguntou. — O que vai fazer em favor do CCS?

— Vou servir chá e docinhos grátis a todas as participantes da reunião do clube. — Ela sorriu e balançou os cachos com reflexo. — Kim, vejo que o ônibus escolar está chegando. Ashley, suas unhas já secaram, por isso não precisa ficar com as mãos abertas em cima da mesa desta maneira. Esther, foi muito bom ver você hoje. Brenda, não se ausente por tanto tempo. E agora preciso voltar a cuidar do permanente.

Enquanto as mulheres se levantavam para sair, Brenda sentiu a primeira onda de paz e satisfação que não sentia havia meses. Por uma hora inteira, ela não choramingou a respeito dos filhos, não ficou zangada com o marido nem pensou

no outro homem. Ao contrário, tinha agora uma missão que, talvez, pudesse ajudar uma jovem amiga. E tinha esperança de que ela e Steve poderiam passar uma noite agradável juntos. Possivelmente Cody voltaria, e o porão se transformaria em seu santuário para costurar e cuidar dos vasos de plantas. Ashley poderia montar colares na área de artesanato. Kim poderia levar os gêmeos para brincar no enorme quintal que Brenda mantinha em perfeito estado de conservação.

Enquanto saía do Assim Como Estou sob a chuva mansa da primavera, Brenda despediu-se com um aceno de mão das participantes do CCS e entrou no carro. Chegou à conclusão de que não precisava de Nick LeClair para preencher o vazio em seu coração. Tinha amigas, passatempos e agora era membro de um clube de chá.

Talvez Deus tivesse ouvido suas orações no outono passado, quando ela se sentiu muito sozinha e clamou a ele angustiada. Provavelmente, ele estivesse ao seu lado agora, nos momentos de silêncio frios e cruéis em que não conseguia sequer orar. Talvez... talvez tudo voltasse ao normal.

Steve tirou os sapatos e entrou de mansinho em casa, esperando não despertar Brenda. Desde que Jessica partira para passar os feriados da primavera com o namorado em Table Rock Lake, Brenda voltara a ostentar aquela expressão de desânimo no rosto. Steve pensou em chamar o bom pedreiro de volta ao trabalho. Pelo menos com Nick Leclair no porão, Brenda teria alguma coisa com que se ocupar e não se ressentiria tanto quando Steve tivesse de trabalhar até tarde.

Naquela noite, como em tantas outras, o jantar no clube de campo pareceu interminável. Ele tentou várias vezes sair educadamente, mas sua cliente viera de St. Louis para ver algumas casas luxuosas de frente para o lago. Para ela, o jantar era uma forma de poder analisar cada casa, cômodo por cômodo. Steve poderia ter encontrado um jeito de livrar-se dela, mas aquela mulher era diferente dos outros clientes. Prometia um negócio lucrativo e, acima de tudo, a possibilidade de um novo empreendimento para Steve.

Se a situação em casa estivesse dentro da normalidade, ele adoraria deitar na cama, aconchegar-se a Brenda e contar-lhe as novidades. Antes que a melancolia tivesse tomado conta dela, Brenda costumava beijar seu pescoço, desatar sua gravata e sentar-se em seu colo enquanto ele lhe contava como foi o seu dia. Steve adorava aquilo. Faria qualquer coisa para sentir o abraço e os beijos carinhosos da esposa.

Conforme Steve sugerira, Brenda conversou com o pastor Andrew, mas não havia mudado nem um pouco para melhor. O pastor Andrew recomendou que ela e Steve fossem juntos conversar com um conselheiro conjugal... apenas para fazer o casamento voltar ao normal após as mudanças significativas na vida do casal: o novo trabalho de Steve e a partida dos filhos para a faculdade. Steve, porém, não quis saber disso, principalmente por estar certo de que Brenda era a causa do problema deles. Aconselhou-a a procurar um médico, e depois disso, decidiriam o que fazer.

O médico da família Hansen pediu exames de sangue, fez várias perguntas a Brenda e disse que, provavelmente, ela ainda não estava entrando na menopausa. Aquilo destruiu a principal teoria de Steve. Apta para trabalhar, saudável e ativa, Brenda parecia estar em ótima forma física, o médico dissera a ela. O médico

reconhecia que ela poderia estar se esforçando para adaptar-se à ausência dos filhos, e sugeriu um antidepressivo suave. Brenda não concordou. Não estava deprimida, assegurou ao médico. Apenas cansada da situação.

Os Hansens voltaram, portanto, a ser dois *icebergs* na cama, mal se falando de manhã, raramente conversando por telefone durante o dia e quase não se vendo à noite. A situação fez Steve lembrar-se de uma cena do livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, que ouvira Brenda ler várias vezes para os filhos. A malvada Feiticeira Branca de Nárnia transformou um fauno e vários outros personagens em estátuas de pedra. Era exatamente assim que Steve se sentia ao andar na ponta dos pés em direção à suíte do casal. Da mesma forma que em Nárnia, onde sempre havia inverno, mas nunca havia Natal. E nenhuma promessa de o gelo derreter.

Respirando fundo para reunir forças, ele abriu lentamente a porta do quarto, orando para que ela não rangesse. Ao entrar no quarto, notou que a lâmpada ao lado de Brenda estava acesa. Recostada numa pilha de travesseiros, ela olhou para ele por cima de um livro aberto.

— São quase duas horas — ela disse.

Steve passou a mão no cabelo e jogou os sapatos no chão. — Eu sei, eu sei. Sinto muito. Achei que você já estivesse dormindo.

— Onde você estava? — As palavras foram proferidas de forma rápida e firme, como se estivessem lutando para sair de um coração congelado.

— No clube de campo — ele respondeu. — Uma cliente queria...

— Qual era o nome dela?

Steve sentou-se animado na beira da cama, do lado em que dormia. — Há... sra. Patterson. Jacqueline Patterson.

— Ela estava com o marido?

— Ela é divorciada. Brenda, não tire conclusões precipitadas. Jackie tem quatro filhos adultos e...

— Ah, Jackie? Ouvi você dizer Jacqueline.

— Ela prefere ser chamada de Jackie. Veja, ela quer comprar uma casa de frente para o lago, com quartos para os filhos e, futuramente, para os netos, quando chegarem. Passei a maior parte do dia rodando com ela...

— E depois levou-a para jantar. Até as duas horas da manhã.

Steve percebeu aonde aquilo ia chegar, e sentiu um calor repentino e um ligeiro desconforto. Soltou o nó da gravata, desabotoou o colarinho e passou a

mão no pescoço. Haveria uma reunião às oito horas da manhã e ele dormiria pouco naquela noite, portanto não queria de maneira alguma passar aquelas poucas horas discutindo com Brenda.

Steve decidiu que a melhor atitude a tomar seria terminar aquela conversa sem sentido e cair na cama. Brenda estava agindo de forma estranha, como sempre, e ele não sabia até onde poderia suportar. O pastor Andrew e o médico pouco ajudaram, e Steve não sabia mais a quem recorrer. Se sua esposa não pusesse logo a cabeça no lugar, ele explodiria. Se já era difícil andar por aí carregando uma pasta lotada de uma infinidade de projetos, mais difícil ainda era chegar em casa à noite e ter de enfrentar a inquisição espanhola...

— Preste atenção — ele disse com firmeza. — Jackie Patterson é uma mulher rica de St. Louis. Ela quer investir numa casa grande de frente para o lago, e eu quero encontrar essa casa para ela. Mas Jackie é diferente da maioria de meus clientes. Tem tino para negócios e sabe o que fazer com o dinheiro. Tivemos uma longa conversa a respeito de casas e também de outras coisas.

— Verdade? — Brenda fechou o livro com força. — Você sabe, *eu* tinha algumas coisas para lhe contar esta noite, Steve. Coisas importantes e interessantes para mim. Esperava conversar com você sobre minha vida e algumas novidades sensacionais. Mas acho que Jackie Patterson, o dinheiro dela e o talento dela para negócios são mais importantes para você.

— Não fale assim, Brenda! — Ele levantou-se, querendo fugir dali. — Você deixa transparecer que tenho um relacionamento ilícito com essa mulher.

— Você está tendo um caso com ela.

— Não estou!

— Está, sim. Se não for com Jackie Patterson ou com outra mulher, deve ser com o seu trabalho. Você o adora. Alimenta-o. Faz tudo por ele. Sacrificaria até seu casamento por ele, não? Tenho apenas talento para escolher os tons certos de verde para pintar a parede do porão, mas não sou idiota. Pouco importa se houver outra mulher envolvida, Steve. Você me abandonou. Substituiu sua esposa e o nosso casamento por uma imobiliária, uma conta polpuda no banco e um bando de clientes ricos.

— Eu *não* fiz isso, e francamente estou cansado demais para ficar sentado aqui ouvindo seus gritos. Vou dormir no quarto de Justin.

— Faça isso, Steve, e nunca mais volte a dormir nesta cama. Se você ainda se importa comigo, demonstre isso. Você precisa lutar por mim. Se não está

disposto a fazer isso, não vejo como levar o nosso casamento adiante.

— O que está dizendo? Quer o divórcio?

— Eu não quero o divórcio. Nunca quis. Mas quem consegue viver num casamento que não passa de uma miragem? Todas as vezes que vejo a esperança renascer, estico o braço para alcançá-la... mas não há nada diante de mim. Nós nos amávamos, Steve. Costumávamos passar um tempo juntos. Sentávamos juntos no balanço da varanda por algumas horas ou passávamos metade do dia no lago com as crianças. Você se preocupava em saber o que eu estava fazendo, e à noite estava sempre aqui ao meu lado na cama. Mas agora o seu tempo pertence a outra pessoa. Você só quer estar com sua amante.

— Brenda, quer parar de dizer isso? Não há nenhuma amante, e não estou tendo um caso com ninguém. Como pode pensar que troquei nosso casamento pelo trabalho? Há muitas pessoas que trabalham duro, por horas a fio. Sou uma delas, e me sinto bem. Pela primeira vez na vida, estou orgulhoso de mim. As pessoas me admiram e me respeitam. Estou realizando coisas importantes, e gosto muito disso. Finalmente sou um homem bem-sucedido... mas você me despreza por causa disso. Não toca em mim. Trata-me como se eu tivesse uma doença contagiosa. Se me aproximo, você corre na outra direção. Não temos vida amorosa. Agimos como estranhos. Quando cheguei em casa esta noite, pensei em como seria bom poder abraçar você e contar tudo o que se passou no escritório. Mas, de repente, você começou a falar essas bobagens sobre um caso amoroso. E só me agride com palavras... me evita.

— Que esposa gosta de ficar acordada até as duas da manhã enquanto o marido passa o dia inteiro com outra mulher? Não espere que eu seja carinhosa com você depois de ser tratada desta maneira.

— Desta maneira? — Steve arrancou a gravata. — Não estou tratando você de maneira diferente. Você é a mesma mulher com quem estou casado todos esses anos, e não estou fazendo nada de diferente em relação a você. Não sou eu quem está diferente. É você. Eu não a rejeito quando você se aproxima de mim. Não a acuso de ter um caso com outro homem. Apenas faço o meu trabalho e tento ser um homem bom. Por que você fica tão furiosa com isso?

Brenda afundou-se no travesseiro e fechou os olhos. Steve notou que ela estava tentando não chorar. O queixo dela tremia e o nariz começou a ficar vermelho. Se ela não o tivesse ofendido, ele bem que tentaria consolá-la. Mas não confiava mais em Brenda. E se ele a tocasse com carinho e ela o repelisse novamente? Steve não sabia como agir com ela, e estava exausto por ter

trabalhado o dia inteiro e, depois, tentado consertar um casamento prestes a desmoronar. Ele não sabia o que fazer para endireitá-lo.

— Ouça, querida — ele disse com a voz mais suave que conseguiu encontrar. — Eu a amo. Amo de verdade. Sempre amei e sempre amarei. Não sei qual é o problema, mas gostaria muito de resolvê-lo.

Ela cobriu os olhos com as mãos, lutando para conter as lágrimas. — Este é o problema — ela disse, com um soluço na voz. — Você não precisa mais de mim. Meu marido não tem tempo para mim.

Steve olhou para o relógio com os olhos turvos de sono. Sacudiu a cabeça e gemeu. — Por tudo o que é mais sagrado, Brenda, como pode dizer isso? Moramos na mesma casa. Tivemos três filhos. Somos casados há quase 25 anos. O que mais você pode querer de mim?

— Minutos — ela respondeu. — Horas.

— Estou com você há quase meia hora, e você só gritou comigo e me acusou. Olhe, tenho uma reunião com uma empresa de auditoria às oito horas da manhã e preciso preparar os documentos no escritório antes disso. Não sei mais o que fazer para melhorar este casamento, está bem? Sou um bom homem. Faço o possível para ser a melhor pessoa do mundo. E se isso não for suficiente para você, então... bem, o resto é com você. Decida o que quer fazer e me avise.

Tendo dito isso, ele levantou-se e entrou no banheiro. Mal podia acreditar nas palavras que Brenda atirara para todos os lados. *Caso amoroso. Divórcio.* A situação não poderia estar pior entre eles.

Enquanto escovava os dentes, Steve pensou em Jackie Patterson e no interesse dela em investir dinheiro em sua corretora. Jackie achava que Steve deveria comprar um escritório e transferir-se para o mercado imobiliário comercial. Ela tinha uma visão ampla e fez Steve sentir-se capaz de realizar tudo o que lhe viesse à mente.

Brenda tinha razão num ponto. Ele não gostava da companhia dela. E por que deveria gostar? Jackie Patterson era uma mulher interessante e inteligente, transmitia ânimo. Apesar de ser mais velha que ele, era muito atraente. Se ela lhe desse uma brecha, seria difícil resistir.

Steve queria manter as promessas de casamento com Brenda, mas ela não estava facilitando nada com todas aquelas choradeiras e reclamações. A cada dia, ele achava mais difícil manter a mente afastada daquilo em que não deveria pensar. Por isso, concentrava-se somente no trabalho. E quando não conseguia

adiar mais, voltava para casa, para a terra gelada de Nárnia.

Trajando apenas um calção, Steve voltou para o quarto. Quando entrou debaixo das cobertas, notou que a lâmpada ao lado de Brenda estava apagada. Esticou o braço na esperança de ao menos tocá-la, mas o lado dela estava vazio.

— Brenda? — ele chamou em voz baixa.

Olhou para o corredor e viu a luz acesa no antigo quarto de Jennifer. Foi Brenda quem abandonou o leito conjugal. Steve pensou em reunir forças para levantar-se, ir até lá e tentar mais uma vez desfazer o emaranhado de seu casamento. Deitado de costas, ele fechou os olhos. Foi então que percebeu que aquele foi o primeiro momento de paz que sentiu em casa depois de muito tempo.

— **Pelo jeito, aquele seu porão** já deve estar pronto — disse Pete Roberts no início da tarde de segunda-feira. Ele colocou dois cachorros-quentes com salsicha grelhada num saco de papel, acompanhados de alguns pacotinhos de mostarda e *ketchup*, mais um punhado de guardanapos por cima. — Acho que vou ter de pedir ao meu fornecedor de pão, salsicha e condimentos que diminua a quantidade de entrega. Você e Nick LeClair aumentaram minhas vendas de cachorro-quente nesses últimos tempos.

Brenda sorriu para o homem barbudo e pegou o saco de papel. — Não diminua muito. O verão está chegando, e suas vendas vão aumentar.

— Espero que sim. O movimento foi fraco na semana passada. Passei a maior parte do tempo construindo aquela parede à prova de ruídos entre minha loja e o salão.

— Deu certo?

— Não tenho ideia. Só vou saber quando tiver de consertar uma motosserra ou um coletor para folhas secas de jardim. Aí, sim, vou fazer um teste.

— Coitada da Patsy. Pete, você precisa saber que tem tirado aquela mulher do sério.

— Ah, ela adora vir aqui e fazer todo aquele estardalhaço por causa do barulho. Ela parece um sargento apontando para cá e para lá, dando bronca em mim e ameaçando chamar a polícia. É muito divertido.

Brenda riu. — Ela não acha tão divertido assim.

— Você é que pensa. Patsy está caidinha por mim. Pode ter certeza.

— Caidinha por você? Pete, posso lhe dizer uma coisa, com toda a

sinceridade?

— Claro. Vá em frente.

— Conheço Patsy há muito tempo, e ela é terrivelmente exigente a respeito de certas coisas. A verdade, Pete, é que você exala cheiro de isca misturado com graxa para motores. Se quiser que Patsy fique caidinha por você, vai ter de melhorar essa sua aparência.

— Você acha mesmo que ela se preocupa com o cheiro de um homem? De um homem grandalhão e grosseiro como eu?

Brenda riu novamente. — Vá até o salão ao lado e veja o que Patsy mais gosta num homem. Não há nada que a deixe mais feliz do que ver um cliente com um belo corte de cabelo, barba feita e talvez um pouco de colônia. E ela então? Usa sempre vestidos e saias elegantes, e compra os sapatos mais bonitos de Tranquility. Está sempre bem maquiada, e o cabelo dela...

— Ah, sim, o cabelo dela... um dia está preto, no dia seguinte está vermelho, castanho ou com bolinhas. Quem sabe como ela vai aparecer? Só falta aparecer de cabelo xadrez.

— Quero dizer que Patsy gosta de gente bonita para enfeitar o salão dela. Ela é a primeira a elogiar. Você deveria ter ouvido os elogios dela quando minha filha Jessica esteve no salão. Patsy já lhe fez algum elogio, Pete?

Ele franziu o nariz e olhou para cima, como se estivesse tentando lembrar. — Acho que... não. Mas a aparência não é tudo num homem. Tenho outras coisas que agradam uma pessoa: sou sincero, faço boas ações, tenho bom coração e dinheiro suficiente para levar uma mulher para jantar num restaurante fino. Não bebo, não fumo, não falo palavrões... bem, só de vez em quando. E vou a igreja também.

— Que bom! Talvez você seja o tipo de homem de que Patsy necessita.

— Claro que sou. Tenho de provar isso para ela. Espere para ver. Ela ainda vai gostar de mim.

— Está certo. Vou esperar. — Brenda esticou a alça da bolsa e virou-se para sair.

— Steve passou por aqui bem cedo hoje — Pete disse em voz alta. — Contou que tinha um longo dia pela frente.

— Como sempre. — Brenda revirou os olhos, abriu a porta da Rods-n-Ends e despediu-se de Pete com um aceno. Na manhã seguinte à sua última discussão com Steve, a casa estava vazia quando ela acordou. Desde então, eles mal falaram um com o outro. Brenda deixou-lhe um recado na caixa postal para avisar sobre

o convite para jantar com Ashley e Brad Hanes na noite de domingo, mas Steve ligou de volta dizendo que não poderia ir. Precisava preparar-se para uma reunião no início da manhã de segunda-feira e trabalharia no escritório até tarde no domingo à noite.

Enquanto voltava de carro para Deepwater Cove, Brenda sentiu que o aperto no coração se intensificava à medida que os dias passavam. Ela dissera a Steve, com todas as letras, que o problema era entre eles: queria que passassem mais tempo juntos. Mas ele não lhe deu ouvidos. Para Steve, o fato de ter se casado com ela, ser pai de seus filhos e sustentá-la era suficiente. Por que dar à esposa algo mais, principalmente seu precioso tempo?

Quanto mais pensava no assunto, mais Brenda se perguntava o que poderia fazer para que Steve sentisse vontade de estar ao lado dela. A resposta era sempre a mesma: *nada*.

Não poderia jamais competir com as mulheres ricas e atraentes com as quais seu marido gostava de jantar todos os dias. Elas apresentavam-se com roupas e penteados da última moda, misturavam-se com pessoas da alta sociedade que Steve adorava ter como clientes, e, sem dúvida, tinham centenas de novidades interessantes para contar. Afinal, do que mais poderiam falar, a não ser de aquisição de propriedades? O assunto favorito de Steve.

Brenda não conhecia quase nada a respeito do mercado imobiliário e não sabia como funcionava. Aliás, não se importava em aprender. Raramente gostava de usar roupas sociais. Preferia as calças *jeans*, os tênis e as camisetas de todos os dias. Cortava o cabelo quando percebia que as pontas começavam a ficar irregulares. E os assuntos de que mais gostava de conversar eram as diferenças entre plantas anuais e perenes, técnicas para pintar cadeiras em xadrez ou como fazer o delicioso bolo de chocolate que todos adoravam.

A verdade era óbvia. Para Steve, ela era desinteressante. Sem graça. Sem senso de humor. Não era de admirar que ele preferisse passar o tempo trabalhando em sua imobiliária ou transportando clientes de uma casa a outra no entorno do lago.

Tão logo entrou na garagem de sua casa, Brenda permitiu que um terrível pensamento lhe viesse à mente pela terceira vez naquele dia. E agora, ela revirava-o de um lado para o outro, com intensidade cada vez maior. Perguntando a si mesma como seria.

Divórcio.

Ela se imaginou dizendo a Steve que o casamento estava irremediavelmente acabado, pedindo-lhe que saísse de casa, dividindo seus pertences e dinheiro, sentando-se com os filhos para contar-lhes a novidade. Ah, a situação era horrível, mesmo que fosse apenas em pensamento. Mas ela pensava.

Depois, imaginou a paz de uma vida sem um marido cuja apatia lhe corroía o coração e lhe dava um nó no estômago. Imaginou-se convidando amigos para visitá-la, cuidando do jardim, talvez costurando um vestido de noiva para Jessica ou Jennifer. À noite, dormiria sem ouvir os roncos de Steve e sem ter de puxar as cobertas que ele arrastava consigo quando se virava na cama. Poderia abrir as janelas e soprar para fora a poeira desoladora de seu casamento. Começaria tudo de novo. Seria ela mesma, não uma mosca zunindo ao redor de alguém.

E, então, pensou em todos os aspectos negativos. Os filhos ficariam arrasados com a separação dos pais após tantos anos juntos. Deus se decepcionaria com Brenda — com certeza já estava desgostoso com ela, por causa daqueles pensamentos. Na verdade, se insistisse neles, seria pior.

Como manteria a cabeça erguida na cidade depois de jogar para o alto o casamento só porque seu marido não lhe dava a devida atenção? Pareceria um egoísmo desmedido. Uma insignificância. Ninguém entenderia o sofrimento e o vazio que ela sentia todas as vezes que pensava em sua vida atual e nos longos e solitários anos pela frente.

Brenda pegou a bolsa e os pacotes de cachorro-quente e desceu do carro. Não havia retorno. Nenhuma saída para o terrível pesadelo no qual se encontrava.

Se continuasse a viver com Steve, passaria o resto da vida em segundo plano em relação à sua carreira, objetivos e todas as pessoas interessantes de sua vida. Seria a esposa insignificante em casa, costurando almofadas e plantando petúnias. Mesmo que um dia conseguisse trabalhar no ramo de decoração de interiores, eles não teriam nada em comum. Ela faria o seu trabalho, enquanto ele mergulharia cada vez mais em seu mundo isolado.

No entanto, se o deixasse, ela jamais se perdoaria por magoar os filhos e tornar público um assunto que muitas pessoas consideravam banal. Jogaria fora todos aqueles anos que ela e Steve passaram juntos, como se tivessem sido irrelevantes. Mas não foram tão irrelevantes assim. Ela e Steve foram felizes um dia — na maior parte das vezes esforçando-se para criar os filhos e construir um lar de bases sólidas.

Brenda sabia que ainda amava Steve, mas suas emoções baseavam-se mais no passado do que nos sentimentos que nutria atualmente por ele. Nesses últimos

tempos, seu marido não lhe proporcionava quase nada, a não ser mágoas, dúvidas e medo no coração. Que desejo ele poderia sentir por ela? Ela não passava de um peso morto deitado ao lado dele à noite. Na verdade, ele poderia substituí-la por outra pessoa e mal se dar conta da diferença.

Que esperança havia? De que forma ela poderia sair daquele caixão preto com tampa fechada a pregos, que a impedia de respirar? Brenda queria chorar, mas não conseguia sentir emoções suficientes pelo marido a ponto de derramar uma só lágrima.

Ao entrar em casa, ouviu Nick LeClair trabalhando no porão. Como sempre, ele estava com o rádio ligado numa emissora de músicas sertanejas, e assobiava acompanhando sua canção favorita. Brenda parou para ouvi-lo por alguns instantes, enquanto colocava a bolsa na mesa do vestíbulo. Em seguida, entrou na cozinha, pegou um prato no armário e encheu um copo de refrigerante para ele, sem gelo. Colocou dois cachorros-quentes no prato e espalhou mostarda sobre as salsichas.

Fazer essas pequenas coisas para Nick passara a ser rotina. Parecia que eles se haviam acostumado a um tipo de comportamento que não teria fim.

Hoje, porém, tudo isso terminaria. Nick já estava colocando o piso de vinil, Brenda lembrou-se enquanto descia a escada carregando o lanche dele. Depois, Nick instalaria a bancada para os vasos e, por último, fixaria a pia no lugar. Depois, iria embora.

Ele completaria o trabalho até o fim do dia, e talvez os dois nunca mais se vissem. Ela não poderia sequer pedir a Nick que construísse uma ponte sobre o encanamento de esgoto. Ele tinha outra reforma à sua espera, e além disso, Brenda prometera a Ashley Hanes que pediria ajuda a Brad.

Assim que Brenda pisou no chão frio de concreto, Nick ergueu os olhos, localizou-a e sorriu. — Que bom que você voltou — ele disse, fitando-a com seus olhos azuis afetuosos. Pensei que você havia sumido, garota. Esteve fora por muito tempo.

— Demorei um pouco para encontrar as peças de encanamento na casa de materiais de construção — ela disse, colocando o prato e o copo de refrigerante na mesa de costura, no canto onde ele costumava lanchar. — Tive problema com os cotovelos.

— Alguma coisa errada com seus cotovelos? — Rindo, ele colocou o martelo no gancho de seu cinto de couro. Caminhou em direção a ela e segurou-lhe o braço, fingindo examiná-lo. — Parece um belo cotovelo. Para ser sincero, é o

melhor que já vi.

Brenda tentou acalmar as batidas de seu coração enquanto ele passava a mão em seus braços nus. Ela sabia que era errado ficar tão perto dele. Permitir que a tocasse. Aceitar seus elogios. Mesmo assim, não queria que ele parasse, enquanto ouvia sua voz macia em volta dela e seus dedos quentes tocando-lhe a pele.

— Não com os *meus* cotovelos. — Ela forçou um sorriso. — Com aqueles cotovelos de PVC que você queria para a pia. Eles estão dentro de um saco de papel lá em cima. Aqui está o seu lanche.

Nick soltou o braço dela e olhou para o prato. — Cachorro-quente com mostarda — ele disse. — Vai ser difícil voltar a comer meus sanduíches de manteiga de amendoim com geleia.

— Talvez sua esposa... — Ela comprimiu os lábios e desviou o olhar. — Não há nada de errado em comer sanduíche de manteiga de amendoim com geleia.

— Minha esposa me abandonou — ele disse, sem desviar os olhos do prato. — Você já deve saber. As notícias correm por aqui. Nelda levou as crianças com ela, mas eu continuo a ver os meus netos. Não é tão mau assim.

— Sinto muito. Vocês eram casados há muito tempo.

— É, há um bom tempo.

— O que aconteceu, Nick?

— Nelda tinha problemas, e eu também. Chegamos ao ponto em que não dava para continuar. A gente apenas... você sabe... discutia e brigava o tempo todo.

— Eu sei — Brenda disse com voz suave.

Ele formou um T com os sanduíches. — Acho que nos vamos divorciar. Não há mais nada entre nós. Estou morando num *trailer* de meu irmão. Não é grande coisa, mas para mim está tudo bem. Meu filho, Leland, também passa a maior parte do tempo lá. Ele trabalha no ramo de construção como eu, só que é empreiteiro. Minha filha foi embora para não sei onde e deixou as crianças para trás. Acho que ela deve estar na Califórnia, mas ninguém sabe ao certo. Drogas, sabe? Eu não lido com drogas. Elas não fazem bem a ninguém. Não tomo nem aspirina.

— E aqueles ossos que você fraturou nos tempos de rodeio?

— Não tomei nada. Nem um comprimido de aspirina. Enfaixei o local e deixei. Eles colaram sozinhos. Não tenho muito do que me queixar.

Brenda o viu colocar um sanduíche ao lado do outro. — Você é um homem

bom, Nick — ela disse. — Fiquei feliz por você ter reformado meu porão.

Seus olhos azuis abrasadores fitaram os dela. — Você é muito melhor do que eu, garota. Mais inteligente. Mais rica. Mais educada. Mais refinada. Ouça, antes de terminar o trabalho aqui, preciso lhe dizer... gostaria de dizer...

Ela engoliu seco quando ele abaixou a cabeça e colocou as mãos nos bolsos traseiros da calça.

— Eu também fiquei feliz — ele prosseguiu. — Fiquei feliz por ter trabalhado com você. Feliz por conhecer você. Na maioria das vezes, eu apenas chego e faço o trabalho. Mas eu esperava...

— Eu também — ela o interrompeu. — Sempre ficava feliz quando ouvia seu caminhão chegando.

— Brenda... — Ele esticou o braço e passou o dedo calejado numa fileira de rosas bordadas na manga da camiseta dela. — Eu jamais magoaria você.

— Eu sei. — Brenda começou a tremer quando ele passou a mão nas costas dela e puxou-a para perto de si. Ela sacudiu a cabeça. — Nick, não faça isso.

— Quero apenas abraçar você, garota — ele murmurou, puxando-a para mais perto. — Não gostaria de ir embora sem lhe dar um abraço... mas estou com medo. Se fizer isso, nunca mais vou deixar você se afastar de mim.

— Isso é errado, Nick. Sei disso, mas parece maravilhoso demais. — Ela passou os braços ao redor dele e encostou o queixo em seu ombro firme. — Não sei aonde isso vai parar.

— Quero beijar você, Brenda. Só isso.

— Nick, eu...

A porta corrediça do porão foi aberta. — Oi, o meu nome é Cody! — uma voz animada anunciou. — O quê? Cachorro-quente! Eu adoro cachorro-quente!

— **Eu estou vendo você!** — Cody entrou no porão enquanto Brenda se afastava de Nick e passava os braços ao redor de si, assustada. O rapaz sorriu e acenou-lhe com a mão encardida. Cody parecia dez vezes pior que algumas semanas antes. A barba estava mais comprida e agora se misturava com os cabelos castanhos compridos e desgrenhados. Coberto de folhas e carrapichos, os cabelos começavam a emaranhar-se naturalmente. Queimado de sol, imundo, cheirando a lixo, ele usava roupas rasgadas que mal lhe cobriam o corpo esquelético. Os dentes tinham cor marrom.

— Eu estou vendo você, Brenda — ele disse, sorrindo feliz — e foi difícil encontrar você. E você está na minha frente! Sua casa está no mesmo lugar, mas eu procurei por muito tempo e não achei.

— Escute aqui, rapaz. — Nick LeClair endireitou os ombros e deu um passo à frente de Brenda para protegê-la. — Você não pode entrar na casa dos outros dessa maneira. Quem você pensa que é?

— Oi, eu sou Cody. Quem *you* pensa que é?

Percebendo que começava a tremer, Brenda colocou a mão no braço de Nick. — Nick, o nome dele é Cody — ela sussurrou. — Está tudo bem. Eu o conheço.

— Quem você pensa que é, cara? — Com os olhos fixos em Nick, Cody repetiu as palavras com sua voz costumeiramente animada.

Brenda interveio rapidamente. — Este é o homem que pintou o porão, Cody. Ele está me ajudando.

— Quantos anos ele tem?

— É mais velho que você — ela respondeu. — Cody, vou levá-lo até a cozinha para preparar-lhe um sanduíche. Aposto que está com fome.

— Estes sanduíches parecem deliciosos. Adoro cachorro-quente.

— Eles pertencem a Nick.

— Nick. — Cody franziu as sobrancelhas e olhou para o prestador de serviços. — Brenda é minha amiga, Nick. Ela fez sopa, sanduíches e bolo de chocolate pra mim. Ela é cristã, porque o meu papai me disse que, quando a gente está com fome, qualquer um pode dar comida para nós, mas só um cristão dá bolo de chocolate também.

— Vamos, Cody. Por favor. — Brenda entrelaçou os dedos enquanto falava, assustada por ter sido pega nos braços de Nick e temerosa de que Cody mencionasse o fato a alguém. Se conseguisse levá-lo à cozinha, talvez um bom prato de comida o fizesse esquecer a cena. Ela desatrelou os dedos, pegou-o pelo pulso e começou a puxá-lo em direção à escada.

— Nick, você é cristão? — Cody perguntou enquanto Brenda o puxava.

— Eu penso que... Brenda, ouça...

— Não — ela disse abruptamente, olhando para ele por cima do ombro. — Pode terminar o serviço, Nick. Termine o porão e vá embora. Sinto muito. Sinto muito.

— Brenda...

— Rápido, Cody. Vamos ver o que posso encontrar para você comer. Sei que tenho carne assada no *freezer*. Vou fazer um belo sanduíche para você.

— Eu adoro bolo de chocolate. O pedaço cortado em triângulo é bom, mas prefiro quadrado.

— Não tenho bolo de chocolate — ela disse em voz baixa, puxando-o para ele subir os últimos degraus.

Brenda sentiu lágrimas nos olhos como se fossem uma inundação prestes a romper uma represa. Por que cargas d'água ela havia feito aquilo? Por que desceu ao porão para ficar sozinha com Nick? Será que o atraía de propósito para seus braços naquela tarde? Ou ele a seduzira? Que tipo de homem ele era na realidade: sincero, honesto e verdadeiramente atraído por ela... ou um Romeu tentando seduzir a primeira mulher que encontrasse?

Oh, e por que ela se permitira fazer uma coisa tão errada e idiota? E se Steve descobrisse? E se Cody a denunciasse... ou se Nick dissesse alguma coisa?

Por outro lado, por que ela se importava com seu marido e com o que ele pensava? Já havia refletido como se sentiria se divorciasse de Steve. Mas será que desejava mesmo o divórcio? E se Steve contasse aos filhos que a mãe deles lhe foi infiel?

Adultério. Que palavra horrível!

Ela não cedera à infidelidade, pelo menos fisicamente. Mas havia um versículo na Bíblia sobre o adultério em pensamento... olhar para outra pessoa para desejá-la... significava pecar com o coração. Ela não conseguia sequer pôr os pensamentos em ordem! O que Nick estaria fazendo no porão? Será que subiria a escada? O que ela faria se ele subisse? Como fazer tudo voltar ao normal?

— Eu estou vendo você, Brenda — Cody disse, caminhando devagar atrás dela. — Estou vendo você, e você é minha amiga. Você é igual àquela mulher que vi naquela noite quando estava chovendo. Lembra? Achei que Jesus estava no porão, mas era eu na porta de vidro, né?

— Sim, era você. — Enxugando uma lágrima no rosto, Brenda abriu a porta do *freezer* e tirou um pedaço de carne assada que havia preparado para a visita malograda dos filhos nos feriados de primavera.

— Podia ser Nick que estava no porão naquela noite — Cody sugeriu. — Você acha ele parecido com Jesus?

— Não, de jeito nenhum. Ouça, Cody, por favor, esqueça esse homem, está bem? Nick é o homem que reformou o porão. Você nunca o viu antes, e nunca mais vai vê-lo.

— Eu não acho Nick parecido com Jesus, porque ele não repartiu o cachorro-quente comigo. Jesus repartiu cinco pães e dois peixes com uma multidão. Multidão significa muita, muita gente. “E ordenou que a multidão se assentasse na grama. Tomando os cinco pães e os dois peixes e, olhando para o céu, deu graças e partiu os pães. Em seguida, deu-os aos discípulos, e estes à multidão. Todos comeram e ficaram satisfeitos.” Mateus 14:19-20. O meu papai me ensinou isso quando estava nevando lá fora, e a gente não tinha nada pra comer. E o meu papai disse que Jesus sempre repartia sua comida.

Brenda não sabia o que dizer. Com as mãos trêmulas, ela cortou várias fatias de pão francês enquanto a carne assada descongelava no micro-ondas dentro de uma vasilha de plástico. Por que permitira que Nick a tocasse? Ah, foi tão bom voltar a ser abraçada por alguém... ouvir palavras doces sussurradas no ouvido... palavras de desejo.

Ela o teria beijado. Não havia como negar. Mas por que permitiu que a situação chegasse àquele ponto? Ela mal conhecia o homem.

— Fui com você para cortar o cabelo — Cody estava dizendo. — De repente, comecei a ouvir um barulho danado perto de nós, e achei que alguém estava vindo me pegar. Corri pro mato e subi numa árvore. Subi lá no alto... tão alto que fiquei morrendo de medo. Ouvei você me chamando, mas estava assustado demais para descer. Achei que ia cair da árvore ou que o barulho ia começar de novo.

Brenda tentou concentrar-se em Cody enquanto espalhava maionese no pão e retirava um punhado de batatas fritas da embalagem. Será que Cody havia visto

Nick abraçando-a? E se ele dissesse alguma coisa na frente de Steve? Ou de outra pessoa? Brenda queria pôr Cody para fora de casa e dizer-lhe para nunca mais voltar. Mas ele estava tagarelando tão feliz, como se finalmente tivesse encontrado paz.

— Achei que não ia mais ver você, Brenda — ele disse. — Mas estou vendo você agora. Claro que estou. Depois que desci da árvore, procurei você em todos os lugares, pra cima e pra baixo no lago, no mato e nas estradas. Procurei da mesma forma que procurei o meu papai, mas ele já tinha dito que não ia voltar nunca mais. Procurei o meu papai por muito tempo, mas o que ele disse era verdade. “Você tem 21 anos, Cody. Está na hora de seguir o seu caminho.” Foi o que o meu papai disse. Pensei que ia acontecer o mesmo com você, que você não ia voltar nunca mais. Mas você está aqui, né?

Ela empurrou o prato na direção do rapaz enquanto ele se empoleirava num banco no balcão da cozinha. — Está aqui, Cody. Coma isto, e depois você poderá sentar-se no balanço da varanda.

— OK. Mas ainda não é noite, Brenda. Eu só durmo depois que escurece. — Ele deu uma mordida no sanduíche, fechou os olhos e mastigou feliz.

— Pelo jeito, você tem comido pouco — Brenda observou, com o coração repleto de ternura por Cody enquanto olhava para ele. — Está muito magro.

— Descobri um restaurante que joga fora batatas fritas e rodela de cebola. Às vezes eles também jogam *pizza* fora. Fiquei uns tempos por ali, mas eles me puseram pra correr. As pessoas não gostam que eu coma coisas que elas jogam no lixo. Faz muito tempo que aprendi isso. Mas, às vezes, é tudo o que a gente consegue encontrar. A comida jogada no lixo não é tão boa como a sopa, os sanduíches e o bolo de chocolate que você me deu. É fria e tem cheiro ruim. Mas aprendi que preciso seguir o meu caminho. Foi o que o meu papai me disse, e estou fazendo isso.

Incapaz de controlar as lágrimas e o tremor nas mãos, Brenda começou a trabalhar na cozinha — lavando pratos já limpos, lustrando o balcão, passando um pano na janela acima da pia. Cody devorou três sanduíches grandes de carne assada e quase todas as batatas da embalagem. Tomou dois copos de chá gelado, comeu sete docinhos de manteiga de amendoim e arrotou alto pelo menos três vezes.

O som lá embaixo das músicas sertanejas que Nick LeClair ouvia no rádio confundia Brenda. Ela enxugou os olhos e assoou o nariz, mas as lágrimas não

paravam. Enquanto chorava, começou a entender que não eram apenas Steve, Nick e Cody que fizeram seu coração transbordar de remorso, medo, tristeza, sofrimento e de uma mistura de outras centenas de emoções. Era Jennifer tão distante na África, e Justin e Jessica na faculdade. Eram as caixas de troféus empilhadas na garagem, a mesa de costura no porão pintado de verde, as cadeiras pintadas em xadrez na sala de jantar. Eram as lembranças de sentar-se ao lado da mãe num banco duro de madeira, recitando versículos da Bíblia na Escola Bíblica de Férias, vendo o pai passar a salva de ofertas em todas as fileiras de bancos da igreja. Seus pais, seus filhos, seu marido, todas as vitórias e todos os erros. E Deus também. Ela perdera Deus, e ele a deixara ir embora.

Brenda sentou-se pesadamente no outro banco enquanto pensava em seu canteiro de flores, ainda vazio. Em seu cabelo com pontas irregulares. Em Cody necessitando de ajuda. Como conseguir energia para voltar a fazer qualquer coisa? Esperança, alegria e sonhos — todos desapareceram na enxurrada de suas lágrimas.

— Você é a minha melhor amiga — Cody disse enquanto engolia o último docinho. Ele tinha migalhas de pão espalhadas na barba e penduradas nas pontas úmidas do bigode. — Você é igual a Jesus, porque reparte suas coisas.

Brenda não conseguia encará-lo. Borrifou um limpador desinfetante nas latas de farinha, café e chá e começou a tirar os resíduos com uma toalha de papel. Como faria para tirar Cody de sua casa? Por que ele não ia embora de novo e a deixava em paz?

— Acho que vou sentar no seu balanço lá fora — Cody avisou. — Gosto de lá. Foi lá que eu dormi quando fiquei aqui antes de fugir pro mato e subir naquela árvore.

— Ótima ideia — Brenda disse, fungando novamente. — Vou pegar um travesseiro e alguns cobertores para você.

Cody acompanhou-a até a varanda e observou em silêncio enquanto ela arrumava o local para ele dormir. Depois de sentar-se no balanço, ele colocou a cabeça no travesseiro e sorriu para ela.

— Não quero perder você outra vez, Brenda — ele disse em voz baixa. Depois, esticou o braço e tocou o rosto úmido dela com seus dedos sujos. — Estou vendo você, e você está me vendo. Agora a gente está junto... como antes. Você está chorando, porque está feliz porque eu voltei. O meu papai costumava dizer que chorava de felicidade. Ele disse que era feliz porque me tinha. E agora você me tem. Por isso vou dormir um pouco aqui.

Brenda puxou o cobertor, cobriu-o até os ombros e bateu de leve no braço dele. — Descanse, Cody. Descanse.

Steve mal pôde acreditar no que viu quando chegou de carro à garagem de sua casa. “O vagabundo está de volta”, ele pensou. A figura conhecida, coberta com cobertores azuis, reclinada no balanço da varanda como se fosse sua casa. Steve não queria uma complicação a mais, principalmente com tantos afazeres à sua espera. Sem dúvida teria de reservar um tempo para conversar com Brenda, porém tinha de tomar uma atitude naquele mesmo dia.

Steve decidira chegar mais cedo em casa para tomar uma ducha e trocar de roupa após uma partida de golfe com um cliente naquela tarde. Embora gostasse de usar calça *jeans* e camiseta velha, os jantares no clube de campo exigiam calça social e camisa branca. Às vezes ele abria mão da gravata, mas só quando não estava na iminência de fechar um negócio.

A tarde no campo de golfe foi mais quente do que ele imaginava, Steve pensou ao entrar na garagem e fechar a porta basculante. Ele sempre carregava uma muda de roupa na sacola de ginástica, mas aquela noite era especial. Depois de reunir-se com seus advogados em St. Louis, Jackie Patterson ligou mais cedo naquele dia para avisar que tinha uma proposta que, segundo ela, Steve acharia interessante. Nervoso, entusiasmado — e ao mesmo tempo irritado pelo fato de o sujeito sem-teto estar de volta —, ele abriu a porta da cozinha.

A voz de Brenda vinha do vestíbulo.

— Não! — ela estava dizendo a alguém. Parecia agitada, quase descontrolada. — Agora não... ou melhor... nunca. Vá embora, está bem?

Steve deu a volta para entrar no vestíbulo e viu sua esposa em pé falando com o pedreiro. Ela estava apertando a bolsa contra o estômago e empurrando o braço dele. Steve não se lembrava do nome do homem, mas ele tinha uma das mãos no ombro de Brenda e um ar de ansiedade no rosto.

— Querida! — Preocupado com a situação, Steve deu mais um passo e apareceu diante deles. — Há alguma coisa errada?

Brenda e o homem deram um grito sufocado quando se viraram para encará-lo. E o que ele viu escrito no rosto de ambos era culpa. Tão clara como o dia. Culpa sem deixar nenhuma dúvida, inegável.

Pensamentos e imagens inaceitáveis percorreram a mente de Steve enquanto ele olhava para os dois. Sua esposa e aquele homem... *juntos*? Impossível. Não.

Brenda não.

Olhou de relance para os cabelos despenteados e os olhos inchados da esposa. Ela estava chorando? Zangada? Com medo? Em seguida, ele olhou para o prestador de serviços — para sua calça *jeans* respingada de tinta e botas de trabalho, para sua camisa desbotada e olhos azuis.

— Brenda? — Foi tudo o que a voz de Steve conseguiu pronunciar.

— Nick está indo embora — ela gaguejou. — Já terminou o trabalho. O trabalho no porão.

— Está havendo alguma coisa aqui? — Steve perguntou. — Ouvi você falando com ele. Parecia aborrecida e lhe disse “não”. Qual era o problema?

Houve um momento de silêncio constrangedor. Em seguida, o prestador de serviços decidiu falar. — Ela disse “não”, porque... porque, veja, eu queria continuar trabalhando para ela. Mas o serviço acabou. Está pronto.

— Há uma ponte — Brenda disse, misturando suas palavras às de Nick enquanto olhava de frente para o marido. — O encanamento de esgoto no jardim precisa de uma ponte, lembra? Prometi dar esse serviço a Brad Hanes.

— O marido de Ashley? Pensei que Brad trabalhasse em projetos de construção. Casas e escritórios.

— É verdade, mas... — Brenda umedeceu os lábios. — Mas Ashley e eu conversamos no clube de chá e combinamos tudo. O jantar de domingo à noite e a ponte.

Steve tentou aceitar a terrível realidade de que algo errado havia acontecido em sua casa. — Brenda, não sei do que você está falando.

— Nick não pode construir a ponte — ela disse — porque Brad é quem vai construir.

— Ela já me pagou — o prestador de serviços disse a Steve. — Por isso está tudo certo. É melhor eu ir embora.

— Fiz um cheque. — Ela virou-se para o homem que continuava em pé, desajeitado, no vestíbulo. — Bem, mais uma vez obrigada, Nick. Você fez um bom trabalho.

Nick bateu com a ponta dos dedos em seu boné de beisebol. — Obrigado, Brenda... e a você também, Steve. Gostei de trabalhar aqui. Se precisarem de outros pequenos consertos, é só me chamar.

Antes que Steve tivesse tempo de dizer alguma coisa, Nick saiu, fechando a porta atrás de si. Brenda virou-se imediatamente e correu em direção à suíte do

casal.

Incapaz de sair do lugar, Steve tentou digerir o que vira e ouvira. A cena rápida no vestíbulo parecia ter sido tirada de um daqueles filmes, água com açúcar, de que Brenda gostava... um filme em que todos choravam no final. Dentro da casa dos Hansens havia um homem com a mão ao redor do braço de uma mulher. Angustiada, a mulher o repeliu num tom de voz de partir o coração. Mas a mulher era Brenda... a esposa de Steve. E o homem — Nick, o reformador — usava um boné de beisebol manchado de graxa, calça *jeans* respingada de tinta e camiseta surrada. Não era nenhum herói romântico, e mesmo assim Steve vira Nick com as mãos em Brenda. Tudo aquilo... mais um rapaz sem-teto dormindo no balanço da varanda. E havia ainda uma tal de ponte, um jantar no domingo à noite e um clube de chá. Nada daquilo fazia sentido.

De repente, ao se dar conta do tempo que havia passado, Steve voltou à realidade e atravessou rapidamente o corredor. Brenda estava no banheiro da suíte, com a porta fechada, e parecia estar passando mal... ou estaria chorando?

Ele bateu na porta. — Brenda?

Nada semelhante havia acontecido antes. Durante muitos anos, Brenda sempre foi a mesma pessoa — loira, doce e gentil, sempre amando os filhos e o marido enquanto cuidava da cozinha ou do jardim. O que acontecera?

— Brenda, sou eu. O que está havendo?

— Estou bem. — As palavras mal foram ouvidas por Steve.

— Preciso tomar uma ducha e trocar de roupa antes do meu jantar. Você vai demorar muito?

Silêncio. Ele coçou os olhos e tentou pensar no que fazer. A situação em casa começava a se esgarçar. No mundo profissional, ele tinha de remendar os negócios quase todos os dias. Mas ali, em Deepwater Cove, os rasgos no tecido de sua vida eram muito grandes. O material de espuma no qual ele confiava para protegê-lo durante as dificuldades e provações havia rompido o tecido e estava voando para longe como penas ao vento. Steve não sabia como recolher tudo de volta.

— Você está aborrecida? — ele perguntou. — Vi o rapaz no balanço da varanda. Ele lhe disse alguma coisa?

— Não. — Brenda saiu do banheiro e abriu caminho com os ombros para chegar até a cama, de cabeça baixa o tempo todo e cobrindo o rosto. — Vá

tomar sua ducha.

Steve continuou parado na porta do banheiro. — Brenda, há alguma coisa errada, e vejo que você não está se sentindo bem. Foi aquele homem? O pedreiro... Nick? Ele lhe fez alguma coisa?

— Tome sua ducha e vá para o clube — Brenda respondeu. Como se fosse a última folha do inverno, amarronzada e morta, ela sentou-se pesadamente no banco embaixo da janela da sacada e passou a olhar para o céu escuro, com os braços apoiados no parapeito e o rosto encostado no vidro.

Steve olhou para o relógio. Jackie Patterson chegaria ao clube a qualquer momento. Entraria no restaurante, e a recepcionista a conduziria até a mesa reservada por Steve. Ashley Hanes ou outra garçonete lhe perguntaria se ela queria uma bebida. E, então, ela esperaria.

Steve passou a mão no pescoço. — Brenda, devo estar no clube daqui a dez minutos. Tenho um jantar importante.

— Vá em frente — ela disse com voz inexpressiva.

— Mas está acontecendo alguma coisa nesta casa. Você precisa falar comigo. — Ele caminhou em direção ao banco sob a janela. — Nunca a vi desta maneira. O que houve?

— Vá para o clube.

— Estou falando sério, Brenda. É o rapaz na varanda? Qual é o nome dele?

— Cody. Ele está bem.

— Nick fez alguma coisa que a aborreceu? Ele estava... estava tocando em você. Segurando seu braço.

Ela fechou os olhos. — Por favor, Steve, vá embora. Não preciso de você. Não preciso de ninguém.

— O que você quer dizer com isso?

— Que estou bem. Vá embora.

O celular de Steve vibrou. Devia ser Jackie querendo saber onde ele estava. Decidiu demorar um pouco para atendê-la. A frustração em seu peito aumentava como vapor numa sauna. O que havia levado Brenda a agir assim? Ela continuava sentada como se fosse um peso morto. Alguns minutos antes, estava agitada, quase em lágrimas, implorando alguma coisa ao prestador de serviços. Agora, estava sentada no banco embaixo da janela como se fosse um paletó velho que alguém jogou ali.

— Brenda, por favor, fale comigo — ele exigiu. — Por favor. Quero saber por que aquele homem estava segurando seu braço.

Ela não disse nada. Parecia estar morta.

Steve pegou o telefone e viu o número no identificador de chamada. Conforme ele esperava, era Jackie Patterson. Steve digitou o número dela. Jackie atendeu.

— Ei — ele disse, forçando um tom animado na voz. — Ouça, Jackie, vou atrasar alguns minutos. Minha esposa está... não está se sentindo bem.

— Ora, por que você não me ligou antes? — Jackie perguntou. — Estou aqui sozinha sentada diante desta mesa.

— Vim para casa direto do campo de golfe para tomar uma ducha, e...

Como começar a explicar uma situação que ele próprio não compreendia? Steve afundou numa cadeira. Havia uma fotografia de seus três filhos numa moldura prateada ao lado de uma pilha de livros na mesa perto dele. Steve analisou cada rosto. Jennifer, linda e serena. A pequena missionária do papai, em período de treinamento. Justin, o bobalhão, sempre aprontando alguma coisa. E Jessica, tão doce, tão amorosa.

Enquanto Jackie Patterson continuava a desabafar seu descontentamento pelo telefone, Steve lembrou-se de sua última conversa com a filha mais nova. *Sabe, pai, talvez a mamãe sinta falta de você, Jessica lhe disse. Acho que ela se sente sozinha.*

Ele apresentara seus argumentos, claro, defendendo-se com muita justiça da teoria sem lógica de Jessica. E, então, ela lhe contou que se assustou com o que estava vendo no casamento dos pais. *Não me quero transformar numa mulher zangada, magoada e deprimida, ela avisou.*

Então era assim que Brenda se sentia? Steve olhou para a esposa, para seu rosto encostado no vidro da janela e para seus olhos inchados e fechados com força.

Então tudo volta a ficar bem?, Jessica quis saber. Quando ele não pôde garantir uma das coisas em que sua filha mais queria acreditar naquele momento, ela teve medo de que os pais poderiam divorciar-se. Steve fez o possível para convencer Jessica de que seu casamento com Brenda ia bem, mas sua querida filhinha saiu correndo, gritando com ele. Suas palavras pareceram tolas na ocasião — banais e impraticáveis, ele pensou. *Então leve-a para jantar no clube de campo pelo menos de vez em quando!*, Jessica gritou para ele.

— E eu tenho uma proposta aqui para você examinar — Jackie Patterson estava dizendo. — Os advogados gastaram um bom tempo nela, e preciso

discuti-la com você esta noite, Steve. Tenho de estar de volta a St. Louis amanhã ao meio-dia para um almoço.

— Está bem — ele disse. — Você me dá mais alguns minutos? Preciso resolver umas coisinhas antes.

— Acho que vou ter de ir mais devagar com este drinque e espero reconhecê-lo quando você chegar.

— Claro que sim! — Steve despediu-se e desvencilhou-se do celular.

Em seguida, analisou a figura amontoada no banco embaixo da janela, certo de que não deveria ceder ao impulso despertado em seu cérebro enquanto conversava com sua cliente. Não seria uma atitude inteligente. Seria um risco para seu negócio. Poderia levar por água abaixo todos os sonhos e esperanças que ele nutria naqueles meses.

A cada vez, porém, que tentava resistir, largar mão de sua esposa e entrar no banheiro, ele via a expressão sincera no rosto de sua filha. Ele aguardou uma solução para o problema de Brenda durante várias semanas. Orou por isso. De nada adiantaram seus esforços. Portanto, talvez fosse o momento de tomar medidas drásticas.

— Brenda — ele disse, levantando-se. — Quero que você se vista e penteie o cabelo enquanto troco de camisa e ponho uma gravata.

Com os olhos turvos, ela virou-se para ele. Tinha o nariz vermelho e as mãos trêmulas. — O quê? — perguntou baixinho.

— Vista-se — ele repetiu. — Vamos jantar no clube de campo com uma de minhas clientes. E não aceito um “não” como resposta.

Brenda acompanhou Steve dois passos atrás quando eles entraram no restaurante à meia-luz no clube de campo. Um carpete verde com estampas de vários matizes cobria o chão até as paredes revestidas de madeira de cerejeira repletas de gravuras clássicas de golfe, caça e remo, todas com molduras douradas. As mesas, cobertas com toalhas verdes redondas sob quadrados brancos, ostentavam velas acesas e guardanapos dobrados com elegância. Os funcionários usavam várias versões de *smoking*: paletós pretos, camisas brancas, gravatas-borboleta e calças pretas. Algumas garçonetes trajavam saia e sapatos baixos. Uma cabeça de cervo com imensa galhada, pendurada no fim do salão, parecia observar o ambiente. A parede oposta exibia uma cabeça de alce com olhos fixos e impassíveis.

Brenda havia visitado o clube várias vezes, quase sempre com a finalidade de levar as crianças para nadar com os amigos na piscina olímpica ou almoçar na lanchonete com um grupo de famílias aos domingos, depois da igreja. Podia contar nos dedos da mão as noites que jantara no restaurante do clube. O local passara a ser território de Steve.

Vestir-se e maquiar-se naquela noite foram as tarefas mais difíceis que Brenda se lembrava de ter feito depois de muitos anos. Implorou para ficar sozinha em casa. Steve não lhe deu ouvidos. Segurou-a pelos braços, levantou-a do banco e conduziu-a ao *closet*.

Parecendo carregar um peso de quase dez quilos presos nos pulsos e tornozelos, ela conseguiu tirar um vestido do cabide e colocá-lo no corpo. Enquanto se enxugava após uma ducha de dois minutos, Steve fechou o zíper do vestido de Brenda, tirou um par de sandálias do armário e atirou-as na direção dela. Brenda calçou-as antes que ele a conduzisse ao banheiro e colocasse um tubo de rímel nas mãos dela.

No percurso de carro, dirigido por Steve, até o clube, Brenda olhou o tempo todo pela janela sem nenhuma expressão no rosto. Seus pensamentos voavam, e ela começou a sentir que alguém agitava seu cérebro como se estivesse batendo massa para bolo numa tigela. “Steve é meu marido”, dizia o refrão. “Eu não o amo. Ele não me ama. Não posso divorciar-me dele. Não quero abandoná-lo. Mas não posso viver com ele. Eu amo Nick. Não conheço Nick, por isso talvez

não possa amá-lo. Eu seria infeliz ao lado de Nick. Mas Nick se interessa por mim. Eu traí Steve. Deus me odeia. Eu odeio Deus. Odeio Nick. Odeio Steve. Eu me odeio.” As palavras sussurradas rodavam ininterruptas pela mente dela e, de repente, o carro entrou no estacionamento do clube.

Agora Steve acenava para uma mulher sentada perto de uma janela com vista para Lake of the Ozarks. Aturdida, Brenda aproximou-se da mesa. A mulher de cabelos loiros e foscos, com pouco mais de sessenta anos, estendeu a mão com unhas perfeitamente cuidadas. Usava um conjunto de malha coral desenhado por estilista, dois cordões de pérolas ao redor do pescoço e um relógio com pulseira cravejada de brilhantes. Seu sorriso exibindo dentes com jaquetas perfeitas foi educado, mas nem um pouco acolhedor.

— Meu Deus, Steve! — ela exclamou ao cumprimentar Brenda com um aperto de mão. — Que surpresa! Muito prazer em conhecê-la, querida. Sra. Hansen, eu gostaria de lhe dizer que seu marido me trata como uma rainha. Não quero trabalhar com nenhum outro corretor aqui no lago. Você deve ter muito orgulho dele.

— Tenho — Brenda disse em voz baixa.

Enquanto eles se sentavam, uma garçonete emergiu das sombras. Era Ashley Hanes. Depois de entregar os cardápios, ela recitou os pratos especiais da noite. Em seguida, concentrou o olhar nos clientes.

— Sra. Hansen! — ela disse, assustada. — O que está fazendo aqui? Puxa!... Está tudo bem?

— Brenda sentiu um mal-estar esta noite — Steve interveio. — Você tem chá quente?

— Claro. Vou trazer imediatamente.

Constrangida e, ao mesmo tempo, estranhamente apática, Brenda recostou-se na cadeira enquanto Steve e Jackie Patterson conversavam. Jackie, conforme ficou comprovado, não estava interessada em conquistar o coração de Steve. Brenda notou isso na hora. A mulher namorava um homem em St. Louis e contou que vivia com ele como se fossem casados. Com certeza, no momento não estava interessada em outro homem — uma conduta que Brenda aprendera a reconhecer desde a quarta série.

Jackie Patterson *estava* numa missão. Falava com grande animação e veemência, entremeando o discurso com tapas firmes no dorso da mão de Steve ou batendo com o dedo indicador na mesa. Brenda achou difícil prestar atenção

nas palavras da mulher. Pensava em Cody e em sua reação ao acordar no balanço da varanda e se perguntar para onde ela teria ido. Pensava em Nick, em seu pequeno *trailer*, em seu filho, Leland, e em sua mulher envolvida num laboratório clandestino.

“Nelda tinha problemas, e eu também”, ele dissera a Brenda. *“Chegamos ao ponto em que não dava para continuar.”* Ela pensou naquelas palavras enquanto misturava leite e açúcar no chá que Ashley despejara em sua xícara. Quais seriam os problemas de Nick? Certa vez, Ashley deu a entender que Nick havia atirado na esposa. Seria verdade? Haveria um homem violento por detrás das palavras bondosas e gentis do prestador de serviços que, segundo Brenda, faziam parte da personalidade de Nick?

Ela lembrou-se da força com que ele a puxou para os seus braços. E da maneira que enfrentou Cody. Em seguida, lembrou-se de seus dedos apertando-lhe o braço depois que ela lhe pagou e pediu que fosse embora. Nick se recusou a sair da casa. Disse que não partiria sem ela. Insistiu em que ela o queria tanto quanto ele a queria, e depois a sacudiu quando ela negou. Ele a sacudiu... e doeu... e talvez ele fosse o tipo de homem capaz de dar um tiro na esposa.

— Vou ao toailete — Brenda disse, percebendo de repente que sentia enjoo.
— Com licença.

Ela pegou a bolsa e dirigiu-se ao toailete feminino sem tropeçar no próprio pé ou na perna de uma cadeira. Sentindo-se indisposta, idiota e desanimada, ela abriu a porta do cubículo, abaixou a tampa do vaso e sentou-se. Colocou as mãos na cabeça e fixou o olhar no desenho do ladrilho que parecia dançar no chão.

Para onde ela poderia fugir daquilo tudo? Como consertar a situação? Como acertar tudo de novo? As lágrimas recomeçaram a descer pelo rosto, e ela não tinha condição de impedi-las.

— Ei, sra. Hansen! — A voz de Ashley ecoou no banheiro. — Você está aí? Steve está preocupado.

— Estou bem. — Brenda apertou as pálpebras úmidas e inchadas com os dedos. — Já vou sair.

— Você está com uma aparência horrível — disse Ashley. — Não posso acreditar que Steve tenha trazido você aqui esta noite. Você deveria estar na cama, e ele deveria lhe fazer companhia. Você precisa tomar uma canja, não jantar no clube. Pelo amor de Deus, às vezes os homens são tão imbecis.

— Acho que ele queria que eu viesse — Brenda disse, enxugando os olhos com papel higiênico. Engolindo o nó na garganta, ela levantou-se, alisou o vestido e saiu do cubículo.

O rosto de Ashley demonstrou ar de susto. — Você está com o rosto todo borrado de rímel! — ela exclamou. — Andou chorando. Oh, meu Deus. Vou limpar o seu rosto e levar você para casa.

— Não, eu... preciso ficar aqui.

— Para quê? Por causa de Jacqueline Patterson? Aquela mulher só quer fazer Steve entrar no grande esquema dela.

— O quê? — Brenda perguntou baixinho. — Que esquema?

— Ela tem mais dinheiro do que você é capaz de imaginar, e quer comprar uma porção de propriedades aqui para Steve administrar para ela. Ele não tem tempo para isso, nem a imobiliária dele está tão bem assim.

Brenda olhou firme para Ashley, tentando entender as palavras da moça. — Steve está com problemas?

Ashley mordeu os lábios. Em seguida, aproximou-se do ouvido de Brenda e falou em voz baixa. — Bem, quero apenas dizer que a sra. Patterson frequenta o clube de campo há anos, mesmo quando o marido dela andava por aí e os filhos eram pequenos, e ela sempre tratou os empregados do restaurante como se fossem resto de espuma no fundo do balde. Ela não é simpática como o pessoal do lago costuma ser. Claro, seria justo Steve comprar uma ou duas casas para alugar, mas sem cair na rede do esquema dessa mulher.

Pela primeira vez em dias... talvez semanas... Brenda viu, de repente, o mundo ao redor dela. E o que viu foi Steve Hansen. Viu duas coisas a respeito de Steve. Primeira, fazia muito tempo que ela havia parado de sentir orgulho do homem que os outros admiravam e de apoiá-lo. Segunda, se não tomasse cuidado, Steve poderia envolver-se em algo perigoso. Algo que custaria a ambos muito dinheiro, esforço, energia... e tempo. Mais tempo do que se poderia imaginar.

— Venha aqui, vamos precisar usar sabonete — Ashley disse, limpando as faces de Brenda com papel higiênico umedecido com água. — Você está horrível. Peço desculpa por continuar a dizer isso, mas nunca a vi desta maneira. Você está doente ou o quê?

Brenda acompanhou os olhos castanhos tremeluzentes da moça, que estava fazendo o possível para limpar as manchas de rímel e os riscos do *blush*. Como

Brenda poderia explicar algo que ela mesma não entendia? Poderia admitir que deixou outro homem tocá-la? Que desejou que ele a beijasse? Que pensou em abandonar o marido, a casa, a igreja e até mesmo o respeito dos filhos, para ter um caso amoroso com um prestador de serviços que mal conhecia? Ela poderia ter feito isso. Tudo isso. Se Cody não tivesse aberto a porta do porão, ela poderia ter perdido completamente a moral.

— Ouvi dizer que o sujeito sem-teto voltou — Ashley disse enquanto delineava os lábios de Brenda com o *gloss* que havia tirado do bolso do avental. — É o mesmo que deixou você tão aborrecida?

— Não fiquei aborrecida, mas... não sei o que fazer com ele.

— Bem, não vale a pena chorar por ele. Leve esse cara à delegacia e deixe que a polícia dê um jeito nele. Ou deixe-o na Rodovia 54, em Osage Beach. Ele vai levar o verão inteiro para achar você de novo.

— Não posso fazer isso.

Ashley afastou-se um pouco e olhou para Brenda. — Você ainda não está muito bem, mas tenho de voltar a atender às mesas.

— Obrigada por tentar, Ashley.

A moça brincou com os cordões de colares de pedras pretas que substituíam a gravata de seu *smoking*. Evidentemente, Ashley trabalhava no clube tempo suficiente para quebrar as regras da vestimenta.

— Você e eu fazemos parte do clube que a sra. Moore fundou no Assim Como Estou — Ashley lembrou a Brenda. — O Clube de Chá das Senhoras. Significa que você prometeu a Brad que ele vai construir uma ponte sobre o encanamento de esgoto, e eu devo um jantar a você e Steve. Mas o objetivo principal do clube é a gente ajudar umas às outras, certo? Por isso, esta é a melhor maneira de ajudar você nesta noite, sra. Hansen. Vá até lá e peça ao seu marido que leve você para casa *agora*.

— Pode me chamar de Brenda, lembra-se?

— Brenda. Está bem. Meu telefone tocou três vezes enquanto eu estava aqui com você. É melhor eu me apressar.

Brenda tocou de leve no braço de Ashley. — Obrigada — ela disse. — Você me ajudou muito.

Um sorriso maroto brilhou no rosto de Ashley. — Sério? Legal! A gente se vê qualquer dia, Brenda. E não se esqueça da ponte.

Enquanto Ashley saía apressada do banheiro, Brenda voltou a olhar no

espelho. Realmente sua aparência estava horrível, suficiente para convencer Steve a levá-la rápido para casa.

Patsy Pringle deixara em aberto a maior parte dos horários de sua agenda para aquela tarde de quarta-feira, e estava aguardando a chegada das outras participantes do Clube de Chá das Senhoras. Ela encheu a vasilha com água fresca para ferver e deixou à mão uma ampla variedade de saquinhos de chá. Havia assado, naquela manhã, um pão de semente de mostarda com limão para o grupo. Depois, tirou-o da embalagem de papel-alumínio, cortou-o em pedaços, umedeceu-os com calda e arrumou-os num prato de cristal lapidado que herdara da avó.

Aquela seria a quarta reunião do clube, e Patsy constatara rapidamente que a reunião de mulheres era o ponto alto da semana. Todas as quartas-feiras, elas se sentavam na sala de chá, com os raios de sol atravessando as vidraças, e conversavam animadas ouvindo uma música suave vinda do aparelho de som. Às vezes, a repetição de uma história fazia o grupo cair na gargalhada; em outras, as mulheres acabavam chorando.

Todas as quartas-feiras à tarde, sem falta, Ashley Hanes e Kim Finley entravam com passos firmes no salão. Esther Moore nunca se atrasava. Aliás, quase sempre chegava em primeiro lugar. Considerava o clube ideia sua, por isso contou a Patsy que se sentia responsável pelo bom andamento das reuniões. Brenda Hansen foi a única participante que não comparecera ao chá no Assim Como Estou.

Patsy nunca mais a viu nem teve notícias dela desde o dia em que formaram o grupo quase um mês antes. Naquela manhã, a caminho do trabalho, Patsy havia passado na casa dos Hansens a fim de deixar um bilhete para Brenda, informando que todas sentiam muito a falta dela. Ao subir os degraus da varanda, viu o sem-teto levantar a cabeça do travesseiro no balanço, fazendo Patsy quase morrer de medo. Assim que se recobrou do susto ao ver aquele rosto medonho com cabelos sujos, espetados em todas as direções, Patsy perguntou por Brenda.

— Ela faz sanduíches e sopa e bolo de chocolate pra mim — ele dissera, exibindo orgulhosamente um *cooler* repleto de comida. — Brenda é minha amiga, mas não fala mais comigo. Ela diz que não quer conversar. Pedi que eu a deixe em paz. Eu fiz isso. Fico sentado no balanço ou lavo as vidraças com a

mangueira do jardim. Gosto de deixar tudo brilhando. Era assim que eu fazia pro meu papai.

Sem saber o que dizer, Patsy enfiou o bilhete na porta de tela e foi embora. Mas pensou o dia inteiro em Brenda Hansen, preocupada com ela e perguntando a si mesma se poderia fazer alguma coisa. Preocupou-se também com o sem-teto. Depois de matutar por alguns instantes, ela se lembrou do nome dele: Cody. O que aconteceria a Cody quando o inverno chegasse? E por que Brenda cozinhava para o sujeito, mas não conversava com ele? Definitivamente, a situação era um assunto pelo qual ela deveria orar.

Era exatamente isso que Patsy estava fazendo naquela tarde enquanto terminava de aplicar *spray* no cabelo de uma cliente. De repente, a porta abriu-se e as principais participantes do CCS entraram no salão. Todas, menos Brenda... mais uma vez.

Esther conduziu-as apressadamente à sala de chá e começou a passar entre elas o cesto com saquinhos de chá coloridos. Escolheu a mesa central e arrumou as cadeiras para que todas se sentassem. Kim e Ashley estavam entretidas conversando sobre o filho de Kim, o gêmeo que, ultimamente, parecia estar mais doente do que com saúde. Kim e o marido, Derek, levaram Luke a um médico em Osage Beach, mas até agora não sabiam qual era o problema dele. Estavam pensando em levá-lo a um especialista em St. Louis.

Enquanto as mulheres se acomodavam nos lugares, Patsy dirigiu-se à caixa registradora para receber o pagamento da cliente e gesticulou para os outros cabeleireiros que se ausentaria por um tempo de seu local de trabalho. Em seguida, dirigiu-se apressada à sala de chá, preparou uma xícara de chá indiano para ela mesma, com bastante leite e açúcar, e pegou uma fatia de bolo de sementes de papoula. Seu CD favorito do conjunto Cor da Misericórdia estava tocando, e desta vez ela estava absolutamente certa de que Pete Roberts não interromperia a reunião com suas máquinas barulhentas.

Por mais que detestasse reconhecer qualquer virtude naquele homem, Patsy tinha de admitir que ele fizera um ótimo trabalho ao construir a parede à prova de ruídos entre a loja e o salão. Além disso, ele construiu as floreiras, pintou-as de amarelo-vivo e colocou-as na calçada na frente de todos os estabelecimentos do centro comercial de Tranquility. Perguntou a Patsy se ela aceitaria ir às corridas da NASCAR com ele numa tarde qualquer, e disse que ficaria muito surpreso se recebesse um “não”.

— Tenho um assunto para pôr em discussão — Esther estava começando a dizer quando Patsy se acomodou à mesa. — Trata-se de algo que nos dará muito trabalho, e se pretendemos zelar umas pelas outras, é a coisa perfeita para a gente fazer.

— É a respeito da locadora? — Ashley perguntou. — Brad quer que eu fique fora desse assunto. Ele disse que vivemos num país livre, e as pessoas têm o direito de fazer o que quiserem, desde que não prejudiquem alguém.

Patsy tinha algumas palavras que queria dizer a Brad Hanes, mas conseguiu ficar de boca fechada a respeito daquele assunto. — É tarde demais para impedir a chegada da locadora — ela disse às mulheres. — Vi o novo inquilino alguns dias atrás. Ele estava pintando o local e instalando as luminárias. Contou que estava apenas aguardando a chegada das prateleiras e dos produtos para pôr a locadora em funcionamento.

— *Produtos!* — Esther exclamou com raiva. — Ele compara esse lixo a bolachinhas doces ou coisa semelhante!

— Quero saber se o ônibus escolar vai deixar as crianças aqui — Kim pensou em voz alta. — Eles são muito cuidadosos com o local onde as crianças descem.

— Eu gostaria de informar que Kim e eu fizemos de tudo para impedir a chegada dessa locadora a Tranquility. — Esther mexeu o chá com tanta força que o líquido espirrou para fora da xícara e caiu no pires. — Ashley, e quanto a você e Brenda? Ela já pediu a Brad que construa a ponte sobre o encanamento de esgoto?

— Ainda não. Eu já lhe contei que a última vez que vi Brenda foi no clube naquela noite quando ela chorou e manchou todo o rosto de rímel, e Steve teve de levá-la para casa. Já pensei em bater na porta dela quando passo por lá no meu carrinho de golfe, mas aquele cara esquisito está sempre na varanda. Ele me assusta um pouco, e Brad não quer que eu converse com ele. Liguei para ela uma ou duas vezes, para tentar remarcar nosso jantar com frango frito, mas ela não atende o telefone nem liga de volta para mim.

— Isso remete ao tema da reunião de hoje — Esther avisou. — Brenda Hansen. Brenda é membro-fundador do CCS, por isso somos responsáveis por ela. Aconteceu alguma coisa com aquela menina, e precisamos descobrir o que é. E não é só isso. Temos o dever de ajudá-la a descobrir o que fazer com aquele vagabundo no balanço da varanda dela. Charlie me contou que ele fica ali dia e noite, balançando para a frente e para a trás ou comendo sanduíches. Detesto

dizer isso, mas parece que os Hansens têm um cão vadio rondando a casa deles.

— Um cão vadio que precisa de banho e de um boa ajeitada no visual — Patsy disse. — Mas acho que referir-se a Cody como cão não vai ajudar nada. Ele tem uma aparência assustadora, mas parece ser boa gente. Nunca ouvi falar que ele tivesse causado problemas na vizinhança. Não há nada faltando nem nada quebrado. Vocês sabem de alguma coisa?

As outras mulheres sacudiram a cabeça.

Esther endireitou os ombros. — Bem, digo que vamos lá agora. Vamos caminhar a pé até a varanda dos Hansens e tocar a campainha até Brenda nos convidar para entrar. Depois, vamos forçá-la a nos contar o que há de errado, e consertar a situação.

Sem saber o que dizer, Patsy olhou para Esther, boquiaberta. — Não podemos entrar na casa de uma pessoa sem sermos convidadas, para resolver os problemas dela. Talvez o que esteja acontecendo não seja da nossa conta.

— Vou repetir — Esther declarou. — Brenda é participante legítima do CCS, e o que se passa com ela é da nossa conta. Há um problema na casa dos Hansens, e creio que, como amigas dela, precisamos descobrir qual é.

— Para mim, parece bisbilhotice — disse Kim Finley. Ela não costumava falar muito, mas, quando falava, valia a pena ouvir.

Esther não estava propensa a ouvir. — Não é bisbilhotice. Não quando fazemos isso porque estamos preocupadas com a pessoa. Nós amamos Brenda e, como membros do CCS, nos preocupamos com ela e precisamos ajudá-la.

— Eu não me importo de ir até lá — disse Ashley. — Ando muito preocupada. Não vejo Brenda há mais de uma semana, e Steve não fala dela no clube.

— Bem, temos a concordância de duas pessoas — Esther disse. — E você, Patsy? Pode ausentar-se do salão por alguns minutos para ajudar uma amiga querida?

Patsy sabia que sua agenda estaria livre nas próximas duas horas, mas estava pendendo para o lado de Kim. Não lhe parecia certo entrar abruptamente na casa de Brenda e exigir que ela contasse quais eram os seus problemas. No decorrer dos anos, Patsy aprendera que, quando as pessoas tinham problemas, costumavam marcar hora no salão e conversar enquanto ela as penteava. Não fazia parte de sua natureza imiscuir-se nos problemas alheios.

— Não tenho nenhum cliente logo a seguir — ela começou a dizer — mas não estou certa...

— Você vai entender a importância do assunto quando chegar lá — Esther assegurou-lhe. — Agora já somos três. E você, Kim? Vai conosco?

Kim desviou o olhar para a janela. — Estou aguardando o ônibus escolar, por isso só tenho uma hora disponível. Concordo em ir, mas só se a visita for rápida. Podemos perguntar a Brenda se há alguma coisa que a gente possa fazer em relação a Cody.

— Podemos fazer mais que isso — Patsy disse. — Vamos nos oferecer para fazer a barba daquele garoto e dar um jeito no cabelo dele. Vou levar uma sacola com tesoura, xampu e outras coisas. Assim, Brenda não vai achar que estamos xeretando.

— Muito bem — Esther disse. — Nossa missão principal será cuidar da aparência do sujeito sem-teto. Mas nossos esforços verdadeiros estarão concentrados em Brenda. Por mais que eu me preocupe com Cody, meu coração sofre por causa da pobre e doce Brenda. Não vamos bisbilhotar a vida dela, mas podemos pelo menos ajudá-la a sentir-se melhor.

As outras mulheres concordaram com um movimento de cabeça. Patsy foi a primeira a levantar-se. Voltou a seu local de trabalho, pegou alguns objetos, colocou-os numa sacola e disse aos outros cabeleiros que se ausentaria por algum tempo. Quando ela já estava pronta, Esther, Kim e Ashley já haviam terminado de tomar chá e de comer as últimas migalhas do bolo de sementes de papoula com limão. Patsy fez uma oração pedindo coragem a Deus e conduziu as senhoras do CCS para fora do salão na primeira missão de misericórdia do clube.

Brenda sentou-se na cadeira de balanço da sala de estar e olhou para o retrato da família pendurado acima do sofá. A fotografia, tirada vários anos antes, quando a Capela do Cordeiro decidiu cadastrar seus membros, ocupava um lugar de destaque na parede. Brenda lembrou-se do esforço de aprontar a família para a pose na foto — tendo de forçar cada criança a vestir peças de roupas de cores apropriadas, escovar cabelos embaraçados, fazer que Steve colocasse paletó e gravata, e dissuadir os filhos de levar Ozzie, o gato, para aparecer na foto. Quando chegaram à igreja, depois de toda aquela confusão, os Hansens estavam irritados e mal-humorados. Brenda, porém, implorou que sorrissem de maneira descontraída e feliz, e apesar de tudo, ela recebeu a tão sonhada foto pelo correio algumas semanas depois.

“O que aconteceu?”, ela se perguntou ao olhar para as cinco pessoas estáticas diante de um pano de fundo azul estampado. Como aquele grupo, antes tão unido, pôde partir-se em fragmentos que raramente encontravam tempo para voltar a se unir?

Sem disposição para levantar-se da cadeira de balanço, Brenda permanecia ali durante horas e cochilava de vez em quando. Outras vezes assistia à televisão para suavizar o sofrimento. Mas, na maior parte do tempo, apenas balançava-se na cadeira e olhava para o futuro vazio e desolador. Não via nenhuma luz no fim do túnel. Nenhuma linha prateada delineando as nuvens escuras. Nada a envolvia, a não ser quatro paredes negras, um teto negro e um chão negro.

À medida que os dias passavam, Cody entrava silenciosamente na casa, de vez em quando, para fazer uma incursão à geladeira. Eles quase não conversavam. Brenda conseguiu fazer alguns sanduíches para ele numa tarde. Ela própria comia biscoitos salgados e tomava água. Olhava para um ponto fixo. E balançava-se na cadeira.

Uma batida na porta da frente tirou Brenda daquela letargia. Gritou o nome de Cody, dizendo que ele podia entrar. Mas, em vez do rapaz franzino, foi Esther Moore quem entrou.

— Brenda? — Uma cabeça com cabelos brancos encaracolados apontou no vestíbulo quando a porta foi aberta. Seus olhos azuis e brilhantes piscaram quando ela sorriu. — Como está se sentindo hoje, doçura?

Sem saber o que responder, Brenda limitou-se a olhar para a mulher. O que Esther estaria fazendo dentro da casa? Como aquilo pôde acontecer? Agora ela andava na ponta dos pés como se fosse um duende fazendo uma travessura.

— Ei, Brenda. E aí? — Ashley Hanes, alta, ereta e com cabelos brilhantes cor de cobre, entrou atrás de Esther. — Não vejo você desde aquela noite no clube de campo na semana passada, lembra-se? Você está bem?

E Patsy Pringle, desta vez com cabelos loiros platinados e sobrancelhas descoloradas, também entrou. — Viemos para saber se podemos fazer alguma coisa a respeito de Cody — ela disse a Brenda. — Não temos visto você nas reuniões do CCS, e Ashley nos contou que você não se sentiu bem. Achamos que devia estar precisando de alguma coisa.

Kim Finley, de cabelos escuros e calada, entrou a seguir, juntando-se ao grupo que parecia um pelotão de policiais encostado na parede da sala de estar. — Não queremos incomodá-la se você não estiver se sentindo bem.

E, a seguir, Cody apareceu na porta e olhou para Brenda. — Oi, o meu nome é Cody! — ele anunciou, com os cabelos e a barba em volta do rosto como pétalas empoeiradas de um girassol à beira da estrada. — Lembra de mim? Achei que vi Jesus no seu porão, mas era eu. Você disse que Jesus não mora aqui, mas eu sei que você é cristã porque me deu bolo de chocolate.

Brenda fez o possível para encontrar alguma coisa para dizer ao grupo de mulheres em pé junto à parede, olhando firme para ela, mas não conseguiu. A pressão no peito e o peso no coração eram tão grandes que ela mal podia respirar. O nó enorme e amargo em sua garganta doía muito a ponto de impedi-la de dizer as palavras que queria.

— Você se importaria se a gente fizesse a barba de Cody e cortasse o cabelo dele? — Patsy perguntou. — Se você achar que não...

— Ele está precisando mesmo — Esther interrompeu. — Você concorda, Brenda? Gostaríamos também de conhecer o seu novo porão. Podemos cuidar de Cody lá embaixo?

Brenda olhou para as mulheres. Cortar o cabelo de Cody? Fazer a barba dele no porão? Ela não queria pensar no porão. Nem em Cody. Nem em nada.

— Esta pobre criatura não parece nada bem — Esther disse em voz baixa, como se Brenda não pudesse ouvi-la. — Olhem para ela! Não trocou de roupa desde que acordou.

Brenda tentou vestir-se três vezes naquela manhã, mas não conseguiu.

— Eu já tive um problema desse tipo — Kim confidenciou às outras

mulheres. — No tempo em que me divorciei. Fiquei tão afundada que pensei que nunca mais voltaria a ver a luz do dia... e não me importava com isso.

Esther sacudiu a cabeça; em seguida, colocou as mãos no quadril. — Senhoras, temos de ajudar Brenda a levantar-se e andar um pouco antes que ela murche diante dos nossos olhos.

— Não podemos levantá-la — Ashley disse.

— Ah, sim, claro que podemos! — Esther marchou em direção à cadeira de balanço. — Cody, vá para o porão e nos espere lá. Nem pense em fugir de novo, rapaz.

— O meu nome é Cody — ele disse. — Quem você pensa que é?

Esther demonstrou irritação por um instante. Em seguida deu um tapinha no ombro de Cody. — Sou a sra. Moore, não se esqueça disso.

— Sra. Moore — ele repetiu, saindo da sala. — Sra. Moore.

Embora quisesse protestar, Brenda não conseguia livrar-se das mulheres à sua volta. Elas a conduziram ao banheiro da suíte do casal e começaram a cuidar dela de uma forma que ela não queria nem gostava. Kim limpou seu rosto com um pano úmido e morno. Patsy escovou seus cabelos. Ashley e Esther tiraram-lhe o pijama e vestiram seu corpo flácido. Uma blusa lilás substituiu a camisa de flanela. A calça *jeans* foi puxada até a cintura enquanto uma sandália de dedo era enfiada sob seus pés. Alguém colocou uma goma de mascar de sabor menta em sua boca. Outra pessoa pôs um colar em seu pescoço. E, em seguida, o grupo de mulheres conduziu-a para a porta do quarto, depois pelo corredor e, por fim, pela escada de acesso ao porão.

— O quê!? Está simplesmente maravilhoso! — Esther exclamou. — E você, Cody, seja um menino bonzinho e sente-se naquela cadeira ali.

Brenda segurou no corrimão enquanto descia a escada, e lá estava o porão. Tinha uma leve esperança de ver Nick LeClair em pé ali, com a calça *jeans* respingada de tinta e boné de beisebol. “*Ei, garota*”, ele diria. Nick havia ligado várias vezes nos primeiros dias. Brenda deixou a secretária eletrônica ligada e apagou os recados. Depois disso, ele parou de tentar falar com ela. Brenda sentia falta dele. E estava magoada com ele.

— Vejam estes tons diferentes de verde! — Ashley disse, rodopiando no centro do piso de vinil. — Vocês sabiam que verde é a minha cor favorita? Brad diz que o verde me cai bem porque combina com meus cabelos. Brad adora meus cabelos ruivos, mas espera que a gente não tenha um menino. Ele acha que

os garotos de cabelos ruivos são nerds. Ah, eu não devia contar a ninguém que estamos tentando ter um bebê.

— Pelo amor de Deus! — Esther rebateu. — Brad Hanes acha que meninos ruivos são nerds? É a maior estupidez que já ouvi na vida, Ashley. E pode contar ao seu marido o que eu disse. Vamos, Brenda, sente-se aqui. Patsy, a iluminação é suficiente?

— Vou pegar uma vassoura — disse Kim, oferecendo-se para ajudar.

Brenda via as mulheres através de uma espécie de neblina marrom. Nada do que faziam tinha sentido. Por que estavam ali?

— Vou começar pela barba — Patsy avisou, colocando uma capa de plástico ao redor dos ombros e pescoço de Cody. As mulheres haviam colocado o rapaz na área dos vasos, perto da porta corredeira e da nova pia. Patsy olhou para Cody como se fosse um escultor analisando um bloco de mármore. — Eu adoro ver o rosto de um homem — ela disse, andando em volta dele — principalmente quando ele tem um maxilar bonito e forte. Você se lembra se a ponta do seu queixo é benfeita?

— O meu papai sempre me ajudou a fazer a barba — ele respondeu. — A gente tinha uma navalha, e colocava sabão no rosto, e fazia a barba no espelho pendurado numa árvore. O meu papai dizia que o homem deve se cuidar, mesmo não tendo nada para comer ou não tendo emprego.

— O seu papai era um homem inteligente — Patsy disse. — Se você não se cuidar, não vai se sentir bem.

— Foi por isso que vocês vestiram roupas bonitas na Brenda, hein? Porque ela usava aquele roupão todos os dias, e não se sentia bem porque não se cuidava.

— Queremos que ela volte ao mundo.

Brenda observou Patsy cortando a parte mais cerrada da longa barba marrom de Cody. Tentou lembrar-se de quanto tempo fazia desde a última vez que viu as mulheres, que agora andavam de um lado para o outro no porão. Primeiro elas disseram *oh!* e *ah!* ao ver a área de costura com sua mesa comprida embutida. Esther contou que, em tempos passados, ela daria tudo para ter um lugar como aquele. Costurava todas as cortinas da casa e a maioria das roupas das crianças em cima da mesa da cozinha, e precisava tirar a máquina do lugar na hora das refeições ou quando as crianças precisavam fazer os deveres de casa.

“O prato de Nick com os dois cachorros-quentes da Rods-n-Ends era sempre colocado naquela mesa”, Brenda pensou. “Uma lata de refrigerante. Um

guardanapo.” Ela caminhou em direção aos braços dele no exato lugar em que Esther Moore se encontrava. Ele a puxou para perto de si, e ela sentiu os músculos fortes de seus ombros. Sentiu desejo de beijá-lo. Como poderia negar? Como conviver com aquele pensamento? Como fugir dele?

— Não acredito! — Ashley gritou ao ver as gavetas e os cubículos na área de artesanato. — É espetacular, Brenda! Podemos colocar pedras de todos os tipos aqui, mais fios de arame, cordões de elástico, tudo. Por que você não está ocupando todos esses espaços?

Brenda olhou para a área em perfeita ordem. Não sabia por que quis tudo aquilo. Nada criativo lhe vinha à mente agora. Pedras, fios de arame, cordões de elástico? O que faria com aquelas coisas?

— Senhoras, venham aqui e vejam o que acabo de descobrir! — O entusiasmo de Patsy desviou a atenção de Brenda da área de artesanato. — Deem uma olhada neste queixo, garotas! E o contorno, então? Cody, tenho a impressão de que você vai se transformar num rapaz bem bonito.

Todas se reuniram ao redor de Patsy enquanto sua navalha eliminava os últimos fios de barba de Cody. As mulheres estavam rindo e cutucando umas às outras. Ashley chegou a colocar a mão no rosto liso de Cody. Ele olhou para elas e deu um largo sorriso.

— Por tudo o que é mais sagrado! — Esther deixou escapar, dando um passo para trás e levantando as mãos horrorizada. — Qual foi a última vez que você usou uma escova de dentes, rapaz?

— O que é escova de dentes?

— Eu já imaginava. E, claro, ele nunca foi a um dentista. — Esther virou-se para Brenda. — Você pensou em marcar uma visita ao dentista para este rapaz?

Brenda não conseguiu encontrar uma resposta. Não queria lembrar-se de dentistas, porque isso a fazia pensar nas crianças. Havia traído os filhos ao sentir desejo por outro homem. Não queria estar no porão, porque o lugar a fazia lembrar-se de Nick. Detestava a blusa lilás, porque Steve a comprou para ela muitos anos antes durante uma convenção de autopeças no Arizona. E aquele era um tempo muito distante quando ela e o marido se abraçavam, se amavam e se sentiam felizes por se ver novamente.

— Vou ajudá-la — alguém disse, passando o braço ao redor de Brenda. Era Kim Finley. — Posso conversar com o dentista para quem eu trabalho. Ele faz exceções em casos especiais, e tenho certeza de que cuidará dos dentes de Cody e fará uma boa limpeza.

Brenda encostou a cabeça no ombro de Kim. — Obrigada — sussurrou.

— Você sabe por que está triste, Brenda? — Kim perguntou em voz baixa.
— Não precisa me contar o que é. Só faça um movimento com a cabeça, se souber.

Brenda pensou em Steve, nos filhos e em Nick. Tudo perdido. Tudo vazio. Tudo vergonhoso. Ela assentiu com a cabeça.

— Posso fazer alguma coisa para ajudá-la? — Kim perguntou.

— Não, é por causa dos meus filhos... — Apesar do nó na garganta, ela conseguiu falar da perda que deu início a tudo aquilo. Pensou no buraco vazio em que se metera ao cometer um erro terrível, um pecado. E as lágrimas começaram a encher-lhe os olhos.

Kim abraçou-a com mais força. — Os seus filhos não foram embora para sempre — ela sussurrou. — Você tem recordações de Jennifer, Justin e Jessica. E eles sempre se lembrarão de você, de seu amor, das coisas que lhes ensinou, das lembranças de tudo o que fizeram em família. Eles estão ficando adultos, mas isso não significa que cortaram todos os vínculos com você, Brenda. No momento estão tentando voar com as próprias asas. De vez em quando vão voltar para o ninho e ficar com você. E sabe por quê? Porque eles a amam. E sempre a amarão.

Brenda tentou engolir o dilúvio de emoções dentro dela, mas não conseguiu. Ao contrário, rendeu-se a elas e permitiu que Kim a amparasse enquanto chorava. De repente, ouviu vozes ao redor. “*O que houve? Ela está bem? Por que está chorando?*” E Kim estava repetindo suas palavras. “*As crianças. Ela sente falta dos filhos.*”

Depois de um tempo aparentemente longo, os soluços angustiados foram diminuindo, e Brenda ouviu som de caixas sendo puxadas embaixo da escada. Marteladas. Conversas e exclamações. De repente, Kim se afastou, dizendo que tinha de voltar ao salão para pegar as crianças.

— Vejam isto! — Ashley gritou. — Patsy, você arrumou o cabelo de Jessica para esta foto, não?

Brenda conseguiu vislumbrar, por entre as lágrimas, que as mulheres haviam desencaixotado seu estoque de *coolers*, e que as fotos de seus três filhos cobriam a parede da área de costura. Havia uma de Jennifer dirigindo um grupo de estudos bíblicos numa viagem missionária a Atlanta. Outra de Justin em pé com seus companheiros do time de futebol. E de Jessica pedalando um triciclo. Dos três,

pulando na piscina do clube de campo. De Jennifer, usando o uniforme de seu primeiro emprego — num quiosque de doces do cinema do *shopping center*, em Osage Beach. De Justin, exibindo com orgulho uma feira de pequenos peixes que ele e Steve pescaram no lago. E de Jessica...

— Tenho de admitir — Patsy disse, segurando com carinho a fotografia na moldura — que esse penteado que criei para Jessica quando ela ganhou o prêmio de rainha no desfile dos ex-alunos do colégio foi um dos mais bonitos de toda a minha carreira. Vejam como os cachos caem tão suaves e bonitos pela testa e têmporas dela!

— Você tinha a modelo perfeita — Ester murmurou.

Patsy assentiu com a cabeça. — Duvido que alguém encontre uma garota mais bonita que Jessica Hansen. Ela é linda demais. O rapaz que se casar com ela...

— A porta da garagem está se abrindo! — Ashley gritou quando um ruído ecoou por todo o porão. — Deve ser Steve, e precisamos sair daqui. Vamos, sra. Moore. Pendure depressa esta foto na parede. E, Patsy, você vai terminar rápido de cortar o cabelo de Cody?

— Tão rápido como um piscar de olhos!

Alguma coisa estava ocorrendo, e Steve não gostou do que viu. Quando seu carro entrou na ladeira da Sunnyslope Lane, em Deepwater Cove, ele reconheceu a fileira de veículos estacionados diante de sua casa. O Lincoln de Esther Moore, uma relíquia praticamente intacta da década de 1980, estava estacionado na rua perto da entrada de acesso à garagem. O Honda todo amassado que Ashley Hanes dirigia desde o segundo ano colegial estava logo atrás. O belo Chevy azul de Patsy Pringle era o terceiro da fila. E a *minivan* de Kim Finley cruzara com o carro de Steve quando ele chegou ao bairro.

Era bom receber visitas, Steve decidiu a princípio. Estava tão preocupado com Brenda que resolvera ir para casa duas ou três vezes por dia a fim de verificar se ela estava bem. Brenda passava o dia sentada na cadeira de balanço da sala de estar e mal falava com ele. Quando Steve se sentava ao lado dela, segurava-lhe a mão ou tentava dizer alguma coisa, ela virava a cabeça para o outro lado e começava a chorar. Steve nunca sabia o que fazer quando Brenda chorava. No passado, ele a abraçava firme até ela conseguir desabafar. Mas agora, ela o empurrava e se recusava a falar.

Se algumas amigas de Brenda tivessem vindo para animá-la, não haveria problema. Mas, a seguir, Steve notou que a figura esquelética de Cody, com sua vasta cabeleira desgrenhada, não mais ocupava o balanço da varanda. A ideia de que o rapaz pudesse estar dentro da casa dos Hansens provocou um aperto instantâneo no estômago de Steve. Ele não queria escorraçar o rapaz, mas já havia aguentado mais do que alguém seria capaz de suportar.

Assim que Steve entrou na cozinha, a cabeça de Esther Moore apontou na escada de acesso ao porão. — Aqui, Steve! Seja bem-vindo! Temos algumas surpresas para você!

Reprimindo o instinto de dar uma resposta ríspida, ele colocou a maleta em cima da mesa no vestíbulo. — Oi, Esther — replicou. — Como está Brenda esta tarde? Liguei antes, mas ela não atendeu.

— Deve ter sido porque estávamos distraído sua mulher. Desça aqui e veja o que o CCS aprontou hoje!

Que conversa seria aquela? Do que a mulher estava falando? Esther e Charlie Moore controlavam a vizinhança com pulsos firmes, e na maioria das vezes Steve não sabia de quem ou do que eles estavam falando quando deixavam escapar uma ponta de mexerico malicioso. Ele não tinha ideia do que CCS significava, mas se alguém houvesse magoado Brenda além da conta, ele não toleraria.

Quando já estava no meio da escada, Steve ouviu o grito de Patsy Pringle.

— Oh, por tudo o que é mais sagrado! Oh, Senhor, tenha misericórdia! *Piolhos*. Meninas, ele tem piolhos. Afastem-se todas, bem devagar. Vou cuidar disso.

Segurando a respiração, Steve entrou no porão e avistou um sujeito sem barba parecido com Cody, empoleirado numa cadeira.

Com expressão de medo, o rapaz piscou para conter as lágrimas e olhou para Brenda. — Piolhos? O que é isso? — ele perguntou. — Eles vão me matar?

Brenda estava sentada de frente para Cody. Pela primeira vez em mais de uma semana, ela trajava calça *jeans* e uma blusa, e parecia mais ou menos normal. Quando passou a mão nas faces úmidas, deixou entrever um rosto pálido.

— Os piolhos não vão matar você — Patsy disse a Cody, dando-lhe um tapinha no ombro. — Sente-se. Não se mexa. Senhoras, temos de fazer alguma coisa para acabar com os piolhos deste rapaz. E *rápido*.

Ashley e Esther estavam encostadas no canto mais afastado do porão, de mãos

dadas e, pela expressão delas, pareciam estar enojadas. O lábio inferior de Cody tremia. Steve olhou fixamente para ele por um instante, notando pela primeira vez que o rapaz *tinha* lábio inferior.

De repente, Cody deu um urro.

— Parem! — Brenda disse subitamente, levantando-se da cadeira e colocando as mãos no rapaz. — Fique aqui, Cody. Está tudo bem. Eu prometo. Sou eu, Brenda. Estou aqui com você e tudo vai ficar bem. Há apenas um inseto em seu cabelo. Alguns insetos. Não precisa ficar apavorado.

— OK — Cody disse com um movimento afirmativo de cabeça. Ele fungou. — Não tenho medo de insetos. Às vezes eu como insetos.

— Aposto que faz isso quando está com muita fome. — Brenda assentiu com a cabeça, olhando para ele. — Os piolhos são muito pequenos, e não vão machucar você. Eles apenas fazem sua cabeça coçar. Patsy e eu vamos dar um jeito neles.

— OK — ele repetiu.

Brenda virou-se para Steve e falou com voz calma, mas decisiva. — Dê uma olhada no fundo da prateleira do armário no banheiro das meninas — ela ordenou. — Pegue tudo o que encontrar.

Em seguida, disse para as outras mulheres. — Justin trouxe piolho para casa quando dormia no travesseirinho do jardim de infância, e Jessica trouxe no capacete de beisebol. Temos tudo de que precisamos. O material é antigo, mas é melhor que nada.

— Vamos usar tudo o que você tiver, e depois eu trago mais — Patsy disse. — Epa, uma pulga! — ela exclamou, pulando para trás. — Pulgas e piolhos. E o que mais?

— Sarna, eu aposto — Esther disse, sem sair do canto afastado do porão. — Era comum a gente pegar sarna nos tempos de criança. Terrível, terrível!

— Está tudo bem, Cody — Brenda disse para acalmá-lo, enquanto Steve corria escada acima. — Espere só um minuto. Patsy, você poderia raspar a cabeça dele antes? Depois aplicamos o remédio.

Steve revirou o *closet* na suíte do casal. Nada. Nada que, aparentemente, fosse capaz de eliminar piolhos. Seu coração começou a bater mais acelerado diante da ideia de haver parasitas rastejando pela casa com suas seis pernas minúsculas. De repente, ele se lembrou das palavras de Brenda. Deveria procurar no banheiro das meninas. Por que não prestou atenção ao que ela disse? Se aquele problema

persistisse, Steve teria de começar a concentrar-se em outros assuntos que não fossem contratos de venda de imóveis.

Os produtos para eliminar piolhos estavam bem ali, na prateleira mais baixa do banheiro menor, exatamente como Brenda dissera. Steve também pegou outros produtos que poderiam ser úteis: creme antibiótico de ação tripla, álcool, peróxido de hidrogênio, pomada para coceira. Jogou tudo dentro de um cesto de onde ele havia tirado um punhado de elásticos e grampos para cabelo, e desceu a escada correndo.

— Os piolhos saltam? — Ashley perguntou choramingando, sem sair do lugar. — Parece que estou coberta deles. Estou sentindo uma coceira danada!

— Essa é uma lenda antiga — Patsy disse. — Os piolhos não saltam. Rastejam e passam de um hospedeiro para outro. São parasitas muito pequeninos, não Godzillas. Todos vão ficar bem, inclusive Cody. Steve, pegue alguns sacos plásticos para nós, por favor, querido.

Enquanto Patsy e Brenda cuidavam de Cody, Steve voltou a subir a escada e pegou um punhado de sacos de supermercado guardados na despensa. Pelo menos sabia onde sua esposa guardava *aquilo*. Pulgas, piolhos, sarna. “Isso não é bom sinal”, ele pensou enquanto descia a escada do porão, de dois em dois degraus.

— Ótimo — disse Patsy, entregando um saco plástico a Brenda. — O cabelo todo deve ser colocado aqui. Vamos dar uma boa desinfetada nele antes de queimá-lo. Varra o chão para recolher todos os resíduos, Steve. Precisamos nos livrar de tudo o que possa ter ficado na barba.

Obediente como uma criança, Steve varreu a profusão de cabelos emaranhados, formando uma pilha no piso do porão, e colocou-os num saco plástico. Pelo que ele se lembrava, o piso era simples, de concreto pintado. Será que aquele novo piso de vinil com estampas verde-acinzentadas foram ideia de Brenda durante a reforma do porão? Se foram, ela havia escolhido bem.

Em pé, ele notou pela primeira vez as paredes verdes, as mesas novas, as estantes, a pia e as fotografias dos filhos penduradas nas paredes. Tudo era bonito. Muito bonito. Não era de admirar que Brenda tivesse demonstrado tanta ansiedade para reformar o porão — fazendo viagens de ida e volta à cidade todos os dias para comprar materiais, conforme Pete Roberts lhe contara. Ela e aquele tal de LeClair haviam feito um pequeno milagre juntos.

A última recordação que Steve tinha do porão incluía sete ou oito

adolescentes comendo *pizza*, reclinados no surrado sofá azul de almofadas e assistindo à televisão. Caixas de *pizza*, tênis, mochilas, livros escolares e latas vazias de refrigerante espalhados desordenadamente no piso de concreto. As paredes exibiam um amontoado de fotografias emolduradas, troféus, faixas de condecorações e obras de arte criadas pelas crianças. Agora o porão havia passado por uma transformação. Perfeita. Parecia fazer parte de uma revista de decorações.

Até Cody, com o rosto e a cabeça totalmente raspados e lágrimas nos olhos, tinha uma aparência nova e melhor. Patsy estava esfregando um creme em sua cabeça reluzente, enquanto Brenda passava talco em seu pescoço para tirar os resíduos de cabelo. Parecendo comunicar-se por meio de telepatia, as duas mulheres conduziram Cody até a pia e começaram a esfregar seus dedos e braços.

Para surpresa de Steve, o rapaz começava a transformar-se num ser humano. Tinha orelhas e boca, pescoço comprido e braços finos como cordas. Era muito magro. Esquelético. Mas parou de chorar quando Brenda lhe ordenou que assoasse o nariz num lenço, lavasse o rosto e o enxugasse com uma toalha grossa branca.

Quando endireitou o corpo e afastou-se da pia, ele fitou Brenda com seus olhos azuis. — OK, agora estou melhor.

— Muito melhor — Brenda repetiu.

— Que os anjos digam amém. — Patsy sacudiu a cabeça e jogou suas ferramentas de trabalho dentro de um saco plástico. — Vou ter de esterilizar todo este material e, depois, mergulhá-lo num líquido antisséptico. Agora preste atenção, gente — ela disse, dirigindo-se a todos, inclusive às duas mulheres encolhidas no canto do porão. — Se a notícia correr por aí, meus clientes vão ficar assustados e deixarão de frequentar o Assim Como Estou. Por isso, vamos considerar tudo o que aconteceu hoje como assunto do CCS, e nenhuma de nós vai dizer uma só palavra. E estou falando com você, Esther Moore. Não se atreva a contar a Charlie de maneira nenhuma.

— Eu não tenho segredos para meu marido — Esther retrucou com firmeza. Em seguida, curvou os ombros. — Mas... está bem. Desta vez vou ficar de boca fechada. De qualquer forma, Charlie não se importa nem um pouco com o CCS. Diz que não passamos de um bando de matracas tolas.

— E você, Steve? — Patsy perguntou.

— Prometo ficar calado. — Ele levantou a mão, imitando um escoteiro

empenhando sua palavra.

— Cody? — Ela virou-se para o rapaz. — Não diga nenhuma palavra sobre piolhos ou pulgas, está me ouvindo? Conte aos outros que Patsy Pringle cortou o seu cabelo e que ela fez um ótimo trabalho.

— Patsy Pringle cortou os meus piolhos — Cody começou a dizer. — Espere... ah, não...

— Pra mim, chega — Patsy lamentou. — Acho que já enfrentei coisas piores. Nunca vou esquecer o dia em que nossa nova manicure transmitiu um fungo a todos os clientes. Isso foi há dez anos. Senhor, tenha misericórdia de nós.

Ainda murmurando uma espécie de oração, Patsy pegou suas ferramentas de trabalho e os sacos com cabelo e abriu a porta corrediça. Steve a viu subir a ladeira até a rua como se fosse um xerpa determinado a chegar ao pico do Everest. Esther e Ashley, ainda agarradas uma à outra, passaram bem longe do local onde o cabelo de Cody havia caído e também saíram rapidamente.

Steve deu um passo para trás quando Brenda começou a limpar os vários líquidos e pós espalhados no piso de vinil. O que mais poderia fazer, a não ser ajudá-la? Pegou uma vassoura e vários panos velhos, e ambos se ajoelharam no chão para começar a tarefa de desinfetar o porão.

— Tem cheiro de hospital — Cody disse em pé perto da porta corrediça. — Igual quando eu estive lá com o meu papai, e eles disseram: “Sr. Goss, não podemos mais ajudar o senhor, por isso siga o seu caminho”. Foi o que eles disseram. E então o meu papai me disse: “Você tem 21 anos, Cody. Está na hora de seguir o seu caminho”. E a gente fez isso.

Brenda parou de limpar o chão e olhou para cima. — Cody, o que aconteceu com o seu papai?

Ele sugou o lábio inferior por um momento. Steve viu aqueles olhos azuis se encherem de lágrimas novamente, e preparou-se para outra cena no porão. Embora precisasse ligar para o escritório, precisasse sair rápido dali para mostrar uma casa a um cliente, precisasse fazer centenas de coisas, Steve se deu conta de que, pela primeira vez em semanas, algo estava acontecendo em sua casa.

Cody se transformara num ser humano... e Brenda também. Afinal, talvez houvesse esperança para todos eles.

— **O meu papai me deixou na beira da estrada.** — Cody disse essas palavras olhando fixamente para Brenda, com lágrimas caindo das pontas de seus cílios longos e escuros. A figura dele fazia lembrar uma batata recém-descascada, com sua cabeça reluzente, totalmente raspada, e um ar de tristeza no rosto. Ele fungou alto e sacudiu a cabeça. — Depois ele entrou no carro e foi embora, e foi isso que aconteceu com o meu papai.

Brenda pousou a mão no braço dele. Com uma aparência tão desolada que quase a assustou, Cody cobriu a mão dela com a dele. Brenda sabia que a história inteira estava enterrada em algum esconderijo dentro daquele rapaz perturbado, mas não tinha ideia de como fazê-la aflorar.

Continuando a engolir grandes golfadas de ar, Cody olhou de relance para Steve.

— Quem é ele? — Cody perguntou a Brenda. Em seguida voltou a olhar para Steve. — Quem você pensa que é, cara?

— É Steve Hansen — Brenda respondeu rapidamente. — Você o conhece, Cody. É meu marido.

— Ele não é parecido com Nick.

Um arrepio percorreu a espinha de Brenda. — Claro que não. Nick era o reformador, lembra-se? Ele pintou o porão. Agora vou levar você para cima e ver se temos bolo de chocolate.

— O Nick não repartiu o cachorro-quente comigo — Cody se queixou a Steve. — Ele não é igual a Jesus.

Brenda sabia que não tinha bolo em casa. Não se sentiu com disposição para assar bolos — ou fazer qualquer coisa — nos últimos dias. Mas precisava desviar a atenção de Cody. Se ele dissesse alguma coisa...

— Você reparte o seu cachorro-quente, Steve? — Cody fez a pergunta abruptamente enquanto Brenda o empurrava em direção à escada. — Porque eu gosto de cachorro-quente.

— Eu sempre reparto meu cachorro-quente — Steve respondeu. — O seu papai lhe dava cachorro-quente? Aposto que sim.

Cody parou de andar e piscou seus olhos azuis para Steve. — Sim, senhor, ele repartia. Quando ele encontrava trabalho, eles davam dinheiro para ele, e ele

comprava cachorro-quente para mim. A gente fazia uma fogueira perto do nosso carro, e o meu papai lia a Bíblia para mim enquanto a gente esperava a salsicha assar. A gente sempre repetia os versículos da Bíblia algumas vezes, para não esquecer. Às vezes, as salsichas queimavam enquanto o meu papai lia o salmo 139, mas a gente comia assim mesmo. Você gosta de cachorro-quente?

— Claro que gosto. — Steve levantou-se da cadeira onde havia se sentado depois de limpar o chão. — Se eu tivesse um, repartiria com você. Podemos assar as salsichas na fogueira, como você e o seu papai faziam.

— Ei, eu gosto de você! — O rosto de Cody abriu-se num sorriso, com uma alegria manchada apenas por seus dentes marrons. Ele virou-se para Brenda. — Eu gosto mais de Steve do que de Nick. Você devia gostar dele também, não de Nick.

— Cody, eu sou casada com Steve. — Brenda continuou a empurrar o rapaz em direção à escada. — Claro que eu gosto dele. Ele é meu marido. Agora vamos ver o que podemos encontrar na cozinha.

— Gosta, Brenda? — Steve perguntou.

Ela parou. — Do quê?

— Você disse a Cody que gosta de mim. Gosta mesmo?

Brenda cerrou os dentes por um instante. — Que pergunta ridícula! Somos casados.

— Eu sei, mas perdi contato com você. Você esteve ausente por muito tempo, e não sei mais o que sente. Você gosta de mim?

— Eu gosto de você. — Ela encolheu os ombros. — De qualquer maneira, eu costumava gostar.

— Você me chamou de vagabundo.

— Porque você chamou Cody de vagabundo.

— O que é vagabundo? — Cody perguntou.

— Não importa. — Brenda respondeu. — Vamos, suba a escada. A tarde foi muito cansativa. Esther e seu grupo de gralhas entraram aqui sem ser convidadas e, quando percebi, estavam fazendo sua barba. De repente, elas começaram a gritar.

— Todo mundo gritou por causa do miolo na minha cabeça.

— Piolho... ah, deixe pra lá. Vamos. — Ela o empurrou de leve, e ele subiu a escada aos tropeções.

— Não abrace mais Nick, OK? — Cody disse a Brenda por cima do ombro. — Ele não é bom como Steve. Não reparte o que tem, e não deixe que ele beije

você. Steve é igual ao meu papai, porque quer assar salsichas na fogueira comigo, e a gente pode comer todas elas, mesmo se ficarem queimadas. Como Jesus fez. “E ordenou que a multidão se assentasse na grama. Tomando os cinco pães e os dois peixes...”

— Pare, Cody! — Brenda ordenou quando chegaram ao vestibulo. Ela ouvia as batidas do próprio coração ecoando nos ouvidos. As faces ardiam. — Pare de falar e saia por aquela porta. Sente-se no balanço e fique quieto. Pare de falar essas baboseiras, Cody. Estou falando sério. Não diga mais nenhuma palavra. Se me desobedecer, não trago mais sopa e sanduíches para você. Já disse antes. Deixe-me em paz!

Brenda empurrou-o porta afora e fechou-a. Afundando-se no chão ela passou os braços ao redor do estômago. Cody dissera aquelas palavras! Contara a Steve a respeito de Nick. Aquele era o seu maior medo.

Como convencer Steve de que Cody se confundiu... mentiu... ou não entendeu o que viu? Brenda precisava pensar num meio de abafar o fato. Escondê-lo.

Aquilo era o que ela mais temia. Mesmo assim, queria que acontecesse. Queria que Steve soubesse que outro homem a desejava. Queria que ele ouvisse quanto ela sofrera por abandoná-la dia após dia. Que ele entendesse que sua apatia foi sufocando aos poucos todas as suas esperanças.

Se Steve soubesse a verdade, talvez a abandonasse de vez. Ou a expulsasse de casa. Ela merecia. Talvez até quisesse, não? Teria um motivo para procurar Nick. Ou para fugir para a casa dos pais em St. Louis. Ou ainda para deixar a casa — abandonar Steve do mesmo jeito que ele a descartara.

— Brenda? — A voz do marido veio do porão, perto da escada. — Por favor, você poderia descer aqui por um minuto?

Ela não queria falar com ele. Sairia de casa imediatamente, e nunca mais discutiria nada com ele. Cobrindo os olhos com as mãos, Brenda pensou no que fazer. Onde Deus estaria num momento como aquele? Onde esteve durante tanto tempo? Como ele pôde permitir que ela sofresse tanto — uma mulher que o servira fielmente a vida inteira, cujo lar o glorificara, cuja filha mais velha se dedicara a ser missionária para trabalhar como sua serva?

Deus não se importava com seu sofrimento! Talvez não a amasse. Ele sabia o que ia acontecer, e permitiu.

— Ei, Brenda! Você está aí em cima? — A cabeça e os ombros de Steve apontaram na escada, e os olhos dele fitaram os dela. — Preciso falar com você.

Agora.

— Eu não quero falar — ela replicou zangada. — Deixe-me em paz.

— Não vou deixá-la em paz. Vou ficar aqui nesta casa até você falar comigo. E é melhor descer e começar a falar, senão vou subir e deixar que Cody, Charlie Moore e metade da vizinhança nos ouçam.

Brenda encostou a cabeça na porta. Era chegada a hora. O momento. Ela poderia mentir, e mentir mais uma vez, e depois fazer o possível para encobrir aquelas mentiras com outras mentiras. Ou poderia contar a verdade. Confessar. Admitir a culpa.

Antes de tudo desmoronar, sua vida sempre foi aberta, livre e sincera. Mas agora... agora ela se odiava, odiava seu mundo e tudo o que havia nele.

Ela levantou-se com determinação para enfrentar o marido, entendendo que não poderia retroceder no tempo. Não havia mais esperança de que tudo voltaria a ser como antes. As crianças haviam ido embora. O centro das atenções de Steve mudara. E Brenda permitira que Nick entrasse em seu coração.

— Você não tem uma reunião? — ela perguntou a Steve enquanto começava a descer a escada. Tentou manter um tom sarcástico na voz, mas não conseguiu. — Ou uma casa para mostrar? Ou uma convidada à sua espera no restaurante do clube?

— Não — ele respondeu. — Hoje não. Agora não.

Ela chegou ao porão e empoleirou-se no banco onde Cody se livrou de seu cabelo emaranhado e da barba desgrenhada. “É assim que tudo vai terminar também”, Brenda pensou. Ela e o marido raspariam a barba do casamento. Aparariam todas as camadas, eliminariam todos os piolhos, todas as mágoas e todos os rancores que cresceram entre eles. Seria doloroso... e medonho... mas teria de ser feito.

Steve sentou-se numa cadeira e olhou para ela. Parecia desgastado e pálido. Mais velho. Cansado.

Brenda respirou fundo. — Enquanto você andava por aí vendendo casas desde a manhãzinha até meia-noite, comecei a me interessar por Nick LeClair. E ele também se interessou por mim. Houve um forte sentimento entre nós. — Com grande esforço, ela manteve a cabeça erguida. — Pronto. Não era o que você queria saber? Nick vinha aqui todos os dias. Conversava comigo. Gostava de mim. Depois de uns tempos, percebi que gostava muito da companhia dele. Ele era divertido e cativante. Admirava minhas costuras e pinturas, e eu admirava seu trabalho. Ficamos amigos, mas queríamos algo mais. No último dia dele aqui

no porão, ele me segurou. Naquele momento Cody entrou. Depois disso, Nick foi embora e nunca mais o vi.

Steve manteve-se em silêncio, sem mover um músculo sequer. Piscou uma vez. Depois engoliu seco. — Então foi o que eu vi naquele dia — ele disse. — Quando cheguei em casa para trocar de roupa e peguei vocês dois no vestibulo.

— Você não nos *pegou* — ela reagiu, zangada. — Não fizemos nada.

— A não ser apaixonarem-se um pelo outro.

— Por que não? O que você esperava que eu fizesse com meu coração, Steve? Ele estava vazio, e você não se importou. Nick o preencheu.

— Ele não estava interessado em seu coração, Brenda. Estava tocando em você. Eu vi como ele a estava agarrando. Estava com as mãos em você!

— E naquela noite no clube de campo, Jacqueline Patterson tocou em você. Qual é a diferença?

— Você sabe a diferença! — Ele saltou da cadeira e começou a andar de um lado para o outro. — Jackie é uma cliente, só isso. Ela é... é parte do meu negócio. Mas você é minha esposa, e aquele infeliz não tinha o direito de...

— Não sou sua esposa. Você está casado com seus negócios, Steve. Esse é o seu único e verdadeiro amor. Quando começou a vender imóveis, eu lhe dei apoio. Sentia orgulho de você e de tudo o que estava conseguindo. Mas depois você me traiu. Apaixonou-se por seu trabalho, casou com ele, e entregou a vida inteira a ele. O toque de Jackie em você não foi diferente do toque de Nick em mim.

— É mentira, e você sabe disso! — Cerrando o punho, ele socou o corrimão da escada. — Não posso acreditar! *Não* acredito! Você e aquele biscateiro. Aquele cão sem dono coberto de tinta. Você deixou que ele a abraçasse.

— Deixei que Nick me segurasse.

— Brenda, como pôde fazer isso? Você é minha esposa, e deixou que outro homem a segurasse nos braços. Do mesmo jeito que eu fazia. Ele colocou as mãos em você e a seduziu. — O rosto de Steve estava vermelho. A veia em seu pescoço pulsava. — Ele... ele beijou você?

— Não.

— Por que não?

— Porque...

— Porque Cody entrou, certo? Você teria deixado? Queria que aquele homem a beijasse?

— No momento, eu quis. Agora... — Ela encolheu os ombros. — Não atendo às ligações dele.

— Ele *liga* para cá? Liga para você no *meu* telefone?

— *Seu* telefone? Tudo aqui é seu, Steve? — ela perguntou, abrindo os braços.
— Tudo aqui é propriedade sua? A casa, os móveis... eu?

— Você é minha esposa. *Minha!* Prometeu perante Deus ser fiel a mim! Deu-me filhos. Você me pertence.

— O quê? Como uma cadeira? Ou um cortador de grama? Ou seu carro? Eu significo menos para você do que aquela droga de híbrido, não? Você o leva a todos os lugares. Limpa e lustra aquele carro, compra acessórios para ele, se vangloria dele. E quanto a mim, Steve? O que eu sou para você?

— É minha esposa!

— O que é uma esposa? Pode me dizer?

— Posso dizer o que uma esposa não é. Não é uma pessoa que fica sentada o dia inteiro e nunca se importa em se arrumar. Não é uma pessoa que estremece toda vez que o marido tenta tocar nela. E não é uma pessoa que se apaixona por um biscateiro ignorante, inútil e imbecil.

— Nick tem a mesma instrução que você, Steve Hansen. Mas não vou tentar defendê-lo. Não houve nada entre nós, a não ser um abraço, e não vai haver mais nada. Já acabou. Já terminou.

— Como você pode dizer que não houve nada, a não ser um abraço? Você queria que houvesse algo mais. Contou como se sentia a respeito dele! Queria mais. Se Cody não tivesse entrado, o que teria feito? Teria ido para a cama com aquele homem?

— Não sei.

— Inacreditável! — Ele agarrou um tufo de cabelo. — Confiei em você durante todo este tempo e a sustentei. Fui um marido fiel enquanto você me empurrava e não permitia que eu me aproximasse. Continuei a ser fiel mesmo quando você se escondia de mim embaixo dos cobertores e gritava comigo todas as vezes que eu tentava conversar com você.

— Não se vanglorie, Steve. Nós dois traímos as promessas de casamento.

— Fiquei ao seu lado na doença e na saúde, na pobreza e na riqueza...

— Você começou a se afastar de mim no dia em que vendeu a primeira casa. Apaixonou-se perdidamente por seu trabalho. Entregou-se a ele de corpo e alma.

— É apenas um trabalho, Brenda. Não pode compará-lo ao que você fez.

— Não? Por que você acha que me interessei por Nick?

— Porque ele é um vigarista de quinta categoria que...

— Porque você me abandonou... e não se dá ao trabalho de me explicar por que chega tarde todas as noites e sai cedo todas as manhãs. Você foi embora. Embora, embora, embora! Se tivesse ficado aqui, passado um tempo comigo, se tivesse demonstrado o mínimo interesse em me conceder sua honrosa atenção e talvez um pouco de compreensão, o meu coração não teria ficado escancarado. O fracasso de nosso casamento é culpa sua tanto quanto minha.

— Isso é bobagem.

— É a verdade, e você sabe. Admiti meu erro. Confessei tudo. Estava errada, e sabia disso, e pus fim a tudo. — Brenda fez uma pausa e abaixou os olhos antes de continuar em voz quase inaudível. — Por isso... você é capaz de me perdoar?

— Perdoar? — ele repetiu. — Está brincando? Não vou perdoar você! — Steve deu alguns passos firmes até o canto do porão e voltou. — Você está tentando fazer seu caso parecer tão inocente quanto minha dedicação ao trabalho. E sabe por que eu trabalho? Para sustentar você e as crianças. Não me venha dizer que foi por isso que caí nos braços de outro homem. O que você fez não passou de uma boa e antiga concupiscência, Brenda. Um rapaz confuso que entrou aqui foi o único empecilho para você não ter tido um caso amoroso aberto com esse biscateiro encardido. E o mesmo rapaz foi o responsável por você ter confessado tudo a mim hoje. Se Cody quer cachorro-quente, pode acreditar que vou comprar alguns para ele. Mas se você quer meu perdão, esqueça. Você me traiu. Depois tentou me culpar por seus pecados. E agora espera que eu passe uma borracha em tudo?

— Eu não espero mais nada de você, Steve. Aprendi que você nunca está por perto quando preciso. Não tenho nenhuma expectativa... Sei que cometi um erro e estou pedindo seu perdão, só isso.

— De jeito nenhum. O que você pediu foi o divórcio... e é exatamente o que vai conseguir.

— **Morangos!** — **Esther cantarolou**, levantando uma vasilha descartável com frutas vermelhas dentro. — Colhidos diretamente do jardim de Charlie esta manhã. Tão frescos que chegam a derreter na boca!

Brenda tentou forçar um sorriso. — Obrigada, Esther. Pode colocá-los na geladeira.

— Não a vejo desde que estivemos aqui naquele dia, querida. Por onde tem

andado? Por que está tão arrasada, parecendo um cachorro se arrastando pelo chão? Nós a tiramos desta cadeira, e você voltou a sentar-se aí! Pelo menos trocou de roupa. — Esther colocou os morangos na geladeira. — Que coisa, minha criança, estas prateleiras estão quase vazias. O que está havendo? Cody está dando problemas?

— Não, ele está bem.

— Onde está Steve? Se você está se sentindo assim tão mal, ele deveria estar em casa para cuidar de você. Vou lhe dizer uma coisa. Esses homens devem usar vendas nos olhos, porque não veem nada ao redor deles. Ontem colhi um buquê de íris roxas do jardim e coloquei-as num vaso no centro da mesa da sala de jantar. Pensa que Charlie disse alguma coisa? Nem uma palavra! As flores ficaram lá, bem em frente ao filé de frango que fritei para ele, e ele comeu como se não houvesse mais nada na mesa, a não ser o sal e a pimenta.

Esther sentou-se no sofá de frente para Brenda. — Não sei o que faria sem o meu Charlie, mas, às vezes, aquele homem me deixa furiosa a ponto de me fazer soltar fumaça pela boca. Você já se sentiu assim em relação a Steve? Vocês dois parecem o casal perfeito o tempo todo, mas acho que têm os seus momentos.

Concentrando o olhar no retrato da família Hansen, acima da cabeça de Esther, Brenda reprimiu uma onda súbita de tristeza. Será que eles eram o casal perfeito? Não. Houve um tempo, porém, que o mundo parecia ser verão o ano todo. Eles se sentiam confortáveis na presença um do outro. Havia muita dedicação, muito apoio entre eles. Houve um tempo em que todos estavam juntos. E agora... agora Steve desaparecera. Brenda não sabia para onde ele foi no dia em que prometeu divorciar-se dela e saiu intempestivamente de casa depois que ela lhe contou a respeito de Nick LeClair. Brenda deixou recados no telefone celular de Steve, mas ele não respondeu às chamadas. Teria desaparecido para sempre? Teria ido embora como tufos de sementes de dente-de-leão, deixando para trás o talo nu e solitário de uma esposa?

— Bem, de qualquer forma... — Esther disse, tentando preencher o vazio na sala ao ver que Brenda não reagia.

Ambas continuaram ali por alguns momentos, num silêncio constrangedor. Brenda queria que a mulher a deixasse em paz. Não precisava da tagarelice de Esther nem de perguntas bisbilhoteiras. Provavelmente Steve nunca mais voltaria para casa, e, em breve, Brenda teria de falar do divórcio às crianças, e então a caixa preta em volta dela se abriria como se fosse um acordeão.

— Sabe, tenho pensado nos canteiros de flores na casa de Patsy — Esther

voltou a falar com entusiasmo. — Um dia desses, quando eu estava arrumando o cabelo no Assim Como Estou, Patsy me contou que no último verão ela plantou duzentos bulbos de tulipa. Sabe o que aconteceu?

Brenda conseguiu apenas focar os olhos em Esther e sacudir a cabeça.

— Um cervo comeu todos os bulbos! Você pode imaginar? Agora os canteiros de flores de Patsy estão quase vazios, com exceção de algumas flores perenes. Os canteiros estão cheios de ervas daninhas, coitada! Brenda, acho que o CCS deveria cuidar do jardim de Patsy e plantar algumas flores mais resistentes. Talvez alguns cravos-de-defunto. Ouvei dizer que os cervos não gostam dessas flores.

Mais uma vez Brenda fez um esforço para focar os olhos em sua vizinha e dizer alguma coisa. Nada, porém, do que ela pensava tinha valor.

— Para ser sincera — Esther prosseguiu — eu gostaria que você fosse comigo para darmos uma olhada no jardim de Patsy e descobrir o que podemos fazer. O carrinho de golfe está estacionado na entrada de acesso à garagem, e tenho certeza de que não vamos demorar muito. Você sempre teve os jardins mais bonitos de Deepwater Cove. Ora, vamos, querida. Por favor diga “sim”!

Antes que Brenda encontrasse uma desculpa, a mulher já a estava puxando da cadeira de balanço em direção à porta da frente. Andando de modo desengonçado, Brenda sentia-se aturdida, quase assustada ao ver que suas pernas ainda se movimentavam e que os pés conseguiam dar um passo atrás do outro. No caminho até o carrinho de golfe, as duas passaram por Cody que cochilava no balanço da varanda. Ele acenou para elas e abaixou a cabeça novamente. Como se tivesse percorrido uma longa distância, Brenda se viu entrando no carrinho e se sentando no banco de vinil vermelho.

— Lá vamos nós! — Esther disse ao colocar em movimento o veículo para dois passageiros. — Vou lhe contar uma coisa. Quando eu consigo passar a mão neste carrinho de golfe de Charlie, gosto de rodar com ele! Você sabe que Charlie está sempre andando por aí para ver se os jardins da vizinhança estão em ordem e se há alguém em casa. E, claro, leva Boofer com ele na maioria das vezes, por isso demora uma hora para rodar uns três quilômetros. Charlie morre de medo de que aquele velho cão caia do carrinho e se machuque, por isso eu digo: “Por favor, deixe Boofer aqui em casa”. Mas Charlie adora aquele vira-lata, e você sabe como é difícil fazer aquele homem dar ouvidos a alguém.

Brenda fechou os olhos e recostou-se no banco, percebendo quanto tempo se passara desde a última vez que recebeu o beijo do ar fresco e dos raios de sol na

pele. Não podia imaginar a vida sem Steve, e mesmo assim — apesar da caixa preta desabando ao redor dela —, não havia mais retorno. Ao seu lado, Esther exalava uma suave fragrância de lavanda e de roupas recém-lavadas. O carrinho de golfe sacolejava pela estrada, e o movimento provocou um leve tremor de vida na espinha de Brenda. Ela estava viva, pensou, apesar do entorpecimento. Capaz de sentir e cheirar. Capaz de andar, conversar e fazer coisas. Por pior que a situação parecesse, ela ainda via a terra e o céu. Seu coração ainda batia e os pulmões inspiravam e expiravam o ar.

— Os homens não prestam atenção em nada e nunca enxergam o que está adiante do nariz deles — Esther estava dizendo. — Não sei como conseguem sobreviver. Estou sempre procurando coisas que Charlie perdeu. E como ele reclama! Vou lhe dizer uma coisa. Aquele homem atrai todas as dores do mundo para seu corpo esquelético. Depois que Charlie se aposentou, achei que ia enlouquecer.

Olhando ao redor, Brenda notou que, apesar de sua vida ter sofrido uma transformação radical, nada havia mudado em Deepwater Cove. As crianças e os cães brincavam na beira do lago. Os homens cortavam a grama do jardim. As mulheres lavavam as vidraças. Os automóveis e os carrinhos de golfe transitavam pelas estradas estreitas. Os sabiás davam voos rasantes e andavam no chão à procura de minhocas. Os esquilos subiam e desciam pelos troncos das árvores.

— Claro que não demorei muito para descobrir como fazer Charlie feliz e como viver bem com ele. — Esther girou o volante do carrinho de golfe na direção da entrada de veículos da casa de Patsy Pringley e desligou o motor. — Ele só precisa de um carinho de vez em quando. De um tapinha no braço. De um abraço de manhã. De um beijo no rosto. Os homens se derretem quando a gente lhes dá esse tipo de coisa.

Enquanto Esther descia do carrinho, Brenda continuou sentada por alguns instantes, assimilando o remédio simples para felicidade conjugal que a amiga acabara de propor.

Abraços e carinho.

Seria isso que Steve queria? Brenda lembrou-se das acusações. *Você nunca mais tocou em mim, nunca dormimos juntos, você sempre me repele.* A ira e a mágoa foram responsáveis por ela se afastar dele. Claro que ela não o beijava nem o abraçava mais. Steve a abandonara, e isso era tão doloroso que a impedia de aproximar-se dele na cama. Mas talvez ela lhe estivesse negando aquilo que ele

mais queria e de que necessitava — aquilo que o atrairia para casa e faria seu coração derreter-se por ela.

Brenda desceu do carrinho e acompanhou Esther pelo caminho de acesso ao jardim de Patsy, repleto de ervas daninhas. “Será que Steve vai voltar?”, ela pensou. “Nós vamos nos divorciar? Steve vai desaparecer da minha vida para sempre?”

— Balsâminas! — Esther declarou. — Dê uma olhada! Elas germinaram sozinhas depois de colhidas no ano passado. Um canteiro todo dessas flores pequeninas. Se elas forem cuidadas com muito amor pelo CCS, Patsy vai ter um lindo canteiro de flores.

— Um carinho de vez em quando? — Brenda perguntou, enquanto Esther arrancava um dente-de-leão prestes a germinar. — É isso realmente que faz Charlie feliz?

— Não é só isso, meu bem. Você precisa alimentá-los e regá-los. Estou falando dos maridos. Mas eles não são muito diferentes de um canteiro de flores. A maioria não pensa muito em assuntos importantes. Só pensa em futebol, golfe ou pescaria. Ou num projeto de construção ou numa casa para vender. É isso que ocupa a maior parte da mente dos homens, meu bem. Isso e... bem... você sabe. *Mulheres*.

Brenda teve de sorrir. Divertiu-se ao pensar na cena daquele homenzinho de joelhos pontudos olhando com interesse para uma mulher bonita. Mas ela sabia que Esther tinha razão.

— Se você quiser ter um canteiro bonito e cheio de flores no verão — Esther disse — precisa saber cuidar dele. Significa que você precisa cuidar dele o tempo todo, para que ele se sinta bem. Os maridos não são diferentes. Se quiser ter um casamento em clima de verão, mesmo que os dois sejam tão rabugentos quanto Charlie e eu, precisa esforçar-se para isso. Os homens necessitam de abraços, beijos, carícias e, claro, do resto.

“Um casamento em clima de verão”, Brenda pensou enquanto se ajoelhava ao lado de Esther e segurava, com a mão em concha, as frágeis folhas verdes de uma pequenina balsâmina. Tempos atrás, ela e Steve tiveram um casamento em clima de verão. Haveria condições de recuperá-lo?

Steve sentou-se na ponta do ancoradouro da comunidade de Deepwater Cove e colocou uma isca viva no anzol de Cody. Fazia uma semana que ele saíra

de casa. Não queria, nem se sentia capaz de olhar para a esposa. Depois de telefonar para o escritório avisando que se ausentaria por alguns dias, Steve pegou o carro, foi para Arkansas e hospedou-se num hotel barato. Passou os dias pescando e as noites tentando dormir, sem sucesso.

Steve odiava Brenda. Era tudo o que ele sabia. Ela lhe causara aversão e revolta. Todas as vezes que pensava em Brenda nos braços de Nick LeClair, ele sentia vontade de vomitar. Às vezes, vomitava. Nunca, no mais profundo de seu íntimo, lhe ocorrera que Brenda fosse capaz de ser infiel. Era uma ideia impossível. Eles se amaram por muito tempo e de maneira intensa. Tiveram três filhos. Tinham um lar. Anos e anos de recordações. Até mesmo um gato.

Steve nunca perdoaria a esposa por ela ter esmagado a imagem perfeita que ele guardou com carinho na memória durante todos aqueles anos. Ela arruinara o casamento deles. Destruíra tudo o que ambos haviam construído com tanto esforço.

Ele queria matar o prestador de serviços. Se pudesse, torceria o pescoço fino daquele imbecil. Nick LeClair entrara na casa de Steve para seduzir Brenda! Steve deveria comprar uma arma e explodir os miolos daquele sujeito. Nick a segurou, tocou em seu braço. E Brenda não permitia que Steve sequer se aproximasse dela! Ele queria era amarrar os dois juntos num bloco de cimento e afogá-los.

— Acho que a gente podia comer estes peixinhos — Cody comentou, interrompendo as lembranças de Steve dos últimos dias. Depois, apontou para o balde de iscas vivas. — Eles são pequenos, mas o meu papai e eu aprendemos a comer insetos, lagostins, camundongos e todos os tipos de bichinhos. Quando a gente está com fome, não liga pra isso.

Steve respirou fundo. Voltou a ficar furioso só de pensar na raiva que havia sentido. A viagem lhe causou a perda de vários negócios lucrativos, e, sem dúvida, o pessoal do escritório devia ter ficado curioso com seu rápido desaparecimento. Ao retornar à região naquela tarde, ele decidira não passar na imobiliária. Não havia feito a barba nem dormido bem, e não tinha disposição para ver ninguém.

— As pessoas não comem iscas vivas — ele explicou a Cody. — Os peixes grandes comem estes peixinhos. E as pessoas comem os peixes grandes.

— OK.

— A vida é assim.

— OK.

— Quero dizer, você pode comer os peixinhos se quiser, mas eles não matam a fome, entende?

— Hã-hã. Mas, quando a gente está com muita fome, come essas coisas pra encher um pouco a barriga.

Steve olhou para o outro lado do lago, e as lembranças voltaram. Depois de pescar naqueles dias, ver TV, comer barras de cereais e biscoitos de manteiga de amendoim, ele finalmente decidiu que era tempo de enfrentar a realidade. Voltaria para Deepwater Cove, entraria em casa e diria a Brenda que o casamento havia chegado ao fim.

Depois, perguntaria se ela queria pedir o divórcio, ou se ele deveria encarregar-se do assunto. Deixaria o carro e a casa para ela, e dividiriam o resto em partes iguais. Muitas casas pequenas haviam sido postas à venda recentemente, e ele poderia comprar uma e mudar-se para lá. As crianças visitariam o pai e a mãe quando tivessem tempo. Steve continuaria a trabalhar na imobiliária, e talvez encontrasse, um dia, outra mulher a quem amar. Naquela altura, ele não queria pensar nisso. Se havia perdido a confiança em Brenda Hansen, em quem mais confiaria?

Quando chegou em casa, Steve encontrou Cody sentado no balanço da varanda. Brenda tinha ido ao Assim Como Estou para cortar o cabelo, Cody lhe informou, por isso Steve levou o rapaz ao posto de gasolina mais próximo e comprou duas dúzias de iscas vivas. Depois voltaram a Deepwater Cove, pegaram as varas de pescar e andaram a pé até o ancoradouro. Até aquele instante, nenhum peixe havia mordido a isca.

— Você comprou algum cachorro-quente depois que foi embora? — Cody perguntou. — Eu disse a Brenda que você foi comprar cachorro-quente, mas ela não acreditou.

— Fui descansar alguns dias num hotel. — Steve olhou para a boia presa à linha de pesca. — Como está Brenda?

— Ela chora e grita muito, mas ainda faz sanduíches pra mim. Ontem ela fez bolo de chocolate. Estava bom. Eu disse que ela era cristã porque fez bolo de chocolate pra mim, mas ela gritou e chorou mais ainda e me mandou sentar no balanço. Eu gosto de pescar com você, Steve. Estou contente porque você voltou.

— Alguém mais entrou na casa? — ele perguntou com cautela.

— Muita gente. A mulher e o homem do carrinho de golfe passam por lá muitas vezes todos os dias. Eles me cumprimentam de longe e dizem: “Oi,

Cody!”, e eu faço a mesma coisa. A mulher da barba e do cabelo foi lá para ver a minha cabeça. Disse que os piolhos foram embora, mais tudo aquilo que estava escondido no meu cabelo e na minha barba. Ela e Brenda tomaram chá na varanda dos fundos, mas não me convidaram. Elas têm um clube chamado Clube de Chá das Senhoras, e você não pode entrar se não for mulher. Não acho isso certo. Elas não repartem. Todas as mulheres do clube foram visitar Brenda. Eu varri e limpei o chão da sua casa, porque sou bom nisso. Quando eu morava com o meu papai, eu sempre deixava tudo limpinho. Brenda disse que eu podia lavar as janelas de novo se quisesse, por isso lavei todas elas várias vezes.

Steve tentou visualizar tudo o que se passava em sua casa em Deepwater Cove. Gostaria de saber o que Brenda havia contado às amigas a respeito dele. Teria confessado tudo? Teria jogado a culpa nele por tê-la abandonado e deixado transparecer que todos os seus problemas foram causados por ele? Steve franziu a testa.

— Alguém mais entrou lá? — ele perguntou a Cody, aproveitando a oportunidade para falar de sua verdadeira preocupação. — Aquele prestador de serviços, Nick LeClair?

— Ele não reparte seu cachorro-quente...

— Eu sei, mas você o viu? Ele andou por lá?

Cody engoliu seco. — Não. Eu não gosto dele.

— Eu também não.

— Ele perguntou: “Quem você pensa que é, cara?” de um jeito muito mau, como se quisesse brigar comigo. Eu não gosto de brigar, porque a gente sempre se machuca.

Com a respiração curta, Steve perguntou: — O que ele estava fazendo? Naquele dia que você voltou... o que viu?

— Ele estava abraçando Brenda, mas ela deu um empurrão nele e disse: “Não!”. Foi assim. Acho que Brenda não queria que aquele homem abraçasse ela.

— Ela queria, sim. — Steve proferiu essas palavras sem refletir. — Não importa. Esqueça o que eu disse.

— Eu esqueço muita coisa, menos os versículos da Bíblia. Eu repetia os versículos com o meu papai muitas vezes para não esquecer. Posso dizer um versículo enquanto o peixe grande não come o peixinho?

— Acho que sim.

— Salmo 139 — Cody começou a dizer. — “Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me sento e quando me levanto; de longe percebes os

meus pensamentos...”

— Steve?

A voz de Brenda atravessou o gramado e ecoou na beira do lago. Steve virou-se e a viu, vestida com uma camiseta cor-de-rosa, *short jeans* e sandálias. O cabelo estava bem curto, quase igual ao de um menino, e ela parecia mais magra. Ela acenou-lhes com uma das mãos.

— Cody? — Brenda chamou. — É você?

— Sim, eu e Steve. — Cody jogou a vara de pescar no chão e bateu palmas. — Veja, ele voltou! Eu disse que ele ia voltar. Eu disse!

Brenda aproximou-se, pisando na prancha de desembarque que ligava a praia ao ancoradouro. Enquanto ela fazia o percurso entre duas fileiras de entradas para barcos, Steve imaginou-a derretendo-se nos braços de Nick LeClair. Elegante, bonita, parecendo mais jovem do que uma mulher de sua idade, ela desejou que aquele homem a segurasse e a beijasse. Quis que ele a tocasse... e mais. A ira começou a ferver no peito de Steve, e ele lutou para não desabafar sua fúria na frente de Cody.

— Está vendo todos aqueles peixinhos, Brenda? — o rapaz perguntou, apontando para o balde com iscas vivas. — A gente não deve comer os peixinhos. Só os grandes.

Brenda pousou a mão no braço de Cody. — Você pescou algum peixe grande?

— Não — ele respondeu. — Steve voltou logo depois que você saiu para ir ao salão de beleza. A gente comprou estes peixinhos e veio para cá.

Os olhos verdes de Brenda fixaram-se em Steve, e se tornaram mais suaves à medida que ela o fitava. — Que bom que você voltou. Você está bem?

— Estou — ele resmungou. — Muito bem.

A expressão no rosto dela congelou. — Estou vendo. Onde você esteve na semana passada?

— Estou voltando para casa — ele respondeu.

— Que bom! — Cody exclamou. — Agora vou poder tomar uma ducha, Steve! Brenda disse que, quando você voltasse, eu ia poder tomar banho com você, e ficar limpo e vestir minhas roupas novas.

— Pensei que você estivesse disposto a ajudar Cody — Brenda esclareceu.

Steve encarou a esposa enquanto pegava as varas de pescar e o balde com iscas vivas. Será que ela estava assustada, morrendo de medo que ele pedisse o

divórcio, que a obrigasse a sair de casa e exigisse que encontrasse um emprego? Ele esperava que sim. O gosto amargo tomou conta de sua boca enquanto ele guardava os apetrechos de pesca no depósito perto da entrada dos barcos. Steve queria que ela se preocupasse, que sentisse um pouco do desespero e da mágoa que ele sofrera.

Cody e Brenda seguiram atrás de Steve no caminho até a casa. O pensamento de prolongar a ira acumulada durante semanas e meses deixou Steve satisfeito. Ele queria punir Brenda, mantê-la em estado de constante angústia e medo, e depois a abandonaria.

Brenda admitira o erro, se desculpara e lhe pedira perdão. Agora o controle estava nas mãos dele, e a ideia de vê-la rastejando lhe agradava.

Um toque em sua mão o fez retesar o corpo. Ela não se atreveria a tanto...

— Uma ducha, uma ducha! — Cody cantarolou, segurando a mão de Steve com seus dedos finos. — Vai ser muito, muito divertido. Só nós três, e vocês dois juntos de novo. Este é um dia muito feliz!

— **Steve voltou para casa.** — Charlie Moore contou a novidade depois de estacionar seu carrinho de golfe na entrada de acesso à garagem e chegar à varanda de sua casa pequena e bem-arrumada. — Ele levou Cody para pescar. Vi os dois no ancoradouro carregando um balde com iscas vivas.

Esther olhou de relance para Kim Finley, que passara por ali para pegar uma boa quantidade de morangos. Os Moores plantavam um lindo jardim todos os anos, e o canteiro de morangos era famoso em toda a região do lago. Esther convidara Kim para visitá-la e levar algumas frutas para casa, na esperança de que os morangos ajudassem o pequeno Luke a sentir-se melhor. O menino havia perdido muitas aulas, e Kim receava que ele não passasse de ano. Se isso acontecesse, ele ficaria um ano atrás de sua irmã gêmea, Lydia, e Kim temia que esse fato prejudicasse a autoestima do filho.

Esther viu Charlie fazer uma careta de dor ao sentar-se na cadeira branca de vime. Os joelhos do marido estavam piorando, embora ele fizesse o possível para não admitir. Ela detestava ver o marido sofrendo de dor, mas o que poderia fazer se ele se recusava a consultar um médico?

Quando Boofer, o pequeno cão do casal, se acomodou no colo de Charlie, Esther cutucou-lhe o braço. — Você falou com Steve, querido? Cody deve ter visto você passar por lá. — Ela sorriu para Kim. — O rapaz pode ser lerdo, mas nunca perde a oportunidade de acenar para nós quando passamos por lá no carrinho de golfe. Para mim, ele é apenas um rapaz doce e simplório, incapaz de fazer mal a uma mosca. Você não acha, Kim?

— Não conversei muito com ele, mas ele é sempre simpático.

— Foi bom para Brenda Hansen poder ajudá-lo. Você também a viu no ancoradouro, Charlie?

— Não quando passei por lá. Mas posso dizer uma coisa. Estou tremendamente feliz com a volta de Steve.

— Eu também — Esther concordou. — Não acreditei nem por um minuto no que andaram dizendo a respeito dos dois. Ele e Brenda sempre foram um casal muito feliz. Criaram aqueles filhos lindos, trabalharam muito, iam à igreja todos os domingos. O que pode ter havido entre eles? Não, tenho certeza de que Steve viajou a negócios.

Charlie fez um movimento negativo com a cabeça. — Olhe, Esther, você não pode achar que a vida é um mar de rosas o tempo todo. Não existe um só casal no mundo que não tenha uma pequena rusga de vez em quando.

— Nós não. Somos felizes desde o dia em que dissemos: “Eu prometo”, e não me venha dizer o contrário.

— Ora, Esther, você sabe que atravessamos tempos de instabilidade. Se Steve precisava respirar um pouco, foi melhor assim. E Brenda... bem, ela está muito ocupada com Cody e com a reforma do porão.

— Ela estava muito calada quando o CCS a visitou — Kim interveio. — Chegamos lá no meio da tarde, e ela ainda estava de camisola. Acho que está com depressão profunda.

— Eu não entendo nada de depressão — Esther disse, fazendo um movimento com a mão para afastar pensamentos desagradáveis. — Para mim, não faz nenhum sentido.

— Quando meu marido me abandonou e eu fiquei sozinha com os gêmeos, entrei em depressão — Kim contou a Esther e Charlie. — A princípio, não acreditei que ele realmente tivesse ido embora. Depois, fiquei com tanta raiva que ela mal cabia no meu peito. Eu gritava muito com as crianças, e cheguei a ser ríspida com os clientes. Tudo me irritava. Até o dia em que entrei numa apatia total. Apesar de ter filhos tão maravilhosos, um emprego estável com muitos benefícios e uma casa bonita, o mundo inteiro me parecia negro. Eu tinha a sensação de estar dentro de uma caixa tampada.

— Acho isso terrível — Charlie disse. — Minha mãe passou por uma fase dessa quando perdeu o último bebê. Meu pai a internou no hospital, e aquele tempo me pareceu infinito. Um dia, ela voltou para casa, mas nunca mais foi a mesma. Perdeu a alegria de viver.

Kim assentiu com a cabeça. — Uma amiga me convenceu a consultar um terapeuta, e tomei alguns remédios por um tempo. Finalmente, a escuridão começou a ir embora, e voltei a viver. Mas, quando vi Brenda naquele dia, reconheci todos os sinais de depressão.

— A depressão não passa de um estado mental — Esther argumentou. — As pessoas precisam ser firmes. Quando chegam os tempos difíceis, elas precisam estar preparadas e encarar a situação. Sinto muito se estou sendo sincera demais, mas toda essa história de psicologia me parece um monte de bobagens. Entendo que você se sente melhor agora, Kim, mas por que não se agarrou na cadeira e tentou levantar-se? “Pare com isso”, é tudo o que digo a mim mesma.

— Para algumas pessoas — Kim disse com voz suave — não é tão fácil assim.

— Eu só espero que tudo se normalize, agora que Steve voltou para casa. — Charlie pegou um lenço grande do bolso traseiro da calça e enxugou a testa. — O dia está muito quente. Acho que precisamos pôr um ponto final na primavera. Como estão indo os morangos, Esther?

— A produção ainda não parou — Esther lhe contou. — Fiz uma torta de morangos para a sobremesa. Ainda vamos ter frutas por um bom tempo. Mas encontrei um buraco na cerca da horta hoje cedo. Os coelhos devoraram as alfaces.

— Droga! — Charlie resmungou. — Quando não é uma coisa, é outra.

Brenda parou do lado de fora da porta da suíte do casal, com uma pilha de roupas novas e limpas nos braços, enquanto Ozzie esfregava o corpo na perna dela. Enquanto aguardava aquele momento, ela havia comprado três calças *jeans* e cinco camisetas para Cody, mais meias, cuecas e alguns pares de tênis brancos. À medida que a água caía do chuveiro, o vapor subia acima da cortina. Ela ouviu Cody rir enquanto Steve, em pé do outro lado da cortina, lhe dava instruções.

— Lave bem aí — Steve disse ao abrir um pouco a cortina. — Esfregue bem o sabonete, Cody, ou vai ter de começar tudo de novo.

— Ele escorrega! — O rapaz ria dentro do boxe ladrilhado. — Parece um peixe! Como um daqueles grandes que a gente não conseguiu pescar!

— Segure bem o sabonete. — Steve resmungou mais alguma coisa que Brenda não conseguiu ouvir. — Quando foi a última vez que você tomou banho, rapaz?

— Eu tomava banho com o meu papai no banheiro do posto de gasolina. Quem comprava uma goma de mascar podia pegar a chave e usar o banheiro. Era o que a gente fazia.

— Eu acredito. A sujeira está grudada nos seus poros. Lave o pescoço, Cody, e use aquele pano. Você precisa esfregar todas as partes do corpo, inclusive as costas.

Brenda fechou os olhos e encostou o queixo nas roupas. Steve voltara para casa. Ela havia passado dias com medo de nunca mais vê-lo. Ele não ligou para casa, embora Brenda tivesse deixado vários recados na caixa postal. Parecia que sua confissão e a briga entre eles haviam precipitado a saída de Steve para sempre da vida dela.

Apesar de Brenda sentir um enorme desejo de fechar-se em seu casulo após a partida de Steve, as participantes do Clube de Chá das Senhoras não permitiram. Depois do dia em que apareceu carregando uma vasilha de morangos frescos, Esther Moore voltou várias vezes, trazendo alface, um buquê de íris ou um cartão assinado por todas as mulheres. Esther sempre tinha uma atividade em mente para ela própria e para Brenda: assar tortas ou docinhos juntas, tomar chá na varanda, arrancar ervas daninhas do canteiro de uma vizinha ou aprender a usar o computador novo que Charlie comprara. A princípio, Brenda não gostou da invasão em sua casa. Mas, aos poucos, reconheceu que aguardava as visitas de Esther como forma de lhe transmitir ânimo para começar o dia.

Ao meio-dia, Esther disparava em seu carrinho de golfe para preparar o almoço de Charlie. Em geral, após alguns minutos, Ashley Hanes aparecia na casa dos Hansens. Contou a Brenda que queria muito trabalhar com suas pedras na área de artesanato do novo porão. E precisava de ajuda. Juntas, elas montaram colares, braceletes e argolas para tornozelo. Ashley ensinou Brenda a modelar o barro para fazer pedras coloridas que eram assadas no forno para endurecer. Pediu também que Brenda a ensinasse a costurar, e Brenda viu-se obrigada a tirar sua máquina do local onde a havia embutido e ajudar a moça a costurar cortinas novas para cozinha.

Por volta da hora em que Ashley saía para o trabalho todas as tardes, Kim Finley chegava com seus gêmeos. As crianças gostavam de brincar no balanço do quintal, pintar figuras no porão ou correr atrás do gato pela casa. Kim ajudava Brenda a preparar as refeições de Cody e a colocar pacotes de guloseimas em caixas, a fim de serem enviadas por correio a Justin e Jessica na faculdade.

No fim do dia, Brenda estava exausta. Mas tinha novas amigas às quais era muito grata por ajudá-la a manter-se ocupada. Nenhuma fez perguntas a respeito de seu relacionamento com Steve, e ela ficou agradecida por isso. Não tinha tempo para pensar no marido ausente. Na verdade, Steve havia passado tanto tempo fora de casa que a vida quase parecia ter caído na normalidade.

Antes de avistar Cody e Steve no ancoradouro, Brenda sentiu-se no dever de encontrar forças para ir ao Assim Como Estou. Como sempre, Patsy Pringle a animou naquela tarde, perguntando por todos da família e demonstrando compreensão todas as vezes que Brenda dava a entender que ela e Steve estavam atravessando tempos difíceis.

O coração de Brenda deu um salto de alegria quando viu seu marido pescando no ancoradouro. Porém, a raiva e o mau humor dele abafaram

rapidamente todas as suas esperanças de reconciliação. O tempo que Steve passou longe dela não serviu para curar as feridas dele, claro. Ele voltou para casa, mas Brenda não tinha dúvida de que seu marido planejava o fim do casamento.

— Ah! — Cody gritou, abrindo a cortina, completamente nu. — Eu estou limpo, até nas orelhas! Até no pescoço! Até...

— Pare com isso, Cody — Brenda disse enquanto Steve tentava empurrá-lo para debaixo do chuveiro. — É feio você aparecer sem roupa na frente dos outros. Fique aí dentro até que eu feche a porta. Depois de vestir estas roupas, você poderá sair novamente. — Ela entregou-lhe o vestuário novo.

Fechando a cortina com força para esconder Cody, Steve entrou no quarto e trancou a porta do banheiro. Respirou fundo enquanto pegava os trapos de Cody. — É melhor você queimar tudo isto. Cheira mal.

Brenda pegou as roupas e procurou um saco plástico na despensa. Ouvia os passos de Steve atrás dela no piso de ladrilho. Ele parecia normal demais, muito à vontade em casa. Pela centésima vez desde sua confissão, ela estremeceu só em pensar na enormidade do que arriscara a perder: a firmeza de Steve, sua natureza prática e corajosa, sua presença reconfortante.

Durante a ausência de Steve, o remorso levou Brenda a ajoelhar-se. Finalmente admitiu — para ela própria e para o Senhor — que tomara a decisão de distanciar-se dele, e do apoio e ensinamentos de sua igreja. Que grande erro foi aquele. Ela orou pedindo o perdão de Deus por ter se desviado do caminho que decidiu seguir tanto tempo atrás. Implorou a Deus que mudasse o pensamento de Steve e o trouxesse de volta para ela. No domingo anterior, retornou à Capela do Cordeiro e pediu a Deus que a ajudasse a reconstruir o que ela e Steve quase haviam destruído.

Foi então que seu marido voltou com toda aquela raiva e hostilidade amarradas numa arma que ele já lhe havia atirado várias vezes. O que ele lhe diria agora? Como faria para terminar o casamento?

Orando para encontrar forças, ela colocou a camiseta velha no saco plástico. Ao recolher a calça *jeans*, verificou os bolsos instintivamente. Depois de tantos anos lavando roupa, ela sempre se preparava para encontrar moedas, pedras, chaves, carteiras e até minhocas para pescaria. Desta vez sua mão encontrou uma folha de papel.

— Há um bilhete no bolso de Cody — ela contou a Steve. Ele aproximou-se

dela ao lado do balcão. Encardido e surrado, o papel quase se rasgou quando ela o abriu.

— “Caro amigo” — ela leu em voz alta. — “Sei que você encontrou meu filho, Cody Goss, porque está lendo esta carta. Cody é retardado, mas nunca prejudicou ninguém. Sua mãe morreu quando ele nasceu e, desde então, tive de cuidar do menino sozinho. Eu não quis que ele fosse estudar numa escola para que as outras crianças não caçassem dele. Cody conhece números muito bem, e sabe dizer algumas letras do alfabeto. Não sabe ler, mas aprendeu muitas passagens da Bíblia. Sabe limpar as coisas e deixar tudo brilhando. Cody é cristão, e você pode confiar nele. Ele não rouba nem mente. Estou com câncer e vou morrer logo, e não quero que Cody me veja morrer. Ele chora com muita facilidade. Procurei por toda parte um lugar onde ele morar. Mas disseram que ele tem 21 anos e vai precisar seguir o seu caminho. Por isso, eu estou deixando meu filho na beira da estrada para que Jesus cuide dele. Depois, vou entrar no primeiro hospital que encontrar, onde vou atravessar o rio Jordão e passar para a glória. Não tenho nada para deixar para Cody, nem mesmo o meu carro. Ele virou um ferro-velho depois de todos esses anos. Por favor, seja bondoso com meu filho e não faça nenhum mal a ele. Sinceramente, William Goss.”

Brenda pousou o bilhete amassado no balcão da cozinha e virou-se para Steve. — Veja a data — ela disse. — Esta carta tem mais de dois anos. O pai de Cody já deve ter morrido. Acho... bem, imaginei que se pudéssemos encontrá-lo... tudo ficaria bem. Pensei que se tomássemos conta de Cody e o ajudássemos, as coisas... as coisas voltariam ao normal.

Lágrimas encheram-lhe os olhos. Ela acalentara a mesma esperança para si mesma e para Steve. De uma forma ou de outra, os problemas se resolveriam sozinhos. O pai de Cody apareceria. Todas as lembranças de Nick LeClair se apagariam. Steve e Brenda voltariam a viver como antes. Juntos. Felizes. Unidos.

— Por que você está chorando? — Steve perguntou. A voz dele suavizara um pouco. — Você não esperava que a vida de Cody fosse fácil, pensou? O rapaz estava um trapo quando apareceu aqui. O pai dele está morto, enterrado onde ninguém sabe. Cody não tem mais idade para ficar sob a tutela do Estado, e nenhuma família vai querer adotá-lo. Eu tentei lhe dizer... todo mundo tentou lhe dizer que Cody era um homem sem casa onde morar, não um menino que alguém pudesse socorrer. Ele é igual a qualquer outra pessoa necessitada, excluída, que dorme nas ruas das cidades grandes e pequenas do mundo inteiro. Precisa de um lugar onde morar. De emprego. De transporte. Se você quiser

melhorar a vida de Cody, vai ter de se esforçar muito.

Brenda assentiu com a cabeça. — Tudo o que é bom exige esforço. Estou disposta a fazer qualquer coisa para ajudar Cody. Criei as crianças com todos os altos e baixos. Cuidei de nossa família. Alimentei e vesti todos, rodei quilômetros e mais quilômetros de carro para levá-los a jogos de futebol, beisebol e aulas de dança, sem descuidar das tarefas domésticas. E nós...

Ela olhou para o marido, lembrando-se dos conselhos e das palavras de incentivo de Esther. — Fiz minha parte para ter um bom casamento, Steve. E me esforcei muito para isso. Quero que você saiba que tive muito tempo para pensar, orar e chorar... e estou disposta a fazer de tudo para voltarmos a viver juntos. Talvez não seja da maneira que era. Talvez seja melhor.

Steve concentrou o olhar no lago que reluzia com as tonalidades laranja e azul do pôr do sol, cujos raios douravam as janelas da sala de estar. Ele continuou calado por alguns instantes, com as mandíbulas contraídas e uma pulsação visível na veia do pescoço. Brenda sentiu a intensidade da ira dele. Os muitos anos de convivência ensinaram-na a entender o silêncio do marido, bem como suas palavras. Steve estava furioso. Não lhe perdoara. Não estava disposto a tentar uma reconciliação. Ela entendeu a mensagem ao ver a rigidez dos ombros dele e os punhos cerrados.

Por fim, Steve virou-se para ela. — Você me traiu, Brenda. Não me venha dizer que não houve nada só porque não dormiu com aquele homem. Você queria. E teria feito isso. Entregou seu coração a ele. Despedaçou o nosso casamento.

— Eu sei — ela disse mansamente.

— E não tente racionalizar a coisa jogando a culpa em cima de mim por causa do meu trabalho. Você sabe o que eu faço. Já estive em meu escritório, e viu a carga que carrego. Quando larguei o trabalho de vendedor de autopeças, você me apoiou. Tudo o que fiz teve sua aprovação. De repente, você começou a me acusar. Começou a ficar ressentida comigo e a me tratar como um pano sujo. Não conversava comigo nem tocava em mim.

Steve cerrou os dentes. — E você permitiu que outro homem a tocasse — ele rosnou. — Deixou que a segurasse nos braços quando nem sequer olhava para mim. Eu precisava de você, Brenda. Precisava de você à noite na cama, mas você me evitava. Precisava de você ao meu lado quando voltava para casa depois do trabalho. Que se sentasse em meu colo e me abraçasse como costumava fazer. Mas você nem se aproximava de mim.

Brenda fungou, esforçando-se para reprimir as palavras de recriminação que se acumulavam dentro dela. *Eu também precisava de você, mas você foi embora!*, ela queria gritar para Steve. *Você não estava nem aí comigo, então por que eu deveria estar ao seu lado? Você me deixou de lado! Não me dava a mínima atenção! Abandonou sua esposa!*

Ela, porém, já havia dito tudo isso, muitas vezes. Se Steve tivesse prestado atenção, saberia como ela se sentia. E se não prestou atenção antes, também não prestaria agora. Aquele não era o momento de jogar todas as mágoas em cima dele. Devia dar-lhe a oportunidade de desabafar a raiva que sentia. Ela merecia ouvir tudo aquilo.

— Você sabe que tipo de homem eu sou — Steve disse, cravando os olhos nela. — Me conhece desde os tempos de colégio. Eu precisava de uma esposa presente, sempre ao meu lado para me amparar. Prometi cuidar de você e sustentar minha família, e tenho feito isso. Cumpri minha parte no acordo. Mas você pôs tudo a perder. Tratou o meu amor e a minha fidelidade como lixo!

— Sinto muito — ela sussurrou, enxugando com a mão as faces úmidas. Lembrou-se da esperança de reconstruir um casamento de verão e das pequeninas balsâminas brotando das sementes de anos anteriores. — Reconheço que errei. Reconheço que magoei e enganei você. Sei que quebrei as promessas de nosso casamento. Não posso me defender, nem vou tentar, Steve. Mereço sua ira. Mas gostaria... gostaria muito que você encontrasse uma forma de me perdoar.

— Por que eu deveria? Apresente pelo menos um bom motivo.

— Vou lhe dar três bons motivos — ela respondeu imediatamente. — Nossos filhos. O divórcio seria um baque para eles.

— Nossos filhos não moram mais aqui, Brenda. Têm vida própria, embora você ainda não se tenha dado conta disso. Não precisam de nós nem de nosso pequeno lar feliz. A maioria dos amigos deles tem pais divorciados. A nossa separação poderá abalar um pouco os alicerces deles, mas não vão perecer.

— E quanto aos seus pais? E ao meu pai?

— É a mesma coisa. Eles ficarão decepcionados, mas isso não é motivo para manter este casamento hipócrita.

— Ele não foi sempre hipócrita. Nós nos amávamos. Poderíamos voltar a ser como antes. Mas não vamos conseguir se você não me perdoar. Se não puder fazer isso por sua família ou por mim, faça por você mesmo. Não deixe que o

meu erro o transforme numa pessoa amarga e irada, Steve. E, por favor... por favor, não admita que somos um fracasso.

— Ei! Esta é a carta do meu papai! — Cody entrou de meias na cozinha. — Estava no bolso da minha calça. Quase esqueci dela. O meu papai escreveu antes de me pôr pra fora do carro. Disse que eu tinha 21 anos, e que era tempo de seguir o meu caminho.

Brenda virou-se ao ouvir a voz de Cody e surpreendeu-se ao ver o rapaz. Cody estava reluzente. Os cabelos haviam começado a crescer. Os olhos azuis brilhavam, as faces tinham um tom rosado, e o queixo recém-barbeado parecia liso como seda. Com a camisa nova e a calça *jeans*, ele quase parecia um dos amigos de Justin — talvez um pouco melhor, para dizer a verdade. Tinha consulta marcada com o dentista na semana seguinte, e estava usando a escova de dentes que Brenda lhe comprara.

— O meu papai escreveu que eu sou um bom menino — Cody anunciou, apontando para a carta. — Depois leu para mim. Disse que eu não devo mentir nem roubar porque sou cristão, e sei deixar tudo limpinho. Conheço números e sei repetir os versículos da Bíblia. E o meu papai atravessou o rio e foi para a glória, por isso a gente não vai se ver de novo até o grande dia. Vocês sabem quando vai ser? Tenho muitas saudades dele. Eu comia cachorro-quente com ele.

— Acho que não vai demorar muito — Brenda respondeu. — O importante é você lembrar que o seu papai o amava muito e tinha orgulho de você.

Cody assentiu com a cabeça. — Depois que ele foi embora de carro e me deixou sozinho, eu não sabia o que fazer. Eu chorei. Andei pela estrada, entrei nas cidades. As pessoas gritavam comigo. Um dia, alguns meninos jogaram pedra em mim. Outra vez, uns homens me chamaram para briga, me jogaram no chão e me bateram. Doeu muito. Eu não queria ficar sozinho sem o meu papai. Mas, quando a tempestade caiu, eu encontrei você e o gato cor-de-rosa. Você é cristã.

Brenda passou a mão com carinho no braço fino de Cody. — Agora está tudo bem. Vamos ver o que podemos fazer.

— OK — Cody disse.

— Por que você está carregando os tênis? Precisa calçá-los.

— Eles têm estes fios, está vendo? Não sei amarrar estas coisas. Nunca aprendi.

Brenda pegou os tênis e apontou para um lugar no chão da cozinha. Ambos se sentaram, e ela colocou um tênis num dos pés dele. — Vou amarrar este aqui.

Veja como eu faço e amarre o outro.

— OK — Cody resmungou enquanto enfiava o pé no outro tênis.

— Pegue as duas pontas assim — Brenda disse, demonstrando. — Os fios chamam-se cadarços. Passe um por cima do outro e depois por baixo. Agora puxe.

Cody se atrapalhou com os cordões. Seus dedos se enroscaram e ficaram presos na calça até que, finalmente, Brenda o ajudou a dar o primeiro nó. Recordando as horas em que passara ensinando essa mesma técnica aos filhos, Brenda segurou na mão dele para fazer as voltas e terminar o laço. Quando eles ergueram a cabeça e olharam um para o outro, Cody havia feito um nó tão enrolado que, sem dúvida, só seria desfeito depois de três ou quatro tentativas. Mas ele não cabia em si de alegria.

— Consegui! — ele exclamou. — Ei, eu consegui! — Passou os braços ao redor de Brenda, quase a derrubando no chão da cozinha.

Brenda riu e passou a mão no cabelo curto e grosso de Cody. — Que tal alguns pedaços do nosso bolo favorito de chocolate?

— Eu adoro bolo de chocolate! Triângulo ou quadrado?

— Quadrado, claro. É assim que nós mais gostamos.

Sorrindo, Brenda levantou-se e ajudou Cody a ficar em pé. Ao dirigir-se ao armário, viu Steve parado na porta entre a cozinha e o vestibulo. Ele deu as costas para ela. De cabeça baixa e ombros curvados, ele estava coçando os olhos.

— Steve? — Brenda aproximou-se do marido e pousou a mão no braço dele. Ele estava com a pele fria, trêmulo. — Você está bem?

Steve levantou a cabeça, e Brenda viu que os olhos dele estavam vermelhos. — Você costumava fazer isso — ele conseguiu dizer com voz rouca. — Com as crianças... você as ensinava a amarrar os sapatos.

— Sinto falta deles — ela admitiu. — Está sendo difícil para mim desde que Jessica partiu. Todos foram embora, e... eu fiquei sozinha.

Assentindo com a cabeça, ele cobriu a mão dela com a sua. — Não sei como perdoar você, Brenda. Não consigo parar de pensar no que aconteceu. Não sei como esquecer, como me livrar da raiva.

— Eu também senti raiva, e isso não é bom. Estava me corroendo por dentro. Eu me sentia vazia.

— Foi por isso que entregou o seu coração a outra pessoa?

— Talvez. — Ela fechou os olhos, desejando apagar tudo o que havia feito. — Pode ser.

— Sentiu raiva de mim só porque trabalho muito?

— Por você estar sempre longe de casa. — Ela encostou a cabeça no ombro dele. — Sei que não faz sentido, Steve, mas eu o rejeitei porque me senti abandonada por você. Alguns minutos atrás, você disse que se casou comigo porque precisava muito de mim. Bem, eu me casei com você porque precisava de sua presença. Sentia sua falta. Neste outono, a casa ficou vazia demais, e comecei a sentir que a gente nunca mais conversaria, não passearia juntos nem se sentaria abraçados no sofá.

— É o que eu sempre quis.

— Eu também.

Ele engoliu duro. — Não sei se posso perdoar você, Brenda. Tenho a sensação de que você enfiou uma faca no meu coração e girou a lâmina até ter certeza de que eu estava morto. A ideia de nós juntos novamente... como era antes... parece impossível.

— Podemos tentar?

— Não tenho certeza — ele respondeu.

— Estou disposta. — Ela virou o rosto para ele. — Sei que não vai ser nada fácil. Talvez passem anos antes de voltarmos a ser como antes. Mas estou pronta para fazer esse esforço. Quero tentar apoiar você no seu trabalho como eu fazia. Quero que você tenha sucesso, e estou muito orgulhosa de tudo o que você conseguiu. Eu o respeito, Steve. Você é um homem bom.

Comprimindo os lábios, Steve levantou a cabeça e olhou para o teto. — Você não sabe quanto tempo eu esperei para ouvir essas palavras. Sentir sua mão em meu braço e a cabeça em meu ombro. Acreditar que você não me desprezou.

— Eu o amo, Steve. Nunca deixei de amá-lo. — Temendo a pior reação possível da parte dele, Brenda tomou coragem e passou os braços ao redor do marido. Puxando-o para perto de si, ela segurou-o com firmeza e correu os dedos nas costas dele.

Por fim, ele levantou os braços e passou-os ao redor de Brenda. Apoiando o queixo na cabeça dela, Steve balançou a esposa levemente, como sempre fazia.

— Tudo bem, querida. — Ele sussurrou as palavras no ouvido dela. — Vou tentar... vou tentar.

Através das lágrimas, Brenda avistou Cody vindo na direção deles. Três pratos — cada um contendo um pedaço quadrado esfarelado de bolo de chocolate — equilibravam-se precariamente nas mãos dele. Cody riu deixando à mostra os restos de glacê de chocolate nos cantos da boca.

— Eu também vou tentar! — ele disse, feliz. — Vou tentar comer este bolo de chocolate, porque sei que vai ser bom. Brenda sempre faz os bolos mais gostosos de chocolate, porque ela é cristã. Acho que você também é, Steve, porque me ajudou a pescar peixes. Parecia a história dos cinco pães e dois peixes que todo mundo comeu até ficar de barriga cheia. O meu papai me ensinou isso. “Respondeu Jesus: ‘Eles não precisam ir. Deem-lhes vocês algo para comer’.”[5] E nós três estamos aqui, todos juntos, repartindo nosso bolo de chocolate como Jesus fez!

Brenda pegou um dos pratos antes que o bolo caísse no chão. Entregou-o a Steve e pegou outro. — Obrigada, Cody.

Cody espetou um garfo no bolo. — “Deem-lhes vocês algo para comer.” É assim que o cristão deve ser. E deve perdoar também. Quando aqueles homens estavam batendo em mim, eu repeti muitas vezes. “Sejam misericordiosos, assim como o Pai de vocês é misericordioso. Não julguem, e vocês não serão julgados. Não condenem, e não serão condenados. Perdoem, e serão perdoados.”[6] Isso é muito bom se você quiser ser cristão e passar para a glória no grande dia.

Enquanto Cody comia, Brenda desviou o foco para Steve e viu nos olhos dele uma ternura que desaparecera havia muito tempo.

Sair do escritório e voltar para casa enquanto o sol ainda brilhava passara a ser uma das coisas mais difíceis que Steve já havia feito. Por três dias, ele desviou a atenção da correria e agitação do mercado imobiliário. Chegava cedo em casa para jantar com uma mulher a quem ele próprio não sabia se voltaria a amar verdadeiramente. Disse a Brenda que tentaria, e estava tentando. Decidiu aguardar uma semana, e se a situação não melhorasse — pelo menos um pouco — teria de reavaliar o caso.

Na primeira noite em que ele voltou para casa mais cedo, Brenda surpreendeu-se tanto ao vê-lo que derrubou uma forma de lasanha no chão, e eles tiveram de jantar fora. Na segunda noite, ela fez bifés grelhados acompanhados de batata assada e salada verde.

Agora, na terceira noite — exatamente no ponto culminante das negociações entre um comprador em potencial e o vendedor de uma casa de um milhão de dólares à beira do lago —, ele se obrigou a interromper os trâmites. Desligou o celular, instruiu a secretária a transferir todas as ligações para a manhã seguinte, e apertou o botão que trancava a porta de seu escritório. Depois de dirigir até

Deepwater Cove, cumprimentar Brenda na porta e comer uma boa porção de frango frito, ele empurrou para trás a cadeira pintada em xadrez.

— Vamos andar outra vez como a gente fez ontem! — Cody disse. — Vamos até o lago para ver se Charlie Moore pegou algum peixe.

Conforme Steve ficou sabendo, o rapaz costumava aparecer na porta da frente no momento em que Brenda tirava o jantar do forno. Brenda explicou que, desde a volta de Cody, ele quase sempre se sentava à mesa com ela. Brenda parecia ter substituído o marido por Cody durante as refeições, e Steve havia achado estranho retomar seu lugar tradicional à cabeceira da mesa.

— Eu também gostaria de dar um passeio. — Brenda olhou para Steve, resabiada. — Quer ir conosco?

Se fosse para falar a verdade, Steve teria de recusar. Não queria andar pela vizinhança nem ver os peixes pescados por Charlie Moore. Queria voltar ao escritório para continuar as negociações de uma venda lucrativa. Ou levar um bom cliente para jantar no clube de campo. Aliás, as duas últimas pessoas que ele queria por companhia eram Brenda e Cody.

— Claro. — As palavras saíram forçadas da boca de Steve. — Vou pegar os casacos. Estava um pouco frio lá fora quando vim para casa.

Esforçando-se para ser agradável à sua esposa, mas não se sentindo disposto a isso, Steve pegou os casacos no armário do *closet*. Ajudou Cody a enfiar os braços nas mangas compridas — uma tarefa nada fácil, conforme ficou comprovado. Em seguida, saíram em meio ao lusco-fusco. Cody seguiu na frente enquanto Steve caminhava ao lado da esposa, como era seu dever.

Todas as vezes que pensava no que Brenda havia feito com aquele biscateiro magrela, Steve via um conjunto de flechas apontadas para seu coração. Metade dele queria sacudir a esposa, gritar com ela, fazê-la ajoelhar-se no chão em arrependimento. A outra metade queria perseguir Nick LeClair e desafiá-lo para uma luta. Em vez de ceder àquelas emoções, Steve decidira orgulhar-se de estar agindo com frieza, fazendo o possível para atender aos pedidos de Brenda e permanecer firme ao lado dela.

Era um esforço muito grande, ele sabia. Mas será que não merecia um pouco de crédito? Afinal, quantos homens teriam ido tão longe para tentar salvar um casamento fracassado?

Ele sabia, porém, que a sensação agradável de congratular-se consigo mesmo não duraria muito tempo. A verdade era uma só: o desafio de levar o casamento

adiante tinha pouco encanto. Steve não conseguia impedir que seus pensamentos voassem em círculos — sempre em torno da traição de Brenda e do próprio sofrimento.

— Obrigada por ter chegado mais cedo esta noite para o jantar — Brenda disse enquanto atravessavam o caminho estreito e pavimentado de acesso ao lago. — Parece que tudo voltou a ser como antes, quando eu podia contar com sua presença e preparava uma refeição da qual eu sabia que você iria gostar. Acho que foi difícil para você ter de sair do escritório tão cedo e...

— Não — ele retrucou sem pensar. — Não, você não faz ideia. Hoje, eu estava negociando a venda de uma casa de três pavimentos, sete quartos, dez banheiros e uma piscina, perto de Sunrise Beach. Às dezoito horas em ponto, recebi uma contraoferta do provável comprador, mas decidi que só vou falar com o vendedor amanhã.

— Oh — ela disse humildemente. — Entendo.

Steve suspirou. — Não é fácil, é o que estou dizendo, Brenda. Eu falei que ia tentar, e estou tentando. Veja, cheguei em casa, e agora estamos indo até o lago. Espero que esteja feliz.

Ela caminhou ao lado dele em silêncio.

— Olhe, eu não queria ser tão grosseiro — ele prosseguiu. — Mas veja a minha situação. Fui eu que saí chamuscado dessa história, e agora sou eu que tenho de fazer sacrifícios.

— Quando há um incêndio no casamento — Brenda disse — os dois lados saem chamuscados. Eu fiquei magoada por um período muito longo. Você esteve ausente por tanto tempo que comecei a pensar que me iria acostumar. Mas não me acostumei.

— Eu não estive *ausente*. Não como os sujeitos que pescam ou jogam golfe o tempo todo. Eu estava *trabalhando*, Brenda.

— E existe alguma diferença?

— Claro que existe! Não estou me divertindo. Estou ganhando dinheiro para minha família.

— Você esteve ausente. É só isso que conta.

— Agora estou aqui. O que mais você quer?

Em vez de responder, Brenda abotoou um sorriso no rosto e acenou para Esther Moore, que estava sentada na varanda da casa escovando o cão. Boofer avistou Cody e tentou correr na direção dele, mas Esther segurou-o com força.

— Os animais adoram Cody — Brenda observou. — Acho que Cody é muito gentil com eles.

“Uma forma de mudar de assunto”, Steve pensou. Tudo bem. De qualquer forma, ele não queria falar sobre o casamento. Não havia mais nada a fazer, a não ser tolerar. Tolerar e modificar todo o seu modo de vida.

— Sabe, seria muito bom se eu não fosse o único a me esforçar para manter este casamento, Brenda — ele disse. — Chego cedo em casa, janto com você, faço estes passeios. Estou tentando agir de modo civilizado com você...

— E não tem ideia do que tudo isso significa para mim. Nós gostávamos de passar tempo juntos, lembra? Você me falava do seu trabalho e de todas as pessoas que entravam na loja de autopeças. E agora, eu quero saber o que se passa em sua imobiliária. Quero lhe dar apoio, porque sei que o trabalho é muito importante para você. Todos na comunidade dizem que você é um ótimo vendedor, e fico muito orgulhosa de ser sua esposa. Adoro quando ouço alguém dizer que você é esperto e bem-sucedido. Mas, na maioria das vezes, fico feliz só porque você vem para casa me ver. Eu me sinto... é difícil explicar, Steve... mas eu me sinto *melhor*.

Antes que ele tivesse tempo de retrucar, ela esticou o braço e encostou a mão na dele. Instintivamente, ele segurou a mão dela. Como dois garotos namorando desajeitados, eles seguiram pelo caminho de pedregulhos em direção ao lago, num silêncio forçado.

Steve sentia cada parte da mão de Brenda, como se estivesse pulsando com eletricidade. Os dedos finos dela estavam entrelaçados nos dele, muito maiores. A palma da mão dela pressionava a dele. O cotovelo esbarrava em seu braço. Brenda aproximou-se um pouco mais e encostou o ombro no dele, e ele suspirou fundo.

— Charlie está na ponta do ancoradouro — ela disse em voz baixa. — Já está mostrando sua fieira de pequenos peixes a Cody. Todas as noites eu imagino que Charlie pescou o último peixe que existe por perto do ancoradouro, mas na noite seguinte, ele consegue pescar mais um ou dois.

Steve apertou um pouco mais a mão de Brenda. Era muito bom voltar a andar de mãos dadas com ela. Se ao menos ele tivesse certeza de que o gesto não fazia parte de uma encenação. Ou parte da campanha de Brenda para amenizar a dor de consciência. O coração de Steve batia forte no peito, e ele procurava alguma coisa para dizer, como se o estoque de palavras em sua mente tivesse sido

apagado de repente.

— Esther me contou que ela e Charlie comem tanto peixe que os dois já deveriam ter nadadeiras. — Brenda deu uma risadinha. — Ela e eu ficamos amigas nos últimos dias.

Steve assentiu com a cabeça e conseguiu dizer: — Que bom.

— Ah, veja! Charlie físgou um peixe e está entregando a vara de pescar a Cody!

Brenda largou de repente a mão de Steve e colocou as suas em forma de concha ao redor da boca. — Você vai conseguir, Cody! — ela gritou, saltando na ponta dos pés. — Enrole a linha devagar! Charlie, mostre a ele como girar a manivela!

Feliz da vida, ela voltou a segurar a mão de Steve e apertou-a. Ao ver uma alegria absoluta em seu rosto — e a certeza de que o aperto em sua mão foi sincero desta vez —, ele não pôde deixar de sorrir.

— Vamos! — ela disse, puxando-o pela mão. — Vamos ver Cody tirar o seu primeiro peixe da água. Não é divertido?

Enquanto eles aceleravam o passo, de mãos dadas em direção ao ancoradouro, Steve teve de concordar. *Era* uma espécie de divertimento.

Steve parou perto das bombas de gasolina do lado de fora da Rods-n-Ends duas semanas após sua volta a Deepwater Cove. Ao descer do carro, ele viu Pete Roberts sair de trás do balcão e dirigir-se para a porta. Desta vez, o pensamento de não precisar desmentir boatos para aquele grandalhão, dono da loja, não fez Steve encolher-se de medo.

Sua semana de provação transformara-se em duas. A situação com Brenda ainda estava longe de ser perfeita, mas o fato de chegar cedo em casa fez a diferença. Por isso, naquela manhã no escritório, Steve reuniu-se com os outros corretores e seus funcionários na sala de conferências para avisar que iria para casa às dezoito horas todas as noites. A imobiliária abriria aos sábados, mas os domingos seriam reservados à igreja e à família. As novidades causaram surpresa, e um funcionário reclamou das mudanças, mas Steve recusou-se a ouvir contestações. Sua decisão prevaleceria.

— Ouvi falar que você viajou para Arkansas — Pete disse com voz pausada enquanto andava com passos lentos até as bombas. — O lugar é bonito nesta época do ano. Muitas árvores nas florestas e muitos riachos. Você pescou?

— Um pouco — Steve respondeu. — Eu precisava de uma pausa, de tempo para refletir. Por isso, passei a maior parte dos dias com os pés para cima, descansando.

— Eu não censuro você nem um pouco. Aquela imobiliária sua vai indo de vento em popa. Vejo placas e cartazes seus por toda parte.

— Estamos trabalhando muito, mas decidi fazer uns pequenos ajustes. Chegar em casa mais cedo, folgar aos domingos, visitar os filhos de vez em quando... esse tipo de coisa.

— Folgar aos domingos? Estou surpreso. — Pete cuspiu um pedaço pequeno de fumo para mascar que estava no lado de sua boca. — Pensei que é nesse dia que as pessoas vêm ao lago para ver as propriedades.

Steve encolheu os ombros. — Meus corretores têm as chaves do escritório. Mas você não vai me ver lá.

Pete sorriu. — Gosto do cara que sabe o que quer. Se eu pudesse, também faria a mesma coisa. Pode ser que você não ganhe tanto dinheiro como estava acostumado, mas algumas coisas são mais importantes.

— Brenda e eu tivemos uma conversa. Achei que podemos viver com menos dinheiro. Quando eu vendia autopeças, o dinheiro mal dava para atravessar o mês. Agora a faculdade dos filhos já está liquidada, e só temos duas bocas em casa para comer.

— E aquele rapaz? Aquele que é meio... — Pete apontou para a orelha com o dedo indicador e girou-o. — A gente não gosta de dizer que uma pessoa é abobalhada ou retardada, mas como explicar como ele é?

— Cody? Ele é lento de raciocínio, mas acho que não teve muitas oportunidades de mostrar o que é capaz de fazer. Brenda está se esforçando para ensinar algumas coisas a ele. Vai ver que é mais esperto do que todos nós imaginamos.

— Sério? Isso deixa todo mundo grilado! A gente pensa que encontrou um cara burro e de repente ele dá uma guinada e deixa o pessoal de boca aberta. Igual a você quando disse que vai fechar a imobiliária aos domingos. — Pete encostou-se na bomba de gasolina e gesticulou em direção ao centro comercial. — Você já botou a ideia na cabeça de comprar aquele lugar? O cara da locadora recebe caixas todos os dias. Acho que ele vai abrir a loja logo. E o quiropraxista está ameaçando fechar. Ele avisou que está procurando outras formas de dar um jeito. Está uma confusão danada.

Steve acabou de abastecer o tanque do carro e fechou-o com a tampa. — Pensei seriamente em comprar o centro comercial — contou a Pete. — Até arranjei alguém para financiar. Uma pessoa de St. Louis veio ao lago para tratar dos detalhes comigo, e achei que ia dar certo. Tivemos algumas reuniões, mas desisti do negócio.

— Não gostou das condições, hein?

— Não foi bem isso. O meu tempo pesou muito na decisão. Se eu entrasse no ramo imobiliário comercial, teria de trabalhar mais horas do que trabalho agora. Da mesma forma que todos vocês, detesto pensar que uma locadora de filmes para adultos está se mudando para Tranquility, mas não posso assumir outras responsabilidades.

Pete assentiu com a cabeça. — Se eu tivesse a grana, até que podia comprar, mas não vale a pena. Passei os melhores anos da minha vida gastando tudo o que ganhava. Sacrifiquei dois casamentos e a minha saúde, tudo por causa da bebedeira. Minha segunda esposa, quando ela me deixou, me disse que estava casada com a cerveja. Aquilo mexeu comigo, sabe? *Casada com a cerveja*. Mas ela

estava certa... Eu amava mais a bebida do que amava minha esposa, mais do que eu me amava. Agora estou aqui tentando ganhar a vida vendendo iscas vivas, gasolina e cachorro-quente.

Embora a história de Pete fosse diferente da sua, Steve relacionou uma com a outra. Brenda o acusou de estar casado com seu trabalho, e ele não pôde negar que amava vender propriedades. Era quase um vício — preparar *outdoor*, fazer pedidos de cartazes, convencer vendedores, atrair compradores, finalizar vendas.

Enquanto pensava na vocação à qual dedicara tempo, energia e paixão, seu olhar desviou-se para o salão de beleza ao lado da Rods-n-Ends. Antes de seu último corte de cabelo, um grupo de clientes assíduas de Patsy o arrastara à sala de chá para falar de suas preocupações a respeito da locadora. Na ocasião, Steve quase não lhes deu atenção. Mas agora se lembrava das palavras de Kim Finley: *“Se um homem deseja uma mulher verdadeira para atender às suas necessidades, precisa fazer a parte dele”*. Steve sempre considerou que “sua parte” era ganhar dinheiro e sustentar a família. Mas não era isso que aquelas mulheres queriam.

“As mulheres verdadeiras querem ser amadas e valorizadas. Não querem ser tratadas como objeto”, Patsy Pringle dissera. Esther Moore se intrometera na conversa para dar sua opinião sobre os homens: *“Meu marido aprendeu que precisa me dar atenção, muita atenção mesmo, se quiser que eu sinta um pouco de afeto por ele”*. Até Kim Finley, uma mulher de poucas palavras, emitira uma opinião sobre o que as mulheres realmente querem. Descreveu como Derek a ajudava nos serviços da casa e fazia de tudo para facilitar a vida dela, apesar de seu árduo trabalho na Patrulha Aquática: *“Derek está sempre tentando descobrir como ser um marido melhor”*.

“Regras muito rigorosas”, Steve pensou. Mas, se os outros homens haviam aprendido a agradar à esposa por que ele não poderia? Com muito esforço, Pete Roberts conseguiu abandonar tudo o que estava destruindo sua saúde e prejudicando seus relacionamentos. Steve começou a perceber que estava enfrentando desafios semelhantes na tentativa de consertar seu casamento. O primeiro passo foi chegar mais cedo em casa e passar mais tempo com Brenda. Embora, a princípio, aquilo parecesse impossível, ele estava aprendendo a gostar das caminhadas noturnas ao lado de Brenda. Imaginou que todos os passos seguintes também seriam difíceis e exigiriam muito esforço, mas ele nunca recuara diante de obstáculos.

Lembrando-se do arrependimento de Pete ao lhe contar que havia

desperdiçado tantos anos de sua vida, Steve deu um tapinha no ombro do grandalhão. — Não seja tão duro consigo mesmo, Pete. Você deu uma guinada na vida, é o mínimo que eu posso dizer. Você não bebe, trabalha muito, e tenho observado que vai à igreja todos os domingos. Acho até que conquistou o coração de Patsy Pringle.

Pete sacudiu a cabeça, rindo. — Nem pensar! Aquela mulher é mais teimosa, mais cabeça dura do que eu, pra não dizer outra coisa. Droga, a gente só fala de negócios desde o dia em que construí aquela parede entre a minha loja e a dela. Mas ela não me dá a mínima.

— Não desista — Steve insistiu com Pete enquanto entrava no carro. — Se um dia desses nós dois pararmos para dar mais atenção às mulheres e passar mais tempo com elas, vamos saber exatamente o que elas esperam de um homem.

— Gostei do conselho — disse Pete, acenando enquanto Steve saía do estacionamento. — Vou tentar não esquecer.

— **Misericórdia, vejam quem acaba** de entrar por aquela porta! — Patsy Pringle exclamou de seu local de trabalho no Assim Como Estou. — Se aquele ali não for o rapaz mais bonito do mundo, vou quebrar a cara.

Cody parou, com ar de perplexidade no rosto. — Não quero que você fique machucada, Patsy.

— É apenas um modo de falar — Brenda lhe disse. — Ela acha que você está muito bonito.

— É porque tomo uma ducha todos os dias — ele avisou em voz alta para todos ouvirem. — Não tenho mais nenhum piolho na cabeça, e uso roupa limpa e estou aprendendo a amarrar os meus sapatos.

— Acredito — Patsy retrucou. — Uma ducha todos os dias? Vejam só, é a melhor notícia que recebi neste século. Aprendeu também a amarrar os sapatos? Tem certeza de que o seu nome é Cody Goss?

Ele deu uma risadinha. — Você me conhece, Patsy Pringle.

— E estou muito feliz. — Ela sorriu ao ver Brenda Hansen, que aos poucos voltava a ser a antiga Brenda. — O que vocês dois estão fazendo aqui hoje? Será que eu dei outra mancada e esqueci de consultar minha agenda?

— Hoje é quarta-feira — Brenda lembrou-a. — Temos uma reunião do CCS.

— Clube de Chá das Senhoras — Cody disse. — É só para mulheres, mas

Brenda disse que eu podia vir hoje. Quero saber se você tem bolo de chocolate, porque o meu papai disse...

— As outras já chegaram? — Brenda perguntou, interrompendo a cantilena de Cody sobre os santos benefícios daquele bolo. — Esther passou em casa hoje, em seu carrinho de golfe, para me lembrar da reunião.

— Vão chegar a qualquer momento — Patsy cantarolou. — Aliás, Kim já deve ter chegado. Esqueci da reunião, mas vou ver se há alguma manicure livre para fazer as mãos e os pés da minha cliente das quinze horas. Estamos sempre nos revezando.

Brenda conduziu Cody à sala de chá, onde Kim estava folheando uma revista. Ela e Cody cumprimentaram Kim, deixaram seus pertences na cadeira e dirigiram-se ao local onde Patsy havia instalado o balcão e a vasilha com água quente. Brenda escolheu um docinho de manteiga de amendoim e chá inglês enquanto Cody passava pela tortura de não saber se escolhia uma fatia de torta de nozes ou de maçã.

— Acho que logo a escola vai fechar para as férias de verão — Brenda comentou com Kim ao retornar para a mesa. — Lembro que meus filhos não viam a hora de entrar de férias. Ficavam muito alvoroçados e entusiasmados, mas lá pela metade de agosto já estavam prontos para voltar à escola. Queriam rever os amigos.

Kim, a mulher de cabelos escuros, fechou a revista e mexeu o chá. — Eles vão voltar logo da faculdade?

Brenda desviou o olhar por um instante, engolindo o sofrimento. Não era mais tão forte, mas ainda doía. — Jennifer só vai terminar sua missão na África no fim de agosto. Ela nos enviou um recado há alguns dias dizendo que finalmente tomou a decisão de dedicar-se à missão em tempo integral.

— Ela vai ser missionária? Vai morar em outro país pelo resto da vida?

— É o que ela diz. — Brenda pensou por alguns momentos em sua encantadora filha mais velha, de cabelos dourados. Tão dedicada e altruísta. O que Jennifer pensaria se soubesse o que a mãe havia feito? Ficaria também muito chocada se soubesse que Brenda deixou de ir à igreja por algum tempo. A ideia de que os pais poderiam se separar — até mesmo se divorciar — causaria sério impacto no modo de Jennifer enxergar a vida. Dos três filhos, era o rosto de Jennifer que Brenda mais via quando pensava no incidente com Nick LeClair. Lutando para conter as emoções represadas, ela tomou um gole de chá.

— Jennifer acredita que Deus a chamou para lecionar num internato para

crianças missionárias — Brenda informou a Kim. — Já está preparando a papelada para entrar num seminário, no Texas. Quando ela tirou diploma de professora, imaginei que lecionaria numa classe de jardim de infância, lotada de crianças aqui no Missouri. Mas, claro, não era isso que o Senhor tinha em mente.

— Nunca pensei que uma moça solteira quisesse ser missionária — Kim disse. — Vocês devem estar muito orgulhosos de sua filha.

— Estamos, mas sentimos muita saudade dela. Justin e Jessica avisaram que vão passar o verão em Springfield. Jessica quer ter algumas aulas extras, para tirar o diploma mais cedo.

— Jessica? Eu ainda a vejo correndo na beira do lago com suas amigas. Garotas magrinhas em trajes de banho, rindo despreocupadas. É difícil imaginar que ela já tenha idade suficiente para pensar em receber diploma na faculdade.

Brenda assentiu com a cabeça.

— E Justin?

— Acredite ou não, ele conseguiu emprego numa revendedora de carros em Springfield. Continua tão desligado que achei que ninguém o contrataria, mas acho que ele convenceu o pessoal. A princípio, vai ficar manobrando carros pra lá e pra cá, esse tipo de coisa. Mas ele espera trabalhar como vendedor no fim do verão.

— O garoto puxou ao pai — Kim afirmou. — Andam dizendo que Steve vai ganhar o prêmio de Corretor do Ano e que sua imobiliária também vai ser homenageada no jantar da Câmara do Comércio neste Natal. A propósito, como vai Steve? Ouvi dizer que viajou a Arkansas a negócios.

Brenda já se preparara o suficiente para essa pergunta e tinha resposta na ponta da língua. — Ele se afastou alguns dias para pensar um pouco no trabalho e nas consequências que ele estava causando em sua vida. Decidiu trabalhar menos horas por dia e fechar a imobiliária aos domingos.

— Puxa, que mudança radical! — Os olhos de Kim se enterneceram. — E *você*, Brenda, como está? Quando o CCS visitou sua casa naquele dia que cortamos o cabelo de Cody, fiquei preocupada com sua aparência.

— Estou melhor, acho. Pelo menos... não estou passando a maior parte do dia na cadeira de balanço. Vocês todas me ajudaram muito quando me forçaram a sair de lá e me ocupar com alguma coisa. A vida não tem sido fácil nestes últimos tempos. As crianças foram embora de casa, e a situação começou a

parecer estranha, confusa... sufocante.

— Entendo, pelo menos um pouco. Durante o divórcio, caí em depressão. Tive de fazer muito esforço para me recuperar. Agora estamos enfrentando um problema capaz de me derrubar novamente. Preciso de suas orações.

— O que está havendo, Kim? — Brenda inclinou-se para a frente e colocou os dedos sobre a mão de Kim. — Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Trata-se de Luke — ela respondeu. — Nós o levamos a St. Louis. Os médicos fizeram todos os tipos de exames. Parece que o organismo dele não está funcionando direito... o problema é com o pâncreas e os níveis da glândula endócrina. Nunca ouvi falar disso, Brenda. Eles acham que Luke tem diabetes.

— Oh, Kim. Sinto muito.

Kim começou a falar novamente, mas foi interrompida com a chegada de Esther Moore e Ashley Hanes. Depois de escolher a torta que queria comer, Cody pegou uma cadeira e sentou-se.

— Senhoras — Patsy disse, colocando a xícara de chá na mesa para reunir-se ao grupo — o rosto de vocês está tão triste que parece um bolo esfarelado.

— Bolo de chocolate? — Cody perguntou. — Porque o meu papai disse que...

Imediatamente, todas as mulheres começaram a falar juntas para abafar a cantilena de Cody.

Ashley encarregou-se de dar uma explicação. — É por causa de Luke — ela disse a Patsy. — Os médicos em St. Louis disseram que ele tem diabetes.

— Oh, céus! — Patsy exclamou, passando o braço ao redor dos ombros de Kim e apertando-os. — Agora entendo por que você mal ergueu os olhos quando entrou no salão, meu bem. O que podemos fazer para ajudá-la?

— Derek e eu ainda não sabemos o que fazer — Kim respondeu. — Nós dois trabalhamos muitas horas por dia...

— Você trabalha pro dentista — Cody interrompeu. — Eu vi você lá. Uma mulher limpou os meus dentes. Vejam. — Ele arreganhou os dentes recém-escovados e polidos para todas admirarem.

— Que bom, Cody — Patsy disse — mas acho que este é um ótimo momento para agradecermos tudo isso ao Senhor. Se ninguém se importar, vou orar em voz alta, e vocês poderão me acompanhar ou falar com Deus em silêncio. Vamos pedir por Luke e seu diabetes, pelo recente desânimo de Brenda e por minha atitude em relação aos meus vizinhos do centro comercial... especialmente por essa locadora que quer se instalar aqui.

— E por mim — Ashley disse, desta vez com voz tímida. — Por mim e por Brad.

Todos se viraram em sua direção, mas ela abaixou os olhos. Patsy curvou a cabeça e começou a orar. Enquanto ela orava por Luke e pela família Finley, Brenda percebeu que Cody se movimentou na cadeira ao lado. Ela não queria abrir os olhos, mas a ideia de que Cody pudesse fugir novamente a preocupou. Mesmo assim, precisava concentrar a atenção nessa conversa com Deus, acompanhada por todas as mulheres. Patsy tinha uma forma de falar com o Senhor que transmitia a Brenda a sensação de que ele estava sentado ali com o grupo do Clube de Chá das Senhoras.

E ela começou a pensar que ele estava realmente ali. *“Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles”*.^[7] O versículo da Bíblia que Brenda aprendera tantos anos atrás era verdadeiro, ela notou. Nunca duvidou disso, apesar de ter se afastado do caminho estreito. A princípio, seu instinto foi o de esconder-se embaixo da mesa diante da ideia de que o Espírito de Cristo estava ali no salão, olhando para ela, conhecendo cada detalhe de sua vida, ciente de tudo o que ela havia pensado e feito na última primavera. De repente... tão logo voltou a derramar mais uma vez toda a sua vergonha em silêncio diante dele e pedir-lhe perdão, Brenda foi inundada por uma onda de alívio.

Apesar do mal-estar, solidão, depressão, raiva e falta de esperança que ela sentiu — e, às vezes, ainda sentia —, Brenda sabia que Deus estava com ela, concedendo-lhe perdão, sustentando-a e cercando-a com pessoas maravilhosas como aquelas mulheres no salão de Patsy. Brenda se deu conta de que não mais precisava mencionar seus erros ao Senhor e pedir-lhe perdão. Deus já havia apagado tudo. Ela gostaria muito que também fosse fácil assim com Steve.

Quando Patsy terminou de orar por todos, e as mulheres disseram “Amém”, Brenda levantou a cabeça e viu que todas elas estavam chorando. Patsy levantou-se para pegar uma caixa de lenços de papel em seu local de trabalho, mas seu grito de surpresa assustou todas as mulheres, e elas pararam de chorar.

— Glória seja dada! — ela exclamou. — Cody, minha querida criança, o que você está fazendo aqui? Vou deixar tudo limpo daqui a um minuto. Volte para tomar chá conosco.

Brenda ficou em pé, sentindo um nó no estômago de preocupação ao ver o rapaz levantando-se do chão, com uma vassoura e uma pá de lixo nas mãos. Seus olhos azuis concentraram-se nela, depois em Patsy e depois na vassoura.

— Gosto de deixar tudo limpinho — ele explicou a Patsy. — O meu papai disse que eu era muito bom nisso. Sei varrer melhor do que qualquer pessoa, e gosto de lavar janelas e espelhos.

— Mas você não precisa fazer isso *aqui* — Patsy insistiu. — Você é nosso convidado. Eu não sabia que você tinha ido ao meu local de trabalho enquanto eu estava orando. Minha mãe sempre dizia que se passasse um tornado e levasse a casa embora enquanto eu conversava com Deus, eu não perceberia. Mas deixe essa bagunça por minha conta, Cody. Estou acostumada a limpar tudo.

— Mas eu sei deixar tudo limpinho — Cody reiterou.

Brenda aproximou-se deles, esperando poder resolver a confusão. — Cody lavou minhas janelas umas quinze vezes desde que voltou a Deepwater Cove — ela contou a Patsy. — Fez um belo trabalho. Na semana passada, encontrou uma vassoura velha na pilha de objetos a serem queimados, perto do lago, e agora varre minha varanda três a quatro vezes ao dia.

— A minha também! — Esther disse em voz alta, movimentando o guardanapo no ar. — Ele queria lavar o carrinho de golfe, mas Charlie pôs o rapaz para correr. Charlie gosta de lavar e polir o carrinho. Ora, Patsy, deixe Cody varrer o chão. Precisamos conversar sobre o problema da locadora. Estou pensando em organizar um protesto com cartazes, faixas e megafones, tudo. Já pensei também em imprimir panfletos, e acho que podemos fazer isso no computador de Charlie. Enquanto a gente se reúne aqui, dê uma chance ao rapaz de fazer o que ele gosta.

Patsy olhou de relance para Brenda, à espera de sua reação. — Ele não vai fazer nada de errado — Brenda garantiu-lhe. — Cody é muito cuidadoso.

Os dentes do rapaz, submetidos a um recente branqueamento, brilharam quando ele sorriu. — Eu sou sempre cuidadoso. E não mexo em nenhum botão. O meu papai disse que eu não devo apertar nenhum botão, porque pode dar choque e queimar a gente que nem peru no Dia de Ação de Graças.

— Tem certeza de que não quer voltar à mesa, Cody? — Patsy perguntou. — Vou lhe dar outro doce, e você poderá ouvir nossa conversa.

Cody curvou o corpo. — A reunião é do Clube de Chá das *Senhoras* — ele cochichou no ouvido dela. — *Senhoras*. Eu sei o que isso significa. Significa mulheres. E eu não sou mulher. Sou homem, tenho 21 anos, tempo de seguir o meu caminho.

— Claro — ela confirmou. — Eu diria que você é um rapaz muito elegante.

Bem, se isso faz você feliz, vá em frente e varra tudo o que quiser. Há um balde com produtos de limpeza e esponjas embaixo da pia lá no fundo. Só não atrapalhe os outros cabeleireiros quando estiverem trabalhando, e deixe os clientes ler as revistas se não quiserem conversar.

— Entendido — Cody disse, feliz da vida. — Eu sei fazer isso. Sei fazer esse serviço direitinho.

Brenda pensou em dez recomendações que poderia dar a Cody; lembrou-se, então, de ter liberado os filhos bem antes de achar que eles estavam prontos para ser independentes. Ao reencontrar-se com Patsy à mesa, ela agradeceu a oportunidade que a amiga deu a Cody de fazer alguma coisa útil.

— Útil? — Patsy repetiu, levantando uma das sobrancelhas marrons cuidadosamente delineada. — O rapaz é um presente de Deus.

— O pessoal desta comunidade não esperava receber um presente tão bom — Esther declarou. — Eu sempre soube que havia uma ótima pessoa escondida embaixo de todo aquele cabelo. Agora, senhoras, vamos falar da minha marcha de protesto...

— Espere um pouco. — Patsy cruzou os braços como sempre fazia quando queria falar de negócios. — Antes, tenho uma proposta a fazer ao clube.

— Qual é? — Ashley perguntou.

— Ei, meninas, não é assim que as reuniões de um clube funcionam — Esther protestou. — Temos de seguir algumas regras de procedimento ou coisa parecida. Precisamos conseguir uma cópia do Estatuto das Associações Cívicas.

Patsy riu com desdém. — Deixe isso pra lá. Eu não vou atrás dessas bobagens. Tenho uma coisa a dizer, e minha próxima cliente vai chegar em quinze minutos. E então, vocês querem ouvir ou não a minha proposta?

— Está bem — Esther concordou. — Se é assim que você prefere... Eu continuo a achar que devemos seguir algumas regras.

Depois de olhar por cima do ombro, Patsy inclinou-se para a frente. — Proponho mudar o nome de nosso clube. Cody me ajudou a ver as coisas com mais clareza. O nome de Clube de Chá das Senhoras dá ideia de um grupo de gente bitolada. Eu não me importo se a pessoa é homem, mulher, vermelha, branca, negra ou azul, se é esperta ou lerda, alta ou baixa, gorda ou magra. Temos de aceitar qualquer um que queira ser membro do clube.

— Mas o CCS tem uma característica especial — Kim interveio. — Todas as vezes que penso em vocês, vejo a palavra *amor* escrita no rosto de cada uma.

— Eu também — Ashley disse. — Gosto do nome escolhido.

— Então, que tal um nome parecido...? — Patsy pensou por alguns instantes. — As reuniões são feitas na sala de chá, e isso é muito importante. E temos também um clube. Por isso...

— Clube dos Amantes de Chá — Brenda aparteou.

— É isso aí! — Patsy gritou. — Perfeito. A única regra ou exigência do nosso clube é gostar muito de chá. E podemos aceitar quem também goste de café.

Ashley levantou sua xícara, e todas brindaram. — Ao Clube dos Amantes de Chá — ela disse. — Que cada uma de nós tenha muito amor pra dar.

As mulheres riram enquanto as xícaras de porcelana tilintavam.

— Neste caso — Esther disse — recomendo incluir um novo membro imediatamente.

O grupo virou-se no mesmo instante, e todos os olhares se dirigiram para o rapaz alto e bem-apessoado que lustrava o local de trabalho de Patsy, sem se esquecer de admirar seus dentes brancos.

— Ao nosso membro mais recente — Kim disse, levantando sua xícara pela segunda vez. — Este brinde é para Cody Goss.

Depois de tomar um gole de chá, Esther inclinou-se para a frente e disse: — E agora, senhoras... e cavalheiro... tenho um plano para nos livrarmos daquela locadora.

Steve olhou no espelho retrovisor enquanto dirigia cuidadosamente o carro na rodovia. A imagem que viu de relance o assustou e o fez olhar mais uma vez no retrovisor por um instante. Não dormia bem desde sua volta a Deepwater Cove, mas não imaginava que estivesse com uma aparência tão desfigurada. Voltando a prestar atenção na estrada, ele orou para continuar a cumprir sua parte no acordo que fizera com a esposa.

Steve dissera a Brenda que *tentaria*. Juntos, eles se esforçariam para restaurar o relacionamento entre ambos e reconstruir o casamento. A partir de então, ele chegava mais cedo em casa todos os dias, jantava com a esposa e Cody, caminhava com ela pela vizinhança ao anoitecer e fazia o possível para ser agradável.

No entanto, em várias ocasiões ao longo do dia, sua mente era assaltada pelo fogo cruzado de duas batalhas. A primeira era bloquear o nome de Nick LeClair, apagar a imagem mental de Brenda nos braços de outro homem. A segunda era esforçar-se ao máximo para amar sua esposa por tudo o que ela havia sido, embora uma parte dele desejasse desprezá-la por ter cometido um erro que o magoara profundamente.

Steve ouvira o pastor Andrew dizer que o perdão era uma decisão, não um sentimento. Para Steve, tratava-se de um ótimo conceito, porém ele jamais havia recebido uma ofensa capaz de desestruturar sua vida.

Era difícil. Às vezes, difícil demais. Havia uma barreira em seu caminho, e ele nem sequer sabia como chamá-la. No entanto, deparava-se com ela todas as vezes que tentava avançar.

Quando não estava distraído com o trabalho, um jornal, um livro ou a televisão, ele lutava contra o reflexo que parecia querer sufocá-lo. A ira e a mágoa haviam formado uma bola que se alojou em seu interior, e ele não sabia como livrar-se dela. Precisava dizer alguma coisa, mas não sabia ao certo o quê. Dizia respeito a Brenda... mas dizia respeito a ele também. Talvez parte do problema fosse responsabilidade sua. Haveria alguma verdade nas acusações de Brenda de que ele a trocara pelo trabalho?

Por mais que ele tentasse separar as coisas, a lembrança da traição de Brenda não lhe saía da mente. Por fim ele se deu conta de que não havia mais nada a

fazer, a não ser orar. E era o que estava fazendo naquele momento.

No entanto, ao entrar na garagem de casa, Steve percebeu que a oração não estava surtindo efeito. Ele esperou a porta basculante se fechar e saiu do carro. Tudo em que confiava havia desabado num minuto: sua esposa, Deus, e até a confiança em si mesmo como marido fiel e bom pai de família.

Pousando o braço no teto do carro, Steve tentou mais uma vez encontrar palavras para orar. Mas só conseguiu dizer do fundo de seu íntimo: “Por quê”?

Sem ouvir nenhuma resposta, Steve encostou a cabeça no braço e fechou os olhos. Naquele momento, um versículo da carta de Paulo aos Romanos levantou a densa neblina em seu cérebro. Embora a passagem não fizesse muito sentido no passado, agora ele entendia exatamente o que o apóstolo quis dizer quando escreveu sobre as pessoas que não sabiam orar nem pelo que orar. Paulo afirmou que, em tais situações, o Espírito Santo ora pelos crentes com gemidos inexprimíveis.

Steve encontrou alívio ao saber que o Espírito sabia perfeitamente quais eram as suas necessidades e intercedia por ele a Deus. Isso, porém, não resolveu o problema que Steve enfrentava todas as noites após o trabalho. Tinha de entrar em sua casa e ficar frente a frente com uma mulher que mal considerava uma esposa. Desde que ele retornou de Arkansas, Brenda fazia o possível para ser animada, gentil e prestativa, mas o coração de Steve parecia um grande bloco de gelo.

Ao empurrar a porta entre a garagem e a cozinha, ele sentiu imediatamente o aroma do prato que enfeitava a mesa da família Hansen todas as primaveras. Tão logo soube que era época de aspargos frescos, Brenda preparou uma vasilha enorme de macarrão primavera. Mas, em vez de despertar o apetite, o aroma provocou uma pontada de tristeza no peito de Steve. Todos aqueles anos, todo aquele amor...

— Ei, é você mesmo? — Brenda cantarolou diante da tábua de cortar legumes. — Acabei de pôr a água para ferver e cortei tudo, menos o manjeriço. Sinta o cheiro! — Aproximando-se dele, ela levou um ramo de manjeriço até perto do nariz dele.

Steve cheirou e forçou um sorriso. — Bom — ele disse.

— Foi Charlie Moore quem me deu. — Ela voltou ao balcão e continuou a falar. — O aspargo também é da horta dele. Esther me ouviu mencionar pasta primavera na reunião de hoje do CAC e insistiu em me dar uma porção maior do que somos capazes de consumir.

— Oh — Steve conseguiu dizer.

— Você não vai acreditar no que Esther inventou desta vez. Ela quer que todos nós participemos de uma marcha de protesto em frente à nova locadora no centro comercial de Tranquility. A locadora ainda não foi aberta, mas Esther conseguiu um megafone, e descobriu um jeito de imprimir panfletos. Charlie vai colocar faixas em volta de seu carrinho de golfe e passar várias vezes diante do estacionamento, tocando a buzina. Nós vamos seguir atrás dele carregando cartazes.

Ao perceber que não poderia fugir do assunto — nem era essa a sua intenção —, Steve colocou a mala no chão. — Quem vai participar desse protesto?

— O CAC. Eu já lhe contei, lembra-se? Nós nos reunimos no Assim Como Estou. Mudamos o nome do clube. Era Clube de Chá das Senhoras, mas agora é Clube dos Amantes de Chá, e Cody também faz parte dele. Você acha que este tomate está fresco?

Brenda atravessou a cozinha e voltou a aproximar-se de Steve. Ele examinou o tomate, no qual havia um furo suspeito. — Está bichado ou foi bicado por um passarinho.

— Não vou correr riscos — ela disse, afastando-se dele e jogando o tomate na lata de lixo. — Por falar em clube de chá, eu já lhe contei que Ashley Hanes e eu estamos fazendo pedras para colares? Vamos dar essas pedras de presente no Natal. A propósito, Ashley e Brad nos convidaram para jantar na casa deles no domingo. E Brad concordou em construir uma ponte sobre o encanamento de esgoto.

Enquanto Brenda falava, Steve analisou-a. Lembrou-se das semanas em que ela se arrastava de roupão pela casa, e ele quase desejou ver aquela mulher de volta, para amenizar seu sofrimento.

Hoje Brenda parecia bonita, ele teve de admitir. Os cabelos loiros estavam encantadores e macios, cortados como ele gostava. Ela usava uma camiseta rosa-clara e *shorts*. Seus pés sempre o intrigaram com seus dedos pequeninos e esmalte rosado nas unhas.

Ao longo do namoro e casamento, a figura pequena de Brenda e suas pernas bem torneadas sempre mexeram com ele. Se não estivesse tão confuso, Steve atinou, poderia voltar a ter os mesmos sentimentos por ela, quando seu coração começava a bater acelerado e as mãos obedeciam ao instinto de acariciar-lhe os ombros e percorrer seus braços sedosos. Brenda o abraçara impulsivamente uma

vez, e eles se habituaram a andar de mãos dadas, mas ela continuava a manter-se inflexível na cama, e Steve nunca tentou tocá-la.

— Nenhuma de nós acreditou que ele pudesse fazer um trabalho tão fantástico — Brenda estava dizendo quando Steve voltou a dar-lhe atenção. — Ele lustrou todos os espelhos, varreu o chão, escovou as pias e lavou o cômodo dos fundos... tudo isso durante a reunião. Patsy ficou abismada. Cody queria continuar a trabalhar, por isso eu disse que seria melhor eu voltar para casa e começar a preparar a massa. Patsy convidou-o para jantar fora com ela e depois vai trazê-lo aqui. Não é maravilhoso?

— Cody? — ele perguntou.

— Você viu como ele lavou várias vezes as nossas janelas. Cody parece uma máquina quando começa a trabalhar. Esther pediu que ele bata os tapetes da casa dela e tire o pó dos móveis. Disse que vai pagar um salário mínimo a ele.

Surpreso ao ouvir tanta animação na voz de Brenda, Steve disse instintivamente. — Cody poderia limpar as salas da imobiliária para mim. Aquela mulher que contratei costuma faltar muito. Acho que está tomando bolinhas. Ela tem uns tiques nervosos estranhos.

— Sério? Isso é terrível. Mas bom para Cody. — Os olhos verdes de Brenda brilharam quando ela olhou para Steve. — Você vai mesmo contratá-lo para fazer a limpeza na imobiliária? Posso levá-lo todas as tardes...

— E ele volta comigo à noite.

— Oh, querido! — Brenda passou os braços ao redor de Steve e beijou-o no rosto. Ao se dar conta do que havia feito, ela afastou-se rapidamente. — É muita bondade sua. Acho que Cody pode fazer muita coisa se tiver uma chance de tentar.

Ainda zozzo por causa do beijo, Steve descobriu que não conseguia proferir nenhuma palavra audível. Brenda o abraçara e o beijara. Como nos velhos tempos.

Ele precisava se sentar.

— Vou para a sala de estar — ele gritou por cima do ombro.

Será que queria o afeto de Brenda? Steve afundou em sua cadeira favorita e encostou a cabeça no espaldar. Tentar agradar à esposa significava cortar lucros no trabalho e irritar alguns de seus corretores. Um deles já havia pedido demissão por ter encontrado outro lugar onde trabalhar. As perdas e os problemas valeriam a pena? Os sacrifícios compensariam?

— Não sei o que pensar dessa marcha de protesto — Brenda disse da

cozinha.

Ela costumava falar de longe enquanto ele folheava o jornal da região do lago, conferindo seus anúncios e examinando os dos concorrentes. “A situação parece normal demais. Estranhamente normal”, Steve pensou, fechando os olhos e tentando relaxar.

— Eu não me importo de fazer algum tipo de declaração em público — ela estava dizendo. — Mas duvido que uma marcha de protesto possa surtir efeito. Pete Roberts contou a Patsy que o novo inquilino está recebendo caixas de materiais em sua loja todos os dias. Nada vai deter aquele homem. Pode prejudicar o roteiro do ônibus escolar. Ah, e eu tenho más notícias. Luke Lockwood, um dos gêmeos bonitinhos, lembra-se? Bem, parece que ele sofre de diabetes. Do pior tipo. Kim nos contou hoje na reunião do clube. Fiquei com muita pena dela. Nossos filhos tiveram problemas corriqueiros, como resfriados e uma pequena fratura de vez em quando, mas nunca sofreram nada sério. Prometi orar pelos Finleys, e o clube quer que a gente faça o que puder para ajudá-los. Você sabe alguma coisa a respeito de diabetes? Não é seu primo que sofre dessa doença?

Steve limpou a garganta. — É, Robbie. Ele não fala muito disso.

— Kim estava apavorada. — O tom de voz de Brenda subiu de repente. Steve abriu os olhos e viu que ela havia entrado na sala de estar. E segurava um copo. — Quer chá gelado?

Ele pegou o copo e colocou-o na mesa ao lado da cadeira. — Muito obrigado.

Ela parou ali por alguns instantes em silêncio. Em seguida, endireitou os ombros, rodeou a cadeira e sentou-se no colo do marido. — Conte-me como foi o seu dia — disse com a cabeça encostada no pescoço dele. — Vendeu alguma casa?

Steve não conseguiu se movimentar. Aguardara esse momento com grande ansiedade. Desejara-o fisicamente. E agora lá estava ela em seu colo, aconchegada a ele. Mesmo assim, ele continuou frio, tenso, incapaz de se mexer.

— Não — Steve respondeu. — Hoje não.

— Mostrou alguma casa a alguém?

— Algumas.

— Onde? — A voz dela era trêmula e levemente ofegante. — Na cidade ou à beira do lago?

Steve forçou-se a levantar a mão do braço da cadeira e pousou-a no ombro

dela. — À beira do lago — ele disse, sentindo-se como um ator representando seu papel numa reprise de sua vida. — Uma delas deve ser vendida nos próximos dias. O preço é bom.

Ela estava tremendo. — Tem uma vista bonita?

— Tem vista para o canal principal — ele murmurou, descendo a mão até o cotovelo. — Fica um pouco afastada, mas tem acesso ao lago por uma enseada tranquila, perto do canal. A casa tem janelas enormes, entrada para veículos pavimentada, lareira de pedra e dois lugares no ancoradouro para guardar barcos.

— Puxa!

Enquanto se movimentava para passar o braço ao redor de Brenda, Steve sentiu o ombro úmido. Ela estava chorando. Por mais magoado que estivesse, por mais dolorosa que fosse a realidade, ele não suportava ver Brenda chorar. Levantando o outro braço, ele o passou ao redor dela e puxou-a para perto de si. — Oh, querida. — Fechou os olhos e suspirou. — Brenda... assumi o compromisso de me esforçar para termos um casamento mais feliz. — Ele olhou para ela. — Sei que vai levar muito tempo e vai ser difícil, mas estou determinado.

— Obrigada, Steve — ela sussurrou. — Sinto muito. Cometi erros terríveis e fiz péssimas escolhas. Fiz tudo errado. Sinto muito... sinto muito.

Steve acariciou os cabelos dela, encantado com o toque de seda de cada mecha nas pontas de seus dedos. Em seguida, passou um dos dedos pela face dela, para enxugar-lhe as lágrimas. — Fique quietinha. Não chore, querida.

— Às vezes eu me odeio demais pelo que fiz e acho que não vou conseguir suportar. Se minhas amigas não me tivessem apoiado nestes últimos tempos, não sei o que teria feito. E você... você finalmente me ouviu. Mudou sua agenda e reformulou sua vida inteira, e eu não mereço isso. Não mereço nada de bom depois de tudo o que fiz.

Steve engoliu o nó em sua garganta. E, de repente, entendeu o que aquele nó significava.

Ele havia culpado Brenda por suas fraquezas e erros, e era chegada a hora de perdoar. Porém, havia mais. Ele viu a verdade nos olhos dela e, pela primeira vez, permitiu que a verdade penetrasse em seu coração.

Ele também havia errado.

Ela tentara explicar que estava magoada por ter sido preterida. Em vez de admitir a parte que lhe cabia nos problemas da esposa, ele jogou toda a culpa nos ombros dela. Depois de ouvir tantos pedidos de perdão, finalmente ele estava

pronto para fazer o possível para livrá-la do peso da culpa.

Ele também carregava o mesmo peso.

— Brenda, preste atenção. — Steve puxou-a um pouco mais para perto de si e beijou-a na testa. — Eu também falhei com você. Não queria admitir, mas você estava certa. Tentei negar a verdade até este instante, mas não posso continuar assim. Eu amava muito meu trabalho. Dei prioridade a ele em minha vida. O que sinto pelo trabalho é diferente do que sinto por você, mas o resultado é o mesmo. Não lhe dei o devido valor e a abandonei. Reconheço ter feito isso.

— Eu perdoo você, Steve. — Brenda enxugou os olhos com a mão, tentando conter as lágrimas. — Senti muito sua falta.

Steve abraçou-a com força, sentindo as curvas graciosas e os contornos suaves da esposa. Em seguida, segurou seu queixo e forçou-a a virar o rosto para ele. — Eu perdoo você também.

Quando seus lábios se uniram, uma onda de alívio percorreu o corpo dele. A represa do ressentimento, da raiva e da mágoa foi aberta, e, pela primeira vez depois de muito tempo, a alegria e a paz começaram a respingar.

Patsy quase morreu de vergonha quando Cody abriu intempestivamente a porta da frente da casa dos Hansens depois de terem comido filé de frango no Tia Mammie. Steve e Brenda estavam abraçados na cadeira da sala de estar, namorando, chorando e rindo como um casal de pombinhos. Ao ouvir o barulho, Brenda levou um susto e endireitou o corpo, com as faces coradas de surpresa.

Cody estava absorto. — Adivinhe! — Ele anunciou. — Arranjei um emprego. Um emprego para sempre. Patsy vai me pagar para cuidar do salão todos os dias, e isso quer dizer... cachorro-quente!

Enquanto Brenda se arrumava e Steve passava os dedos pelo cabelo, Cody atravessou a sala e parou na frente deles.

— Cachorro-quente todo dia — ele prosseguiu. — Quando a gente tem emprego, pode comprar cachorro-quente. Vou repartir os meus com vocês, porque sou cristão. E Patsy disse que posso morar no quartinho dos fundos se eu quiser. Ela vai arrumar uma cama e cobertas. Uma cama de verdade! E lá também tem banheiro e chuveiro. O que vocês acham *disso*?

— Na verdade, ele não pode morar lá — Patsy disse, torcendo as mãos e

desejando sair discretamente da casa dos Hansens. — É área comercial, vocês sabem. Mas acho que Cody pode dormir lá uma ou duas noites por semana.

— Ele pode ficar aqui também — Steve ofereceu. — Temos muitos quartos.

— Aqui dentro? — Brenda perguntou. — Dentro de casa... conosco?

— Eu sempre achei que Jesus morava aqui — Cody disse.

— Ele mora, Cody. Nós convidamos Jesus para voltar. Mas há espaço para você também.

Steve sorriu e piscou para a esposa. — Cody é bem-vindo, claro. Já tirou todos os piolhos da cabeça, não?

— Eles sumiram! — Cody garantiu-lhe. — E Esther Moore me disse que posso dormir na casa dela também. De repente, eu tenho mais casas que todo mundo. Eu só queria que o meu papai estivesse aqui. Ele ia ficar muito feliz de me ver. E ia dizer: “Você seguiu o seu caminho, Cody”. É, eu fiz isso.

— Claro que sim — Patsy confirmou. — Bem, acho que vou deixar Cody aqui esta noite e ir para casa. Amanhã vai ser um longo dia no salão.

— Por falar em salão... — Steve disse. Brenda levantou-se, mas ele a puxou de volta para seu colo e passou os braços ao redor dela. — Andei pensando algum tempo atrás em entrar para o ramo imobiliário comercial. Avaliei a possibilidade de comprar o centro comercial de Tranquility como investimento. Achei que tinha uma sócia, mas decidimos não levar a sociedade adiante. Espero que você diga às outras mulheres que me esforcei para isso.

— Uma sócia? — Brenda perguntou. — Para comprar o centro comercial?

— Foi apenas uma ideia. Jackie Patterson queria investir no projeto, mas... bem, achei que não daria certo.

— Você decidiu não levar a ideia adiante?

Brenda olhou tão firme para Steve que Patsy começou a pensar que a amiga estava aborrecida com ele. Por que não ficou com Cody por mais tempo? Cody queria ir à Dairy Queen para tomar sorvete depois do jantar, mas, como sempre, ela estava tentando perder peso e não permitiu. A lembrança de ver Brenda sentada na cadeira de balanço como uma múmia egípcia, e Steve andando penosamente de um lado para o outro, com a testa franzida, lhe trouxe muito desconforto. Se os dois começassem a brigar novamente, Patsy queria estar bem longe dali.

— Que tal eu ser sua sócia? — Brenda propôs. — Podemos fazer isso, Steve. Se comprarmos o centro comercial, poderemos impedir a chegada da locadora. Poderemos conseguir bons inquilinos, pessoas que queiram ajudar o lado oeste

do lago a crescer.

— Bem... — Steve afastou um tufo de cabelo do rosto dela. — Seria um enorme investimento, querida. Teríamos de conseguir empréstimo no banco. A dívida seria muito grande. Há muita coisa envolvida no ramo imobiliário comercial. E depois teríamos de ser responsáveis por alugar os espaços e manter tudo limpo.

— Posso ajudar você. Gosto muito dessas coisas — ela disse. — Vamos fazer isso, Steve.

Ele deu um sorriso. — Está falando sério?

— Ela está, Steve! — Cody interveio. — Você não está vendo? Ela quer comprar o centro comercial.

— Está certo — disse Steve. — Vou cuidar disso amanhã. Vamos ao banco... juntos.

Com um sorriso que Patsy não via há séculos, Brenda voltou a ser abraçada pelo marido. — Obrigada por ter trazido Cody — ela disse a Patsy. — Cody, já é tarde. Vista o pijama e vá para o balanço na varanda.

— Mas você disse que eu podia dormir dentro de casa — Cody reclamou. — Você disse isso. Disse dentro de casa.

— Esta noite não, Cody. Você vai dormir lá fora mais uma vez. — Brenda falou com firmeza, olhando fixamente nos olhos de Steve.

Ele riu e beijou-a na boca, e aquilo foi o suficiente para Patsy. Colocando a bolsa embaixo do braço, ela dirigiu-se apressada para a porta da frente, atravessou a varanda, desceu os degraus e entrou no carro.

Ao ligar o motor, ela viu um pequeno pacote quadrado no banco do passageiro. Estranho. Não estava ali quando ela e Cody desceram do carro alguns minutos antes. Será que o rapaz o deixara ali?

Com entusiasmo no coração, Patsy pegou o pacote e rasgou o invólucro mal dobrado. Mas, quando levantou a tampa da caixa, ficou sabendo imediatamente que outra pessoa o deixara ali. Dentro havia uma linda xícara de chá branca enfeitada com rosas pintadas em tom rosa-claro e bordas douradas. O pires também tinha os mesmos enfeites.

Ela olhou pelo para-brisa a tempo de ver um caminhão desaparecendo na curva do ponto mais alto de Deepwater Cove. — Então foi ele — ela murmurou. — Mas, pelo que me lembro, cavalheiro, você quebrou uma prateleira inteira de xícaras.

Tranquila, Patsy levantou a xícara para poder enxergá-la sob a luz da rua e

admirou a porcelana fina feita de cinza de ossos. “É uma antiguidade verdadeira”, ela pensou. “Que começo perfeito!”

- [1] *O cavalo e o seu menino*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- [2] São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- [3] Mateus 11:28.
- [4] Marcos 10:14.
- [5] Mateus 14:16.
- [6] Lucas 6:36-37.
- [7] Mateus 18:20.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opinio-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso blog: www.mundocristao.com.br/blog

GARY CHAPMAN

Best-seller da New York Times

5
AS

LINGUAGENS
DO AMOR

Como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge



3ª Edição

As cinco linguagens do amor - 3ª edição

Chapman, Gary

9788573259285

139 páginas

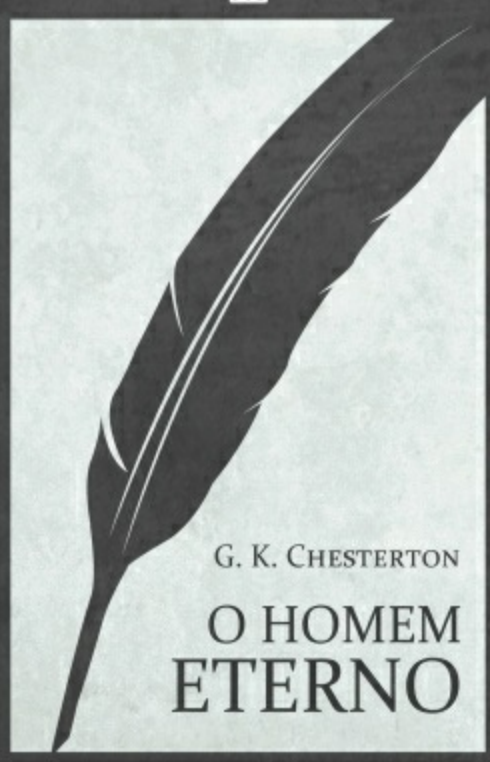
[Compre agora e leia](#)

As diferenças gritantes no jeito de ser e de agir de homens e mulheres já não são novidade há tempos. O que continua sendo um dilema é como fazer dar certo uma relação entre duas pessoas que às vezes parecem ter vindo de planetas distintos. Compreender essas diferenças é parte da solução e é nisso que Gary Chapman vai ajudar você. Com mais de 30 anos de experiência no aconselhamento de casais, ele percebeu que cada um de nós adota uma linguagem pela qual damos e recebemos amor. Quando o casal não entende corretamente a linguagem predominante de cada um, a comunicação é afetada, impedindo que se sintam amados, aceitos e valorizados. Nesta terceira edição de sua clássica obra sobre relacionamentos, que já vendeu mais de 8 milhões de exemplares, Gary Chapman não só explica as cinco linguagens como apresenta um questionário para os maridos e outro para as esposas descobrirem a sua linguagem de amor. Além disso, uma seção especial de perguntas e respostas vai esclarecer todas as suas dúvidas e lhe dar o direcionamento sobre como expressar melhor seu amor a seu cônjuge e ajudará você a compreender a forma dele manifestar o amor. Gary Chapman identificou cinco formas através das quais as pessoas expressam e recebem as manifestações de amor: palavras de afirmação; tempo de qualidade; presentes; atos de serviço; toque físico. Aprendam, você e seu cônjuge, a se comunicar através dessas linguagens e experimentem como é ser realmente amado e compreendido.

[Compre agora e leia](#)

CLÁSSICOS

MC



G. K. CHESTERTON

O HOMEM
ETERNO

MC

O homem eterno

Chesterton, G.K.

9788573258936

345 páginas

[Compre agora e leia](#)

De toda a extensa obra de G.K. Chesterton, O homem eterno assinala sua criação mais surpreendente. A história da humanidade recontada de forma brilhante, a partir de duas particularidades que se complementam: a criatura chamada homem e o homem chamado Cristo. Com sua prosa peculiar e seu humor britânico certeiro, Chesterton delicia o leitor com seu raciocínio envolvente e provocativo. Sua obra aponta para os críticos da religião e, em especial, para os críticos do cristianismo. Para ele a visão míope do ateísmo aliada a uma forte dose de conceitos preestabelecidos impedem que se compreenda a fascinante ação de Deus na história. Dividido em duas partes, O homem eterno traça um esboço da principal aventura da humanidade e a real diferença que se instaurou quando ela se tornou cristã. Mensagem envolvente que impulsionou C.S.Lewis, autor de As Crônicas de Nárnia, a abandonar o ateísmo e aventurar-se na jornada proposta por Chesterton.

[Compre agora e leia](#)

John Ortberg

O DEUS QUE ABRE PORTAS

Como identificar
e agarrar as melhores
oportunidades



MC

O Deus que abre portas

Ortberg, John
9788543302256
190 páginas

[Compre agora e leia](#)

Permanecer estático e acomodado não é algo que o Deus da Bíblia costuma ordenar a seu povo. Pelo contrário, ele muitas vezes nos abre portas e nos convida a atravessá-las e caminhar rumo a algo novo e desconhecido. Saber reagir ao chamado é a diferença entre viver de acordo com a vontade de Deus ou recusá-la.

John Ortberg, autor consagrado mundialmente, nos ensina a reconhecer as portas que nos são abertas. Ele nos incentiva e nos encoraja a abraçar o desconhecido e a desfrutar as maravilhosas experiências que o Senhor deseja nos proporcionar, pois a porta que Deus abre ninguém é capaz de fechar.

Siga em frente, atravesse essa porta e experimente oportunidades que terão repercussões eternas.

A porta aberta é a grande aventura da vida, pois significa a possibilidade de ser um instrumento na mão de Deus. Mais que isso. Significa abandonar a mesmice, renovar o pensamento, dar significado à vida e responder positivamente ao chamado de Deus.

Descubra e surpreenda-se com os cuidados de Deus com você. Aproveite as oportunidades que ele lhe concede de fazer a vida valer a pena.

[Compre agora e leia](#)

kevin leman

é seu filho,
não um
hamster

Reduza o
estresse na
educação das
crianças



É seu filho, não um hamster

Leman, Kevin

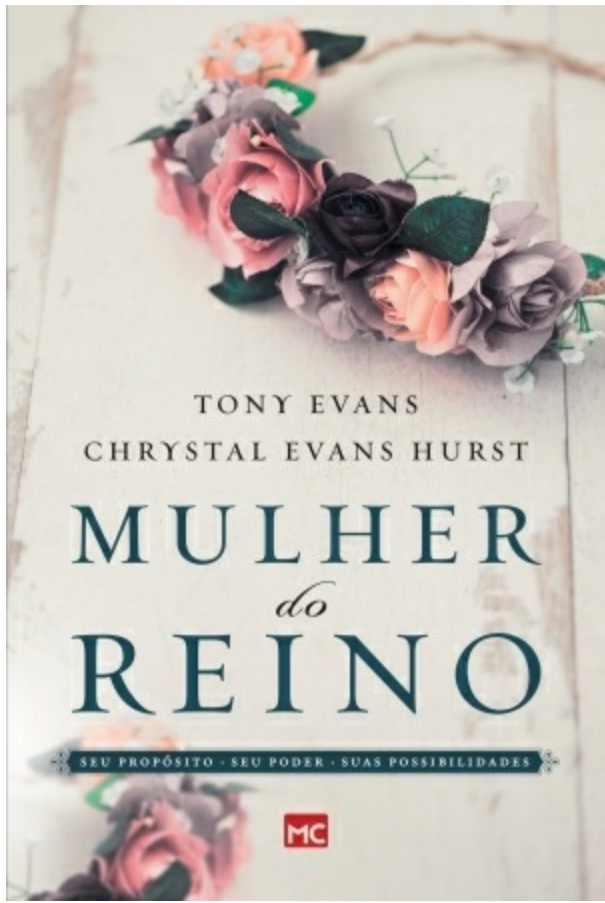
9788573258356

249 páginas

[Compre agora e leia](#)

A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume a treiná-los para a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades. Embora o assunto seja sério e árduo, Leman trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

[Compre agora e leia](#)



TONY EVANS
CHRYSTAL EVANS HURST

MULHER *do* REINO

SEU PROPÓSITO - SEU PODER - SUAS POSSIBILIDADES



Mulher do reino

Evans, Tony

9788543301600

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma mulher do reino é chamada e capacitada para ter uma vida vitoriosa por meio de Cristo!

Nesta obra singular, Tony Evans e sua filha Chrystal Evans Hurst definem a mulher do reino como aquela que se submete à autoridade de Deus e sob ela age em todas as áreas de sua vida.

A mulher do reino reflete a imagem de Deus de modo extraordinário e, por isso, influencia positivamente as pessoas com as quais se relaciona. Sua vida não se limita ao aqui e agora. Em vez disso, sua visão alcança dimensões eternas.

É importante lembrar, contudo, que não se trata de mais um livro que exige da leitora comportamentos inalcançáveis e com resultados frustrantes. É possível, sim, ser uma mulher do reino hoje, consciente de suas falhas e conectada com a realidade, mas, e sobretudo, conectada com Deus.

Esta obra não visa a fornecer meras informações para, em seguida, abandoná-la em conjecturas que lhe tragam um sentimento de condenação e culpa. Cada capítulo não só reúne larga dose de encorajamento e incentivo, mas também mostra, de modo bíblico e prático, como desenvolver a fé que conduz ao milagre que você anseia ver realizado em sua família, igreja ou comunidade.

O objetivo dos autores é que esse conhecimento se transforme num

instrumento capaz de fazê-la encarar as adversidades com coragem e segurança, em vez de recuar, acomodar-se ou desesperar-se diante delas.

Então, mergulhe de cabeça nesta leitura. Você sairá fortalecida para percorrer a jornada à sua frente.

[Compre agora e leia](#)